

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA  
MESTRADO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**RENATO RODRIGUES FAROFA**

***“Para os vivos e para os mortos... transformações urbanas e os cemitérios em  
Uberabinha/Uberlândia 1898-1955”***

**UBERLÂNDIA**

**2016**

**RENATO RODRIGUES FAROFA**

***“Para os vivos e para os mortos... transformações urbanas e os cemitérios em Uberabinha/Uberlândia 1898-1955”***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, Linha de Pesquisa Política e Imaginário, orientado pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mara Regina do Nascimento.

**UBERLÂNDIA**

**2016**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

---

F237p  
2016 Farofa, Renato Rodrigues, 1981-  
"Para os vivos e para os mortos... transformações urbanas e os  
cemitérios em Uberabinha/Uberlândia 1898-1955" / Renato Rodrigues  
Farofa. - 2016.  
206 f. : il.

Orientadora: Mara Regina do Nascimento.  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,  
Programa de Pós-Graduação em História.  
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Uberlândia (MG) - Teses. 3.  
Uberlândia (MG) - História - 1898-1955 - Teses. 4. Cemitérios -  
Uberlândia (MG) - História - Teses. I. Nascimento, Mara Regina do. II.  
Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em  
História. III. Título.

---

CDU: 930

**RENATO RODRIGUES FAROFA**

***“Para os vivos e para os mortos... transformações urbanas e os cemitérios em Uberabinha/Uberlândia 1898-1955”***

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, Linha de Pesquisa Política e Imaginário, orientado pela prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mara Regina do Nascimento.

Aprovado em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Professora Dra. Mara Regina do Nascimento – Orientadora (UFU/INHIS)**

---

**Professor Dr. Mauro Dillmann Tavares (FURG/ICHI)**

---

**Professor Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior (UFU/INHIS)**

**UBERLÂNDIA**

**2016**

*À minha esposa Aline Ana Malaszkievicz e ao meu filho Gustavo Adolfo*

## AGRADECIMENTOS

“E sejam agradecidos”. Essa frase foi escrita por São Paulo na sua carta endereçada aos colossenses, capítulo terceiro, verso quinze. Frase pequena, mas que expressa o desejo de Deus sobre a vida de todos. Ser agradecido é algo que faz bem. A quem tem gratidão e a quem é lembrado em linhas como essas que escrevo.

Diante de tudo que passou nesses cinco anos de pesquisa, agradeço ao SENHOR pela força e sustentação em todos os momentos, especialmente no me fazer lembrar todos os dias das suas palavras: “Olhai para as aves do céu” e “Olhai para os lírios do campo”. Esses ordens amorosas de Jesus, registradas pelo evangelista São Mateus no capítulo sexto, versos vinte e seis e vinte e oito, acalmavam e continuarão a acalmar esse coração, por muitas vezes demasiadamente preocupado.

E que me desculpem os exegetas de plantão, mas para mim diante das ansiedades da vida, os lírios e os pássaros também são aquelas pessoas que conheci ao longo desses trinta e cinco anos, e que nos últimos cinco Deus me fez olhar para elas. E nas linhas abaixo cito estes a quem Deus me fez e faz olhar, orar e agradecer por fazerem parte da minha vida.

Desde a minha primeira conversa com o professor Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Jr. em fevereiro de 2012, o projeto se encaminhou. Por acreditar e acompanhar esse processo, muito obrigado professor. Foi através de ti que tive minha primeira de muitas e muitas conversas com a professora Dra. Mara Regina do Nascimento. E nessas linhas, professora, expresso publicamente o que tu já sabes: de meu carinho, admiração, respeito, confiança e referência como profissional que és. Muito obrigado pelo incentivo, paciência e conselhos e orientação ao longo de todo o trabalho.

Agradeço também aos professores Dra. Ana Paula Spini pelo incentivo, Dr. Antônio Almeida e Dra. Maria Andréa Angelotti do Carmo pelas valiosas contribuições ao longo da escrita nas disciplinas ministradas e Dra. Maria Clara Tomaz Machado pela conversa sobre Uberabinha e bibliografia sugerida. Dentro do ambiente acadêmico outros dois professores foram fundamentais para que conseguisse ingressar no programa de mestrado: Ma. Maria Angelina Soares Neta e Me. Durval Saturnino Cardoso de Paula. Sem a ajuda de vocês jamais, sem ter terminado a graduação, conseguiria elaborar um projeto e muito menos passar pela prova de conhecimento historiográfico. Muito obrigado.

Agradeço a atenção e preciosas sugestões dos professores Dr. Mauro Dillmann Tavares e novamente Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Jr. A versão final deste trabalho é, sem dúvida, fruto das muitas observações feitas por vocês no momento da qualificação e da defesa, no que diz especialmente aos dois últimos capítulos.

Não posso deixar de mencionar dos colegas de grupo de pesquisa “Vida urbana e morte cristã. Cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Triângulo Mineiro (1810-1980)”, que denominamos de “grupo da morte”. Pelo companheirismo, materiais compartilhados e boas conversas, obrigado Beatriz Maia, Luciane Araujo e Maria Clara Pereira. Também ao jornalista Antônio Pereira e ao meu amigo e vizinho Flávio Muniz pelas leituras da cidade de Uberlândia de ontem e hoje.

E durante a pesquisa também foram muitas as pessoas que encontrei dispostas a me ajudar fora da sala de aula. Nestas linhas não tenho como citar uma por uma. Por essa razão, sintase abraçado o pessoal da secretaria da pós-graduação, da secretaria e zeladores do Cemitério São Pedro e a Ministra da Eucaristia sra. Alice Borges dos Santos que compartilhou conhecimento do cemitério que frequenta há mais de 50 anos em função das missas celebradas no São Pedro. A equipe de trabalho do CDHIS-UFU (Centro de Documentação e Pesquisa em História); a direção e funcionários do Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia. Todos muito receptivos e atenciosos. E à equipe que trabalha no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, onde passei muitas e muitas horas, muitíssimo obrigado pelo apoio, preocupação, amizade e incentivo na pesquisa.

Deixo nestas linhas também todo agradecimento pelo apoio da igreja. Aos irmãos da Congregação Evangélica Luterana Cristo de Uberlândia-MG e da Paróquia Evangélica Luterana São João de Canguçu-RS, onde estou terminando a escrita desse trabalho. Sem a compreensão de vocês, especialmente das diretorias, não seria possível o final desta pesquisa. Também aos colegas pastores da Igreja Luterana, Rev. Jonas Beier, Rev. Clóvis Blank, Rev. Francis Hoffmann e Rev. Samuel Fuhrmann, pelas conversas, cervejas e ajustes no texto.

E à minha família por todo apoio, orações de meus pais Valdeci João e Ana Maria e meus sogros Antonio e Astrid. De minha mãe herdei o gosto pelos cemitérios e de meu pai, como bom metalúrgico, a escolha e defesa dos trabalhadores. Lembro também que graças aos meus pais cheguei até aqui. Desde as primeiras letras, sei de toda vossa doação. E não foi fácil! Aos meus sogros, pela caminhada em conjunto há dezesseis anos e pelo incentivo recebido de vocês e pela

ajuda nas viagens que realizaram a Uberlândia com o intuito de cuidar e mimar o neto Gustavo Adolfo.

Ao meu irmão, Diego Farofa, obrigado pelas aulas de photoshop e pelo trabalho nos mapas.

E, nesse processo todo, a quem eu mais voltei meu olhar diante das preocupações: à minha esposa, Aline Ana Malaszkiwicz. Toda sua dedicação, compreensão, paciência, leituras (várias) da dissertação, me ajudando na exposição das ideias e, acima de tudo, pelo amor a mim concedido. Obrigado por te ter em minha vida. E falando em vida, e em ser agradecido, cito por último o melhor de toda a pesquisa: meu filho Gustavo Adolfo. Quando, em muitas vezes estava lidando com dados daqueles que já morreram, tinha de largar tudo para pegar a vida em seu sentido mais pleno em meus braços, ajudando a acalmar um choro, ou simplesmente para curtir aquele lindo sorriso bochechudo. Gustavo que hoje tem vinte seis meses de vida, oito dentro da barriga da Aline e um ano e seis de nascido, tem um tempo semelhante ao da escrita da dissertação. Por isso, em todas essas linhas que abordam a morte têm a inspiração na vida, em ti meu filho, no ser pai.

Muito obrigado meu Deus por tudo.

*“Pois eu tenho a certeza de que nada pode nos separar do amor de Deus: nem a morte, nem a vida; nem o anjos, nem outras autoridades ou poderes celestiais; nem o presente, nem o futuro; nem o mundo lá de cima, nem o mundo lá de baixo. Em todo o Universo não há nada que possa nos separar do amor de Deus, que é nosso por meio de Cristo Jesus, o nosso Senhor”.*

Carta de São Paulo aos Romanos. Capítulo 8, versos 38 e 39. Bíblia Sagrada

## RESUMO

Problematizar a história da construção e gestão dos cemitérios em Uberabinha/Uberlândia entre os anos de 1898 a 1955 é a proposta desta pesquisa. A escolha desse recorte temporal se dá em função de que neste período os dirigentes locais passaram a discutir mais acentuadamente o lugar para os mortos na cidade. Entre 1898 até 1954 as diversas municipalidades dos períodos ampliam um cemitério em 1923 (Municipal), edificam uma nova necrópole em 1928 (Municipal/São Pedro), abandonam o antigo cemitério e desconstróem o mesmo, no ano de 1953, e inauguraram outro espaço cemiterial, no final de 1954 (São Paulo). Com base nessas observações, o texto busca estabelecer a relação das construções e desconstruções destes espaços com os projetos de cidade propostos pelas elites políticas e administrativas da cidade, ao longo dessas cinco décadas. A pesquisa pretende analisar na configuração destes espaços as formas de manifestação e expressão dos ideais de progresso e urbanismo em voga. O trabalho busca nas fontes disponíveis, trabalhos de historiadores, jornais, Atas da Câmara, atestados de óbitos e outros o trabalho busca compreender as representações sociais em jogo para a criação, distribuição, ampliação, preservação e desconstrução dos espaços de enterramentos, para atender os vivos e os mortos. De um único espaço na então Uberabinha até a criação de dois que atendiam a diferentes grupos sociais na cidade de Uberlândia busca-se traçar a história urbana de uma das principais cidades da região do extremo oeste do Triângulo Mineiro, no século XX.

Palavras-chave: Uberabinha/Uberlândia; século XX; Cemitérios; Urbanismo; Progresso; Embelezamento; Separação Social.

## ABSTRACT

To problematize the history of cemetery construction and management in Uberabinha/Uberlândia in between the years 1898 and 1955 is the aim of this research. The reason for choosing this period is due to the fact that in the given span of time the local leaders started discussing more emphatically the place for the dead in the city. In between 1898 and 1954 the several municipalities of that period came to expand one cemetery in 1923 (Municipal), to build a new necropolis in 1928 (Municipal/São Pedro), to abandon the old cemetery and to tear it down in the year 1953, and to inaugurate another cemeterial space towards the end of 1954 (São Paulo). On the basis of these observations, this study seeks to establish the relation between the building up and tearing down of these spaces and the projects of city proposed by the political and administrative elites of the city throughout those five decades. This research intends to analyze the ways of manifestations and expressions of ideals of progress and urbanismo then in vogue in the configuration of these spaces. Searching through the available resources such as historians' works, newspapers, City Council, death certificates and other material, this study seeks to understand the social representations at stake for the creation, distribution, expansion, preservation, and tearing down of the spaces for burial in the service of the living and the dead. Given the expansion from one single space in the then called Uberabinha to the creation of two other spaces that served distinct social groups in the city of Uberlândia, this research seeks to trace the urban history of one of the main cities of the Western most region of the Triângulo Mineiro in the XX century.

Key words: Uberabinha/Uberlândia; XX century; Cemeteries; Urbanism; Progress; Embellishment; Social Separation.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**IMAGEM 1** - Foto. Homens e o automóvel. Década de 1910, p. 47.

**IMAGEM 2** - Foto. Mulheres sentadas em frente ao Cemitério São Pedro. Década de 1930, p. 80.

**IMAGEM 3** - Foto. Fachada do Cemitério São Pedro. Ano de 1940, p. 85.

**IMAGEM 4** - Clichê. Anúncio da Marmoraria Mineira. Ano de 1936, p. 86.

**IMAGEM 5** - Clichê. Anúncio da Marmoraria Uberlândia. Ano de 1937, p. 86.

**IMAGEM 6** - Clichê. Momentos do dia de Finados nos cemitérios municipais. Ano de 1933, p. 91.

**IMAGEM 7** - Foto. Interior do Cemitério São Pedro. Ano de 1940, p. 98.

**IMAGEM 8** - Foto. Interior do Cemitério São Pedro. Ano de 1940, p. 98.

**IMAGEM 9** - Foto. Missa no interior do Cemitério São Pedro. Entre 1933 e 1942, p. 106.

**IMAGEM 10** - Clichê. Momentos do funeral de José Rezende. Ano de 1933, p. 108.

**IMAGEM 11** - Foto. Cortejo fúnebre e carro “bererê”. Década de 1940, p. 111.

**IMAGEM 12** - Foto. Jazigo da família Arlindo Teixeira. Cemitério São Pedro. Década de 1940, p. 133.

**IMAGEM 13** - Foto. Vista aérea do Bairro Tabajaras e Cemitério Municipal de 1898. Década de 1940, p. 143.

**IMAGEM 14** - Clichê. Túmulo no Cemitério São Pedro com os restos mortais do antigo Cemitério Municipal. Ano de 1953, p. 148.

**IMAGEM 15** - Clichê. Construção do Cemitério São Paulo. Ano de 1953, p. 156.

**IMAGEM 16** - Clichê. Página do jornal *A Tribuna* com os momentos do dia de Finados nos cemitérios municipais. Ano de 1933, p. 201.

**IMAGEM 17** - Clichê. Página do jornal *A Tribuna* com os momentos do funeral de José Rezende. Ano de 1933, p. 202.

## **LISTA DE MAPAS E PLANTAS**

**MAPA 1** – Mapa de Uberabinha em 1898, p. 55.

**MAPA 2** - Mapa de Uberabinha em 1915, p. 57.

**MAPA 3** - Mapa de Uberlândia em 1938, p. 81.

**MAPA 4** - Mapa. Áreas urbanas e sub-urbanas de Uberlândia na década de 1950, p. 130.

**MAPA 5** - Mapa com amostra com endereços/regiões da cidade dos sepultados nos cemitérios São Pedro e São Paulo no ano de 1955, p. 168.

**MAPA 6** - Mapa com ruas e quadras do Cemitério São Pedro. Década de 2010, p. 200.

**PLANTA 1** - Parte da planta de fachada do Cemitério Municipal. Projeto não executado de 1921, p. 62.

**PLANTA 2** - Parte da planta de fachada do Cemitério Municipal. Projeto não executado de 1938, p. 83.

**PLANTA 3** - Parte da planta de fachada do Cemitério Municipal. Projeto executado de 1939, p. 83.

**PLANTA 4** - Planta do Cemitério São Paulo. Ano de 1953, p. 157.

**PLANTA 5** - Planta completa de fachada do Cemitério Municipal. Projeto não executado de 1921, p. 199.

**PLANTA 6** - Planta completa de fachada do Cemitério Municipal. Projeto não executado de 1938, p. 200.

**PLANTA 7** - Planta geral de Uberlândia no ano de 1953 (preto e branco), p. 203.

**PLANTA 8** - Planta geral de Uberlândia no ano de 1953 (colorida), p. 204.

## LISTA DE TABELAS E QUADRO

**TABELA 1** - Breve cronologia dos cemitérios da cidade, p. 22.

**TABELA 2** - Município de Uberabinha – Estudo demográfico entre 1910-1920, p. 59.

**TABELA 3** - Município de Uberabinha/Uberlândia – Estudo demográfico entre 1920-1930, p. 66.

**TABELA 4** - Crescimento populacional da cidade de Uberlândia e das cidades vizinhas entre 1900 e 1940, p. 120.

**TABELA 5** - Distribuição rural/urbano da população de Uberlândia entre 1940 e 1970, p. 121.

**TABELA 6** - Número de lotes existentes na cidade de Uberlândia para cada grupo de 1.000 habitantes de 1936 à 1958, p. 129.

**TABELA 7** - Amostra de endereços – Adultos sepultados– Cemitério São Paulo – Ano 1955 , p. 164.

**TABELA 8** - Amostra de endereços – Adultos sepultados– Cemitério São Pedro – Ano 1955 , p. 164.

**TABELA 9** - Amostra de endereços – Pais das crianças sepultadas – Cemitério São Paulo - Ano 1955, p. 166.

**TABELA 10** - Amostra de endereços – Pais das crianças sepultadas – Cemitério São Pedro - Ano 1955, p. 166.

**TABELA 11** - Sepultamentos de adultos no de 1955. Divisão étnica – Cemitérios São Pedro e São Paulo, p. 174.

**TABELA 12** - Sepultamentos de crianças no de 1955. Divisão étnica – Cemitérios São Pedro e São Paulo, p. 174.

**TABELA 13** - Amostra de profissões dos adultos sepultados. Cemitérios São Pedro e São Paulo no ano de 1955, p. 180.

**TABELA 14** - Amostra de profissões dos pais das crianças sepultadas. Cemitérios São Pedro e São Paulo no ano de 1955, p. 183.

**QUADRO 1** - População de Uberlândia em 1940 e 1950 – Cor e sexo, p. 171.

## LISTA DE GRÁFICOS

**GRÁFICO 1** - Amostra de endereços dos adultos sepultados no interior dos espaços cemiteriais São Pedro e São Paulo no ano de 1955, p. 165.

**GRÁFICO 2** - Amostra de endereços dos pais das crianças sepultadas no interior dos espaços cemiteriais São Pedro e São Paulo no ano de 1955, p. 167.

**GRÁFICO 3** - Divisão étnica nos sepultamentos de adultos no ano de 1955. Cemitérios São Pedro e São Paulo, p. 173.

**GRÁFICO 4** - Divisão étnica nos sepultamentos de crianças no ano de 1955. Cemitérios São Pedro e São Paulo, p. 174.

**GRÁFICO 5** - Amostra comparativa de profissões dos adultos sepultados no interior dos espaços cemiteriais, p. 179.

**GRÁFICO 6** - Amostra comparativa de profissões dos pais das crianças sepultadas no interior dos espaços cemiteriais, p. 183.

## SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO, p. 16**

**CAPÍTULO 1: Do Campo Santo aos Cemitérios Municipais: a quem pertencem os mortos? Uberabinha, o progresso e a morte 1898-1928, p. 27**

1.1 A cidade, o progresso e os mortos na década de 1920, *p. 36*

1.2 Uberabinha/Uberlândia: representações de uma cidade, *p. 43*

1.3 A ampliação da antiga necrópole e a construção de um novo espaço cemiterial, *p. 52*

**CAPÍTULO 2: A cidade, o moderno e o fato fúnebre: projetos para o velho e o novo Cemitério Municipal 1929 – 1944, p. 73**

2.1 Embelezamento da cidade e das necrópoles: problemas urbanos para o início do século XX, *p. 76*

2.2 Representações para o velho e o novo cemitério, *p. 89*

2.3 Mortos e práticas fúnebres: entre inovações e tradições na experiência urbana em Uberlândia, *p. 100*

**CAPÍTULO 3: Impactos da expansão urbana nos espaços cemiteriais em Uberlândia nos anos 1940 e 1950, p. 116**

3.1 Os cemitérios uberlandenses em meio à expansão e à especulação urbana, *p. 123*

3.2 A velha necrópole municipal e o novo cemitério: construções, melhorias e abandono, *p. 131*

3.3 As leis municipais e as necrópoles uberlandenses, *p. 136*

**CAPÍTULO 4: Cemitérios São Pedro e São Paulo: separação dos vivos e dos mortos em Uberlândia, p. 152**

4.1 Separação étnica/social em Uberlândia: espaços destinados para os vivos e para os mortos, *p. 160*

**CONSIDERAÇÕES FINAIS, p. 185**

**FONTES, p. 190**

**BIBLIOGRAFIA, p. 193**

**ANEXOS DE IMAGENS, p. 199**

**ANEXOS DE DECISÕES DO PODER LEGISLATIVO E EXECUTIVO, p. 205**

## INTRODUÇÃO

Estudar a morte, os mortos e os cemitérios é trabalhar com algo muito vivo e dinâmico. Essa relação entre o que é cheio de vida e, ao mesmo tempo, destituído dela parece ser a razão da história. Muitas vezes, ao buscar entender a humanidade inevitavelmente nos deparamos com uma imponderável barreira limitadora: tudo o que se construiu dentro do processo histórico foi produzido por quem não está mais ou em breve não estará. Assim explica José Carlos Rodrigues, “*a morte é produto da história. Ao mesmo tempo, a história, tanto quanto produto da vida dos homens em sociedade, é resultado da morte deles. As sociedades se reproduzem porque seus membros morrem. Têm história porque não se reproduzem exatamente como eram antes*”.<sup>1</sup>

E as necrópoles, dentro de todas as edificações humanas, muito mais do que museus, memoriais e até mesmo das igrejas, que já abrigaram no passado em sua grande maioria os mortos, carregam essa dinâmica produzida por vivos, que em suas construções trabalharam, projetaram algo de si e, independente da sua religiosidade, traçavam também o seu próprio destino: a morte. Se, a história carrega consigo essa íntima relação do mundo dos vivos sabedora de que a razão de seu estudo se dá pela finitude dos personagens humanos, o cemitério, mesmo que abrigue os mortos é um lugar muito mais dos vivos do que dos que ali estão sepultados.

Fernando Catroga define esse lugar, trabalhando com cemitérios dentro de um contexto ocidental e judaico-cristão, como vivo pela memória. Esse espaço que foi preparado para os vivos e no qual os mortos vivem pela memória, é o local da re-presentificação do finado<sup>2</sup>. Dentro dessa concepção, morrer estaria ligado ao esquecer, ao não ser representado pelos signos, ou monumentos que uma necrópole apresenta. Citando Michel Vovelle, afirma Catroga, que esse local carrega a imagem da cidade dos vivos<sup>3</sup>. Os cemitérios se apresentam como paradigmas da “boa cidade” ou “cidade nova” e para o historiador são excelentes plataformas de observação do social.

E como estudar história é produzir perguntas, para depois chegar a mais questionamentos, em função da transformação da sociedade deixada pelos que não estão mais vivos, Uberlândia e

---

<sup>1</sup> RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006, p.101.

<sup>2</sup> CATROGA, Fernando. *O Céu da Memória. Cemitério Romântico e Culto Cívico dos Mortos em Portugal 1756-1911*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999, p.16.

<sup>3</sup> CATROGA, 1999. Op. Cit., p. 83.

seus cemitérios se apresentam como objeto de estudo riquíssimo nessa dinâmica entre vivos e mortos. Ao observar as transformações construtivas de alguns de seus espaços – uma biblioteca que já foi uma rodoviária; um museu cujo prédio já abrigou a Prefeitura Municipal; uma vila do Exército Brasileiro que havia sido utilizada para práticas esportivas (Estádio Municipal); uma escola, cujo espaço terminou sendo destinado a servir como Centro Municipal de Estudos e Projetos Educacionais (o CEMEPE, um órgão para a formação de educadores), conhecido popularmente como Universidade da Criança – perguntamo-nos: o que estes espaços têm em comum na cidade de Uberlândia?

Encontramos uma resposta: todos já abrigaram cemitérios.

Se, conforme Mumford, “*a cidade dos mortos antecede a cidade dos vivos*”<sup>4</sup>, ao olhar para a paisagem uberlandense e, ao constatar que apenas um local edificado para receber os mortos permanece até os nossos dias e que outros espaços foram desconstruídos, surge um dos problemas desta pesquisa, que é o de procurar compreender as razões para determinadas escolhas no planejamento e execução dos projetos urbanos desta cidade.

A dissertação, “*Para os vivos e para os mortos... transformações urbanas e os cemitérios em Uberabinha/Uberlândia 1898-1955*”, nasceu dessa busca por tentar entender as motivações pela não permanência de determinados cemitérios em Uberlândia, ou ainda na época em que a cidade se denominava Uberabinha. Mas, o início da pesquisa não nasceu com esse título e muito menos com essa temporalidade.

Na graduação, na disciplina de História Regional e Local, em 2011, foi de muita importância o contato com a obra de Iara Toscano Correia “*Caso João Relojoeiro: Um santo no imaginário popular*”<sup>5</sup>, em que a autora, analisando a trajetória e as injustiças sofridas por João Luiz Fagundes (João Relojoeiro), abordou que, após seu sepultamento no Cemitério São Paulo, no ano de 1956, sua sepultura virou local de peregrinação, posto que João, para muitos, havia se tornado um santo. Naquela leitura o que me despertou foi saber que o cemitério em foco, edificado para receber pessoas que não conseguissem adquirir um carneiro no cemitério “dos ricos”, o São Pedro, já não existia mais na atualidade. A pesquisa de Correia informava ainda que o São Paulo abrigava sepultos de indigentes e não permitia erigir monumentos, mas apenas uma

---

<sup>4</sup> MUMFORD, Lewis. *A cidade na história. Suas origens, suas transformações, suas perspectivas – 1º Volume*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965, p.16.

<sup>5</sup> CORREIA, Iara Toscano. *Caso João Relojoeiro: um santo no imaginário popular*. Uberlândia: EDUFU, 2004.

cruz sobre a cova rasa, com o número e o nome do falecido. No lugar deste cemitério, desde o início na década de 1990, funciona o já mencionado CEMEPE.

Num primeiro momento fui em busca das motivações para a desativação do cemitério São Paulo. Visitando o Arquivo Público Municipal de Uberlândia, lendo jornais, atas da Câmara Municipal, projetos de lei e analisando mapas do período e, principalmente, ao ter contato com os livros de Registro de Sepultamento do extinto cemitério, que estão arquivados na secretaria do Cemitério São Pedro, constatei o quanto a história da criação do cemitério São Paulo na década de 1950 era tão ou mais instigante que a sua desativação nas décadas seguintes.

O Cemitério São Paulo ficou conhecido como cemitério de pessoas de baixa renda. Essa característica se confirma pelas informações disponíveis nos Livros de Registro de Sepultamentos dos cemitérios São Pedro e São Paulo. Lendo os registros dos enterramentos do cemitério São Paulo e do cemitério São Pedro, quando ambos funcionaram paralelamente (entre 1954 e 1985), pude observar que, por mais que os registros não indicassem profissão, estado civil e etnia do falecido, os mesmos apontavam que os indigentes, que, até meados de 1954, podiam ser sepultados no São Pedro, passaram, após este ano, a não terem mais seus corpos conduzidos a este cemitério, ficando “condenados” ao São Paulo, que não demoraria a ser conhecido como o cemitério dos brancos pobres, dos negros e dos indigentes.

Com base nessas informações iniciais e voltando às pesquisas no Arquivo Público Municipal de Uberlândia, recuei um pouco mais na cronologia, para procurar entender a criação do São Pedro, que, até o início da década de 1950, recebia indigentes. Lendo periódicos, especialmente *A Tribuna* e as Atas da Câmara Municipal na década de 1920, uma vez que esta necrópole recebeu o primeiro sepultamento em 1928, me deparei com uma discussão riquíssima que teria motivado, pelo menos na minha análise, a criação do São Pedro, inicialmente chamado de Cemitério Municipal. A questão que constantemente era abordada em *A Tribuna* (principal periódico de Uberabinha na década de 1920) e nas Atas da Câmara Municipal era a superlotação de outro cemitério, edificado em 1898, em local que onde esta hoje a Vila Militar, e que, já em 1919, apresentava problemas em relação ao espaço para novos enterramentos.

Munido com essas pistas, percebi que, para se chegar à inauguração do São Paulo em 1954, era necessário entender a criação do São Pedro, em 1928, e tentar descobrir o que acontecera com o cemitério inaugurado em 1898, que, desativado em 1953, deu lugar ao Estádio Municipal que, por sua vez, na década de 1960, transformou-se na Vila Militar. Lendo e

analisando as fontes pesquisadas e me inteirando das publicações sobre a história produzida da cidade, observei o quão rica e ainda desconhecida era a história dos cemitérios de Uberabinha/Uberlândia.

Após esse período inicial de descobertas de um “uberlandino” sobre o espaço urbano e seus mortos, empenhei-me em escrever o projeto de pesquisa para o ingresso no mestrado em História Social com o título “Espaços de memória e de esquecimento: cemitérios, reformas urbanas e os ideais de progresso na Uberlândia do século XX”.

Concomitante a isto, passei a integrar o projeto “Vida urbana e morte cristã. Cemitérios, serviços póstumos e projetos civilizatórios: Triângulo Mineiro (1810-1980)”, como bolsista PIBIC, financiado pela FAPEMIG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais), sob a coordenação da professora Dra. Mara Regina do Nascimento. Foi, nas ocasiões das reuniões de orientação, e nas conversas com professores que desenvolveram temáticas sobre a cidade de Uberlândia, que passou a ficar mais claro o período a ser trabalhado, como também o volume de material para pesquisa. O momento de participação do projeto foi de intensa busca de fontes: no Arquivo Público de Uberlândia, para leituras das Atas da Câmara Municipal de Uberlândia, de Projetos de Lei, consulta a mapas, fotos, periódicos (A Notícia, A Tribuna, O Repórter, Correio de Uberlândia), como também visitas ao CDHIS-UFU (Centro de Documentação e Pesquisa em História), Prefeitura Municipal de Uberlândia – Setor de Serviços Urbanos e no material disponível na secretária do Cemitério São Pedro, no caso, os livros de Registros de Sepultamentos dos cemitérios São Pedro e São Paulo.

Nessa nova etapa, o tempo dedicado à consulta, leitura e análise das fontes serviu para confirmar o quanto os arquivos da cidade (Arquivo Público Municipal, CDHIS-UFU, Cartório de Registros Cíveis e no material arquivado na Secretaria do Cemitério São Pedro) são riquíssimos em dados para pesquisa. Não somente para uma leitura da cidade pelos espaços cemiteriais, mas para qualquer outro tema de pesquisa sobre Uberabinha/Uberlândia. Os acervos em jornais são um exemplo disto. Os principais periódicos como A Tribuna, O Repórter e Correio de Uberlândia funcionavam como uma espécie de diário oficial. Estes jornais, como elemento de propaganda das obras do governo municipal, colaboraram em muito com o desenvolvimento da pesquisa, principalmente para suprir as lacunas da década de 1930 da produção das atas, onde no máximo estão registrados os projetos de leis sem discussão dos mesmos. Essa lacuna, bem como a falta de discussão dos projetos, de 1948 em diante, é sanada em função das pastas conservadas no

Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Estas pastas trazem consigo discussões riquíssimas sobre os projetos debatidos na Câmara. Esses dados foram fundamentais para a escrita dos capítulos dois e três desta Dissertação.

Ainda, outro exemplo da importância do Arquivo Público Municipal de Uberlândia, está no acesso às imagens do período. As fotografias, bem como o filme *Cidade Menina* de 1941, dentro de um projeto de cidade idealizado pelos que governavam o município, apresentam a urbanização, o embelezamento e o progresso como ideais a serem seguidos por quem administrava Uberlândia, de acordo com o modelo do governo Getúlio Vargas e do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), onde as cidades representavam, pelo menos na propaganda, o Brasil ideal.

Ainda sobre as fontes, as visitas ao Cartório de Registros Civil de Uberlândia foram de suma importância para entender as dinâmicas da cidade de Uberlândia em relação aos seus mortos, em especial da década de 1950. Quando em contato com os registros de sepultamento nos livros dos Cemitérios São Pedro e São Paulo, percebi que os mesmos traziam informações importantes, mas não suficientes para compreender as diferenças sociais e econômicas (ou não) das pessoas sepultadas em ambos os cemitérios. O primeiro livro do Cemitério São Pedro (com o nome de municipal em 1928) seguia uma tendência do período em que os dados se limitavam ao nome do falecido, filiação, número de quadra, número de sepultura e tempo pago para usufruto do carneiro. A única informação que diferenciava os que eram sepultados no São Pedro dizia respeito se o falecido era indigente. Pude constatar também que os livros do Cemitério São Paulo, de igual forma na maneira de registrar, traziam erros nas primeiras anotações que inscreviam apenas dez sepultamentos em 1949, data em que o cemitério não havia sido inaugurado, para, em seguida, trazer os registros que saltavam para o ano de 1954<sup>6</sup>. Foram os jornais e Atas da Câmara que tornou claro que tratava de um erro de registro. O Cemitério São Paulo de fato fora inaugurado em 1954 e aqueles registros aparecem no livro do Cemitério São Pedro, o que confirma um erro de anotação.

Na relação dos indigentes sepultados, tanto crianças quanto adultos, fica evidente por estes registros que, após a inauguração do São Paulo, os mesmos não eram mais destinados ao

---

<sup>6</sup> Buscando entender o porquê de tal anotação, descobri que aquelas pessoas foram sepultadas no Cemitério São Pedro, que seus nomes estão hoje no registro digital do mesmo e que, provavelmente, foi um erro de anotação. Este erro está na capa do livro onde se lê: Prefeitura Municipal de Uberlândia. Cemitério São Paulo – Adulto inumações de 11/05/1949 a 02/09/1967. Livro 01.

São Pedro. Mas ainda as informações eram incompletas. Como saber a etnia? Profissão? E até mesmo onde residia na cidade? Essas respostas somente os atestados de óbitos informam. No Cartório de Registros Civil de Uberlândia reconhecemos que esses dados disponíveis nos atestados de óbitos são demasiadamente importantes, não apenas para a história dos processos cimiteriais de Uberabinha/Uberlândia, como também para pesquisas de outros temas que procuram focar a cidade, a partir da história de seus dos migrantes e seus ofícios, da história dos arranjos familiares que a compõem, da sua história demográfica, da história dos trabalhos e dos trabalhadores, da história dos agrupamentos étnicos e sociais no solo urbano uberlandense, a história da saúde e das ciências médicas na cidade de Uberlândia, entre outros.

Não raras vezes, deparava-me, nestas fontes de arquivo do Cartório de Registros Civil, com sírios, libaneses, italianos, portugueses, que adentravam o cerrado brasileiro para o “ganha pão” e que aqui, depois de trajetórias difíceis, dedicadas ao trabalho, encontravam, na hora derradeira de suas vidas, uma última morada nas necrópoles da cidade. É importante ressaltar a quantidade de informações que ainda podem ser exploradas nestes registros, contidos no referido Cartório. Tais livros de registros, separados por cadernos, têm informações dos óbitos, casamentos e nascimentos, desde a Proclamação da República. Todos em excelente estado de conservação. Surpreendente foi o fato de saber pela direção e demais funcionários do Cartório de que eu era o primeiro pesquisador a explorar aquelas fontes. Importante aqui também registrar as dificuldades iniciais em conseguir ter acesso a estes livros, muito em função da falta de conhecimento por parte da administração do Cartório da relevância da pesquisa em história, como também da novidade de ter um estudante nas dependências do arquivo.

Difícil traduzir a felicidade que sente um pesquisador ao descobrir nos velhos cadernos a enorme quantidade de dados – mais de mil óbitos somente para o ano de 1955 – que permitem imaginar a dinâmica da vida cotidiana de significativa parcela da população de Uberlândia, no passado. Os dados, depois de coletados, sistematizados, analisados e agrupados, foram tão fundamentais para a pesquisa aqui apresentada, que serviram não apenas para embasar todos os capítulos da escrita, mas, principalmente, o nosso último, onde mais diretamente as informações obtidas no Cartório são citadas no corpo do texto, em tabelas, gráficos e também nas notas de rodapé.

Com essa quantidade valiosa e riquíssima de fontes, foi necessário pensar em um novo título e especialmente em uma nova temporalidade daquela imaginada do início do curso do

Mestrado. Num primeiro momento a escolha havia sido a de trabalhar entre 1919 até 1955. A mesma foi embasada no primeiro projeto de Lei para ampliação do Cemitério Municipal, que foi inaugurado no ano de 1898. Mas, antes dessa inauguração outros locais de enterramentos já haviam sido construídos em Uberabinha.

Diga-se de passagem, que a história dos cemitérios de Uberabinha/Uberlândia é, por vezes, bastante confusa! Há inúmeros “vai-e-vem” do poder executivo quanto às decisões construtivas, a nomenclatura destes é dúbia e, não raro, embaça a análise e o número de cemitérios construídos e desativados neste curto espaço de tempo é bastante singular. Para tentar dirimir as dúvidas dos leitores é que elaborei abaixo a seguinte tabela:

**TABELA 1: Breve cronologia dos cemitérios da cidade.**

Cemitério	Período de sepultamentos	Período como espaço cemiterial	Local na cidade	Outros usos do espaço
Igreja e adro	1853-1881	1881 <sup>7</sup>	Centro/Fundinho	Rodoviária (década de 1940) - Biblioteca (década de 1980)
Municipal	1881-1898	1915	Centro	Praça e Paço/prefeitura municipal (década de 1910) - Praça e Museu (década de 1980)
Municipal	1898-1928 <sup>8</sup>	1953	Tabajaras	Estádio Municipal (década de 1950) - Vila Militar (década de 1960)
São Pedro (denominado Municipal até 1953)	1928 - ....	.....	Martins	
São Paulo	1954-1985	1990	Brasil	CEMEPE (década de 1990)

<sup>7</sup> Após a construção do primeiro cemitério municipal em 1881, o adro deu lugar a uma praça e ampliação da capela. A capela Matriz de Nossa Senhora do Carmo foi demolida em 1944 após a edificação de uma nova matriz com um novo nome: Santa Terezinha na praça hoje central denominada Tubal Vilela da Silva. No espaço então foi construída uma estação rodoviária.

<sup>8</sup> Até 1928 somente este cemitério recebeu sepultos. Com a criação de outro espaço cemiterial, até onde as fontes permitem ir, poucos sepultamentos foram realizados no então “velho” cemitério. A grande maioria dos sepultamentos entre 1928-1953 foi no cemitério denominado São Pedro.

O primeiro local de enterramentos foi junto à primeira capela Católica da cidade, edificada em 1846, local que foi denominado posteriormente de Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. Ainda que não se tenha certeza de que fora utilizado o termo cemitério para aquele local de sepultos, onde hoje funciona a Biblioteca Municipal, ele atendia a demanda até a criação do primeiro Cemitério Municipal em 1881, quando a cidade ainda era distrito de Uberaba. Este se localizava na atual Praça Clarimundo Carneiro e recebeu sepultamentos até final do século XIX e deixou de existir em definitivo no ano de 1916, para a construção do Paço Municipal (Prédio da Prefeitura). O segundo Cemitério Municipal que será tema de estudo, seguindo com mesma nomenclatura, foi inaugurado em 1898 no final do perímetro urbano da cidade, onde desde o final da década de 1940 localiza-se o Bairro Tabajaras. Ele foi o primeiro edificado pela administração pública de Uberabinha, emancipada em 1888. E esta necrópole com o passar de cerca de 20 anos tem sua lotação esgotada ou próxima do fim em 1919.

De 1919 em diante, as discussões a respeito do local mais apropriado para enterrarem-se os mortos e o desenvolvimento do urbano e das políticas higiênicas na cidade crescem. Este projeto de ampliação somente vai ser executado em 1923. Mas, mesmo com ampliação do cemitério, é inaugurado outro em 1928, o terceiro com o nome de Cemitério Municipal, que somente vai ter seu nome alterado em 1953 para Cemitério São Pedro, assim permanecendo até hoje, no Bairro Martins. Durante esse período, que vai de 1928 até 1953, a cidade vai ter duas necrópoles, ainda que somente a mais nova, de acordo com que as fontes permitem inferir, vai receber os sepultos. Durante a coexistência elas vão ser denominadas pelos periódicos como *novo* e *velho* cemitério. Quando o então cemitério inaugurado em 1898 deixa de existir, outro local de enterramentos na Vila Brasil, bairro então pouco habitado e de pequena infraestrutura urbana, servirá para sepultamentos daqueles de menor poder econômico.

A temporalidade adotada nesta pesquisa, 1898-1955, será problematizada de acordo com a seguinte disposição: os anos de 1898 até 1928 serão trabalhados e situados no primeiro capítulo, enquanto que as décadas de 1929-1944 serão abordadas no capítulo 2. Já a ideia de trabalhar até os anos de 1955, abordados nos capítulos terceiro e quarto, se dá em função de acompanhar o primeiro ano de funcionamento das duas necrópoles, São Pedro e São Paulo, por meios da análise dos livros de registros de sepultamentos dos dois cemitérios e dos atestados de óbitos, desde novembro de 1954 até final do ano de 1955, constatando assim o perfil daqueles que, a partir da edificação do Cemitério São Paulo, não seriam mais enterrados no São Pedro.

Dessa forma, o trabalho terá 57 anos para análise. Não apenas de ampliação, construções e desconstrução relacionados aos cemitérios da cidade, mas também de reformas e transformações que tratam de um ideal de urbanidade e progresso em Uberabinha e na futura Uberlândia, assim chamada a partir de 1929.

Sobre nossos referenciais teóricos, optamos, no campo das representações sociais, pela análise e problematização de conceitos que nos auxiliaram a pensar a cidade, o urbanismo, as noções de progresso, de sanitarismo e de higienização como expressões da modernização dos espaços, nos séculos XIX e XX. Para tal empreendimento crítico e intelectual, nossas principais referências autorais serão Bronislaw Baczko, Lewis Mumford, Denise Jodelet, Maria Stella Bresciani, Michel de Certeau, Nicolau Sevcenko, Richard Sennett, Roger Chartier, Sandra Jatahy Pesavento que, a partir de suas pesquisas e recortes específicos, nos auxiliarão a problematizar a cidade enquanto possibilidade de chave de conhecimento sobre o social e o imaginário. E para análise da história da morte no ocidente e suas implicações e representações no social cito: Fernando Catroga, Jaques Le Goff, Michel Vovelle, Norbert Elias e Philippe Ariès.

O título do trabalho está dividido em duas partes. A primeira *“Para os vivos e para os mortos...”* é o título de uma crônica<sup>9</sup> que aborda o início das benfeitorias na Avenida Araguaia, atual Paes Leme, via esta que ligava o centro da cidade ao Cemitério Municipal/São Pedro edificado em 1928. No texto, de autoria desconhecida, é ressaltado o quanto as melhorias feitas no entorno daquele cemitério foram importantes, não apenas para a condução dos mortos, mas para os vivos. A segunda parte do título *“transformações urbanas e os cemitérios em Uberabinha/Uberlândia 1898-1955”* prende-se às reformas e às transformações realizadas na cidade de Uberabinha/Uberlândia, que atingiram direta e indiretamente as moradas dos mortos no período após os anos de 1940, executadas segundo um modelo representativo de cidade, tanto para o bem dos vivos, como dos mortos.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. A primeira parte da Dissertação, *Do campo santo aos cemitérios municipais: a quem pertencem os mortos? Uberabinha, o progresso e a morte 1898-1928*, terá como objeto questões que envolviam o poder público na administração dos cemitérios, no início do século XX.

---

<sup>9</sup> *Para os vivos e para os mortos...* *Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido Hostilio Alves de Oliveira. 31/12/1943. Ano 6, n° 1327, p.1.

Sem perder de vista Uberabinha das décadas de 1900 e 1910 até a edificação de outro cemitério em 1928, com a pergunta “*A quem pertencem os mortos?*” o objetivo é problematizar as tramas que envolveram a questão da morte e dos enterramentos em algumas cidades brasileiras, como, por exemplo, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre. E dessa forma, investigar e procurar compreender como essa questão passou pelas edificações de espaços cemiteriais entre 1898 até 1928, em Uberabinha.

O segundo capítulo, “*A cidade, o moderno e o fato fúnebre: projetos para o velho e o novo cemitério municipal 1929-1944*”, tem por objetivo investigar como o otimismo da nova cidade, que desde 1929 tinha novo nome, Uberlândia, se relacionava com os problemas urbanos que a mesma cidade apresentava no período. Levando em conta esses fatores, buscarei interpretar a relação entre o antigo Cemitério Municipal, que passa a ser denominado de *velho* pelas crônicas dos jornais, e as tomadas de decisão do poder público. Todas essas questões serão pensadas como aliadas ao plano de progresso da cidade e seu embelezamento. Por fim, procurarei investigar como as práticas fúnebres sofreram mudanças com as novas e modernas formas de viver na urbe dos anos 1930 e início da década de 1940.

A terceira parte da dissertação, “*Impactos da expansão urbana nos espaços cemiteriais em Uberlândia nos anos 1940 e 1950*”, tem como objetivo fazer a análise dos novos projetos urbanos nas décadas acima mencionadas com as necrópoles existentes. O capítulo apresentará como os projetos, baseados fortemente na especulação imobiliária, acabou por atingir os cemitérios existentes, ao ponto de um destes ser definitivamente extinto, por estar próximo demais do centro da cidade e dar lugar a um estádio de futebol. Nesse recorte (décadas de 1940-1950) o trabalho tentará investigar as razões pelas quais o denominado “velho” cemitério, inaugurado em 1898, deixa de existir, além de buscar as explicações para o fato de o cemitério municipal, de 1928, ganhar um novo nome em 1953, “São Pedro” e passar a receber outros melhoramentos.

O quarto e último capítulo, “*Cemitérios São Pedro e São Paulo: separação dos vivos e dos mortos em Uberlândia*”, terá como objeto os projetos da administração da cidade que levaram à construção de um cemitério para famílias de menor poder aquisitivo. Na parte final desse capítulo, o último recorte temporal da pesquisa, será especificamente os anos de 1954 e 1955. Essa escolha se dá em razão dos objetivos de confirmar nossas suspeitas de que, nos dois primeiros anos de funcionamento, a distribuição espacial das covas atendia à mesma separação

social, econômica e étnica que já existia entre os vivos na cidade de Uberlândia. Nossa hipótese é a de que a tão propalada, pela historiografia local<sup>10</sup>, “separação étnica ou social” de Uberlândia tenha se materializado de maneira mais evidente entre os mortos, a partir dos enterramentos em dois espaços de sepultamentos distintos: São Pedro e São Paulo. Para a construção desse tópico, além das fontes já utilizadas nos capítulos anteriores (mapas, fotografias, jornais, Atas...) serão analisados 1.047 atestados de óbito que contemplam o período acima citado. Nessa parte final do trabalho serão inseridas tabelas e gráficos, que, após leitura e análise dos óbitos, “e algumas horas de cálculos”, apresentam o perfil social e étnico dos que foram sepultados no ano de 1955, nos cemitérios São Pedro e São Paulo.

Por fim, esperamos que a pesquisa contribua para a compreensão dos espaços e seus usos na cidade de Uberlândia nas décadas aqui abordadas. Os questionamentos seguem sobre uma cidade cuja identidade está associada com o progresso<sup>11</sup>, que tratou os espaços de enterramento fazendo com que a maioria deles fosse desconstruída, ao ponto de ser relegada ao esquecimento de grande parte da população uberlandense. E tendo em vista que a história dos mortos desta cidade, bem como de seus espaços de enterramentos, ainda é relativamente desconhecida, a presente narrativa, além de dar nomes a esses sujeitos sociais e trazê-los à tona, independente de onde foram sepultados, de suas etnias, posição social etc., tem como objetivo apresentar o quão viva é essa história e como os cemitérios em Uberabinha/Uberlândia foram e são “para os vivos e para os mortos.”

---

<sup>10</sup> Algumas das obras que serão citadas no último capítulo: CARMO, Luis Carlos do. *“Função de preto”: Trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia-MG 1945/1960*. São Paulo: PUC-SP, 2000 (Dissertação de mestrado); LOURENÇO, Luis A. B. *Bairro do Patrimônio: Salgadeiros e Moçambiqueiros*. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 1986; SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia: da Cidade Jardim ao Portal do Cerrado: Imagens e representações do Triângulo Mineiro*. São Paulo: USP, 1995 (Tese de doutorado).

<sup>11</sup> DANTAS, Sandra M. *A fabricação do urbano. Civilidade, modernidade e progresso em Uberabinha – MG*. Franca: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2009, (Tese de doutorado).

## 1. DO CAMPO SANTO AOS CEMITÉRIOS MUNICIPAIS: A QUEM PERTENCEM OS MORTOS? UBERABINHA, O PROGRESSO E A MORTE 1898-1928.

*A cidade dos mortos como a dos vivos também merece zelo. Há vinte e tantos anos o nosso cemitério é sempre o mesmo, acanhado, estreito, insuficiente. Sejamos cuidadosos. Alarguemos a cidade dos mortos para que eles possam 'viver' em paz. Um erro que tem sido constante em nossa administração é o desleixo para com a nossa necropole; erro tanto mais grave quanto censurável pela desumanidade que encerra; pois não data de hoje a profanação das sepulturas que tem suas tábias e craneos estrondados ao contacto rude da enxada dos coveiros. Esses factos são públicos e conhecidos. As sepulturas de nosso cemitério são violadas antes do interregno legal e não raro lá vamos dar com as carnes ainda putrefactas dos pobres que não podem comprar um carneiro onde durmam, socegados, o ultimo somno. Aqui foram executadas varias obras para que surgissem a vista de nosso povo. E justo reflectir: houve um pouco de crueldade no esquecimento aos mortos. Elevadas sommas foram gastas em outros misteres e, porque não dizer: foram mesma excedidas verbas em abono de cousas menos clamantes, enquanto lá, naquelle recanto que deveria ser sagrado para nós, amontavam-se ossos e caveiras, com horror dos que assistiam esses espetáculos. Foi sempre adiado o serviço dos mortos. Foi sempre adiada a veneração que lhe devemos. Elles foram sempre preteridos em seus direitos desaparecidos. Oxalá não sejamos ainda castigados por isso. Si há oito para nove annos, aqui destas mesmas collunas, já se consignavam reclamações des e jaez, como nos foi dado olvidar por mais tempo esse serviço tido como indispensável pelos nossos próprios concidadinos, vereadores e homens de responsabilidade definidas? Como podemos, após exposições tão claras do estado de nossa necropole, ainda preterir essa providencia inadiável? Respondam os sábios... O que se sabe, o que está aos olhos da nossa população é que o nosso cemitério precisa ser ampliado ou deslocalizado, sem perda dos monumentos que ahi se erigiram. Pelas nossa leis, pela nossa religião, por todos os nossos sentimentos, só uma palavra se nos aflora quando deparamos com a ossaria insepulta do nosso cemitério é que aos mortos também devemos alguma obediência... Obediencia e veneração.<sup>12</sup>*

A crônica acima relata a situação em que chegara o espaço destinado aos mortos em Uberabinha no final da década de 1920. Não somente o periódico, como também as discussões realizadas na câmara municipal ao longo daquela década, apontavam para melhorias que deveriam ser urgentemente realizadas no local de enterramentos que o município dispunha naquele período.

Mas, antes de abordar como foi resolvida a questão, diante do clamor do cronista em *A Tribuna*, é necessário estudar qual a relação dos vivos com os mortos naquele momento histórico. Os mortos são nivelados aos vivos quanto as demandas administrativas. Por outro lado, o futuro da urbe se articulava ao lugar e tratamento concedido aos mortos. A se considerar o conteúdo do artigo acima de 1927, em Uberabinha, a relação dos vivos com os mortos era marcada pelo desmazelo. Esse é o objeto da primeira parte do trabalho. Quando o autor da crônica relata que a

<sup>12</sup> 19/06/1927. *Parce Sepultis. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes, Ano 09, nº 373, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

cidade dos mortos como a dos vivos merece cuidado e que é urgente a reforma do local, para que eles possam viver em paz, é preciso compreender que representações e atitudes diante da morte e dos mortos estavam em jogo, não somente em Uberabinha, mas no Brasil e como de resto no ocidente. E mais: é preciso buscar explicar as indagações do período: a quem pertenciam os mortos? Quem deveria cuidar dos que dormem o sono eterno?

Voltando um pouco no tempo, sem perder de vista o que acontecia em Uberabinha na década aludida acima, é importante que se diga que esta necrópole denominada Cemitério Municipal não havia sido o primeiro lugar de enterramentos da cidade. Inaugurado em 1898, este foi o terceiro local designado para sepulturas. Antes deste, Uberabinha teve o seu primeiro Campo Santo junto à capela, segundo historiadores regionais<sup>13</sup>.

No século XIX, igrejas e capelas eram construídas por todo o Brasil e não foi diferente com Uberabinha. Outro fator em comum de São Pedro de Uberabinha com localidades afastadas de centros urbanos era a dificuldade com relação aos recursos materiais e mão de obra para construir uma capela. Conforme Tito Teixeira, a capela levou sete anos para ser erguida “*com sessenta metros quadrados, caprichosamente revestida com paredes de adobes, em torno da qual foi reservado o adro para o campo santo*”<sup>14</sup>. A construção que iniciou em 1846 teve sua inauguração em 1853 com a missa celebrada pelo padre Antônio Martins, vigário de Aldeia de Santana do Rio das Velhas, chamado não para a dedicação do templo, ou para o Sacramento de um batismo, mas justamente para o funeral de Maria Eufrásia de Jesus, a primeira a ser inumada *intra-muros*<sup>15</sup>.

Com base nestes registros, a vida no então distrito de São Pedro de Uberabinha, ainda acompanhava, na relação com a morte, os costumes antigos que Philippe Ariès chamou de morte

---

<sup>13</sup> Tito Teixeira afirma, que após a entrada do primeiro sesmeiro, o senhor João Pereira da Rocha, no ano de 1821, que denominou sua fazenda de São Francisco, a região no sertão da Farinha Podre que deu origem ao arraial do futuro distrito de São Pedro de Uberabinha, pela lei nº 602 de 21 de maio de 1852, era assistida pela Igreja de Aldeia de Santana do Rio das Velhas (atual Indianópolis), cerca de 60 Km da sede da fazenda, e por Felisberto Alves Carrejo, outro entrante, que nas dependências de sua fazenda denominada “da Tenda”, rezava o terço todos os domingos. Segundo o autor, “*Passados alguns anos de permanência na fazenda da Tenda, Felisberto Carrejo sentia a necessidade de transformar em realidade o velho sonho de construir uma capela nas cercanias de suas propriedades, que simbolizasse a pedra fundamental de um futuro povoado e facilidade aos moradores das vizinhanças, na prática de seus deveres religiosos. Tomadas as providências necessárias, em junho de 1842, Felisberto Alves Carrejo foi nomeado pelo padre Jerônimo Gonçalves de Macêdo, administrador da capela a ser construída e de sua manutenção*”. TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central. Volume I**. Uberlândia: Editora Gráfica Uberlândia, 1970, p. 22.

<sup>14</sup> TEIXEIRA, 1970. Op. Cit., p. 24.

<sup>15</sup> Idem, p. 25.

domada<sup>16</sup>, (proximidade doméstica do morto) ou seja, quando a relação dos vivos com os mortos é muito próxima; no centro do arraial próximo de tudo e de todos. O fato de a capela ser inaugurada “às pressas”, em função de um ofício de sepultamento, permite intuir que a liturgia da morte se fazia muito presente entre os 2000 habitantes do arraial. O ato litúrgico consistia em alguns passos importantes: o preparar de um testamento e leitura do mesmo no leito de morte, o pedir perdão aos que estão a sua volta, a comunhão antes da morte, a extrema unção realizada pelo sacerdote<sup>17</sup>, seguida da cerimônia do velório e sepultamento de preferência ao lado ou próximo dos santos, ou de relíquias<sup>18</sup>.

Ser sepultado nessas condições se tornou algo muito restrito e caro com o passar dos anos, conforme explica Maranhão:

*Durante o período medieval, até por volta do século XVIII, encontramos presente a crença muito difundida de que ser enterrado próximo aos túmulos dos santos ou de suas relíquias, perto do altar dos sacramentos, sob as pedras da nave ou no claustro do mosteiro (túmulo ad sanctos) garantia ao defunto uma intercessão especial dos santos e o direito assegurado de salvação. Naturalmente, todo fiel desejava confiar o seu corpo ad sanctos para que, assim, ele próprio se tornasse, como que por contágio, um imortal entre os santos e célebre entre os homens. Porém, é evidente que o espaço sagrado que compreendia a igreja e o mosteiro, por ser limitado, não poderia comportar todos os defuntos e que, portanto, ele era reservado aos “melhores”, isto é, a aqueles que pudessem desembolsar somas consideráveis para esse fim<sup>19</sup>.*

Em meados do século XIX, em São Pedro de Uberabinha, os mortos pertenciam à Igreja e seus dogmas. A criação de um espaço para sepultamentos junto à capela demonstra o quanto a devoção, a crença, e aqui me refiro à doutrina do Purgatório<sup>20</sup> e seu sistema de salvação<sup>21</sup> faziam

<sup>16</sup> ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A, 1981, pp. 6-33.

<sup>17</sup> ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente. Da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977, p.68.

<sup>18</sup> ARIÈS, 1977. Op. Cit., p.25.

<sup>19</sup> MARANHÃO, José Luis de Souza. *O que é morte*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996, pp.30-31.

<sup>20</sup> O Purgatório tem origem incerta. Muitos são atribuídos como pai desse sistema de repouso, ou de tormento no além. Para Le Goff, Agostinho é o pai, apesar de considerar o papa Gregório, o grande (540-604), eleito papa em 590, como grande defensor dessa doutrina. Apesar de suas origens (segundo Le Goff) em Agostinho, o purgatório somente foi oficializado como doutrina em 1274 no Concílio de Lyon. E somente neste século (XIII) é que essa doutrina passa a ser propagada com ênfase pela Igreja e a fazer parte da vida religiosa de grande parte da população na Europa (LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995, p.84-87; 109; 330-331). Para o autor, este “é um lugar duplamente intermédio: nele não se é nem tão feliz como no Paraíso nem tão infeliz como no Inferno, e só durará até o Julgamento Final. Para que seja verdadeiramente intermédio, basta situá-lo entre o Paraíso e o Inferno” (p.268). Para Ariès é o lugar da dúvida: “no momento da morte, o jogo não está feito; existe um período intermediário entre a morte e a decisão final, durante o qual tudo pode ser salvo. Pensou-se por muito tempo, como vimos, que esse período era em repouso. Mas acontecia que o repouso era recusado a alguns. Estes vinham reclamar a ajuda dos vivos, sob a forma de orações de missas que lhes permitiriam escapar ao fogo do Inferno... o purgatório tem, então, um caráter de exceção, reservado a casos duvidosos” (ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte. Vol. 2*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1982, p.505). Outra definição bem direta e em concordância com Ariès é a de Vovelle quando afirma que “o purgatório... tomou o aspecto de pseudo-inferno”

parte da religiosidade daqueles moradores. O ato de não apenas sepultar Maria Eufrásia de Jesus junto à capela, mas de rezar uma missa como sufrágio para sua alma, revela que o sistema religioso em São Pedro de Uberabinha era ainda tributário daquele de séculos atrás, embasado no princípio católico do purgatório.

Outro detalhe, não menos importante, é que em Uberabinha, como na maioria das cidades do Brasil naquele período era vergonhoso ser sepultado, ou ter alguém sepultado extramuros<sup>22</sup>. A morte era fator de classificação social. Quando da sua inauguração em 1853, já haviam sido promulgadas algumas leis a respeito do sepultamento dentro ou próximo aos templos. Em 1805, D. João VI, em carta destinada às câmaras municipais, ordenava que fossem erigidos cemitérios fora das povoações<sup>23</sup>. No ano de 1828 após a independência, outra lei, datada de 01 de outubro, estabelecia que os cemitérios deveriam ser públicos e geridos pelas câmaras municipais e, obviamente, afastado dos povoados. Mas, ao mesmo tempo em que estavam extramuros, os espaços de enterramentos deveriam estar em conformidade com autoridade eclesiástica do lugar. Segundo Cláudia Rodrigues, esta lei era bastante flexível no que dizia respeito a quem era responsável pelo local: “*Na época em que foi determinada, em 1828, certamente não causara desavenças entre as autoridades civis e eclesiásticas, uma vez que a designação dos ditos cemitérios pelas câmaras municipais não afetava a jurisdição eclesiástica sobre o local*”<sup>24</sup>.

Mesmo que ideias racionalistas, influenciadas pelo Iluminismo começassem a aportar no Brasil no século XIX, embasando leis citadas acima, é preciso salientar que este foi um processo lento. No Rio de Janeiro, por exemplo, onde os sepultamentos intramuros começam a ser questionados já na década de 1830 influenciados pela medicina francesa<sup>25</sup>, as discussões a respeito de uma secularização do espaço cemiterial vão se alongar até a Proclamação da

(VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário da história. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1997, p.58).

<sup>21</sup> Refiro-me ao sistema de salvação, devido suas muitas etapas para atingir a bem-aventurança eterna. Sobre as controvérsias entre a soteriologia em Agostinho (354-430), Pelágio (350-423) e posteriormente com a graça infusa em Tomás de Aquino (1225-1274) ver: DREHER, Martin N. *Coleção história da Igreja. Vol. 1. A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000; OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo: Editora Vida, 1999 e HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Porto Alegre: Concórdia Editora, 2003.

<sup>22</sup> NASCIMENTO, Mara Regina. *Irmandades leigas em Porto Alegre. Práticas funerárias e experiência urbana: séculos XVIII – XIX*. Porto Alegre: UFRGS (Tese de doutorado), 2006, p.229.

<sup>23</sup> NASCIMENTO, 2006. Op. Cit., p. 225.

<sup>24</sup> RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: A secularização da morte no Rio de Janeiro. Séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p.262.

<sup>25</sup> MATOS DA COSTA, Fernanda Maria. *A morte e o morrer em Juiz de Fora: transformações nos costumes fúnebres, 1851-1890*. Juiz de Fora: UFJF (Dissertação de mestrado), 2007, p.20.

República<sup>26</sup>. E nas demais capitais brasileiras, mesmo que na década de 1840, influenciada pelas revoltas liberais da França e Itália em conjunto com imigração européia intensa no sul e sudeste do país<sup>27</sup>, se tenham levado à pauta a respeito de quem deve administrar os locais de sepultamento, a influência da Igreja Romana continuou forte, barrando ou postergando uma série de ações que diminuía a jurisdição do religioso sobre a população, configurando disputas entre ações laicizantes e às forças eclesiais.

Se nas cidades como Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador e Porto Alegre, considerados grandes centros populacionais no século XIX, mesmo com a influência do racionalismo e da medicalização oriunda da Europa e que receberam levas consideráveis de europeus, muitos deles protestantes, como no caso dos alemães e ingleses, o processo de secularização foi lento, o que dizer de São Pedro de Uberabinha na década de 1850? Até onde as fontes nos permitem ir, a totalidade da população era de católicos, e as correntes migratórias para a região somente vão se intensificar nas décadas de 1910 e 1920. Dessa forma, é perfeitamente compreensível que as questões relativas à mudança de concepção entre os vivos e os mortos, mesmo com as leis imperiais, como a promulgada um ano depois da inauguração da capela datada de 30 de janeiro de 1854, que previa os cemitérios fora do recinto das povoações<sup>28</sup>, não fizessem parte das discussões e do cotidiano dos habitantes de São Pedro do Uberabinha, fazendo com que os mortos continuassem a pertencer à jurisdição eclesiástica.

Antes de voltarmos à discussão do que foi feito com os mortos na década de 1920, em que o cronista clama por reformas no local que deveria ser sagrado, é importante ressaltar a edificação de outro espaço cemiterial, antes do municipal de 1898. Trata-se do Cemitério Municipal inaugurado em 1881, no local onde hoje está a praça denominada Coronel Clarimundo Carneiro.

---

<sup>26</sup> RODRIGUES, 2005. Op. Cit., p. 297.

<sup>27</sup> NASCIMENTO, 2006. Op. Cit., p. 306.

<sup>28</sup> O decreto 1.318 de 30 de janeiro de 1854 manda executar a lei nº 601 de 18 de setembro de 1850. No capítulo VI “Das terras reservadas”, no Artigo 77 o texto apresenta as seguintes diretrizes para os povoamentos e entre essas onde edificar os cemitérios. Segue o texto: “As terras reservadas para fundação das Povoações serão divididas, conforme o Governo julgar conveniente, em lotes urbanos e ruraes, ou somente nos primeiros. Estes não serão maiores de 10 braças de frente e 50 de fundo. Os ruraes poderão ter maior extensão, segundo as circunstâncias o exigirem, não excedendo porém cada lote de 400 braças de frente sobre outras tantas de fundo. Depois de reservados os lotes que forem necessários para aquartelamentos, fortificações, cemiterios, (fôra do recinto das Povoações), e quaesquer outros estabelecimentos e servidões publicas, será o restante distribuido pelos povoadores a titulo de aforamento perpetuo, devendo o foro ser fixado sob proposta do Director Geral das Terras Publicas, e sendo sempre o laudemio, em caso de venda, - a quarentena”. [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Historicos/DIM/DIM1318.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Historicos/DIM/DIM1318.htm). Acesso em 21/04/2015.

Passados quase trinta anos (1853-1881), muitos aspectos relativos à morte e às cidades sofreram mudanças. Criar espaços para o enterramento a céu aberto, afastados dos moradores era, desde o século XIX no Brasil, pelo menos no papel, “*sinal de progresso e de higienização, considerado um equipamento urbano necessário nas cidades mais desenvolvidas e modernas*”<sup>29</sup>.

Além disso, conforme explica Nascimento:

*Entrando no século XIX, é notório que, em grande parte do Brasil (sobretudo em Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e região norte), vemos diminuir gradativa e consideravelmente os enterramentos ad sanctos. A proximidade entre vivos e mortos, tão comum até o século XVIII, passa a ser seriamente questionada assim que adentra o Oitocentos acompanhado das campanhas médicas que sustentavam a tese sobre o malefício que podiam causar à saúde os miasmas mefíticos, provenientes dos cadáveres em decomposição*<sup>30</sup>.

Ainda em relação a essa mudança de concepção e convivência entre vivos e mortos, Cláudia Rodrigues aponta que antes das campanhas e disseminação de ideais médicos higienistas predominava uma visão mais natural e religiosa diante da enfermidade e morte. O corpo era associado à alma, a doença ao sagrado, a causa da doença ao espiritual/sobrenatural, o principal agente da cura era sacerdote e o cadáver era sagrado. Após a divulgação e aceitação, ainda com resistência aos ideais apoiados em concepções secularizantes, o corpo passou a ser oposto da alma, a doença como associada ao profano/biológico, a causa das enfermidades como biológica/natural, o principal agente da cura, o médico, e o cadáver visto como matéria<sup>31</sup>.

Essas campanhas ajudaram a difundir os ideais sanitaristas no Brasil do século XIX. Ainda que com as resistências, como o caso da cemiterada em 1836 na Bahia, a tendência acabou por criar espaços cemiteriais afastados dos centros urbanos, como o Cemitério da Consolação em São Paulo, inaugurado em 1858<sup>32</sup>. Mesmo com a discussão, conforme aborda autora, se este espaço cemiterial era campo santo ou campo profano, o fato era que o processo na capital paulista, como em outras grandes cidades brasileiras do período, estava em curso. Segundo Nascimento:

*A inauguração dos cemitérios extramuros por volta dos anos de 1850 relaciona-se profundamente com o ambiente criado por estas campanhas sanitaristas. Porém não apenas a estas. Para compreender o fenômeno das transformações na prática funerária é preciso levar em conta igualmente o cenário mais abrangente proporcionado pelo ideal de circulação como modelo possível e necessário do viver urbano na cidade moderna... De todo modo, o paradigma científico saiu vitorioso e antes da inauguração*

<sup>29</sup> PAGOTO, Amanda A. *Do âmbito sagrado da Igreja ao cemitério público. Transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004, p. 106.

<sup>30</sup> NASCIMENTO, 2006. Op. Cit., p. 242.

<sup>31</sup> RODRIGUES, 2005. Op. Cit., p. 278.

<sup>32</sup> PAGOTO, 2004. Op. Cit., p.70.

*dos cemitérios públicos, os enterramentos, primeiramente, deixaram de ser ad sanctus para, progressivamente, deixarem de ser apud ecclesiam. O cemitério atrás do templo foi o passo inicial para a mudança nos costumes fúnebres da separação entre vivos e mortos, que se completará plenamente com o advento dos enterramentos realizados em terrenos fisicamente distantes dos centros urbanos*<sup>33</sup>.

É neste contexto que, em São Pedro de Uberabinha, é inaugurado seu segundo cemitério, em 1881, substituindo o primeiro junto à capela matriz. O Reverendo Cônego Pedro Pezzutti, em seu livro publicado em 1922, relata as motivações para a criação de um novo espaço cemiterial na localidade:

*A faixa de terreno que contornava a Matriz, o adro, em que se fazia o enterramento de cadáveres, nunca chegou a ficar completamente vedada e já se achava literalmente cheia, o que constituía um perigo para a hygiene publica e um desrespeito aos mortos. Concomitantemente no interior da Matriz se abriram sepulturas e tambem já estava repleta. Impunha-se imperiosamente a construção de um cemiterio e já havia um cruzeiro levantado no lugar escolhido, porem, encostado ás habitações, muito perto do casario. Em torno desse cruzeiro, isolado e desguarnecido, já se haviam sepultado alguns cadáveres. Em 1880 o popular Missionário Frei Paulino veio pregar missões no arraial, e, de acordo com o Vigário, resolveu dotar a população com este inadiavel melhoramento. A voz do Missionário o pessoal de todas as camadas sociais moveu-se; demarcou-se o lugar, abriram-se alicerces, carregaram-se pedras de perto e de longe e em pouquinhos dias o cemitério estava traçado e os alicerces acabados*<sup>34</sup>.

Interessante notar nesse relato a mistura das relações entre a tradição e as novas concepções sobre a morte, como também sobre quem era responsável pelos mortos quando da inauguração da nova necrópole. Ao mesmo tempo em que se fala de respeito aos mortos é citado o perigo que tal aproximação das sepulturas *ad sanctus*, como o adro, poderia causar à saúde da população. A questão que envolvia a edificação de um novo espaço cemiterial também estava ligada à superlotação do local existente mais do que com as leis promulgadas ao longo do século XIX. Leis estas que, na Província de Minas Gerais, conforme relata Matos da Costa, tinham dificuldade de serem aplicadas na capital Ouro Preto e em Mariana, muito em razão da tradição e costumes religiosos<sup>35</sup>. Além disso, o cemitério que teve participação direta da Igreja, seja pelos missionários e sacerdotes, como pelos demais fiéis, levou o nome de Cemitério Municipal.

<sup>33</sup> NASCIMENTO, 2006. Op. Cit., p. 243.

<sup>34</sup> PEZZUTTI, Pedro. *Município de Uberabinha. História, administração, finanças e economia*. Uberabinha: Typ. Livraria Kosmos, 1922, pp. 20-21.

<sup>35</sup> “No ano de 1876, dissertando à Assembleia Legislativa Provincial sobre os cemitérios de Ouro Preto, o Presidente da Província de Minas Gerais, Barão da Vila da Barra, também argumentava que os males advindos das inumações nos centros populosos eram intoleráveis. Afirmava ainda que a continuação dos cemitérios junto aos templos e disseminados pelos centros urbanos, além de ser uma prática nociva e condenada pelas regras de hygiene, era ainda um costume que depunha contra a civilização da provincia. E, em 1881, o senador João Florentino Meira de Vasconcelos, por ocasião da instalação da Assembleia Provincial de Minas Gerais para a segunda sessão ordinária, revelava sua opinião sobre a “maneira inconveniente e prejudicial” porque eram realizados os

Esse dado é demasiadamente interessante em razão de que o mesmo, durante sua existência, fora administrado pela Igreja, mesmo com o nome de municipal. Pelo decreto 1.318 de 30 de janeiro de 1854, conforme citado anteriormente que mandava executar a lei nº 601 de 18 de setembro de 1850, ou seja, que os cemitérios além de estarem sob a tutela da autoridade civil deveriam localizar-se fora das povoações, fazia deste espaço cemiterial edificado em Uberabinha de acordo com a legislação vigente pela sua posição geográfica e pelo nome. Mas, o fato dele ser erguido sob a liderança de um padre tendo apoio dos fiéis mostra o quanto a Igreja, mesmo que não oficialmente, gerenciava os locais de enterramento de Uberabinha do final do século XIX. Esse dado apresenta o quanto a Igreja foi influente nas decisões sobre os destinos da cidade tanto dos vivos como na cidade dos mortos do período aludido. Este espaço de enterramentos que vai receber sepultamentos por um pequeno período 1881-1898 fez parte da transição do religioso para o civil na história dos cemitérios em Uberabinha. Isso porque o erigido em 1898, também com o nome de municipal, desde as primeiras discussões para sua criação em 1892 foi conduzido pela esfera pública sem a interferência da Igreja.

Com o aumento da população de cerca de 2000 habitantes, quando da inauguração da capela, para 5460 em 1881, e de 6950<sup>36</sup> no ano em que foi emancipada de Uberaba pela lei nº 3643 de 31 de agosto de 1888, Uberabinha, pelos seus administradores tinha de se urbanizar. No ano de 1892, quando a população já ultrapassara a marca dos 11.000 habitantes, são aprovadas medidas para reestruturar a pequena área urbana do município, como alinhamento de casas, prevendo demolições, ruas, praças e transferência do cemitério, com uma década de uso, além é claro da aprovação do primeiro Código de Posturas<sup>37</sup>. Essas modificações, em uma cidade que tem, conforme Sandra Dantas, como lema o progresso, em que as elites locais entendem desenvolvimento como sinônimo de evolução desde o final do século XIX, passaram a ganhar força com a vinda da estrada de ferro ao município<sup>38</sup>. Com a chegada em 1895 da Companhia

---

*enterramentos na capital e em Mariana, locais onde as igrejas ou pequenos cemitérios adjacentes ainda eram destinados para o jazigo eterno*” MATOS DA COSTA, 2007. Op. Cit., p.22.

<sup>36</sup> Dados da tabela foram obtidos em: 4º Período / 2º Recenseamento Geral. 13/8/1942. *A Tribuna*. Autor: Sr. Othon Gaudie Fleury. Redator e diretor proprietário: Sr. Agenor Paes. Ano 24, nº 1608, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>37</sup> PEREIRA, Oscar Virgílio. *Das sesmarias ao pólo urbano: formação e transformação de uma cidade*. Uberlândia: Gráfica Composer Editora Ltda, 2010, pp. 296-297.

<sup>38</sup> DANTAS, 2009. Op. Cit., p. 64.

Mogiana<sup>39</sup>, não somente Uberabinha, mas o Triângulo Mineiro, especialmente Uberaba e Araguari, começam a sofrer modificações no traçado urbano<sup>40</sup>.

As construções dos cemitérios em Uberabinha foram parte desse projeto urbanístico e de desenvolvimento. O primeiro cemitério, construído junto à primeira capela, já não existia. E com a chegada da Mogiana em 1895, o cemitério construído com tanto empenho em 1881 deveria sair do centro da cidade<sup>41</sup>.

Com a chegada da estrada de ferro, a cidade, adotando o código de posturas de Sacramento e tabela de impostos de Uberaba, elege as prioridades para o progresso do município. Depois do primeiro item, que era a criação de escolas e do segundo, que se referia a orçamentos de duas pontes sobre o Rio Uberabinha, o terceiro era “*Effectuar a mudança do Cemitério*”. A ata da Câmara Municipal tem data de 14/01/1893, mas as mudanças que iniciaram em 1898 somente foram concluídas no ano de 1915, com a demolição em definitivo do cemitério concretizando assim, conforme afirma Valéria Lopes, a forma da “nova cidade”<sup>42</sup>. O cemitério edificado em 1898 é assim descrito por Teixeira:

*Em 1898 foi inaugurado novo cemitério, construído em pleno cerrado, ao lado da estrada que demanda à ponte do Carneiro, hoje Arthur Bernardes, ficando interditado o que até então existia no fim da cidade velha que, com sua demolição em 1915, passou a ser a praça da Liberdade, depois Antônio Carlos e hoje Clarimundo Carneiro*<sup>43</sup>.

Dentro desse contexto da “nova cidade” é que os administradores de Uberabinha tem que lidar com os mortos. Esse novo viver, embasado na dinâmica urbanista, onde a cidade deveria tornar-se o espaço da circulação<sup>44</sup>, atingiu diretamente, ainda que por vezes lentamente, a relação dos vivos com os mortos. Não foi diferente em Uberabinha, como veremos a seguir, especialmente diante do decreto 789 de 27 de setembro de 1890: “*a lei que eliminou a*

---

<sup>39</sup> Segundo explicação de Luís A. Lourenço, a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro criada em 1872 por fazendeiros de Campinas tinha como objetivo primeiro ligar Campinas até a região cafeeicultora de Ribeirão Preto, feito conquistado em 1883. No ano de 1887, após chegar a Franca, também no interior paulista, a linha férrea atinge as margens do Rio Grande, divisa de São Paulo com o estado de Minas Gerais. Após grande esforço político das elites uberabenses a Companhia Mogiana chega a Uberaba em 1888 e estende seu ramal até Uberabinha, atual Uberlândia, em 1895 e Araguari em 1896. LOURENÇO, Luís A. *O Triângulo Mineiro, do Império à República: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX)*. Uberlândia: EDUFU, 2010, pp.14 e 97-98.

<sup>40</sup> LOURENÇO, 2010. Op. Cit., pp.97-108 e 231-258.

<sup>41</sup> LOPES, Valéria M. *Uberlândia: histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos. Memórias, construção e apropriações dos espaços*. Uberlândia: EDUFU, 2010, p.10.

<sup>42</sup> LOPES, 2010. Op. Cit., p. 42.

<sup>43</sup> TEIXEIRA, 1970. Op. Cit., pp. 60-61.

<sup>44</sup> NASCIMENTO, 2006. Op. Cit., p.301

*intervenção de qualquer autoridade religiosa na gerência de cemitérios públicos, que passaria, a partir de então, à competência das municipalidades e das polícias”.*<sup>45</sup>

### **1.1 A cidade, o progresso e os mortos na década de 1920**

*O nosso cemitério, ao que se ouve algumas pessoas autorizadas e ao próprio coveiro Jorge esta petição de miséria e já não se pôde nelle abrir uma cova sem encontrar despojos frescos. Isso constitue uma deshumanidade sob todos os pontos de vista. É uma falta de compreensão dos nossos poderes públicos, que não podem admitir o embellezamento da cidade dos vivos em prejuízo da dos mortos. Enquanto se enfeita a nossa vivenda dotando-a de calçadas, passeios, exgotos e o diabo a quatro, as ossadas humanas são da outra banda, a dois ou três passos da nossa vaidade, espotas pela nossa profanação deshumana. Arcam ao sol, para darem lugar a outro infeliz, ossos daquelles que, se na vida nenhum conforto tiveram muito menos terão na morte dentro de um quadrado insussuficiente para contel-os e são atirados d'aqui para ali como as carcaças irracionaes. Urge que os nossos poderes tomem serias providencias a respeito do nosso cemitério. Não é só no dia 2 de novembro, com uma coroa de flores roxas que devemos lembrar daquelles que lá estão esperando à qualquer hora. Devemos lembral-os sempre e mais quando suas caveiras risonhas nos encaram ironicamente dizendo nos que os corpos desses que não se querem enriquecer para comprar seus túmulos espera a mesma sorte nesse campo onde, apesar da egualdade há, como cá fora, cantos mais confortáveis. Nem seria preciso lembrarmos aqui esta medida inadiável, pois, já há um anno que o engenheiro de nossa câmara gritava em seu relatório que nenhuma obra se lhe afigurava de maior urgência que a ampliação de nosso cemitério já adiada, accrescentando: “Está inteiramente exgotado o espaço para os enterramentos”*<sup>46</sup>

A cidade de Uberabinha no início do século XX, conforme desenvolvemos no tópico anterior, era apenas mais uma cidade pequena do interior do Brasil. Mesmo assim, tendo em 1920 uma população de cerca de 23.000 habitantes, com base nos periódicos e projetos e resoluções apresentados na Câmara Municipal, como da aquisição de bondes elétricos<sup>47</sup>, os dirigentes políticos (vereadores) que governavam a cidade procuravam elevá-la ao patamar uma cidade progressista.

Importante também, antes de analisar a situação de Uberabinha, seus cemitérios e da crônica acima, é entender essa dinâmica progressista dentro de um contexto nacional, que porventura é europeu. Nesse sentido a cidade, seu conceito, apresenta-se como problema, como

<sup>45</sup> DILLMANN, Mauro. *Morte e práticas fúnebres na secularizada República: a irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX*. São Leopoldo: Unisinos (Tese de doutorado), 2013, p.62.

<sup>46</sup> 19/09/1920. *Cyprestes. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 02, n° 54, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>47</sup> Na Ata de 14/11/1919 página 98 verso, é adiado por dois anos o projeto de colocação de bondes elétricos no município. A alegação era de que em função da guerra (1° grande guerra) os preços dos materiais a serem importados tinham subido muito. Mas a planta com o traçado já estava pronta. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

metáfora do social, como objeto de estudo, de questionamento dentro do âmbito das representações, conforme afirma Pesavento:

*A representação guia o mundo, através do efeito mágico da lavra e da imagem, pois, imersos num 'mundo que se parece, mais real, por vezes, que a própria realidade e que se constitui numa abordagem extremamente atual, particularmente se dirigida ao objeto 'cidade'...'... "Ou seja, as representações da cidade tendem a assumir uma forma metafórica de expressão, com apelo as palavras e coisas que, associadas ao conceito de cidade, lhe atribuem outro sentido"<sup>48</sup>*

No urbano os espaços estão representados de todas as formas e com classificações dentro do domínio do simbólico, daquilo que, conforme a autora acima, “*sacramenta os significados, funções, papéis e valores*”<sup>49</sup>. Nesse sentido, dos valores que são agregados e transmitidos à população, qual a importância de um cemitério e de um ramal de bondes? Antes de responder essa questão (se é possível) não se pode esquecer que também nas cidades:

*As representações, que tem o efeito real, ultrapassam a função da re-configuração do mundo social e chegam a produzir a própria realidade. As representações não só se substituem ao mundo social, fazendo com que os indivíduos vivam pelo e para o imaginário, como são construtoras daquele real, constituindo como um seu outro lado.<sup>50</sup>*

Tendo como base a cidade como representação, é relevante destacar que nesse período do século XX, há uma mudança na relação dos habitantes com a urbe. Conforme analisa Nicolau Sevckenko, em um de seus trabalhos sobre a capital paulista, na década de 1920, “*Verifica-se, pois, o início de uma tomada de consciência tanto de um sentido de identidade, quanto de uma manifestação de destino da cidade*”<sup>51</sup>. Nessa ideia de sentido e até mesmo de afirmação de uma identidade, o modernismo e sua ruptura com o velho ganham espaço na relação com a cidade. A ênfase no urbanismo como diverso e como sinônimo de progresso que vivencia mudanças e mutações culturais ganha, nesse período, força. Lembrando que no ano de 1922, o Brasil comemorara o centenário da independência, não somente a Semana de Arte Moderna de São Paulo merece destaque, mas nessa luta entre provincianismo e cosmopolitismo, onde era necessária uma mudança nos padrões estéticos para abandonar um passado retrógrado, havia a busca por uma identidade nacional. E, conforme estudo de Marcos Augusto Gonçalves<sup>52</sup>, a

<sup>48</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Paris – Rio de Janeiro – Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora Universidade – UFRGS, 1999, pp.8-9.

<sup>49</sup> PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade. O mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p.8.

<sup>50</sup> PESAVENTO, 2001. Op. Cit., p.9.

<sup>51</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.37.

<sup>52</sup> GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: A semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012, p.20.

ruptura com o velho, do futurismo x passadismo, tem grande influência européia. Essas novas tendências oriundas do Velho Continente, especialmente francesas, embasam uma identidade moderna. Esse moderno requer definição, que segundo Sevcenko:

*No plano mais imediato, dos hábitos cotidianos e do vestuário, a palavra ‘moderno’ se torna legenda classificatória que distingue tudo o que passa por ser a última moda vigente... Tratava-se acima de tudo da evocação de uma ciência que parecia não ter mais limites de controles, preconizando a iminente redenção tecnofábrica da humanidade<sup>53</sup>.*

Às vésperas do centenário da independência como fica a cidade dos mortos em Uberabinha? Como bradava o cronista de *A Tribuna* em Cyprestes: “É uma falta de compreensão dos nossos poderes públicos, que não podem admitir o embellezamento da cidade dos vivos em prejuízo da dos mortos”<sup>54</sup>. O problema do espaço cemiterial passa a não pertencer somente aos que têm seus entes sepultados naquele local, mas dentro de uma relação com o urbano e com o moderno, o local passa a ser no sentido público de todos, conforme explica Cláudio Batalha:

*E eis que no momento em que determinado local é apropriado como espaço político público, ele deixa de ser significado pela prática do indivíduo para ser significado pela prática do coletivo; retoma – mesmo que provisoriamente – o caráter unívoco e estável de lugar, pois seu significado é compartilhado por todos.<sup>55</sup>*

Essa preocupação compartilhada com a morte não estaria mais ligada, como na Idade Média e boa parte da Moderna, a uma relação com os vivos na chamada liturgia da morte. Nesse período a preocupação passa a ser outra, dentro da ideia de que a cidade é como um corpo, um organismo vivo. O “descaso” coincide com a administração civil dos espaços cemiteriais. O “prejuízo dos mortos” se projeta sobre a coletividade, fazendo com que a preocupação em última instância seja a cidade dos vivos.

Ao analisar um cemitério público, como o caso deste Cemitério Municipal na Uberabinha da década de 1920, tem de se levar em conta o modelo de cidade em que está inserido esse espaço. As reformas urbanas, os projetos, as construções sugerem que a cidade é como um corpo

<sup>53</sup> SEVCENKO, 2000. Op. Cit., pp.228-229.

<sup>54</sup> 19/09/1920. *Cyprestes. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 02, nº 54, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>55</sup> BATALHA, Cláudio H. M. *A geografia associativa. Associações operárias, protesto e espaço urbano no Rio de Janeiro da primeira república*. In: AZEVEDO, Elciene; CANO, Jefferson; CHALHOUB, Sidney; CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p.254.

que deve ter um pleno funcionamento saudável<sup>56</sup>. Sob a influência de urbanistas baseados nos princípios iluministas que criaram a ideia, do ponto de vista médico e biológico, de que a urbe deveria ser um organismo vivo e dinâmico, as cidades tornaram-se refém dos ideais de saúde<sup>57</sup>.

Quanto a isto, baseando-se em Richard Sennett, Mara Nascimento explica:

*A esse respeito é exemplar o livro de Richard Sennett acerca da intenção entre as concepções científicas e leigas sobre o corpo humano e a realização de projetos urbanísticos, ao longo da história da civilização ocidental. A partir do século XVIII, as descobertas médicas a respeito do funcionamento da circulação do sangue (que mudaram a compreensão da imagem do corpo) sintonizavam com o advento do capitalismo moderno, das teorias econômicas sobre o livre mercado, do nascimento do individualismo e da crença iluminista do direito de ir e vir. Richard Sennett é de opinião de que o espaço de circulação livre transformou-se no mito moderno de felicidade humana... O homem, neste cenário da cidade modernizada e traçada segundo princípios de simetria física e de separação funcional entre os espaços, só compreende e se utiliza da cidade também de maneira fragmentada. É durante o século XIX que se firmam as Secretarias dos governos provinciais, atuando separadamente, cada qual a partir de suas atribuições bem definidas: Comissão de Higiene Pública, de Medidas Policiais, Repartição de Obras Públicas, etc... Estas repartições vêm se instalar no lugar da antiga figura, comum nas vilas e cidades coloniais, dos almotacés que eram fiscais municipais nomeados para regular e atuar no plano construtivo, sanitário e de mercado ao mesmo tempo<sup>58</sup>*

Como organismo vivo, esse modelo de cidade tem de se movimentar. Organizada a urbe é regulada pelos seus órgãos para o bom funcionamento, que envolvem as pessoas, onde ninguém pode ficar estático. Assim, “*O antigo hábito de repousar nos fins de semana se tornou um despropósito ridículo. Todos para a rua: é lá que a ação está... Não é descansando que alguém se prepara para a semana vindoura, é recarregando as energias, tonificando os nervos, exercitando os músculos, estimulando os sentidos, excitando o espírito*”<sup>59</sup>. A modernidade, o progresso, a urbe não combinam com os antigos costumes. A cidade tem de ser transformada: novos meios de transporte<sup>60</sup>, novas moradias<sup>61</sup>, novos cidadãos, cidadãos normatizados, civilizados<sup>62</sup>. Coincidentemente, quando o cemitério da lugar à praça, essa recebe o nome de liberdade.

<sup>56</sup> SENNETT, Richard. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização Ocidental*. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 1994, p. 279.

<sup>57</sup> SENNETT, 1994. Op. Cit., pp. 294-295.

<sup>58</sup> NASCIMENTO, 2006. Op. Cit., p.302.

<sup>59</sup> SEVCENKO, 2000. Op. Cit., p. 32.

<sup>60</sup> A Ata de 30/07/1919, p. 85 frente e verso, aprova o projeto que proíbe que carros de boi circulem em estradas para automóveis no perímetro urbano de Uberlândia. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>61</sup> Na Ata de 07/01/1919, p 56 verso, é concedida autorização para demolição de casa em razão de que com seu abandono, a mesma atrapalha o embelezamento da cidade. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>62</sup> Os dois primeiros códigos de posturas da cidade são de 1903 e 1912. Este último vai regulamentar as relações sociais até 1950. MACHADO, Maria Clara T. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês:*

A cidade moderna e progressista, o espaço urbano é civilizado e individualizado. O século XIX é o momento em que os ideais de nação vão ser constituídos e que vários projetos vão ser debatidos para ver qual vai ser o mais benéfico para seus habitantes. No caso de Uberabinha, como de todo o Brasil, essas ideias vão ganhar força no início do século XX. E projetos que quando não copiados na íntegra da Europa, são apropriados e ressignificados<sup>63</sup>. Esses projetos que valorizam o individual, a noção, ou norma do que é ser civilizado vão atingir as necrópoles.

Ainda sobre o conceito de civilização, Maria Elisa Noronha, assim o explica:

*O termo 'civilização' é de criação e uso relativamente recentes em algumas das principais línguas européias, datando de seu aparecimento apenas da segunda metade do século XVIII... Os primeiros a relacionarem civilização a progresso, nível mais elevado de pensamento humano, são os iluministas escoceses Adam Ferguson e Adam Smith em "Ensaio sobre a história da sociedade civil", de 1767, e "A riqueza das nações", de 1776... O conceito de civilização também pode remeter à ideia de conclusão de uma ação e/ou de um movimento, de estágio final de um processo. Daí podemos afirmar que a ideia de civilização manteve e conferiu movimento ao ideal de enquadramento do comportamento humano, tornando-o uma necessidade histórica, parte fundamental de um processo que o século XIX entendeu como uma evolução, como uma melhoria constante... Portanto, a civilização traduz o movimento histórico de desenvolvimento progressivo dos povos, sobretudo dos povos europeus.*<sup>64</sup>

Os espaços cemiteriais estão dentro dessa dinâmica do corpo, da cidade, do progresso, do moderno e do civilizado onde individualismo é marcante. Tendo em vista que mesmo que um corpo funcione precisando de todos os órgãos, há aqueles que são mais importantes para o funcionamento do ser vivo. Esse individualismo é transportado para dentro dos cemitérios no intuito de preservação da identidade daquele que não está mais entre os vivos. Esse terror da perda da individualidade<sup>65</sup>, com as representações nos sepulcros, é amenizado, visto que assim os mortos estão na memória e consciência dos vivos<sup>66</sup>. Aqui se entende tamanha indignação do cronista, que vai se repetir ao longo da década de 1920, o desrespeito aos mortos, quanto a sua individualidade violada, quando reclama; *"Não é só no dia 2 de novembro... Devemos lembra-los sempre e mais quando suas caveiras risonhas nos encaram ironicamente dizendo nos que os corpos desses que não se querem enriquecer para comprar seus túmulos espera a mesma sorte*

---

*assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965-1980)*. São Paulo: USP (Dissertação de mestrado), 1990, p.48.

<sup>63</sup> SÁ, Maria Elisa Noronha de. *Civilização e barbárie. A construção de ideia de nação: Brasil e Argentina*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.11.

<sup>64</sup> SÁ, 2012. Op. Cit., pp.38 e 42.

<sup>65</sup> MORIN, Edgar. *O Homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América LDA, 1976, pp.32-33.

<sup>66</sup> ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos seguido de "envelhecer e morrer"*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001, p.53.

*nesse campo onde, apesar da igualdade há, como cá fora, cantos mais confortáveis*”<sup>67</sup>. Há uma ameaça velada aos vivos. “Dizem os mortos: o desrespeito com que nos tratam será emprestado a vocês em breve”.

O discurso que muitas vezes está ligado ao sentimento do luto que familiares e amigos vivenciam, em outros casos está ampliado a todas as pessoas, ainda mais quando essas representações estão em um local público, conforme explica Catroga:

*Se a invisibilidade cumpre na ‘clandestinidade’ o trabalho higiênico da corrupção, a camada semiótica tem por papel encobrir o cadáver, transmitindo às gerações vindouras os signos capazes de individuarem e ajudarem a re-presentação, ou melhor, a re-presentificação do finado. E é por causa destas características que é lícito falar, a propósito da linguagem cemiterial, de uma ‘poética da ausência*”<sup>68</sup>

Como “o desenvolvimento histórico da sociedade [moderna] está ligado da forma mais estreita ao da individualidade... o progresso que a história humana evoca é o desenvolvimento mútuo e recíproco da sociedade e do indivíduo”<sup>69</sup>, os cemitérios demonstram esse individualismo e esse discurso progressista nas sepulturas. Conforme explica Pagoto, na pesquisa que empreendeu sobre as transformações nos espaços de enterramento da São Paulo do século XIX, essa nova forma de sepultamento acentuou a individualidade e as diferenças sociais entre os mortos:

*A criação do cemitério público acentuou a desigualdade social, pois nesse novo espaço era permitida a construção de túmulos ou monumentos com a finalidade de demarcar a sepultura, o que não acontecia nas igrejas, visto que a cova não era vendida perpetuamente e sim alugada por um tempo determinado e, frequentemente, dava-se a inumação de pessoas sem relações consanguíneas em um mesmo espaço. A individualização do morto e a demarcação do seu aquisitivo tornaram-se marcantes nos primeiros anos da República*<sup>70</sup>.

Essa individualidade fazia parte da ideia do enterro correto importado da Europa durante o século XIX que delimitava os espaços e acentuava as diferenças não somente entre ricos e pobres, “mas, também, entre vivos e mortos e entre salubres e insalubres”<sup>71</sup>.

A cidade como organismo vivo tem de ser saudável. Políticas nesse sentido vão pautar as cidades modernas e conseqüentemente para a salubridade do ambiente, o corpo e seus habitantes tem de ser vigiados para o bom funcionamento da urbe<sup>72</sup>. A classificação dos espaços vai fazer

<sup>67</sup> 19/09/1920. *Cyprestes*. **A Tribuna**. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 02, nº 54, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>68</sup> CATROGA, 1999. Op. Cit., p.16.

<sup>69</sup> MORIN, 1976. Op. Cit., p.75.

<sup>70</sup> PAGOTO, 2004. Op. Cit., p.95.

<sup>71</sup> Idem, p.74.

<sup>72</sup> PESAVENTO, 1999. Op. Cit., p.83.

parte dessa sociedade onde higiene e técnica irão andar juntos em nome do corpo sadio. Assim caminhou a reforma urbana de Paris liderada por Hausmann, que deslocou os cemitérios para os limites da cidade<sup>73</sup>.

A ideia sanitária, que vai atingir Uberabinha, nasceu junto com a questão urbana. Os dados que antes eram baseados na sensibilidade vão dar lugar aos técnicos. O limite não é mais o natural e sim a ciência, a exatidão técnica<sup>74</sup>. Dentro do organismo vivo, o espaço urbano, que não precede à vida econômica, política ou social (que caminham juntas), é espaço com códigos a serem interpretados, a cidade é, portanto, nas palavras de Robert Moses Pechmann, uma “*floresta de signos*”<sup>75</sup>. A rua agora é símbolo dessa organização do corpo físico e social<sup>76</sup>. Território abstrato não existe, também nos espaços de enterramento<sup>77</sup>.

Nessa nova concepção de vida urbana, do organismo saudável, onde o especialista sugere, o Estado executa e o povo obedece, como fora nas reformas urbanas do Rio de Janeiro do início do século XX, onde a renovação urbana se voltava para Paris e contra grande parte da vontade da população<sup>78</sup>, a disciplina está acompanhada da higiene. A aglomeração passa a ser sinônimo de desordem, enquanto a circulação, de ordem<sup>79</sup>. O espaço cemiterial, nesse novo modelo de cidade não pode desprezar a individualidade, não pode “*ao que se ouvem algumas pessoas autorizadas e ao próprio coveiro Jorge esta petição de miséria e já não se póde nelle abrir uma cova sem encontrar despojos frescos*”<sup>80</sup>, por questão de saúde, de civilidade, de progresso, de individualidade.

Como no cemitério moderno há uma ligação íntima da cidade nas representações dentro do espaço dos mortos, conforme explica Catroga, “*os ideais defendidos para a polis deveriam*

---

<sup>73</sup> Idem, p.85.

<sup>74</sup> BRESCIANI, Maria Stella. *Permanência e ruptura no estudo das cidades*. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. *Cidade e História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992, p.16

<sup>75</sup> PECHMANN, Robert Moses. *Um olhar sobre a cidade: Estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade*. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. *Cidade e História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992, p.41.

<sup>76</sup> Idem, p.34.

<sup>77</sup> ROLNIK, Raquel. *História urbana: história na cidade?* In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. *Cidade e história. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992, pp.28-29.

<sup>78</sup> PESAVENTO, 1999. Op. Cit., pp.169-170.

<sup>79</sup> PECHMANN, 1992. Op. Cit., p.34.

<sup>80</sup> 19/09/1920. *Cyprestes. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 02, nº 54, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

enformar a própria necrópole”<sup>81</sup> e que todo e qualquer espaço é construído, fruto do desejo dentro de uma perspectiva econômica e social de indivíduos<sup>82</sup>, as reformas urbanas e cemiteriais também atingiram Uberabinha.

### **1.2 Uberabinha/Uberlândia: Representações de uma cidade**

*Por um dia chuvoso em que fazíamos uma viagem penosa por Goiás, é que nos veio esta idéia: Ford autor desta maquina... merece uma estatua na boca desse sertão que desbrava e corta em todas as direções... Portanto, pensamos: mãos a obra... para que se aqui em Uberabinha, ponto de intercepção de estradas de automóveis, por onde transitam milhares e milhares de Ford, a estatua desse grande operário. Dirão: Henrique Ford já tem sua estatua nesse carro a que não querem dar o nome de automóvel. Muito bem. Mas essa estatua tem rodas, corre, voa pelo meio dos serrados, sobe morro, etc., etc. Nós queremos uma aqui em Uberabinha fixa aqui; no lugar onde nossa Câmara determinar, bonita, grandiosa, imponente... E lá estará Henri Ford, o grande inventor dessa pequena maquina que foi incontestavelmente o curinga de nossos sertões<sup>83</sup>*

A crônica acima que será trabalhada ao longo deste tópico ajuda a procurar entender a quem pertencem os mortos na Uberabinha da década de 1920. É necessário estudar as representações elaboradas e almeçadas pelas elites econômicas e políticas locais. O objetivo ao estudar as reformas e transformações urbanas na Uberabinha, que passará em 1929 a ser denominada Uberlândia, tendo em vista compreender o seu trato com as necrópoles e os mortos, passa pela análise das representações sociais.

Dessa forma, uma das questões levantadas será como o processo de urbanização e higienização, presente naquele período dentro do contexto brasileiro<sup>84</sup>, adentrou Uberabinha/Uberlândia e como esse novo modelo de viver no urbano, que atingiu os cemitérios, contribuiu para o culto cívico ao progresso desta localidade, como da citação acima exaltando Henry Ford. Outra questão que será trabalhada, diante da ideia modernista do início do século XX que ser urbano significa ser moderno<sup>85</sup>, é como o poder público de Uberabinha/Uberlândia trabalhou nesse sentido, especialmente na construção, ampliação e desconstrução dos espaços urbanos, entre eles os cemitérios.

<sup>81</sup> CATROGA, 1999. Op. Cit., p.16.

<sup>82</sup> BETTANINI, Tonino. *Espaços e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p.68.

<sup>83</sup> 31/05/1926. *Uma estatua de Henri Ford em Uberabinha. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 08, nº 334, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>84</sup> GUNN, Philip e CORREIA, Telma B. *O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade*. In: BRESCIANI, Maria S. (Org). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001, p.232.

<sup>85</sup> REIS, João J. *A Morte é uma Festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.268.

Quando um periódico, no caso *A Tribuna*, exalta um personagem símbolo do moderno, e levanta a possibilidade de erguer uma estátua ao mesmo, é fundamental fazer a relação entre as construções, os espaços urbanos e suas representações, que além de não serem operações neutras, transmitem valores de uma coletividade<sup>86</sup>. É necessário ler a paisagem, não somente do cemitério, mas de todo um contexto a sua volta, entendendo que; “*ela foi produzida e se nos apresenta de modo sensível, visível. E destes, remontar, mas não mecanicamente, aos sistemas culturais que nos orientam a ler deste ou daquele modo a paisagem: aos modos pelos quais o mundo vem a ser especializado, isto é, conhecido e dotado de valor*”<sup>87</sup>.

Neste sentido, ao dialogar com os espaços existentes e até mesmo com aqueles que foram extintos, levantando questões sobre as motivações para novas edificações e extinção de outras, é necessário problematizar pelo viés das representações sociais. Antes de fazer esta análise relacionando os espaços cemiteriais em Uberabinha, e o mesmo como melhoramento urbano, é preciso buscar entendimento do que naquele período era entendido como benfeitoria do poder público e que conseqüentemente contribuía para a construção do ideal progressista desta localidade<sup>88</sup>, projetando assim os anseios, os desejos de uma fração dessa coletividade.

Buscando entender e fazer a leitura de Uberabinha na década de 1920, este trabalho se vale em muito das fontes jornalísticas. Evidentemente que na pesquisa as atas da Câmara Municipal, como também mapas, fotografias, revistas e os próprios livros de registros dos cemitérios, são importantíssimos para analisar a ideia de sociedade desta localidade naquele período. Mas, como dito anteriormente a pesquisa faz uso recorrente de periódicos porque em apenas dez anos, de 1920 à 1929, circularam em Uberabinha 26 jornais, uns com mais tempo de circulação, como *A Tribuna* que adentra a década de 1930 sendo extinto em 1942, e outros com poucas edições não completando um ano de existência como *O Sabre* (1920) *O Alarme* (1924) *A Garra* (1927)<sup>89</sup>. Segundo Newton Dângelo, “*A proliferação de jornais semanais, quinzenais, alguns diários e poucas revistas, nos dão a medida das dificuldades de apropriação de um*

---

<sup>86</sup> BETTANINI, 1982. Op. Cit., pp.22-23.

<sup>87</sup> Idem, p.62.

<sup>88</sup> BRESCIANI, Stella. *Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950)*. In: BRESCIANI, Maria S. (Org). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001, pp.347-349.

<sup>89</sup> DÂNGELO, Newton. *Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção do rádio. Cultura popular, lazeres e sociabilidade urbana – Uberlândia 1900/1940*. Uberlândia: EDUFU, 2005, pp. 95-97.

*público leitor fiel a estas publicações, muitas das vezes de existência temporária e de restrita circulação aos meios mais intelectualizados*”<sup>90</sup>.

Mesmo que o público fosse restrito não se pode desconsiderar o alcance e objetivo de tais periódicos. Nesse período, conforme analisa Tânia Regina de Luca<sup>91</sup>, os intelectuais ansiavam por influir nos destinos do país, apontar caminhos, forjar políticas de ação, por se considerarem os únicos capazes de interpretar corretamente o mundo (inspirados nitidamente pelo pensamento iluminista). São criadas nesse período as ligas e as agremiações nacionalistas, como também os periódicos destinados a provocar o debate político. Um exemplo disto, foi a criação de *A Revista do Brasil* cuja estreia no dia 25/1/1916, tinha em seu corpo editorial médicos, engenheiros, professores, advogados, políticos pertencentes à elite paulista. O projeto da revista tinha em seu discurso, o problema primordial do país: a ausência de uma consciência nacional, capaz de transformá-lo em um todo organicamente estruturado.

Outro detalhe, não menos importante, na análise desse tipo de fonte se dá na função do receptor. Segundo Roberto Ventura, que trabalhou com debates, disputas e até mesmo desafios promovidos por periódicos no final do século XIX e início do XX, “*o leitor é promovido à posição de árbitro na disputa*”<sup>92</sup>. Os debates políticos, como também notícias do cotidiano, que não deixam de ser políticas, passam a ser impressos, e mesmo em uma população pouco letrada tem sua repercussão e divulgação de ideias pela análise e recepção dos mesmos. Outra hipótese é que, por um lado esses periódicos foram criados para “propagandear” grupos políticos; por outro lado, tem-se nesse momento uma imprensa fragmentária com jornais ligados a grêmios literários ou voltados para uma especialidade como os satíricos.

Voltando a Uberabinha, na leitura feita por Raphael Ribeiro:

*No trato com esta fonte, será importante destacarmos que se trata de um espaço político de intensos conflitos, de reivindicações para suprir seus interesses que, longe de serem neutras, ajudam a difundir ideias e comportamentos. Não podemos compreendê-los como voz da população, ao contrário, nas suas brechas, quando denuncia os entraves ao progresso, deve-se investigar seus anseios e ações materializadas cotidianamente e tentar identificar quais são seus interlocutores.*<sup>93</sup>

<sup>90</sup> DÂNGELO, 2005. Op. Cit., p.40.

<sup>91</sup> LUCA, Tânia R de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999, pp. 46-47.

<sup>92</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.148.

<sup>93</sup> RIBEIRO, Raphael A. *Almas enclausuradas: prática de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)*. Uberlândia. UFU (Dissertação de mestrado), 2006, p.33.

A citação no início do texto, *Uma estátua para Henri Ford em Uberabinha*, tendo em vista todo o cuidado na leitura de periódicos, representa bem os anseios das elites da cidade daquele momento. Falar, tecer elogios a um automóvel era afirmação da modernidade e do progresso que chegava aos sertões, que se fazia presente na Uberabinha de 1920. A ideia é muito maior que uma homenagem ao inventor de tal máquina, mas de se afirmar na marcha para o progresso, uma vez que, o veículo motorizado representava a adaptação do homem à máquina, a racionalização no sentido da personificação do homem-máquina<sup>94</sup>. O automóvel visto muito mais que um meio de locomoção, mas como domínio do homem sobre a natureza<sup>95</sup>.

O autor da crônica afirma, em seu apelo, a favor da edificação da estátua, já que Henry Ford criou a máquina *tem rodas, corre, voa pelo meio dos serrados, sobe morro, etc., etc.* Mas, na prática, mesmo com ideias de ruas personificadas<sup>96</sup>, vivas dentro do corpo urbano, a realidade de Uberabinha era outra. A paisagem urbana do início do século XX era marcada por ruas irregulares, uma continuidade das cidades coloniais brasileiras<sup>97</sup>. Longe ainda do desenvolvimento almejado, como poucas vias pavimentadas, a cidade como também a região não permitia uma maior velocidade, ou o *voou* daqueles veículos sobre rodas. Fazendo uma análise de uma fotografia da década de 1910, onde o carro necessita de quatro homens para tirá-lo do atoleiro, Newton Dângelo assim descreve a relação homem máquina na região:

*Um fato também significativo da presença do automóvel nas ruas da cidade e sua importância na modificação de toda uma tradição rural era a presença nos jornais – desde a chegada, em 1912, do primeiro Ford Bigode, um carro de passeio – de repetidas reclamações da imprudência dos motoristas que corriam pelas ruas da cidade, pondo em risco a vida dos pedestres. Na fotografia apresentada a seguir, observa-se a incorporação dessa nova engenhoca moderna de quatro rodas, embora as condições em que os automóveis trafegavam não fossem as mais adequadas: estradas e ruas de terra, árvores plantadas após os limites das calçadas. Eram rastros do mundo rural que sobrevivia, apesar do discurso do progresso<sup>98</sup>.*

<sup>94</sup> SEVCENKO, 2000. Op. Cit., pp.87 e 93-94.

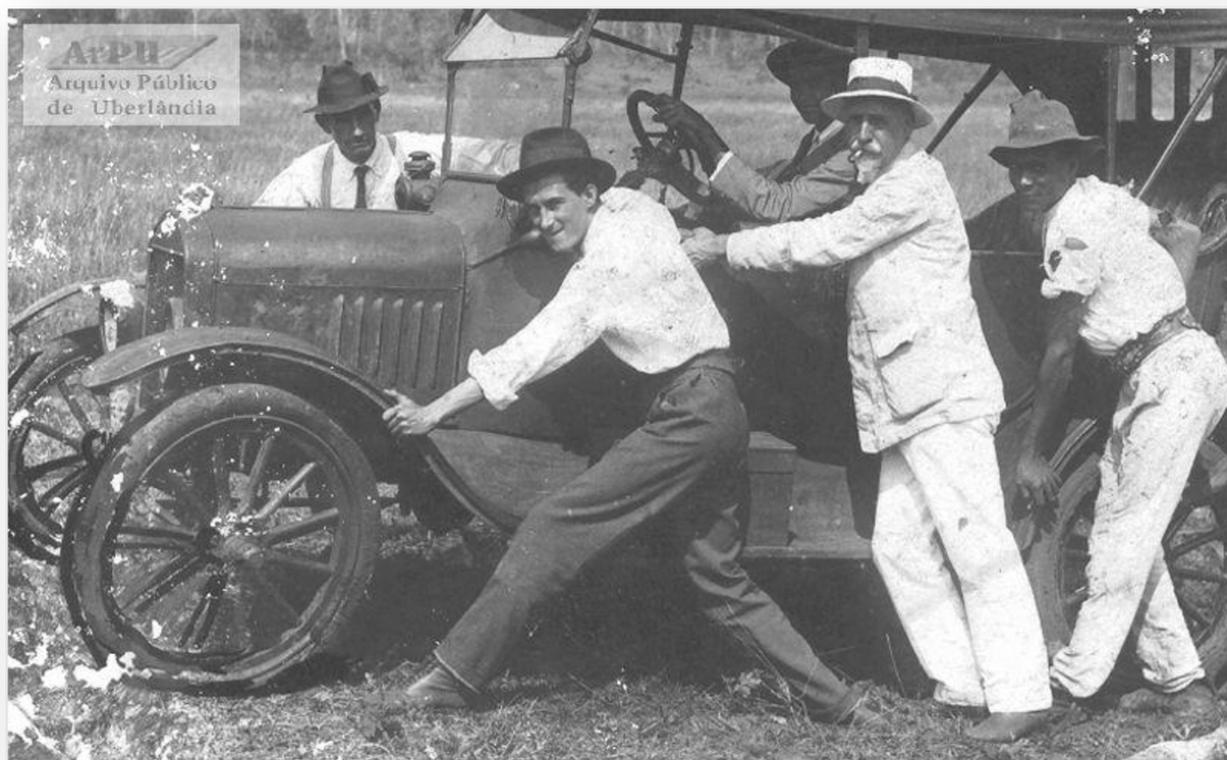
<sup>95</sup> PESAVENTO, 1999. Op. Cit., p.195.

<sup>96</sup> Idem, p.201.

<sup>97</sup> Idem, p.164.

<sup>98</sup> DÂNGELO, Newton. *Vozes da cidade: rádio e cultura urbana em Uberlândia MG – 1939/1970*. Uberlândia: EDUFU, 2012. p.54.

**IMAGEM 1 - Foto. Homens e o automóvel. Década de 1910.**



Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Acervo imagens. AE DOADAS 0264.

Ainda sobre a região e a urbanização, e seu consequente atraso diante do progresso almejado, ou conforme as crônicas, já alcançado, Florisvaldo Ribeiro Jr., afirma:

*Não obstante as promessas de prosperidade e progresso material contidas no trânsito das locomotivas, os processos de dinamização da economia e modernização da região mantiveram-se lentos. As cidades permaneciam atravessadas pela precariedade, enquanto espaços urbanos. A despeito de abrigarem os poderes constituídos, legislativo/executivo e judiciário, e desenvolverem uma rede de serviços públicos como fornecimento de luz, água e telefone, não seria exagerado dizer que, um pouco além de 1930, os aglomerados urbanos da região apresentavam-se como extensão do mundo rural, seja pela estrutura física e os serviços públicos prestados à população, seja pelo modo de vida predominante<sup>99</sup>.*

O fato é que mesmo com a criação em 1912 da Companhia Mineira de Auto-Viação<sup>100</sup>, e mesmo com a construção da ponte Afonso Pena que ligava o Triângulo Mineiro a Goiás e Mato Grosso depois de uma negociação com o governo diante das pressões para criação do Estado do

<sup>99</sup> RIBEIRO JR. Florisvaldo P. *O mundo do trabalho na ordem republicana: a invenção do trabalhador nacional. Minas Gerais 1888-1928*. Brasília: UnB (Tese de doutorado), 2008, pp.109-110.

<sup>100</sup> MACHADO, 1990. Op. Cit., pp.42-43.

Paranayba, o número de veículos em função das condições das estradas, não somente de Uberabinha e região como do sertão do Brasil, dificilmente alcançaria a marca de milhares. Mas, a vontade de ter um monumento a Henri Ford afirmaria Uberabinha como cidade destaque na região, pelo desejo dela ser vista como ponto de ligação econômica do sertão. Também, a estátua está ligada a uma geografia cívica e urbana<sup>101</sup>, que seria alusiva muito mais às elites locais que supostamente promoviam o desenvolvimento e progresso do município, do que ao próprio homenageado.

Essa análise com base da fonte no início do tópico tem ligação no estudo dos espaços cemiteriais: ambas são extensões do pensar urbano. A edificação ou não de uma estátua e o que está inserido na possibilidade de construção de tal monumento diz muito a respeito do que as elites projetam sobre sua cidade. Da mesma forma, a construção, desconstrução e ampliação de espaços cemiteriais estão inseridas nesse modelo de cidade.

Por essa razão, torna-se importante a análise dessas ações pelas práticas e as representações culturais que além de heterogêneas, não são neutras:

*É apenas pela diferenciação da lógica que governa as práticas da representação, que jamais são neutras, que estão sempre indissociavelmente ligadas às questões, estratégias e conflitos específicos, que se pode apreender, de uma certa maneira, as práticas representadas e conduzir sobre elas uma análise, difícil e instável*<sup>102</sup>.

Nessas relações cabe observar, pela leitura das atas, projetos de leis e publicações em periódicos, como através dos espaços cemiteriais, com seus signos e códigos reconhecidos socialmente, representam, formam e transmitem valores comportamentais coletivamente apropriados. Entendendo o urbano e as necrópoles através das reformas e transformações neste espaço, a cidade e como seus símbolos contribuem para classificações sociais, uma vez que, conforme explica Bronislaw Baczko: “a função do símbolo não é apenas instruir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os comportamentos individuais e coletivos, indicando as possibilidades de êxito dos seus empreendimentos”<sup>103</sup>.

Diante de todo o processo de urbanização, não somente do erigir de um monumento, mas de outras práticas modernistas, como as práticas de higiene, que veremos a seguir, as noções de embelezamento, novo, velho e da manutenção de tradições (no capítulo seguinte) como também

<sup>101</sup> SEVCENKO, 2000. Op. Cit., p.103.

<sup>102</sup> CHARTIER, Roger. *A verdade entre a ficção e a história*. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011, p.353.

<sup>103</sup> BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social. Volume V*. In: LEACH, Edmund et Alii. *Enciclopedia Einaudi. Antropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985, p.311.

inovações são refletidos nas atitudes diante dos cemitérios. Analisando a realidade de grupos sociais envolvidos neste processo, Denise Jodelet, afirma que diante dos grupos sociais, com suas ações e conflitos que dão dinamismo ao social, é possível entender distintas realidades pelas representações:

*Estas representações formam um sistema e dão lugar a teorias espontâneas, versões da realidade encarnadas por imagens ou condensadas em palavras, umas e outras carregadas de significações – concluiremos que se trata de estados apreendidos pelo estudo científico das representações sociais. Finalmente, por meio destas várias significações, as representações expressam aqueles (indivíduos ou grupos) que forjam e dão uma definição específica do objeto representado. Estas definições partilhadas pelos membros de um mesmo grupo constroem uma visão consensual da realidade para esse grupo. Essa visão, que pode entrar em conflito com a de outros grupos, é um guia para as ações e trocas cotidianas – tratam-se das funções e da dinâmica social das representações<sup>104</sup>.*

Essa dinâmica social, através do culto cívico, da máquina que domina a natureza, liga outra virtude de uma sociedade destinada ao progresso: o trabalho. No mesmo periódico que clamava por uma *estatua desse grande operário*, lembrava aos seus leitores que mesmo que Uberabinha não conquistasse um lugar de destaque no futuro, o povo no presente, já tinha em si o labor com qualidade intrínseca: “...Uberabinha poderá não ser tão rica, tão populosa, tão grande quanto as suas irmãs, as suas terras poderão ser arenosas, as suas matas poderão ser mais raras, mas, os seus homens não deixam para amanhã o que tem para fazer hoje...”<sup>105</sup>.

O destacar da população, e de representá-la associada ao mundo do trabalho, faz parte do ideal moderno em que os homens na dinâmica do labor industrial estão inseridos na velocidade que esse novo tempo exige: não deixar, como diz a crônica, para o amanhã. A rapidez passa a fazer parte de viver urbano, conforme explica Maria Stella Bresciani, em sua análise sobre Londres e Paris, referências diretas ao modernismo que era desejado pelas elites no Brasil daquele período,

*Com certeza, nessa primeira metade do século, as atividades urbanas haviam perdido qualquer vínculo como o tempo da natureza; de há muito se encontram subordinadas ao tempo abstrato, ao dia implacavelmente dividido em 24 horas. A introjeção dessa específica noção de tempo é, como afirma Thompson (Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial), indispensável para a constituição da sociedade. Ele arranca o homem da lógica da natureza, dos dias da duração variada de acordo com as tarefas a cumprir no decorrer das diversas estações do ano, e o introduz ao tempo útil do padrão, o tempo abstrato e produtivo, o único concebido como capaz de gerar abundância e*

<sup>104</sup> JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001, p.21.

<sup>105</sup> 06/07/1922. *A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor proprietário Agenor Paes. Ano 04, nº 151, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*riqueza, e, mais importante ainda, o único capaz de constituir a sociedade disciplinada de ponta a ponta.*<sup>106</sup>

O tempo, o homem e o trabalho estão ligados pelas atividades urbanas que se resumem a duração e instante. Rompendo com o tempo natural pelo tempo dividido do relógio, o tempo do trabalho, pretende “Introjetar um relógio moral em cada trabalhador é parte de toda uma estratégia burguesa, que tem como meta sua disciplinarização”<sup>107</sup>.

Classificar o povo de Uberabinha a esse novo mundo do trabalho é estratégico no campo das representações. O trabalho está associado a uma moral proletária que “construindo uma moral do dever e da honra, através da obediência a um código pelo qual só aqueles inseridos formalmente no mundo do trabalho, como trabalhadores efetivos, podem ser dignos de respeito”<sup>108</sup>. A construção dessa moral modernista demarca o local do restante, onde com base no darwinismo social<sup>109</sup> somente os mais aptos vão sobreviver, obviamente pelo trabalho, ordem e disciplina. Povo progressista é povo ordeiro:

*Evidentemente, no discurso oficial, o ‘progresso’ só se concretiza na ‘ordem’. Escamoteando os conflitos sociais, o progresso é, no espaço urbano, o elo de estreitamento entre as divergências de classe. Indiferente ao lugar que ocupa na sociedade, detentores do capital e ‘despossuídos’ realizam, através do trabalho, a projeção da cidade no cenário nacional*<sup>110</sup>.

A representação de um povo trabalhador, tanto da parte de periódicos, como de literatos do período<sup>111</sup>, como no caso do homenageado da estátua, está na disseminação do ideal e de interesses das elites a seu respeito e promoção, conforme explica Florisvaldo Ribeiro Jr,

*As ações que as elites procuravam implementar no sentido da modernização encontravam-se presididas por significados e expectativas tradicionais, isto é, de preservação dos interesses pessoais e clientelistas. Essas mesmas elites, intelectuais, políticas e proprietárias, em meio à experiência da modernidade, procuravam retomar o*

<sup>106</sup> BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004, pp.17-18.

<sup>107</sup> MACHADO, 1990. Op. Cit., p.39.

<sup>108</sup> Idem, 34.

<sup>109</sup> BRESCIANI, 2004. Op. Cit., p.31. A ideia de que o pobre não tem moral. Na concepção do eugenismo e sanitário muito fortes no século XIX, há uma relação entre pobreza, marginalidade, imoralidade e crime. Neste contexto classe operária está em formação. A construção de uma moral proletária é demarcar local e se demarcar do restante. Ideias dessa natureza, conforme explica a autora ganham impulso com a teoria do darwinismo social. Os mais aptos vão sobreviver. “Na década de 1880, o darwinismo social proporcionou a cobertura biológica para a teoria da degeneração urbana hereditária, reforçando a posição privilegiada do imigrante para as tarefas especializadas e de responsabilidade”.p.31.

<sup>110</sup> MACHADO, 1990. Op. Cit., p.37.

<sup>111</sup> “A população é hospitaleira, franca e ativa, concorrendo tudo isso para o seu engrandecimento. O povo é laborioso e inteligente. Enquanto os homens trabalham na roça, as mulheres dos agregados fiam e tecem. Todos cuidam com amor de sua obrigação. Aqui não se conhece ociosidade”. CAPRI, Roberto. *Município de Uberabinha: (phísico, e econômico, administrativo e suas riquezas naturais e agrícolas)*. S. P., Capri Andrade Editores, 1916, p.21.

*controle do fluxo do tempo, dos corpos, dos espaços, visando impor à transformação um sentido de reforma concedida. Do alto de suas perspectivas, tornava-se imprescindível restituir ao curso da história as marcas da continuidade, da linearidade e da previsibilidade – elementos naturalizantes da exploração, exclusão social, e práticas autoritárias*<sup>112</sup>.

Outro ponto importante nesse movimento de organização do espaço urbano é a saúde da população, que trabalharemos melhor no tópico seguinte. Mas, aqui cabe ressaltar que o movimento sanitarista que se deslocava do litoral para o sertão nas três primeiras décadas do século passado, fazia do interior do Brasil um grande paciente a ser curado, moralizado e civilizado, através dos melhoramentos estéticos e higiênicos<sup>113</sup>. Esse movimento de saúde e civilizatório, conforme Erika Bastos Arantes, “*adotado de cima para baixo representou também, através do aparato repressivo legitimado por teorias científicas, a imposição da vigilância, do controle e da disciplina para toda a população*”<sup>114</sup>. Em Uberabinha, em função da falta de um equipamento de saúde organizado dificultou a ação do município na repressão de determinadas atitudes não saudáveis, encontrou dificuldades<sup>115</sup>.

A singularidade de Uberabinha, ao menos uma delas, é que essa ruptura do tempo da natureza e o tempo “urbano” só vão ocorrer mais tardiamente, ainda que os signos do moderno operem classificando e estigmatizando os habitantes da cidade.

Essas preocupações trabalhadas acima acerca das representações da cidade servem como pano de fundo da problematização dos temas do tópico seguinte. Com toda a preocupação de medicar, higienizar e disciplinar o espaço urbano, e de até mesmo erigir uma estátua a Henri Ford, onde ficaram os mortos nesse período? Como foi tratada a questão cemiterial na década de 1920? Esse tema, como das mortes e epidemias serão trabalhados a seguir.

<sup>112</sup> RIBEIRO JR, 2008. Op. Cit., p.103.

<sup>113</sup> RIBEIRO JR, 2008. Op. Cit., pp.97 e 105.

<sup>114</sup> ARANTES, Erika Bastos. *Negros do porto. Trabalho, cultura e repressão policial no Rio de Janeiro, 1900-1910*. In: AZEVEDO, Elciene; CANO, Jefferson; CHALHOUB, Sidney; CUNHA, Maria Clementina Pereira. *Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009. p.119

<sup>115</sup> RIBEIRO, 2006. Op. Cit., p.25. “*Porém, na cidade de Uberlândia a classe médica não estava bem organizada, contava com pouquíssimos profissionais atuando na região que inclusive faziam parte de um sistema itinerante, em que ‘doutores’ aportavam por seis meses até um ano criando clínicas por onde passavam. Antes da fundação da Sociedade Médica de Uberlândia, em 1945, o que se percebe são atuações isoladas, diferentemente do que ocorrera em outras grandes cidades do país, nas quais as intervenções disciplinizadoras foram mais significativas, especialmente no que diz respeito às suas ações. Todavia, os intelectuais da cidade, a exemplo do que ocorrera em todo o país, foram atuantes em defender um tipo de comportamento físico e moral como saída única para o engrandecimento da nação*”.

Quanto à homenagem a Henri Ford, ela não saiu. Ainda assim, a imagem desse personagem é um símbolo do que as elites pensavam e projetavam na Uberabinha da década de 1920. A citação abaixo da exposição de um novo modelo Ford, é apenas um trecho de uma página inteira dedicada ao carro, a Henri Ford (inclusive com afirmações suas sobre o que representa o automóvel), mas acima de tudo aos proprietários da concessionária e aos que partilham do progresso e modernidade que um Ford proporcionava:

*DO NORTE AO SUL – O reflexo de um cérebro genial é como a luz que penetra em todos os cantos. A organização FORD pela sua atuação, como a luz de um novo sol se reflete nos mais recônditos lugares do universo. E quando essa organização tangida por mãos hábeis, encontra – como auras sonoras – receptação, vibram como cordas sensíveis. O que foi a exposição do novo carro Ford na Agencia Ford desta cidade, uma organização perfeita que gira sob a direção dos experimentados negociantes CARNEIRO & CINTRA<sup>116</sup>.*

### ***1.3 A ampliação da antiga necrópole e a construção de um novo espaço cemiterial***

*Não foram poucos os applausos recebidos por esta folha pelo seu artigo, sobre o cemitério local, publicado a semana passada. Isto é consolador e prova ainda a generosidade do nosso povo que não applaude os actos da administração que assim procede para com aquelles que nos merecem a mais solemne veneração. De resto o assumpto tem sido tratado, em nossas columnas, mais de uma vez para que todas saibam do nosso apoio a esse deselo da administração municipal, e, se nesse momento saímos da serenidade que nos é peculiar para trazer a publico factos repugnantes como os apontados em nosso numero passado, culpa tem n'a aquelles que á frente dos nossos serviços públicos não nos ouviram e desprezaram as queixas do povo que traduzimos com a sinceridade de sempre. Agora é fácil com nossas palavras as razões que nos assistiam, quando melhor a avisávamos aos nossos homens públicos o seu verdadeiro caminho. E se dentro das suas consciências não puderem pairar, tranquilamente as nossas phrases de então, gravem-se, ao menos no, as razões de sempre estiveram connosco para que amanhã outros erros não sejam igualmente cometidos embora apontados por quem só deseja o maior bem estar de Uberabinha<sup>117</sup>.*

Os elogios que o autor da crônica se refere no trecho transcrito acima é sobre *Parce Sepultis*, texto que está no início deste capítulo, que fora publicado na semana anterior em que relatava a situação precária e de desrespeito aos mortos no Cemitério Municipal. Conforme trabalhado na seção anterior a relação entre o público leitor e do material publicado, fazendo destes leitores julgadores do que era noticiado, parece ter sido o caso da matéria acima em que o

<sup>116</sup> 04/03/1928. *DO NORTE AO SUL. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 10, nº405, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>117</sup> 26/07/1927. *A questão do Cemitério. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 09, nº 374, p.5. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

cronista recebeu aplausos diante da reclamação. Aqui, importante ressaltar, que diante das “queixas do povo”, a imprensa se apresenta como porta-voz desse “povo”.

Mas, esse descontentamento com a situação da necrópole do município em 1927, não tinha sido a primeira em Uberabinha. Pelo anseio da cidade moderna e progressista, o cemitério edificado em 1881 que antecedeu o aludido na crônica acima, também apresentou antes de sua desativação na década de 1910 problemas quanto o seu aspecto. Em Uberabinha, nas décadas de 1900, 1910 e 1920 a discussão sobre o que fazer com os espaços cemiteriais existentes esteve presente com boa frequência, não somente em textos publicados nos periódicos locais, como também nas reuniões da Câmara Municipal.

Nesse contexto em que os ideais modernos se achegam com mais ênfase em Uberabinha, durante esse período de transição, uma pergunta interessante a ser feita ao estudar esse período é a seguinte: qual o lugar dos mortos na cidade? Ao ler as crônicas de 1920 é preciso ter em mente que essas não tinham sido as primeiras reclamações sobre o local dos mortos na cidade. Antes de desativar o segundo cemitério em 1916, muitas foram as solicitações nos periódicos locais para que se fizesse algo no lugar da antiga necrópole, em razão do abandono que o local se encontrava.

*Já temos pela imprensa, mais de uma vez nos referido ao abandono em que jáz o pobre cemiterio. Todas as vezes em que passo junto às ruínas parece-me que ouço o gemido dos pobres mortos, lamentando o esquecimento em que jazem. No entanto, entre as raças menos civilizadas, nós vamos encontrar a veneração que dedicam aos seus queridos mortos<sup>118</sup>.*

Como, segundo o autor da crônica, o estado do velho cemitério nesse período de transição era deplorável em função do esquecimento dos que ali estavam sepultados, a edificação de uma praça era vista como uma boa saída para aquele local até então abandonado, lamentando assim o descaso das autoridades municipais com os restos mortais daqueles que contribuíram para a construção de Uberabinha.

*Realmente é triste, toca ao coração ver-se aquella santo lugar, em que repousam mortos illustres e queridos, reduzidos a um estado assim! Sabemos que não se fará a conveniente e necessaria trasladação dos ossos alli existentes com as formalidades para o novo Campo Santo, e assim lembramos mais uma vez ao publico a ideia que tivemos de fazer d'aquella praça um jardim, porquanto, antes cobrir-se de flores o cemiterio velho do que deixa-lo reduzido a pasto como se acha elle actualmente<sup>119</sup>.*

<sup>118</sup> 03/11/1907. *O Velho Cemitério. O Progresso*. Autor desconhecido. Redatores chefe e proprietários: Sr. Acácio de Azeredo e Sr. Joaquim Cupertino. Ano 01, nº 07, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>119</sup> 04/05/1907. *Medidas Urgentes. Nova Era*. Autor desconhecido. Redator chefe e proprietário, Sr. Nicolau Soares. Ano 01, nº18, p.1. Além dessa crônica, nesse mesmo periódico, há o mesmo pedido em “*Jardim*” datado de 09/03/1907, que já abordava o assunto.

Esse apelo por modificações no terreno do antigo cemitério partia de um modelo mais “*agradável*” de ser visto e assim menos “*triste e revoltante*”<sup>120</sup>. Importante observar também a localização deste cemitério municipal de 1881. Na época foi edificado fora do perímetro urbano da cidade. Esse afastamento dos cemitérios da área que será compreendida como central da cidade no século XX, deixando na inauguração nos limites urbanos da cidade, mais do que estar ligado a uma ideia de não aceitação da morte ou de relação das reformas urbanas com progresso, pode estar diretamente ligada a políticas higienistas para a cidade de Uberabinha. Essa política foi reforçada no ano de 1913, pois “*a higiene pública é alvo de severa atenção, ocupando um terço dos artigos de Códigos de Posturas*”<sup>121</sup>.

Se o antigo cemitério atrapalhava o plano de uma nova Uberabinha por estar localizado no centro da cidade, a necrópole que já fora edificada fora do perímetro urbano no final do século XIX, tinha como problema, além de uma super lotação, sua divisão espacial, como veremos a seguir. As concepções sobre o morrer e as práticas fúnebres acompanharam as mudanças ao novo modelo de cidade proveniente da Europa, que atingira cidades como Rio de Janeiro e São Paulo e que aos poucos adentrava o interior do país. Essas novas relações entre vivos e mortos dentro da urbe, Dillmann assim explica:

*A morte e o enterro passaram a ser tratados como elementos a serem pensados no contexto das novas ideias de modernização. Os cemitérios não mais faziam apenas parte da urbanidade, mas também representavam concretamente as mudanças de atitudes, percepções e comportamentos... No início do século XX, disposições médicas, higiênicas e de saúde pública fizeram parte do cotidiano da vida nos centros urbanos. Os preceitos sanitários visando à manutenção da limpeza das casas, das ruas e os ambientes de uso público eram regulares e vistas como necessárias, tanto pelos políticos, quanto pela classe média urbana, que tinha a imprensa como suporte de divulgação das ideias*<sup>122</sup>.

O Cemitério Municipal mesmo fora do centro e relativamente distante, na época, dos principais bairros de Uberabinha, não atendia o modelo de cidade moderna, progressista, civilizada e saudável que as elites da localidade tinham em mente. Ele não acompanhava o modelo das necrópoles modernas das grandes cidades brasileiras. As transformações urbanas coincidem com uma nova, ou diferente, atitude diante da morte. O deslocamento espacial é índice dessa mudança de atitude.

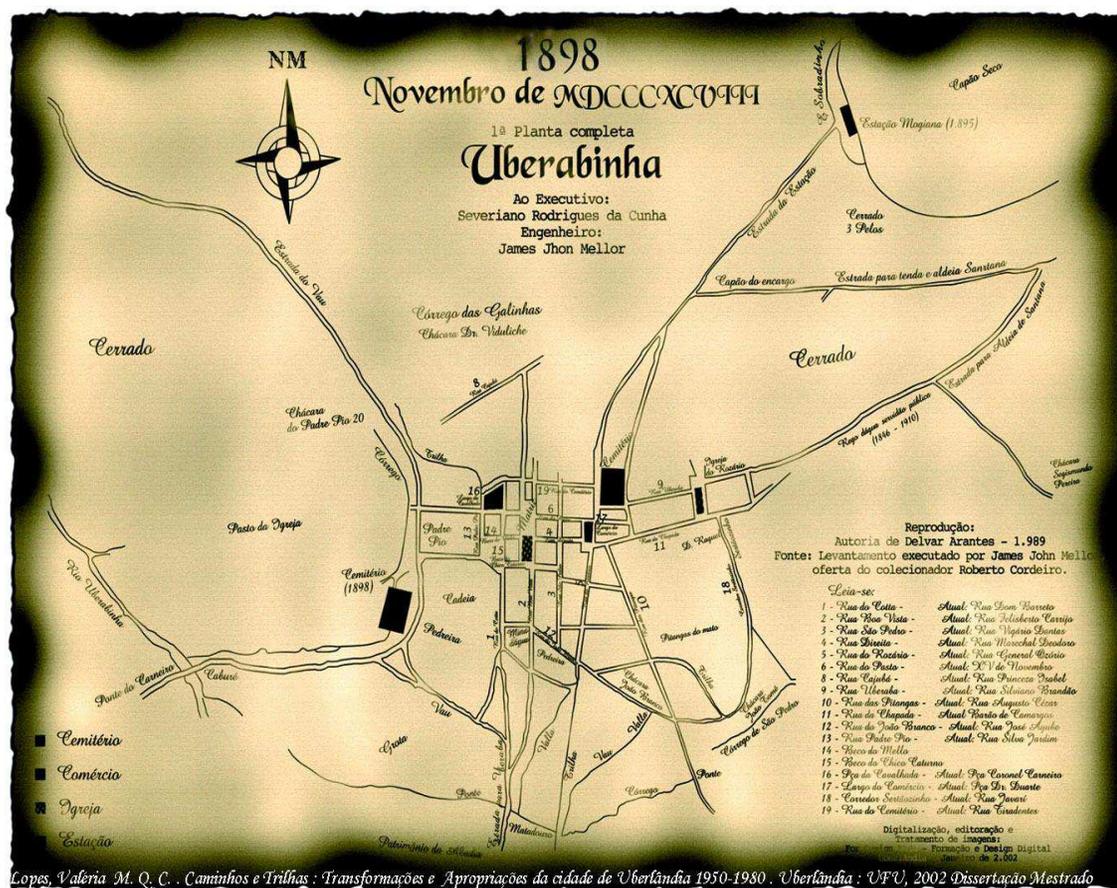
<sup>120</sup> No periódico *Nova Era*, ainda na crônica “*Medidas Urgentes*”, são esses os termos usados pelo autor.

<sup>121</sup> DANTAS, 2009. Op. Cit., p.130.

<sup>122</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., pp.127-128.

No mapa abaixo<sup>123</sup>, datado de 1898, é possível visualizar os cemitérios existentes em Uberabinha do final do século XIX e início do XX. Atendendo a um modelo moderno de cidade, especialmente próximo a antiga necrópole e Igreja Matriz (área central), a urbe conta com ruas retilíneas no seu novo traçado. Da mesma forma encaixa-se o cemitério edificado em 1898. Distante no período da área central e próximo de áreas não bem quistas dentro da urbe, como uma pedreira e cadeia.

**MAPA 1 – Mapa de Uberabinha em 1898.**



Ainda assim, no mapa de 1898 os dois cemitérios que se localizavam nos limites da cidade aparecem com relativo destaque. Já, na Planta de Uberabinha de 1915 o cemitério edificado pela Igreja em 1881 não aparece mais, dando lugar a Praça da Liberdade, atual

<sup>123</sup> Planta de Uberabinha em 1898. Atribuído a James John Mellor. Imagem cedida pelo Arquivo Público Municipal de Uberlândia. O mesmo encontra-se na obra de LOPES, Valéria M. *Uberlândia: histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos. Memórias, construção e apropriações dos espaços*. Uberlândia: EDUFU, 2010, p.20.

Clarimundo Carneiro. O detalhe em 1915 é que essa praça é apenas um projeto ainda não executado. A praça, bem como o paço municipal somente foram inaugurados no ano de 1917.

Além de observar um traçado, agora totalmente retilíneo, dentro de um ideal de velocidade e circulação, o cemitério não aparece no mapa. A necrópole, assim como a cadeia e a pedreira não fazem parte do urbano. A morte não tem mais destaque no projeto de uma nova e viva cidade.

Nessa análise é importante ressaltar que não apenas nos códigos representados nas lápides, o cemitério também informa pela localização e costumes no uso do próprio espaço e organização. Dessa forma, Michel de Certeau ao analisar as configurações espaciais do urbano afirma que:

*A cidade, à maneira de um nome próprio, oferece assim a capacidade de conceber e construir o espaço a partir de um número finito de propriedades estáveis, isoláveis e articuladas uma sobre a outra. Nesse lugar organizado por operações “especulativas” e classificatórias, combinam-se gestão e eliminação. De um lado, existem uma diferenciação e uma redistribuição das partes em função da cidade, graças a inversões, deslocamentos, acúmulos, etc.; de outro lado, rejeita-se tudo aquilo que não é tratável e constitui portanto os ‘detritos’ de uma administração funcionalista (anormalidade, desvio, doença, morte, etc.).*<sup>124</sup>

Como uma cidade dentro de uma cidade, o cemitério é a representação da cidade dos vivos na morada dos mortos. Lá os nomes, signos e localizações são repletos de sentidos, como na cidade “*impulsionam movimentos*”<sup>125</sup>, e organizam o espaço. Nas disposições espaciais tanto da necrópole dentro da área urbana, quando do interior do cemitério é criada a assim denominada, segundo Michel de Certeau em “A Cultura no Plural”, “*geografia do eliminado*”<sup>126</sup>. Tendo como pressuposto que “*toda organização supõe uma repressão*”<sup>127</sup>, essas considerações são necessárias para entender os cemitérios e as representações. O caso deste mapa de 1915<sup>128</sup> demonstra bem essa questão.

---

<sup>124</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3º edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p.173.

<sup>125</sup> CERTEAU, 1998. Op. Cit., p. 184.

<sup>126</sup> CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 3º edição. Campinas: Papirus, 2003, p.74.

<sup>127</sup> CERTEAU, 2003. Op. Cit, p. 81.

<sup>128</sup> Planta de Uberabinha em 1915. Imagem cedida pelo Arquivo Publico Municipal de Uberlândia. O mesmo encontra-se na obra de LOPES, Valéria M. *Uberlândia: histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos. Memórias, construção e apropriações dos espaços*. Uberlândia: EDUFU, 2010, p.49. A legenda na imagem foi elaborada pelo autor da dissertação em conjunto da orientadora.



Passado esse período e construída a praça no lugar do cemitério, o problema era a aparência do cemitério municipal, edificado em 1898. A falta de túmulos não dava um aspecto “digno” para os visitantes e isso foi sendo modificado através de ações no ano de 1918.

*Aos poucos o campo santo de Uberabinha vai se tornando povoado de tumulos que o tornam menos monotono e mais digno de ser visitado. Ainda gera nos últimos mezes, graças à operosidade do empreiteiro e constructor sr. Julio Ghedini foram construídos dezeseite modernos tumulos entre capellas e alegretes de flores que tiraram aquelle peso que predominava o descanso eterno dos mortos...*<sup>129</sup>.

Na mesma crônica que elogia o agora aspecto agradável do cemitério, aponta para problemas que até a desconstrução da outra necrópole não eram abordados, como, por exemplo, a higiene do local e o terreno acidentado:

*...Também a posição topográfica, o diminuto espaço e as faltas de zelo e higiene observadas pelo funcionário que desempenha as funções de zelador, tem concorrido para que a população de Uberabinha se afaste do Campo Santo temerosa de ver ossadas humanas ou pedaços de craneos expostos a vista. A digna autoridade a quem esta entregue a direção do municipio certamente vai tratar de adquirir o terreno necessário a ampliação do cemitério criando um regulamento interno que possa ser observado pelo zelador*<sup>130</sup>.

Outro fator aludido na crônica acima é a ampliação do cemitério. Ao que indicam as fontes do período, a epidemia de gripe, a “Influenza Hespânica”, fora a responsável por uma série de problemas para a administração municipal. Importante lembrar que esse vírus assolou várias cidades brasileiras no final da década de 1910. Exemplo disto é a descrição feita por Nicolau Sevchenko sobre a situação em São Paulo diante da Influenza, quando afirma que a gripe que já havia atingido a Europa, “caíra sobre a cidade com uma voracidade que evocava a peste negra medieval: em alguns meses prodigalizou São Paulo de valas coletivas lotadas de cadáveres, como não poucos moribundos atirados às fossas ainda vivos de permeio, nas correrias desencontradas do pânico”<sup>131</sup>. A mesma epidemia causara pânico em Porto Alegre entre os anos de 1916-1920<sup>132</sup>.

Além dos gastos relacionados a um atendimento emergencial com a saúde, ao ponto de criar a Cruz Vermelha na cidade em conjunto com a Santa Casa de Misericórdia, Irmandade São Vicente de Paulo e médicos oriundos de outras regiões, especialmente para atender os mais

<sup>129</sup> 08/12/1918. *Cemitério Local. A Notícia*. Autor desconhecido. Proprietário, Sr. Umberto Giffoni. Redator chefe, Sr. A. Peppe., Ano 01, nº 22, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>130</sup> 08/12/1918. *Cemitério Local. A Notícia*. Op. Cit. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>131</sup> SEVCENKO, 2000. Op. Cit., p.24.

<sup>132</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., pp.129-130.

pobres<sup>133</sup>, o governo municipal decretou a lei nº 212 que destinava verbas para os gastos na campanha contra a gripe<sup>134</sup>. Contudo, o número de óbitos, conforme tabela abaixo, cresceu consideravelmente entre 1917 e 1919.

**TABELA 2 - Município de Uberabinha – Estudo demográfico 1910-1920**

ANO	População	Nascimentos	Média	Óbitos	Média
1910	17251	531	30.0	282	16.4
1911	17768	584	32.8	229	12.8
1912	18303	624	34.1	249	12.6
1913	18855	613	32.5	185	9.8
1914	19428	630	32.9	171	9.3
1915	20005	686	34.3	211	10.5
1916	20632	708	34.3	238	11.1
1917	21250	738	34.8	293	13.8
1918	21600	791	36.6	490	23.1
1919	22285	682	30.7	254	11.4
1920	22956	867	37.7	231	10.4

*MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA – ESTUDO DEMOGRÁFICO. 6º Período / 3º Recenseamento Geral. 13/8/1942. A Tribuna. Autor: Sr. Othon Gaudie Fleury. Redator e diretor proprietário: Sr. Agenor Paes. Ano 24, nº 1608, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.*

Sobre a Santa Casa de Misericórdia e a situação da saúde em Uberabinha é importante ressaltar que a mesma teve sua origem na cidade em meio a essa situação emergencial. Conforme explica Rafael Ribeiro, “*A Santa Casa, instituição que prestava atendimento médico às pessoas pobres e indigentes, foi criada em 1918 pela Irmandade Misericórdia de Uberabinha*”<sup>135</sup>. Segundo o autor, a instituição sofreu com revezes, em função das crises financeiras e falta de apoio, e assim “*contando com o apoio de duas irmãs belgas Celina e Helena que, como enfermeiras formadas, assistiam aos médicos da cidade nos procedimentos clínicos e cirúrgicos.*”<sup>136</sup> Mesmo com um prefeito farmacêutico, João Severiano Rodrigues da Cunha no executivo entre 1912-1922, no momento em que a gripe espanhola atingiu Uberabinha, e atento aos projetos sanitaristas<sup>137</sup>, a falta de apoio à Santa Casa apresenta um quadro de como a saúde

<sup>133</sup> 18/12/1918. *Livres do Pesadelo. A Notícia*. Autor desconhecido. Proprietário, Sr. Umberto Giffoni. Redator chefe, Sr. A. Peppe., Ano 01, nº 23, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>134</sup> “*A câmara municipal, por seus vereadores decreta: Artigo 1º Fica o senhor Agente Executivo municipal autorizado a dispendar da importância de 8:500\$000 como auxílio à “cruz vermelha” desta cidade, para satisfazer o déficit da mesma sociedade, relativo ao despendio e socorro aos doentes afetados pela epidemia da “Influenza Hespânica” que assolou nosso município podendo ser a referida importância da verba de obras públicas*”. Ata de 13/12/1918. Livro 15, p. 49 verso. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>135</sup> RIBEIRO, 2006. Op. Cit., p.43.

<sup>136</sup> Idem, p.43.

<sup>137</sup> RIBEIRO JR., 2008. Op. Cit., p.99.

foi tratada naquele período, e que pode ter contribuído para o aumento dos óbitos durante a Influenza Espanhola na cidade.

Enquanto no ano de 1917, o número de mortes foi de 293 na cidade com população de 21.250 habitantes, no ano de 1918, em que a cidade, nos meses de outubro e novembro fora atingida pela gripe, o número de óbitos atingiu a marca de 490 em uma população de 21.600. No ano seguinte, 1919, sem os efeitos da gripe, Uberabinha que contava com 22.285 habitantes obteve um número menor de mortes, semelhante a 1917 o número foi de 254 óbitos, mantendo uma média da década.

Um dado interessante é registrado pelo Cônego Pedro Pezzutti em *Município de Uberabinha: História, Administração, Finanças e Economia*. Segundo uma média feita pelo autor, descontando o ano de 1918, ano da epidemia da gripe espanhola, o coeficiente de óbitos por mil habitantes no município ficaria em 14,50. Ainda assim, em uma tabela comparativa com outras cidades do Brasil e do exterior, Uberabinha aparece em 5º lugar, ficando somente atrás de Sidney, Manchester, Nova York e Chistiania, sendo a melhor ranqueada entre as cidades nacionais. O autor assim conclui diante dos dados levantados: “*Do exposto resulta que, possuindo um clima magnífico, as condições sanitárias de Uberabinha são excelentes, sendo a porcentagem de sua mortalidade mínima comparada com as maiores cidades do Brasil e do Universo*”<sup>138</sup>.

As fontes não afirmam categoricamente que o número de mortes aumentou em função da gripe, como ocorrido em São Paulo a ponto de realizarem sepultamentos às pressas como em Porto Alegre, onde chegou a faltar condução fúnebre<sup>139</sup>. Também não declaram que o crescente número de óbitos de 1918 fora o causador da lotação do espaço cemiterial de Uberabinha. O fato é que, após passada a epidemia, as reclamações nos periódicos, como as discussões na Câmara sobre o que fazer diante da lotação da necrópole, se tornaram frequentes.

No ano 1919, mais especificamente em 02 de maio é aprovada a lei de nº 218, que autoriza o senhor Agente Executivo Municipal a ampliar o Cemitério Municipal. Sobre essa lei, o periódico *A Notícia*, na mesma edição que traz a lei na íntegra:

---

<sup>138</sup> PEZZUTTI, 1922. Op. Cit., p. 48.

<sup>139</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit, p.212

*A Câmara Municipal por seus vereadores decretou e sanciona a seguinte lei: Artigo 1. Fica o snr. Agente Executivo autorizado a entrar em acordo com os proprietários dos terrenos situados nas imediações do cemitério desta cidade e necessários a ampliação deste, afim de que os referidos terrenos sejam desapropriados por utilidade publica.<sup>140</sup>*

Na mesma edição é comentada a decisão da Câmara Municipal no periódico *A Notícia*:

*Tem a data de 2 deste, uma lei da nossa Câmara Municipal que autoriza a aquisição de terrenos nas adjacências do Cemitério Municipal, com o fim de poder ampliá-lo, melhorando-o convenientemente. Deixamos de encarecer o acerto dessa medida uma vez que ela constitue uma das constantes reclamações desta folha, como de toda a população de Uberabinha. A posição topográfica do nosso Campo Santo só por si vem exigindo de nossa administração municipal um remédio capaz de não nos envengonhar diante de qualquer visita que tenha o religioso desejo de visitar a cidade dos mortos, e não fosse o bastante justificável esse motivo, um outro viria a corroborar pela necessidade de ser aumentado aquele próprio e essa justificativa é a sua excessiva pequenez comparada com o número de habitantes do municipio embora seja salubérrima toda a faixa territorial de Uberabinha. Louvando, pois, mais esse gesto de nossa edilidade, esperamos que com o aumento a ser feito no Cemitério Local, uma nova organização administrativa seja dada, não só na parte de higiene como também na divisão das quadras, na venda de terrenos perpetuos etc. Sem que seja esquecido um bem organizado serviço de registro, em livros apropriados, como se usam em todos centros adiantados<sup>141</sup>.*

Um ano após a criação da lei e sendo que o projeto ainda não havia sido executado, a Câmara de Uberabinha tratava, pelo menos em discurso, na seção “*O que é preciso fazer?*”<sup>142</sup> o cemitério como obra mais urgente. Na crônica *Cyprestes* de 19/09/1920, citada anteriormente, onde o autor apontava que os melhoramentos urbanos que eram elogiáveis não podiam deixar de lado a cidade dos mortos que tinha sua lotação esgotada, mostra que a situação quando da aprovação da lei em 1919 já não era confortável.

Ainda que a prefeitura tratasse do assunto, publicando inclusive o relatório no mesmo periódico, reafirmando que a obra no cemitério deveria ser a mais urgente, “*Nenhuma outra obra se nos afigura de maior urgência que a ampliação do cemitério, já adiada desde o ano passado. Está inteiramente esgotado o espaço para os enterramentos*”<sup>143</sup> pois o mesmo estaria lotado, já tinha inclusive aprovado outra lei, a de número 255 de 19/09/1921, que tratava da construção de outro cemitério, com projeto do muro e suntuoso portão de entrada pronto, elaborado pelo engenheiro Joaquim Azzelli, datado também de setembro de 1921, conforme imagem abaixo:

<sup>140</sup> 18/05/1919. *Lei nº 218 de 2 de Maio de 1919. A Notícia*. Autor desconhecido. Proprietário, Sr. Umberto Giffoni. Redator chefe, Sr. A. Peppe. Ano 01, nº 43, p.2.

<sup>141</sup> *Idem*, p. 1.

<sup>142</sup> 17/05/1920. Atas da Câmara Municipal. Livro 16. p. 30 frente. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>143</sup> 08/08/1920. *Relatório do Agente Executivo Municipal. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 01, nº 39, p.1.

**PLANTA 1 - Parte da planta de fachada do Cemitério Municipal. Projeto não executado de 1921.**



Planta de fachada de Cemitério Municipal de Uberabinha. Arquivo Público Municipal – Mapoteca. A imagem acima é um recorte da planta que devido ao tamanho original não pode ser inserida na totalidade dentro do corpo do trabalho. A imagem completa está anexos de mapas e plantas, página 199.

Mesmo com discussões na Câmara Municipal, leis aprovadas e até mesmo plantas prontas para a nova necrópole, a prática e as preocupações do poder municipal pareciam serem outras. Além da ampliação da rede de água e esgotos, a cidade em preparação ao centenário da independência solicita empréstimos para a construção de um novo prédio para funcionamento do Fórum da Justiça<sup>144</sup>. Outra verba interessante que foi aprovada tratava da elaboração e publicação de um livro já citado ao longo do capítulo “*História da Fundação de Uberabinha*” pelo Cônego Pedro Pezzutti<sup>145</sup>, em comemoração ao centenário da independência do Brasil e também aos cem anos dos primeiros sesmeiros em São Pedro de Uberabinha.

<sup>144</sup> No trabalho de REDUCINO, Marileusa de Oliveira. *A Praça Tubal Vilela e seu entorno: Efêmeras criações urbanas*. In: BRITO, Diogo de S; WARPECHOWSKI, Eduardo M. (org). *Uberlândia revisitada. Memória, cultura e sociedade*. Uberlândia: EDUFU, 2008; a autora nas pp. 199-203, aborda a polêmica construção do prédio do Fórum, como também sua demolição poucos anos após sua edificação na década de 1970.

<sup>145</sup> Após a Lei aprovada em 22/06/1920 (Livro 16, p. 51 verso), a publicação ocorre em 1922 com o título: “*Município de Uberabinha*”.

Mesmo com as críticas e tendo o assunto em pauta na Câmara, a edificação do cemitério não ocorre após a aprovação da lei em 1921, mesmo que o assunto tivesse sido publicado no jornal local, inclusive com sua localização, no prolongamento da mesma rua da necrópole, conforme crônica abaixo.

*Não convém premer-se a tecla do não comportamento de cadáveres no nosso velho campo de descanso. Edificado em 1889 [1898], quando a população deste município orçava por 6 a 7 mil almas, no actual cemitério é já impossível abrir-se uma sepultura sem violar outras. Outras, sim, não exageramos. O caso porém, a saber-se é se mais coviria ampliar-se o actual cemitério ou edificar-se outro. Esse caso foi entregue ao actual e competente engenheiro da Camara, que opinou para uma edificação, entre outros motivos, pelo mais ponderado, qual seja o da impropriedade do terreno além da distância. O nosso cemitério será localizado, em prolongamento, na embocadura da Avenida Paranayba, do outro lado do Cajubá. Tal foi o projecto apresentado aos nossos vereadores na sessão dos trabalhos que se findaram ainda a pouco e aprovado pelos ditos senhores.<sup>146</sup>*

Depois da inauguração do Fórum da Justiça em 07/09/1922, fato que gerou discussão entre os vereadores, tendo em vista os gastos em excesso na construção do prédio, e do lançamento do livro sobre a fundação de Uberabinha, a edificação da nova necrópole é novamente postergada. O redator do jornal, mesmo sendo aliado político do então senhor João Severiano Rodrigues da Cunha<sup>147</sup>, agente executivo municipal, compara o cemitério em Uberabinha a uma vala comum:

*O facto do nosso cemitério já não comportar mais enterramentos e de se estar profanando túmulos, que, por direitos e prazos deveriam gozar de quietude e paz, respeitável, torna-se agora intolerante e é preciso que a nossa Camara tome uma providencia seria sobre o assumpto... O nosso cemitério é uma valla comum com a diferença que nesta se tem onde pizar sem calcar os cadáveres e em nosso cemitério não se tem nem onde pizar. Há dois annos vimo-nos batendo pela reforma de nosso campo santo sem que no recinto de nossa municipalidade uma só voz se erguesse a secundar nosso apello, o nosso esforço. É claro que dahiexceptuamos o nosso companheiro Rodrigues da Cunha. Mas não exceptuamos pelo fato de ser também desta casa, porque, felizmente não nos tem faltado independência para distinguirmos o vereador do companheiro de todos os tempos e todas as horas...<sup>148</sup>*

<sup>146</sup> 30/10/1921. *A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes, Ano 03, nº 111, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>147</sup> Na edição comemorativa dos dez anos do jornal A Tribuna, o cronista assim se refere ao então ex-prefeito João Severiano Rodrigues da Cunha: “CONGRATULAÇÕES. Verifica-se hoje o aniversário desta folha. Fundada em 1919 pelo dr. J. S. Rodrigues da Cunha e outros elementos de destaque desta cidade, um semestre depois passava a actual direcção...”07/09/1928. CONGRATULAÇÕES. *A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário: Agenor Paes Ano 10, nº 426, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>148</sup> 05/11/1922. *O nosso cemitério*. *A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 04, nº 164, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Nessa edição há uma reflexão sobre a importância do dia 02 de novembro e da reverência aos mortos na página 1. Na página seguinte, em uma coluna sem título há novamente uma reclamação diante da situação do cemitério.

Observando os elogios que o mesmo jornal faz à administração municipal ao longo do mesmo período, especialmente ao senhor João Severiano Rodrigues da Cunha, que governou Uberabinha entre 1912-1922, e também pelo fato do assunto ser tratado em reuniões da Câmara é possível que a situação fosse calamitosa concordando com as crônicas. No ano seguinte, já sob a administração do senhor Eduardo Marquez (1923-1927), uma nova lei é aprovada, a de número 270 de 12/01/1923, que autoriza a ampliação da necrópole e não mais a edificação de um novo espaço cemiterial. Em junho do mesmo ano, as atas confirmam que o cemitério foi ampliado<sup>149</sup>, ainda que não informe a metragem dessa reforma<sup>150</sup>.

A falta de informação da área ampliada dificulta análise mais detalhada dos problemas que existiram naquele espaço cemiterial. Outro problema são os livros de sepultamento desse Cemitério Municipal. Os livros que estão arquivados são curiosamente os mais antigos, o que registra os enterramentos de 1898 a 1906 e o segundo de 1907 a 1911, os seguintes não estão nos arquivos de Uberlândia, e ao que tudo indica foram perdidos.

A área que se tem informação deste espaço cemiterial é quando da sua desativação no ano de 1953 para construção de uma praça de esportes pela prefeitura e uma década depois casas para a Vila Militar do Exército Brasileiro (que estão até hoje edificadas), assunto este que será tratado no terceiro capítulo. Segundo relatório feito da administração do prefeito Tubal Vilela da Silva, que governou Uberlândia entre 1951-1954, a área da então antiga necrópole era de 15.000 metros quadrados<sup>151</sup>.

Mesmo sem os livros do período em que o cemitério estaria lotado, os primeiros concedem informações valiosas. Ao que tudo indica, o fato de não haver registro significa que a classe social não regia o ordenamento do espaço cemiterial. A primeira das informações é que a necrópole não possuía uma divisão espacial de acordo com uma ordem econômica. Os livros de

---

<sup>149</sup> Na reunião de 08/01/1923, é aprovado o projeto em primeira discussão (Livro 18, p.29 frente). Na convocação seguinte em 12/01/1923 é definida a ordem de ampliação do cemitério, sem descrever ou mencionar a metragem, apenas citando desapropriação de terrenos (Livro 18, p.39 verso). Na ata de 03/06/1923, novamente sem fazer alusão a metragem ampliada é informada que a obra foi concluída (Livro 18, p.80 frente). Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>150</sup> Ainda sobre a metragem do cemitério, nem mesmo as atas de 1897 e 1898 que tratam do assunto informam a medida do cemitério. Os registros se limitam a informar apenas a localização, que no caso, era apropriada por estar distante do centro da urbe.

<sup>151</sup> *Transladação de Restos Mortais. Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva. Período de 1º de Fevereiro de 1951 a 31 de Janeiro de 1955. Realizações de seu operoso Governo no Município de Uberlândia.* Impresso na Tipografia Manhães. Uberlândia – MG. p.111. Inventário Napoleão Carneiro. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

registros tratam apenas da ordem de sepultamento, sem informar a localização dentro da necrópole, apenas o número da sepultura<sup>152</sup>.

A ausência de classificação é reprovada pelas crônicas acima citadas. No jornal *A Notícia* de 18/05/1919, o autor aponta para a falta de divisão nas quadras, pela venda de terrenos perpétuos, como também para “*um bem organizado serviço de registro, em livros apropriados, como se usam em todos centros adiantados*”<sup>153</sup>. Conferindo com essa reclamação, no jornal *A Tribuna* de 05/11/1922, diante da desorganização do espaço de enterramentos e consequente lotação, o cronista afirma no trecho citado páginas anteriores que “*O nosso cemitério é uma valla comum com a diferença que nesta se tem onde pizar sem calcar os cadáveres e em nosso cemitério não se tem nem onde pizar*”<sup>154</sup>.

Exageros à parte, o fato era que o cemitério não possuía uma divisão por quadras e avenidas principais como o que seria inaugurado em 1928. Conforme ata de 17/11/1917, onde se lê: “*Tabela p. cemitério da cidade – sepultura comum adultos 20\$000. Idem crianças 12\$000. Idem por 10 anos 50\$000. Idem por 25 anos 100\$000. Idem por 50 anos 200\$000. Perpétuo 500\$000*”<sup>155</sup>, entende-se que naquele momento, a divisão espacial não obedecia regras de uma ordem econômica. O que diferenciava os enterramentos era o tempo. A única ala que tinha uma localização definida, segundo uma crônica do período, era a das crianças, ou seja, alguma organização existia.

*Precisamos evoluir em matéria de hygiene... E para a classe medica de Uberabinha que apelamos neste momento no sentido de desenvolver-se aqui uma verdadeira campanha higienica. Os nossos médicos poderão agir em proveito da saúde publica fazendo com que nosso cemitério menos se alargue na parte destinada as creanças, cuja mortalidade entre nos vae-se tornando assustadora*<sup>156</sup>.

Somente após a ampliação é que há indício de mudanças quanto à divisão espacial desta necrópole. Na aprovação do orçamento para 1925, datada de 29/11/1924 constam os seguintes

<sup>152</sup> Assim estão registrados os primeiros sepultamentos no livro de nº 1 que registra os sepultamentos do período de 1898 até 1906. “*Sepultura nº 1: Aos dezessete dias do mês de setembro do ano de 1898, no cemitério público desta cidade foi sepultado o cadáver de Elias O. Pereira. Para constar fiz este termo. Sepultura nº 2: Aos vinte e dois dias do mês de setembro do ano de 1898, no cemitério público de 1898, foi sepultado o cadáver de José Marciano de Siqueira, brasileiro*”. **Livro de Registros nº 1 do Cemitério Municipal**. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>153</sup> 18/05/1919. *Lei nº 218 de 2 de Maio de 1919. A Notícia*. Autor desconhecido. Proprietário, Sr. Umberto Giffoni. Redator chefe, Sr. A. Peppe. Ano 01, nº 43, p.1.

<sup>154</sup> 05/11/1922. *O nosso cemitério. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 04, nº 164, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>155</sup> Ata 17/11/1917. Livro 15, p. 8 frente (também 10/11/1917. Pg. 13 frente). Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>156</sup> 17/09/1922. *Infelizmente... A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes, Ano 04, nº 157, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

valores para o cemitério: "*Sepulturas comuns para crianças ou adultos por 5 anos 15\$000, por 15 anos 50\$000, por 50 anos 100\$000, perpetuas 200\$000, perpetuas especiais na avenida principal 500\$000*"<sup>157</sup>. Possivelmente na área ampliada, até onde as fontes permitem ir, teria sido aberta uma avenida principal, ou que futuramente seria aberta. O que pode ser afirmado é que diante da ampliação ocorreram melhorias no entorno do cemitério como a pavimentação (calçamento) da Avenida Paranayba do centro até a entrada do cemitério<sup>158</sup>.

Pouco tempo após a ampliação realizada em junho de 1923, na reunião de 10 de setembro de 1925<sup>159</sup> novamente o assunto para construção de um novo cemitério é posto em pauta na Câmara, o que leva a crer que na concepção dos vereadores o problema persistia e que o aumento do espaço para enterramentos, em uma cidade de pouco mais de 24.000 habitantes, deve ter sido pequeno.

Conforme tabela abaixo se constata que o número de óbitos, ao contrário do que ocorrera em 1918-19 em função da gripe espanhola, não cresceu significativamente na década de 1920. A média se manteve em 300 óbitos, o que reforça, já que não temos a informação da metragem ampliada, que o cemitério não ganhara um espaço significativo.

**TABELA 3 - Município de Uberabinha/Uberlândia – Estudo demográfico – 1921-1930**

ANO	População	Nascimentos	Média		Óbitos	Média
1921	23270	746	31.8		331	14.1
1922	23790	701	29.1		252	10.1
1923	24210	835	38.0		265	12.0
1924	24730	735	31.1		282	12.8
1925	25260	803	33.4		254	11.3
1926	25770	831	33.9		299	13.0
1927	26300	880	35.2		311	13.1
1928	26794	923	34.4		349	13.0
1929	27270	1065	39.0		351	12.8
1930	28238	914	33.8		375	13.3

*MUNICÍPIO DE UBERLÂNDIA – ESTUDO DEMOGRÁFICO. 6º Período / 3º Recenseamento Geral. 16/8/1942. A Tribuna. Autor: Sr. Othon Gaudie Fleury. Redator e diretor proprietário: Sr. Agenor Paes. Ano 24, nº 1608, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.*

A discussão sobre a edificação da nova necrópole e a preocupação, mais uma vez em razão da superlotação do espaço, era com o risco desse descaso provocar um surto de varíola na

<sup>157</sup> Ata de 29/11/1924 no livro ata 20, pg. 26 verso e 17 frente. Arquivo público municipal de Uberlândia.

<sup>158</sup> Atas de 02, 04 e 10/01/1924.

<sup>159</sup> Ata 10/09/1925. Livro 21, p.7 frente e verso. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

cidade. Para isso no mesmo mês, após discussões sobre a planta e orçamento, o assunto em pauta era também em torno da localização, que quanto mais afastado possível da cidade melhor. De acordo com as autoridades higiênicas e policiais, a abertura de sepulturas antes do período determinado, como também a proximidade dos sepulcros da cidade eram fatores de risco à população<sup>160</sup>.

E nesse sentido as crônicas no ano de 1927 são mais enfáticas, um pouco depois dos elogios dos leitores, do texto transcrito no início deste tópico, há outro relato da situação em que chegara a necrópole:

*Mais de vinte pessoas constataram conosco, há pouco, no cemitério, as taboas de um caixão, com o pano ainda pregado, teriam sido arrancadas de uma cova, ao lado com flagrante violação dos princípios que aqui temos expendidos. Quando pleitamos o empréstimo último, apregoávamos que, um dos primeiros serviços que atacaríamos devia ser a ampliação ou construção de um novo cemitério, cuja planta, como todo mundo sabe, está há annos prompta aguardando a nossa compaixão para com os mortos. Mas neste momento não se trata de compaixão, trata-se antes de um crime previsto pelas nossas leis penaes e pelo qual teríamos que responder, se no Brasil tudo não fosse assim mesmo... Estamos incursos nas penas de nossa lei penal porque gastamos largamente com tudo que nos apeteceu e deixamos que – quotidianamente, sejam, violados, sem o interregno legal, as sepulturas cujos despojos, ainda em putrefacção, atiramos como um duplo escarneo, à face daquelles que aqui vivem zelando desta terra e a quer, pelo menos, decente aos olhos do povo e dos que raciocinam com elle. Tudo isto nos custa a escrever. Somos dos que pensam que um elogio vale por cem censuras. Quizermos, nesse momento estar tecendo rezes e sinceros elogios a uma administração que nos tivesse poupado espectaculos semelhantes, deixando-nos esta expectativa: ‘logo que o empréstimo, há pouco realizado, seja obtido, o nosso maior mal será remediado’ Calar-se uma coisa destas é convir no crime e, já que a nossa palavra fraca e sempre desattendida nada pode conseguir em prol dos mortos, resta-nos, perder a serenidade que sempre mantivermos exigir da actual administração que não protele mais esse estado calamitoso em que se acha a necrópole local<sup>161</sup>.*

Além de mais esta descrição do que estava ocorrendo no Cemitério Municipal, havia costumeiramente a preocupação com o dia de finados. A imprensa, conforme explica Mauro Dillmann, contribuía para que esse evento fosse cada vez mais de interesse público: “*E é através da imprensa que se pode perceber que o Dia de Finados, de uma prática privada, familiar e carregada de pesar – sem perder estas características – tinha acentuada a sua dimensão pública, tratada pelos jornais da cidade quase que como uma comemoração*”<sup>162</sup>.

No caso de Uberabinha, mesmo tendo vários periódicos, e nenhum deles diário na década de 1920, era mais comum o relato de como foi o Dia de Finados, do que o apelo para visitaçao ao

<sup>160</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p. 132.

<sup>161</sup> 14/07/1927. *A última pá de terra. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário: Sr. Agenor Paes. Ano 09, nº 376, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>162</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p. 251.

cemitério nesse dia. E diante da situação em que se encontrava o Cemitério Municipal, mais uma vez, no ano de 1927, agora narrando como ocorreu o Finados na necrópole do município, o cronista, além de externar toda sua insatisfação com o estado do espaço cemiterial, como também com as autoridades municipais, alerta para os perigos que essa situação poderia causar aos vivos em desrespeito aos mortos, no caso uma epidemia:

*Uma tecla que devemos premer, sentidamente, neste dia é, sem duvida, a do alargamento do nosso cemitério ou edificação de uma nova necrópole, providencia que a administração sucedida pela actual nos prometeu, faltando com a promessa. A inadiabilidade do assumpto é tão eloquente que, feril-otraz-nos até um certo arrepio, porque nunca pensamos chegar ao ponto que chegamos. São os olhos do povo que assistem a esse espetáculo deprimente para nós. São as milhares de boccas que reclamam a providencia do assumpto desta pequena nota. É que o nosso povo já scisma numa epidemia que pôde cair sobre essa cidade devido ao nosso desmazelo criminoso em deixar que a enxada do coveiro revolve, profanando os corpos dos nossos irmãos que deviam dormir respeitados eternamente seu ultimo somno. Amanhã, se formos victimas de uma catastophre, quem poderá apagar nossos nomes a responsabilidade que nos pesa o desaparecimento de milhares de vidas? Fomos solícitos em festejar a entrada triumphal do dr. Antônio Carlos em nossa cidade. Promovemo-lhes festas e homenagens aliás justas. Mas para andarmos coherentes com nossa consciência é necessário que agora cuidemos também dos mortos. Pelo dia de hoje assim o esperamos dos sentimentos humanitários e cívicos de nossa illustre edilidade<sup>163</sup>.*

Interessante notar que, mesmo o assunto sendo tratado como de caráter emergencial, e ainda que nesse período a administração municipal alegasse falta de verbas para a questão cemiterial, um novo prédio é erguido dentro do orçamento para a Companhia Força e Luz (1926) e realizada a ampliação do perímetro urbano, com pavimentação de ruas, uma vez que Uberabinha tinha de seguir o modelo de Belo Horizonte, Rio de Janeiro, Europa e Estados Unidos<sup>164</sup>. Neste mesmo período foi concedida ainda uma série de isenções para a instalação de uma Fábrica de tecidos na cidade, entre os anos de 1923 e 1928, além dos gastos apontados na crônica acima na visita do então governador do Estado Sr. Antônio Carlos.

Mesmo com toda a urgência que o assunto é tratado na Câmara, a situação, após críticas enfáticas nos periódicos, como a do início do texto, somente em 1928 é que o novo cemitério é inaugurado. A edificação deste novo lugar de enterramentos, que vai receber seu primeiro

---

<sup>163</sup> 03/11/1927. *Finados. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário: Sr. Agenor Paes. Ano 10, nº 393, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>164</sup> 11/9/1928. Atas da Câmara Municipal, justificando as pavimentações realizadas no biênio 1926/1927. Livro 24, p.70 verso. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

sepultamento em 23 de novembro de 1928<sup>165</sup>, ocorre em função de uma “oferta” ou troca de um terreno por benefícios, conforme ata de 10 de janeiro do mesmo ano:

*Tendo em vista o requerimento do sr. Clarimundo Carneiro, em f.f. oferece a camara o terreno que deverá ser construído o novo cemitério municipal e, considerando que a oferta é magnífica visto não trazer onnus algum a camara, a não ser os poucos e justos vantagens que o peticionário requer, tais como a isenção de impostos prediaes, para si e terceiros, a começar da data em que se fizerem os prolongamentos das ruas Luzitania e 21 de Abril; Considerando que os prolongamentos solicitados são necessidades colectivas que se impõem, dado o crescente desenvolvimento da cidade e as vantagens decorrentes da procecução do mesmo plano urbano; Considerando, ainda, que a construção do cemitério é necessidade indeclinavelinadiabilidade; Considerando mais que as vantagens de uma concessão da área de terreno de cem metros quadrados, para jazigo perpetuo da familia do supplicante, são diminutas, dadas as que decorrem do offerecimento do terreno apropriado à construção do alludido cemitério. São de parecer que se acceite o offerecimento feito pelo sr. Clarimundo Carneiro, e, para isso, formulam o seguinte projecto: Projecto n°16. Art 1°...*<sup>166</sup>

O projeto rapidamente é aprovado em 12 de janeiro. Coincidentemente ou não, após a oferta e solicitação do sr. Clarimundo Carneiro, aprovam na mesma seção a criação das vilas Martins e Carneiro, em conjunto ao prolongamento da rua Silva Jardim além do córrego Cajubá, ou seja, em direção a nova necrópole. Além das concessões acima citadas na ata, a “oferta” ainda se beneficiava da criação de loteamentos numa área pertencente à família Carneiro. E assim, o novo cemitério, ainda sem muros, fora inaugurado no final de 1928.

Antes de sua inauguração, a notícia de que as obras estavam em andamento geraram grande entusiasmo:

*Já podemos annunciar aos nossos queridos uberabinhenses o inicio das obras do novo cemitério. Effectivamente o publico uberabinhense já não podia admitir que se protelasse por mais tempo essa medida necessarissima, e, ao annuncial a devemos frisar que nem um só momento deixamos de lembrar os poderes competentes. O novo cemitério está localizado bem distante desta cidade, á margem da linha da Companhia Força e Luz, na confluencia da estrada que vae dar a usina com avenida Paranyha. Teremos assim a nossa necrópole illuminada, pois, a pouca distancia passam os fios conductores da Força e Luz. A grande estrada da Companhia Mineira, desde a Fabrica de Tecidos até a encruzilhada da estrada que vae para a Usina formará o inicio da Avenida da Saudade, que, certamente, obedecendo ao sentimento e gosto do nosso povo, o sr. Presidente da Camara já irá ordenado que se inicie, de accordo com as obras da nova “Cidade Triste”. Registremos, pois, o inicio de uma grande obra. O novo cemitério tem duzentos metros quadrados e obedece á planta já conhecida dos nossos leitores*<sup>167</sup>.

<sup>165</sup> 23/11/1928 - 16/10/1931. *Livro de Registros de Sepultamento n°1 Cemitério São Pedro*.Uberlândia: Arquivo Cemitério São Pedro.Data o primeiro sepultamento no São Pedro em 23/11/1928.

<sup>166</sup> 10/01/1928. Atas da Câmara Municipal, Livro 24, p.17 frente e verso. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>167</sup> 14/08/1928. *O novo cemitério. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário: Sr. Agenor Paes. Ano 10, n° 424, p. 1.Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Quando o cronista afirma que este cemitério ficara bem afastado da cidade, o mesmo não está exagerando. Em uma cidade que no período se resumia a um perímetro urbano pequeno, as atividades sociais se resumiam em um raio de no máximo 500 metros. Como exemplo, cito a distância dos cemitérios da Igreja Matriz, relacionando com o cortejo fúnebre. O primeiro Cemitério Municipal inaugurado em 1881 estava aproximadamente a 300 metros da Igreja. O segundo Cemitério Municipal, inaugurado em 1898, e alvo das crônicas por falta de espaço e organização, era distante cerca de 600 metros da Matriz. Já o novo Cemitério Municipal de 1928, que desde 1953 tem o nome de São Pedro, ficava cerca de 2,5 Km do centro da cidade, ou seja, para época bem afastado da “cidade nova”. Essa distância considerável do “centro urbano” era a concretização de afastar os mortos dos vivos. Sobre essa ideia da distância, explica Dillmann, que os cemitérios desde meados do século XIX “*deveriam observar preceitos científicos e higiênicos de maneira a serem construídos em locais amplos, arejados, altos, ventilados e com uma significativa distância do centro da cidade e da população*”<sup>168</sup>.

Ainda sobre a crônica entusiasmada com o progresso do novo cemitério, o autor não informa a metragem do cemitério de maneira correta. Na ata de 09/01/1928, é informado que a área compreendida do novo cemitério é de um “alqueire mineiro”, o que equivale 48.400 metros quadrados, ou seja, três vezes maior do agora antigo Cemitério Municipal<sup>169</sup>. Na crônica seguinte a respeito do novo Cemitério Municipal em *A Tribuna* é corrigida a informação, ainda que com uma pequena diferença da área mencionada. Mas, além da correção são tecidos outros elogios quanto ao estilo desse novo local de sepultamentos:

*O novo cemitério cujos alicerces já foram em hasta publica e arrematados pelo empreiteiro Zumpano, tem 44.100 metros quadrados e não como saíu nesta folha. A planta é do sr. Engenheiro municipal dr. Luiz Rocha e obedece ao estylo moderno das ultimas moradias. A propósito nos lembramos de chamar a atenção dos ilustres representantes do nosso município para o nome – Avenida da Saudade – que dar a que, partindo da praça Goyaz, atravessando a ponto do Cajubá vae direito ao campo santo, cortando a estrada Auto-Viação. Essa antiga estrada, hoje uma avenida, ainda não tem nome e não é demais que se lhe o de Avenida da Saudade.*<sup>170</sup>

A ideia de estilo moderno acompanha a “*geografia fúnebre, havia ‘os bons e os maus lugares’*”<sup>171</sup>. A nova necrópole obedece a essa lógica moderna em que se espelha no modelo de cidade, da urbe que se almeja. Logo nos primeiros enterramentos, é possível observar pelo Livro

<sup>168</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.60.

<sup>169</sup> Livro 25 das Atas da Câmara Municipal – De 01/1928 até 05/1929. Trecho da Ata de 09/01/1928, pg. 10 f e v .

<sup>170</sup> 07/09/1928. *A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário: Sr. Agenor Paes. Ano 10, n° 426, p. 2.Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>171</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.183.

de Registros do Cemitério São Pedro, que os sepultamentos estão em diversos locais do espaço cemiterial<sup>172</sup>. Desde sua inauguração, neste cemitério o tabelamento se dá de acordo com a localização e com o tempo de usufruto da área<sup>173</sup>, obedece a uma tendência moderna que fazia a separação dos mortos pelas condições financeiras conquistadas ou adquiridas ao longo da vida, representando assim pela localização, como na cidade dos vivos, a percepção dentro do cemitério, conforme explica Dillmann, para o cemitério São Miguel e Almas em Porto Alegre – RS:

*... os mais caros e cobiçados estavam situados próximo às ruas, passeios e galerias, local privilegiado para a construção de túmulos grandiosos, que seriam percebidos e admirados por todos que chegassem ao local. Já os terrenos do quadro esquerdo, ou seja, os situados numa extremidade lateral do cemitério, destinavam-se aos que tinham um menor poder aquisitivo<sup>174</sup>.*

Dentro da preocupação com o progresso e com as reformas urbanas, em Uberabinha estava em pauta a construção do novo cemitério em 1928. Diferentemente à ampliação da rede de água e esgotos, à pavimentação de ruas e à edificação de novos prédios (Força e Luz, Paço Municipal, Fórum e Fábrica de Tecidos), o destino dos mortos é projeto constantemente adiado. E, quando, por fim, se tem um desfecho, ainda que com um discurso de que o cemitério deve estar distante do perímetro urbano, ele é edificado em uma área que vai receber duas vilas, não por acaso habitadas na década de 1930 por populares. Essas alterações que ocorreram em Uberabinha foram parte de um projeto associado à crença no progresso, dentro uma dinâmica economicista, conforme explica Lopes:

*as construções, delimitações e mudanças que sucessivamente vão sendo operadas no espaço das cidades não procedem de decisões anônimas, ingênuas, restritas a normas de utilização do solo urbano, são resoluções objetivadas, carregadas no sentido que transcendem as alterações físicas do território; são portadoras de mensagens de ordem política no que tange à dinâmica social e econômica dos centros urbanos<sup>175</sup>.*

As observações acima citadas permitem intuir que, em Uberabinha, enquanto os mortos pertenciam à jurisdição eclesiástica, antes e após sua emancipação, os que dormem, conforme a

<sup>172</sup> Segundo o **Livro de Registros de Sepultamento nº1 Cemitério São Pedro**. Prefeitura Municipal de Uberlândia, p. 1, os primeiros enterramentos ocorreram nas seguintes quadras: 49, 25, 01, 03, 27 e 29. Pelo mapa do cemitério atual, que é compatível com o livro de registros de 1928, a quadra 29 é bem afastada das demais. As demais ou estão na Rua Central ou na Avenida Principal. A imagem completa está anexos de imagens, página 200.

<sup>173</sup> Passados alguns anos, com poucas alterações, o orçamento de 1930 que aprovado em 23/09/1929 prevê os seguintes valores: "*Sepulturas comuns para crianças ou adultos por 5 anos 15\$000, por 15 anos 50\$000, por 50 anos 100\$000, perpetuas 200\$000, perpetuas especiais na avenida principal 500\$000*". Livro 26, pg. 59 frente e verso. Atas 07/1929 a 10/1930. Arquivo Público Municipal de Uberlândia-MG.

<sup>174</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.184.

<sup>175</sup> LOPES, 2010. Op. Cit., p. 36.

crônica *Parce Sepultis* (do início do capítulo), tinham o merecido respeito e veneração. Associada a uma religiosidade e tradição em que os vivos estabelecem uma relação de convívio com os mortos, sejam pelos enterramentos no adro ou no interior da capela, ou quando a necrópole localiza-se no perímetro urbano, os mortos em Uberabinha, quando pertencentes à Igreja, não eram relegados ao segundo, terceiro ou último plano.

A criação de um cemitério municipal em 1898, afastado do perímetro urbano e o desgaste do mesmo em decorrência do período da gripe, apenas vinte anos após sua criação, demonstram que, apesar da insistência dos mais variados cronistas e até mesmo com os debates na Câmara Municipal, os mortos haviam perdido a importância que tinham em um passado não tão distante.

Durante dez anos, entre as primeiras constatações em 1918 de que o espaço cemiterial já se mostrava insuficiente, até a criação de um novo cemitério (sem muros), em 1928, novamente distante da cidade, vê-se que a cidade dos vivos foi cada vez menos mantendo relação com seus mortos. E que, quando os mortos passaram a pertencer às autoridades seculares, obtiveram importância somente diante de interesses relacionados com o urbano, a especulação e a barganha do coronel Clarimundo Carneiro, ou melhor, uma “oferta” que beneficiou loteamentos criados pelo mesmo, como a isenção de impostos para sua família e terceiros. Sendo assim, os mortos passaram a não pertencer mais à dinâmica do religioso e sim a uma lógica do progresso e se observa o estabelecimento de uma nova relação entre as cidades e suas necrópoles – a dos vivos e dos mortos – mediadas pelos discursos médicos, de eficiência administrativa, religioso em que os interesses comerciais e financeiros não se conseguem esconder. Nesse aspecto, a cidade está cada vez mais interessada em seus mortos.

## 2. A CIDADE, O MODERNO E O FATO FÚNEBRE: PROJETOS PARA O VELHO E O NOVO CEMITÉRIO MUNICIPAL 1929 – 1944.

*Um jovem e loiro amigo alemão, que já passou por aqui, de quem me despedia na metrópole do estado, perguntou-me: - Vai, então, para Uberlândia? E como lhe respondesse um 'Ia' decididamente afirmativo, tornou: - Ahn! Pois Uberlândia... uber alles! Como essa paródia do afamado 'Deutschland', deu-me germanicamente a syntese impressionista da cidade que visitara...<sup>176</sup>*

*... Em 1934, quando o Sr. Benedito Valadares Ribeiro esteve no Triângulo Mineiro, investido das atribuições de interventor federal de Minas, foi aventada a possibilidade de ser Uberlândia escolhido para sede do governo nacional. E o próprio Sr. Benedito Valadares dessa mudança se mostrou partidário... Uberlândia parece ser entre todas as cidades brasileiras, a que maiores possibilidades oferece para um cometimento dessa ordem... Era natural que me satisfizesse mais a transferência da capital da República para o "hinterland" goiano. Acontecia, porém, que nessa época, se falava em mudança imediata, e Goiás não apresentava condições para que isto acontecesse. Uberlândia oferecia, então como ainda oferece, quase todos os requisitos para se tornar a sede da metrópole brasileira. Muito superiores são as suas condições sobre Belo Horizonte, para tal fim. Primeiro: por se achar colocado mais no centro do país; segundo: por possuir uma riquíssima rede hidrográfica na sua vizinhança, capaz de abastecer uma cidade de vários milhões.<sup>177</sup>*

Uberlândia entra na década de 1930, segundo cronistas dos periódicos locais, com grande otimismo. A cidade que agora tem novo nome chega a ser comparada com a Europa e denominada de Suíça do Brasil central<sup>178</sup>. Parte desse otimismo pode ser explicada por algumas ações ao longo da década de 1920 que resolveram, pelo menos na região central da cidade, problemas com a falta de água, saneamento e pavimentação, ainda que mantivesse preocupações que iam desde o banho, o pó nas ruas<sup>179</sup> até o odor de uma fábrica de sabão<sup>180</sup>.

Além dessas melhorias, desde novembro de 1928, a cidade já não tinha mais, com o novo Cemitério Municipal, o problema de onde enterrar seus mortos. Essa euforia fica demonstrada com as duas fontes transcritas acima. Agora Uberlândia segue o modelo de uma capital e está

<sup>176</sup> 08/03/1933. *Uberlândia... Uber Alles. A Tribuna*. Pedro Bernardo Guimarães. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 14, nº 671, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>177</sup> 16/04/1939. *Será transferida a capital para Uberlândia?. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 02, nº 319, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>178</sup> 08/01/1933. *Para onde irá a capital da República? A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 14, nº 655, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Nessa matéria é publicada uma foto de São João Del Rey como cidade indicada e logo abaixo quatro fotos de Uberlândia com a seguinte legenda: *Vista semi panorâmica de Uberlândia a Suíça do Brasil central*.

<sup>179</sup> 17/07/1924. *A Reação*. Autor desconhecido. Diretor proprietário Coronel Antônio Alves. Redator Lycidio Paes. Ano 01, nº 18, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>180</sup> 22/10/1922. *O sabão é uma das boas coisas deste mundo. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 04, nº 161, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

sobre todos, *uber alles*, ou como outro cronista descreve ainda no ano de 1926, “Durante setenta anos ela teve a marcha das engrenagens preguiçosas, dos engenhos de serra e águas, dos monjolos, do carro de boi. Mas em um decênio pode ela recuperar o tempo perdido e de um salto galgar os degraus da escada do progresso que olhara desanimada”<sup>181</sup>.

Sobre essa questão do nome do município, ou melhor, a mudança de Uberabinha para Uberlândia em 1929, foi fruto de uma discussão ao longo da década de 1920. No ano de 1923, em crônica de *A Tribuna*, a questão é levantada e tratada com certa resistência<sup>182</sup>. Com o passar de alguns anos a tônica diante do nome começa ganhar espaço. Até mesmo quando o assunto são as qualidades do município, a crônica escrita por um jornalista do Rio de Janeiro, remete ao nome da cidade, como se não combinasse com sua grandeza, com seu progresso<sup>183</sup>.

Com o passar de alguns anos, a troca do nome, para não mais ser associada com uma localidade diminuta de Uberaba, passa a ser revivida. Dentre as possibilidades de nome as que se apresentavam foram as seguintes: Alcândora, Aratama, Esplanada, Petrolina, Lagoinha, Gardênia, Heliópolis, Maravilha ou Cajubá<sup>184</sup>. Interessante notar que o nome Uberlândia que foi escolhido não constava nas opções. Segundo Tito Teixeira, a troca do nome ocorreu da seguinte maneira:

<sup>181</sup> 18/07/1926. *Uberabinha 80 anos 1846-1926. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Agenor Paes. Ano 08, n° 335, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>182</sup> 23/11/1923. *O nosso nome. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 05, n° 218, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. “O NOSSO NOME – Deve ou não ser mudado? Quando outro dia andávamos dizendo que era necessário mudar o nome desta cidade e encontrávamos alguma resistência recuamos para cogitar se realmente estaríamos ou não errados. Hoje vemos que não, que estamos com a maioria dos habitantes do município que encontram no diminutivo Uberabinha motivos para, de momento, sermos tidos como habitantes de um subúrbio de nossa gloriosa Uberaba. No próprio mapa editado pelo número de *La Nacion de Buenos Aires*, lá estamos com a estrelinha de uma localidade qualquer abaixo do arraial. Como, pois, resolver esta mudança a não ser pelo voto popular? E o que vimos fazer, fazendo aos nossos munícipes a presente interrogação: - Devemos mudar o nome de Uberabinha?”. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>183</sup> 20/12/1925. *Uberabinha desmente o seu diminutivo. A Tribuna*. Vicente Gervásio – Dir. Proprietário Agenor Paes. Ano 07, n° 315, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. “UBERABINHA DESMENTE O SEU DIMINUTIVO – E afirma uma grandeza própria – Uberabinha, que, naturalmente retira o nome da sua proximidade com Uberaba, a ‘Princesa do Triângulo’, desmente ao visitante a expectativa que ele leva no espírito, quando vai de Uberaba para lá. Pelo diminutivo de seu nome, Uberabinha pode parecer que seja uma miniatura de Uberaba, um decalque da grande cidade triangulina. Entretanto, não o é, Uberabinha não tem submissão alguma, nem real nem aparente, a feição geográfica e material de Uberaba. Seu aspecto tem linhas absolutamente originais, seu traçado é próprio, seus costumes são particulares, sua vida política e social independente... O aspecto urbano de Uberabinha é modernizado e de linhas regulares. Partindo da Praça Municipal, onde se ostenta o mais lindo edifício que tenho visto no interior de Minas e do Brasil, calcado no estilo do Palácio Monrôe do Rio e no centro de um parque largo e ornamental, o visitante entra na Avenida Afonso Pena, magnificante calçada, estacando ante um desusado movimento que bem caracteriza o valor de seu povo...”.

<sup>184</sup> 04/08/1929. *A Tribuna*- Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 11, n°458, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Nessa mesma época batia-se pela mudança do nome de Uberabinha para o de Maravilha, tendo encontrado na Assembléia Legislativa grande divergência com o pomposo nome de Uberlândia, apresentado por seu idealizador João de Deus Faria, e aceito por lei sancionada a 19 de outubro de 1929. O cel. José Teófilo Carneiro, progressista e amante de sua terra natal, não hesitou em atender ao apelo do parlamentar João Pio, optando pelo nome de Uberlândia*<sup>185</sup>

A troca do nome de Uberabinha para Uberlândia no ano de 1929, após o município quase ter ganho o nome de Maravilha, parece ter pego muitos de surpresa e com algum descontentamento, conforme relatado em *A Tribuna*:

*UBERLÂNDIA – Vimos com grande satisfação entrar em no dia 2 do corrente mês - Uberlândia, novo e lindo nome com que o congresso do Estado, este ano, classificou a nossa estimada e querida cidade mineira, que ontem se chamou Uberabinha. Se por um lado o povo mineiro contribuiu maravilhosamente para que o nome de nossa edilidade fosse, como foi, mudado, por outro lado não menor foi o entusiasmo desta gente ciosa pelo progresso que viu neste fato um impulso de real transformação no domínio de nossa evolução. Em torno deste fato, pelo fenômeno que repercutiu em nosso ambiente de uma maneira normal, em cuja falta própria Tribuna incorreu, pelo que nos peninteciamos com oportunidade, não houve se quer uma reunião pública, no dia 2 do andante, na qual os espíritos entusiásticos desta terra se pronunciassem festivos pela distinta efeméride que muito nos desvaneceu. Nesta hora de regozijo e satisfação, fazendo justiça, cumprimentamos o cel. José Theophilo Carneiro, forte e impoluto combatente pelo progresso da nova e febril Uberlândia, que foi o maior fator que contribuiu diretamente pela transformação que damos larga publicidade. Na veneranda casa do Congresso do Estado, onde se elaborou o projeto que hoje é lei vimos batendo-se com denodo patriotismo o Sr. João Pio, o mais fervoroso adepto que se empenhou habilmente pelo augusto e lindo nome de Uberlândia. Neste expressar de vivo entusiasmo, mais que nunca, genuflexos, beijamos o solo uberlandense e cultivamos religiosamente este doce nome, que é a expressão característica do município – terra fértil.*<sup>186</sup>

A cidade adentra a década de 1930 com novo nome, a mesma exaltação à grandeza por parte das elites políticas locais e com outro fator novo: o cemitério municipal recém inaugurado em 1928. Os tópicos abaixo tratarão como essa nova cidade até mesmo no nome, com seus projetos de embelezamento atendeu às demandas relativas ao fato fúnebre.

Além dessa questão, a segunda parte deste sub-capítulo tratará as relações e tensões entre o novo e velho cemitério dentro do processo de configuração de uma cidade bela, uma cidade jardim. E como essas novas problemáticas relacionadas com o urbano atingiram as tradições, bem como inovações nas práticas relacionadas ao cortejo fúnebre e à religiosidade envolvida nos atos litúrgicos do morrer.

<sup>185</sup> TEIXEIRA, 1970. Op. Cit., p. 325.

<sup>186</sup> 08/12/1929. *UBERLÂNDIA. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 11, nº 474, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

## 2.1 Embelezamento da cidade e das necrópoles: Problemas urbanos para o início do século XX

*Depois de efetuada a competente concorrência administrativa a que se apresentaram três proponentes, foi o serviço de construção de frente de nosso cemitério entregue ao construtor, Sr. Ranulfo Bernardes, pela importância de quatorze contos de Réis. Aproveitando a oportunidade da execução dessa obra, o construtor mandou elaborar pelo técnico Teutônio Pereira Lima, uma planta que trará á obra linhas sóbrias e de bonito aspecto, constituindo-se a frente em questão um verdadeiro edifício, em que se alojará a administração do cemitério e a “morgne” apresentando ainda, de fora, o aspecto importante de um pórtico. Pelas cláusulas do contrato, a obra em questão deverá ficar pronta em 60 dias.<sup>187</sup>*

*A arborização é um dos fatores primordiais no embelezamento e urbanização das cidades modernas, pois lhe modifica o aspecto, dando-lhes vida amena e sadia. Ornamenta as vias públicas, parques e jardins, assegura-lhes vazão saudável e faculta ao transeunte agasalho acolhedor nos dias de soalheira ardente e nas horas de bochorno. A nossa cidade, que se orgulha justamente de sua remodelação com a conquista de elegantes bangalôs e suntuosos palacetes, esta se engalanando com a roupagem verde nas suas principais avenidas e praças. Iniciam-se os serviços de arborização em algumas vias públicas, em outras procede-se a retificação, alterando, para melhor, a já existente, afim de que Uberlândia se transforme, inteiramente num verdadeiro e agradável parque, em que se contraste a beleza e bom gosto das linhas arquitetônicas de seus prédios com a tonalidade nova que as suas arvores lhe emprestam, enchendo-a de alegria esfuziante e de vida pletórica. Incontestavelmente Uberlândia já é uma cidade formosa, disputando com galhardia o título da mais importante e próspera do Brasil Central... para uma cidade que possui todas as características de ‘líder’, necessário se tornava que se cuidasse com carinho de sua arborização, para que lhe não faltasse mais esse traço de urbanismo, tão em voga nas mais belas e modernas cidades do país<sup>188</sup>*

Passada uma década da inauguração do novo cemitério municipal e resolvida, durante esse período, a questão do espaço para sepultar os mortos, a municipalidade teve como preocupação o embelezamento da necrópole que recebera as primeiras inumações no ano de 1928. Esse anseio por levar melhoramentos àquele espaço cemiterial acompanhou uma tendência de embelezamento da cidade, não ocorrera somente em Uberlândia, mas no Brasil daquele período. Nesse processo o novo cemitério municipal e a cidade dos vivos, como veremos adiante, recebeu bem feitorias do governo municipal.

Denominada de “cidade de jardim” pelos periódicos locais, Uberlândia na década de 1930 era tratada, pelas elites locais, como referência no desenvolvimento atendendo às novas tendências dos grandes centros urbanos do Brasil e do exterior. A própria ideia de cidade jardim é a tentativa de aplicação de um conceito de urbe desenvolvido em outras localidades. A cidade

<sup>187</sup> 08/02/1939. *Vai ser construída a frente do Cemitério Municipal. Correio de Uberlândia.* Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 01, n° 267, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>188</sup> 15/11/1942. *Arborização Urbana. A Tribuna.* Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Alvina S. Paes. Ano 24, n° 1631, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

como organismo vivo, necessitava de belas praças, bosques e flores, para assim atender o desejo de afirmação de progresso ligado à salubridade:

*No Brasil, em especial, o modelo cidade-jardim encontraria e produziria ressonâncias no ideal de salubridade urbana que marcou a atuação dos profissionais do urbanismo sanitaria... A cidade-jardim foi tomada como uma ideia de fácil apropriação e com possibilidades claras de execução. Tornou-se, portanto, mais um elemento de fundamentação e legitimação no debate profissional local; ademais, considerar-se-ia um poderoso instrumento para a construção de cidades salubres e belas... Essa apropriação pelo viés técnico-sanitarista implicou também a tentativa de aplicação da ideia de cidade-jardim numa perspectiva integral, ainda que distante das suas bases reformistas e de uma abrangência regional; e a incorporação da solução do bairro-jardim como parte integrante de projetos globais, essenciais para pensar a cidade como um todo (a partir do novo desenho urbano e dos benefícios das áreas verdes).<sup>189</sup>*

Esse embelezar pelo jardim atendia dentro da ideia da cidade como um corpo, a respiração. Os “pulmões da cidade”<sup>190</sup>, incentivando a circulação não apenas de ar, mas da população na prática de exercícios, partia do pressuposto que uma cidade saudável e bela teria de ter sua população em movimento e em boa forma. Esse corpo saudável atenderia a expectativa de um modelo próspero, moderno, saudável e produtivo de urbano.

Mas, esse modelo de cidade jardim na década de 1930, era objeto a ser alcançado para Uberlândia. Interessante notar que a cidade que era intitulada de jardim pelos cronistas locais, no mesmo período e pelos mesmos periódicos, apresentava problemas justamente pela poeira de ruas a serem pavimentadas, “*Só assim, ficaremos livres dessa infernal poeira que tantas vitimas tem feito nesta cidade e tantos prejuízos tem causado a todos nós. Todos aqueles que desejam a esta cidade conforto e embelezamento, devem estar contentes por essa nova expectativa em que nos deixa a alvissareira nova administrativa*”<sup>191</sup>.

Esse modelo de urbe, que embasa o conceito de cidade jardim, além do desejo de limpeza, tem como ideia a ordem em um corpo saudável, onde as aproximações entre medicina, engenharia e arquitetura definem o próprio urbanismo ao longo de sua configuração<sup>192</sup>. A urbe

<sup>189</sup> EDUARDO, Anna Rachel B. ; FERREIRA, Angela L. A. ; DANTAS, George A. F. . *Saudáveis trópicos: cidade, higiene e ordem para a nação em formação (Brasil, 1850-1930)*. In: Eulalia Ribera Carbó; Héctor Mendonza Vargas; Pere Sunyer Martín. (Org.). *La integración del territorio en una idea de Estado, México y Brasil, 1821-1946*. 1ed.México: Instituto de Geografía UNAM/ Instituto Mora, 2007, v. 1, p. 466.

<sup>190</sup> EDUARDO; FERREIRA; DANTAS, 2007. Op. Cit., p.463.

<sup>191</sup> 07/06/1931. *Todo o centro da Cidade Jardim calçado, em menos de dois anos. A notável providência da atual administração. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 13, nº 552, p.5. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>192</sup> CERASOLI, Josianne F. . *Arquiteturas urbanas: higiene, estética e construções civis em São Paulo no início do século XX. Itinerário profissional de Alexandre Albuquerque e o debate sobre a cidade*. In: *X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo*. Recife. Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2008, p. 2.

como um organismo vivo, com sua circulação e funcionalidade<sup>193</sup>, também apresenta como objetivo o controle das classes assim denominadas perigosas, conforme explica Sebastião Ponte:

*Vilas operárias ou cidades-jardins, deveriam estimular os trabalhadores a sair do local de trabalho direto para a segurança e o conforto do lar, evitando que gastassem sua saúde e comprometessem sua moralidade nas tentações nocivas e licenciosas das ruas, bares e bordéis. Levando uma vida regrada, valorizando os conceitos de privacidade e de família celular, o operariado renderia maior produtividade e se tornaria politicamente mais dócil. Nada mais adequado ao anseio burguês em operacionalizar uma normatização social das classes urbanas ditas perigosas.*<sup>194</sup>

A remodelação atingira pela ordem num primeiro momento o centro da urbe. Mas essa ideia remodeladora dos costumes na cidade jardim “através do embelezamento e asseio, a partir da região central, intencionava disseminar e interiorizar a adoção de regras civilizadas nas condutas e convívio públicos”<sup>195</sup>. Exemplo dessa disseminação para a periferia da cidade está na notícia sobre a morte de uma mulher que tinha negócio com meretrizes, na região da cidade onde se localizava o novo cemitério municipal, que ao mesmo tempo era zona de prostituição em Uberlândia no início do século XX.

*A Vila Martins, desta cidade, foi, como se sabe, sobressaltada em dia da semana passada, por uma brutal cena de sangue, em que foi vítima Inocência Coutinho, de idade bem avançada e que se dava, segundo apurou a polícia, a bruxarias e cafetinagem. Como se vê, de inocência nada tinha a velha bruxa, a não ser o nome que recebera de uma ironia do destino... A cafetinagem é um dos males que devem ser energeticamente combatidos pela polícia, pois, do contrário, estaremos arriscados a presenciar outras tragédias como a da Vila Martins, pelo mesmo motivo... Mas, para essa cruzada contra o desbragamento de costumes em nosso meio, não devemos contar somente com a ação da polícia. Que se congreguem as virtudes morais uberlandense, que as temos puras e elevadas, para um saneamento em regra da cidade, ou melhor, dos seus focos de corrupção*<sup>196</sup>

Os anseios por ter uma cidade cada vez mais moderna, dentro de uma moralização dos costumes, também atingiria a nova necrópole de Uberlândia. Se na década de 1920 o entrave na concepção de modernidade relacionada aos mortos ocorria em função de não ter um espaço suficiente para os enterros, na década de 1930 é o embelezamento da nova morada dos mortos que passa a ser assunto dos periódicos locais, bem como de ações da prefeitura para melhorias em torno e no interior do mesmo.

<sup>193</sup> AYMONINO, Carlo. *El significado de las ciudades*. Madrid: Hermann Blume Ediciones, 1981, p.62.

<sup>194</sup> PONTE, Sebastião R. *Fortaleza belle époque. Reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Multigral Editora Ltda, 1993, p.54.

<sup>195</sup> PONTE, 1993. Op. Cit., p.112.

<sup>196</sup> 16/03/1939. *Moralização de costumes. O assassinato de uma cafetina e os seus sombrios antecedentes. O assedio e desencaminhamento de menores. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 21, nº 1285, p.5. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Um bom aspecto externo do cemitério estaria de acordo com o discurso progressista enfatizado, em especial no periódico *A Tribuna*, da cidade jardim. E na década em questão o assunto sobre o entorno da necrópole, em função de uma demora por parte do poder público em construir um muro e pórtico para o mesmo, é motivo de reclamações no jornal.

No ano de 1933, cinco anos após sua inauguração, através do decreto de nº 181<sup>197</sup>, as obras têm início, mas não término. Essa queixa em razão de obras que iniciam e não têm conclusão, bem como outra destinação de verbas que seriam para o espaço cemiterial, eram reclamações que se faziam presentes na década de 1920, quando da ampliação do cemitério existente em 1923, até a construção de um novo em 1928. Esses tipos de reclamações na década de 1930 voltam ao noticiário em função das não bem feitorias na morada dos mortos e seu entorno, como aponta a crônica abaixo de 1931:

*É pena que o dr. Lúcio Libanio, integro prefeito deste município, não possa arborizar, já, a Avenida da Saudade. Essa avenida, como já dissemos há dias, compõe-se da Avenida Cajubá, (da ponte para lá) e da Avenida da Saudade, propriamente dita, que vai da Estrada do Vau ao cemitério. Essa Avenida precisa ser arborizada. Dois empréstimos fizemos tendo como rotulo a construção da nossa necrópole que, como se sabe, nem murada está. Foi um grande erro nosso esse abandono em que deixamos a habitação dos mortos... atualmente o campo santo desta cidade está cercado de tela de arame, não tem arborização nem o serviço que fora, de esperar, si os nossos dirigentes passados tivessem ouvido esta folha...*<sup>198</sup>

Segundo o cronista, além do poder público não ter dado a destinação correta nas verbas que eram do cemitério, havia ainda outros dois problemas: estético e funcional. Estético em razão da tela de arame, que não combinaria com o modelo almejado pela cidade jardim. Na foto abaixo, é possível observar o cemitério sem as melhorias tão desejadas pelos cronistas locais.

---

<sup>197</sup> 27/12/1933. Decreto nº 181. *A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 14, nº 753, p.3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>198</sup> 13/09/1931. *Avenida da Saudade*. *A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 13, nº 556, p.7. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

**IMAGEM 2 - Foto. Mulheres sentadas em frente ao Cemitério São Pedro. Década de 1930.**



Cemitério Municipal (São Pedro). Sem data (Possivelmente década de 1930). Imagem cedida pelo CDHIS (Centro de documentação em História – Universidade Federal de Uberlândia). Coleção João Quituba. Foto número 1541.

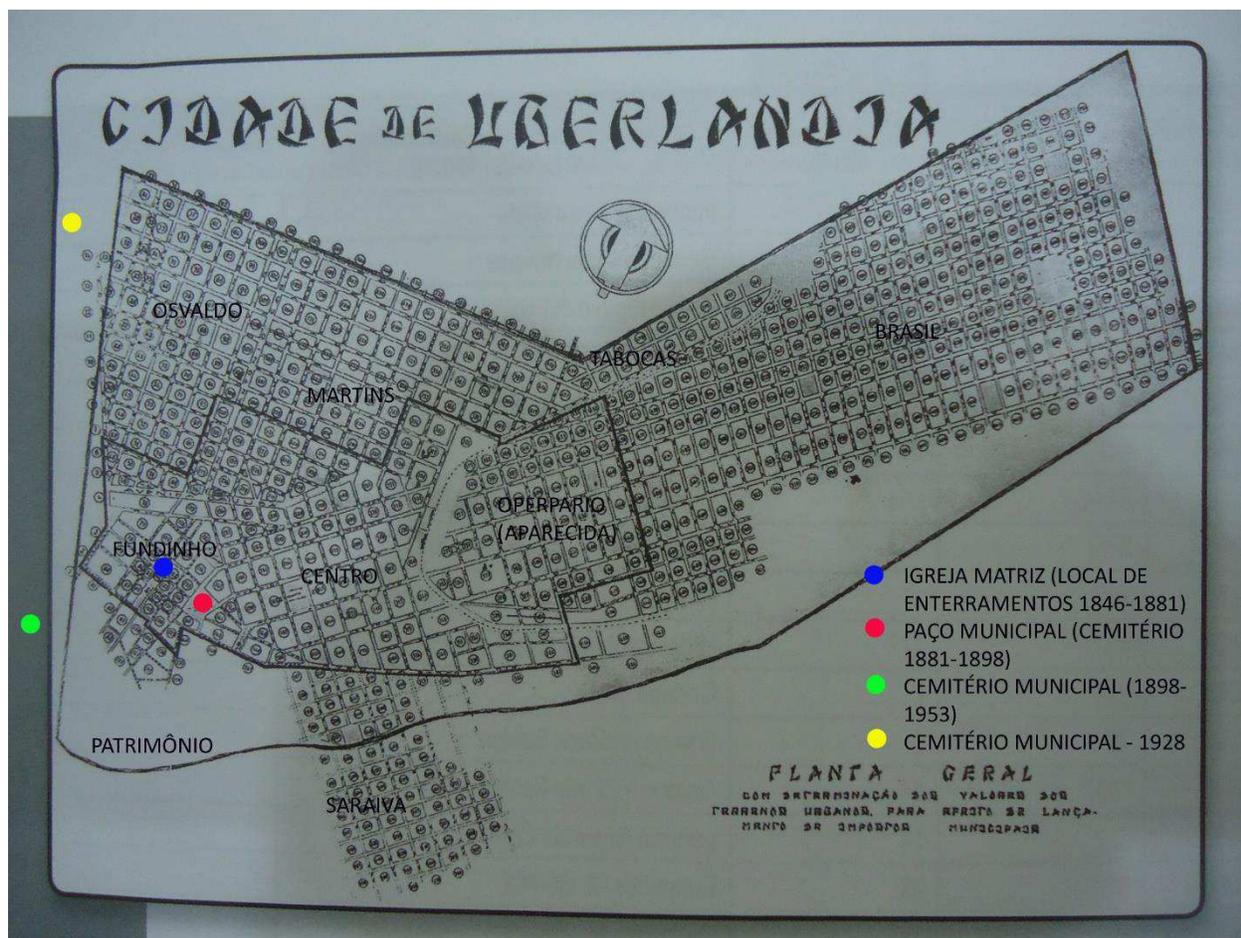
Mesmo que aquela região da cidade, periférica e com presença de zona de prostituição, não tivesse ainda recebido na década de 1930 melhorias, como chama atenção Oscar Virgílio Pereira, *“de 1930 e até 1947, a cidade, administrada por prefeitos nomeados, não inovou, nem investiu mais nos serviços essenciais, limitando-se a cuidar de sua manutenção na chamada área do Patrimônio da Igreja, já beneficiada em sua totalidade”*<sup>199</sup>, ou seja, a Vila Martins onde fora edificado o novo cemitério não possuía rede de água, esgotos, muito menos pavimentação.

Mesmo no final da cidade, em 1938 (conforme planta geral abaixo) o novo cemitério municipal era alvo de atenção dos periódicos e de ações tímidas em prol do embelezamento do mesmo. A ideia por trás destas ações está no sentido de que neste período a morada dos mortos, também deveria atender princípios de conforto aos vivos, um local belo que pudesse acomodar a população visitante<sup>200</sup>, conceito já presente em outras necrópoles do país.

<sup>199</sup> PEREIRA, 2010. Op. Cit., p.423.

<sup>200</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.237.

MAPA 3 - Mapa de Uberlândia em 1938.



Planta Geral de 1938. PEREIRA, 2010. Op. Cit., p.474. Legenda e indicações dos bairros feitas pelo autor e orientadora.

A distância a ser percorrida entre as áreas centrais da cidade e o novo cemitério tornou-se alvo de reclamações e discussões na imprensa. Enquanto os outros locais de enterramentos edificados (1846, 1881 e 1898) atendiam a população em um raio de no máximo 700 metros da Igreja Matriz, este, além de ficar uma região mais elevada da cidade, tinha como distância aproximadamente 2,5 Km. A funcionalidade nos cortejos, sem uma avenida pavimentada e arborizada ficava comprometida. Mesmo assim, com seguidas reclamações das condições da via, somente em 1941 é que um projeto de pavimentação da então Avenida da Saudade entra em curso<sup>201</sup>.

<sup>201</sup> 11/03/1941. *Pela prefeitura. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 03, nº 662, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Já sobre a estética do cemitério municipal, muro e fachada, também vão levar pouco mais de uma década para conclusão. A construção do muro que teve início em 1933, somente vai ser concluído (fundos e laterais) no ano de 1942<sup>202</sup>. Nesse intervalo há denúncias do uso da verba para outros fins, como na crônica “*Disfarce é fraco*” de *A Tribuna* de 06/08/1938 que afirma que o muro ainda não foi concluído em razão do uso da verba para outros fins, apontando assim o possível desleixo por parte do poder público para com a nova necrópole.

*O público lembra-se de como aqui vergastamos os improvisados gestores dos negócios públicos que iam tomar empréstimo com cara de Santa Casa de Misericórdia aos governos, em nome dos muros do cemitério e empregavam os dinheiros em outras coisas deixando ali a mercê dos tatus, como até hoje os nossos mortos*<sup>203</sup>

Nesse período, conforme afirma Mauro Dillmann, o bom aspecto, como limpeza, arborização do espaço cemiterial eram exigências sociais<sup>204</sup>. No caso de Uberlândia, em que, como veremos a seguir, pessoas de famílias influentes no cenário político e econômico da cidade passam a ser sepultadas nesse novo espaço de enterramentos, a preocupação em deixar aquele local com melhor aspecto passava a ser alvo, não somente de reclamações, como também de ações do poder público no final da administração Vasco Giffoni (1934-1942).

O desejo de avivar e embelezar Uberlândia também deveria, ainda que ficasse em um dos limites da cidade, atender a morada dos mortos<sup>205</sup>. Um dos projetos que deveria atender essa demanda do embelezamento do novo cemitério era de ter um pórtico a altura do que se desejava para a cidade e o cemitério. Abaixo seguem duas plantas. A primeira, possivelmente de um dos proponentes, segundo notícia no início do tópico, que não foi vencedor, datada de 18/11/1938 e

<sup>202</sup> 02/07/1942. *Melhoramentos para a cidade. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 05, nº 946, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>203</sup> 06/08/1938. *Disfarce é fraco. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 19, nº 1231, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>204</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.165.

<sup>205</sup> 24/11/1939. *Terrenos vagos no coração da nossa urbes. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 02, nº 471, p.3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. “*Contrastando com a beleza urbanística da cidade, onde o espírito remodelador vem apresentando índices incontestes de levar Uberlândia dentro do mais curto prazo aos podromos da maravilha, notamos certa incuria por parte de possuidores de terrenos no coração da nossa urbes, sem construção, em aberto ou mal murados, constituindo verdadeira afronta... Cooperando com a melhor boa vontade da administração municipal, há necessidade dos donos desses terrenos tomarem parte ao lado das realizações com o fim do embelezamento cidadão. Estão no dever de assim procederem, os proprietários dos dois terrenos existente na Avenida João Pinheiro, esquina da Rua Santos Dumont, mandando edificar dois magníficos prédios naqueles locais, entretanto se não lhes for possível é justo que levem a venda para quem o possa fazer, mas nunca mantê-los nas atuais condições, justamente na mais linda artéria uberlandense, ainda a pouco o dotada de embelezamento, admiráveis, com artística predisposição de ajardinamento e com iluminação recentemente inaugurada digna da mais progressista capital brasileira”.*

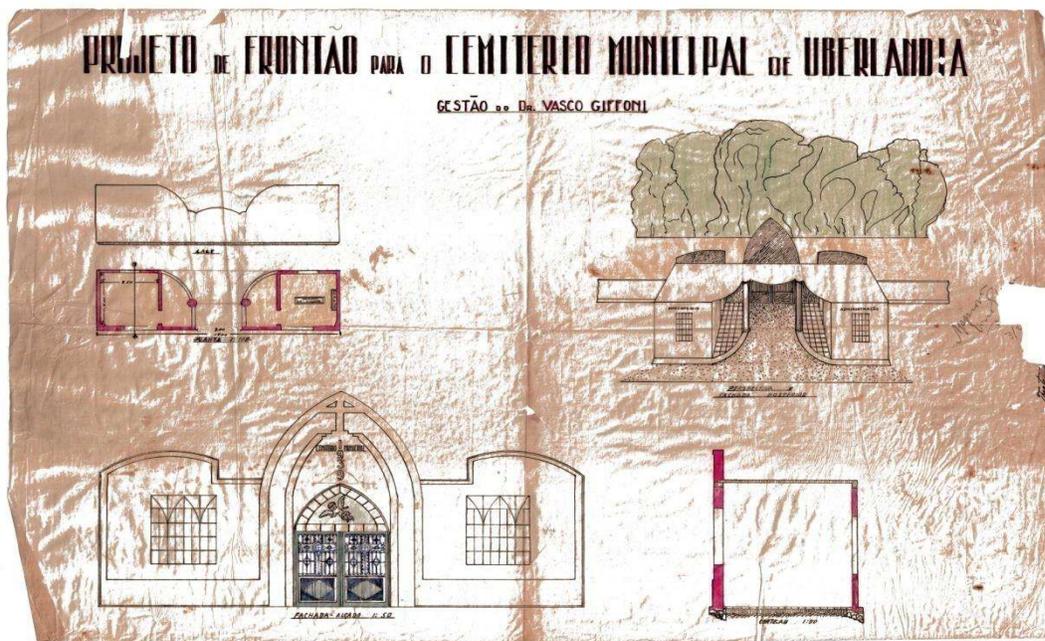
assinada por José Ferreira. A segunda planta é do projeto vencedor. Datada em 1939 e assinada por Teutônio Pereira Lima.

**PLANTA 2 - Parte da planta de fachada do Cemitério Municipal. Projeto não executado de 1938.**



Em função do tamanho segue o recorte apenas da parte central da planta. Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Mapoteca. A imagem completa está em anexo na página 200.

**PLANTA 3 - Parte da planta de fachada do Cemitério Municipal. Projeto executado de 1939.**



Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Mapoteca.

Mesmo com a conclusão das obras, interessante notar que apesar das diversas reclamações nos periódicos, não há menção de solenidade alusiva à inauguração do pórtico do cemitério, apenas a referência de que já foi concluída a obra, citando ainda de maneira errônea que fora edificada uma capela, quando a planta aponta para necrotério ao lado da administração da necrópole.

*OBRAS NO CEMITÉRIO. Entrando em negociações com os srs. José Tomás & Irmãos e Absalão Fonseca, a Prefeitura da executar a frente do Cemitério Municipal, em estilo moderno. O pórtico do campo santo abriga, de um lado, a capela e, de outro, a administração daquele próprio municipal. E desse melhoramento que inserimos um clichê em outro local desta edição*<sup>206</sup>

Já em uma edição especial sobre os sete anos de governo de Vasco Gifoni, a necrópole é alvo de elogios. Mesmo tendo murado somente a frente da necrópole, na apresentação das obras do governo Gifoni, além de atribuir ao atual prefeito a construção do espaço cemiterial, que fora edificado antes de sua gestão, no ano de 1928, o destaque se dá nos elogios concedidos na folha sobre o aspecto do cemitério municipal, após as reformas e consequente embelezamento da morada dos mortos; “... *Aí está o magnífico e suntuoso Cemitério Municipal, obra de vulto e que mereceu grande carinho por parte de S. Excia. Trabalhando sempre para que Uberlândia se coloque na vanguarda das demais cidades de Minas, tratou o dr. Vasco Gifoni de construir um Cemitério onde adotou a técnica dos grandes centros do país...*”<sup>207</sup>.

Interessante também é a data colocada no pórtico. A data escolhida 1939 é da inauguração do muro e não da edificação da necrópole, o que reforça na obra as benfeitorias da administração municipal da gestão do Sr. Vasco Giffoni (1934-1942). Abaixo seguem fotos impressas nessa edição do jornal *Correio de Uberlândia* que estão no Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>206</sup> 14/07/1939. *Prefeito Vasco Giffoni. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 02, nº 389, p.1 e 18. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>207</sup> 16/04/1941. *Sete anos de governo. O que representa para Uberlândia a gestão profícua e honesta do Dr. Vasco Gifoni a frente da Prefeitura Municipal – As suas realizações. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 3, nº 686, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

**IMAGEM 3 - Foto. Fachada do Cemitério São Pedro. Ano de 1940.**



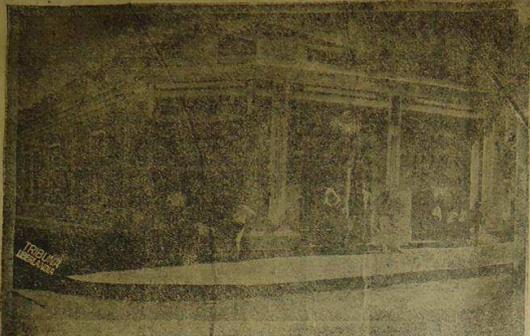
Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Acervo imagens. AE DOADAS 0511. Foto de 1940.

Todo esse embelezamento e melhorias na morada dos mortos não se dava apenas no entorno e na aparência externa da necrópole. O interior da mesma era também alvo de ações no sentido de promover um melhor aspecto entre as sepulturas em especial na avenida principal do cemitério edificado em 1928, como também nos próprios túmulos com a construção de jazigos e mausoléus.

Na década de 1930, Uberlândia contava com duas marmorarias. Tanto a Marmoraria Mineira de Rafael Anastácio, quanto a Marmoraria Uberlândia também conhecida por Visibelli & Cunha que possuía como escultores Luiz Visibelli e Mario Mesina, tinham em seus anúncios nos periódicos locais como carro chefe dos serviços oferecidos para túmulos e mausoléus. Ambas marmorarias, em sua publicidade, afirmavam acompanhar novas tendências modernas na arte estatuária e conseqüentemente funerária. Segue abaixo os anúncios.

IMAGEM 4 - Clichê. Anúncio da Marmoraria Mineira. Ano de 1936.

**Marmoraria Mineira**  
DE  
**Raphael Anastacio**



Executa todo e qual-  
quer serviço artis-  
tico em marmore

**Especialista**  
em  
**Tumulos**

**Av. João Pinheiro, 971 - Caixa, 140**  
**Uberlândia — Minas**

*A Tribuna.* 07/09/1936.

IMAGEM 5 - Clichê. Anúncio da Marmoraria Uberlândia. Ano de 1937.

**Marmoraria Uberlândia**  
A maior e a mais bem aparelhada do Brasil  
**VISIBELLI & CUNHA**



ESPECIALISTAS EM TUMULOS, FRENTES DE PREDIOS, ALTA-  
RES, MAUSOLÉUS E MONUMENTOS  
DIRIGIDA TECHNICAMENTE PELO ABALISADO ESCULTOR E ES-  
TATUARIO, LUIZ VISIBELLI, DE LONGA PRATICA NAS  
PRINCIPAES MARMORARIAS DO PAIZ

O Sr. Visibelli, competente director do grande estabelecimento — Marmoraria Uberlândia

O VERDADEIRO MESTRE DOS POETAS DO MARMORE, CUJOS TRABALHOS INSPIRADOS DEIXAM-NOS ENTERNECIDOS.  
PARA AS OBRAS DE ESCULPTURA E ESTATUAS, A "MARMORARIA UBERLANDIA" TEM TAMBEM O FAMOSO ARTISTA MARIO MESSINA, O MELHOR DA AMERICA DO SUL.  
E' A UNICA DO TRIANGULO DE MINAS, QUE TRABALHA EM MARMORES ESTRANGEIROS E PORFIROS NACIONAES  
BREVEENTE, EM PREDIO PROPRIO

**EXPOSIÇÃO PERMANENTE**  
**RUA 21 DE ABRIL, 94**  
**UBERLANDIA**  
**(MINAS)**



*A Tribuna.* 12/10/1937.

Mesmo assim, em um filme intitulado “*Cidade Menina*” exibido em maio de 1941<sup>208</sup>, em que orgulhosamente se apresenta o desenvolvimento urbano, industrial e comercial da cidade, ao citar a Marmoraria Uberlândia, e mesmo com as imagens mostrando a construção de túmulos, em nenhum momento a narração faz alusão à arte cemiterial “*A grande Marmoraria Uberlândia de Luiz Visibelli e Gastão Cunha. A mais bem aparelhada do Triângulo Mineiro e Goiás. Entre seus especialistas conta-se o escultor Francisco Focati, o desenhista Eduardo Petrônio, 6 técnicos e marmorista técnico Luiz Visibelli, um dos sócios da firma*”<sup>209</sup>. O destaque nas imagens é justamente para as lápides e jazigos construídos pela marmoraria.

O fato é que as marmorarias eram requisitadas, em especial a Visibelli & Cunha que conforme notícias abaixo, produzia túmulos até mesmo para outras localidades:

*Executado na Marmoraria Uberlândia, seguiu, hoje, para Monte Carmelo o maosoleo do ex-prefeito daquele município, com os dizeres: dr. Celso Bueno da Fonseca, o grande amigo de Monte Carmelo. Tivemos ocasião de apreciar essa primorosa obra de arte, esculpida, nesta cidade, pela firma Visibelli & Cunha, cujos trabalho enaltecem a nossa industria. O tumulo em apreço encomendado pela prefeitura de Monte Carmelo, ficou em dez contos de reis, sendo uma homenagem prestada ao seu malogrado ex-prefeito, falecido em circunstâncias trágicas*<sup>210</sup>

*A firma Visibelli & Cunha quis estrear o ano novo, oferecendo aos seu distinto freguês, cel. Olympio Augusto de Oliveira, residente em Araguary, um primor trabalhado na sua conhecida marmoraria, isto é, um mausoléu suntuoso, no valor de 10:000\$000, com um desconto dos melhores, que está costumada a fazer seus clientes. Essa obra de arte esculpida na Marmoraria Uberlândia, é para Oliveira Olympio de Castro, há pouco falecido e filho do cel. Olympio Augusto de Oliveira. Trata-se de um verdadeiro monumento fúnebre, alteiado por um pedestal, sustendo a estátua de Santa Terezinha, tendo na lápide um livro aberto com os dizeres referentes ao óbito. Correntes metálicas cercam a lousa de mármore branco, que cobre os despojos do falecido, onde se lêem no pedestal as palavras: ‘Em vida, foi um justo e os justos pertencem a Deus’. É uma homenagem digna, que o extremoso pai foi encontrar na Marmoraria Uberlândia, para prestar ao seu idolatrado filho*<sup>211</sup>

A venda de túmulos em mármore para outros municípios revela o quanto esse tipo de sepultura era procurado pelas elites da região daquele período. Em Uberlândia, mesmo não tendo uma referência direta nos periódicos sobre a venda de material semelhante no município, dois

<sup>208</sup> 02/05/1941. *Aplaudido calorosamente o filme da cidade. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 04, n° 697, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>209</sup> *Cidade Menina*. 1941. Direção de Emilio Sirkin. Fotografia de Hélio Carrari. Legendas de Jairo Pinto de Araújo. Locutor: Nélio Machado Pinheiro. *Produzido sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Uberlândia, associação comercial e industrial e Rotary Clube*. Patrocinado pelo Correio de Uberlândia. Tempo: 16’41 – 17’30. [www.museuvirtualdeuberlândia.com.br](http://www.museuvirtualdeuberlândia.com.br). Acesso em 16/07/2015.

<sup>210</sup> 24/10/1936. *Seguiu para Monte Carmelo, o túmulo do ex-prefeito Celso Bueno. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 20, n° 1047, p.7. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>211</sup> 07/01/1937. *Mais uma obra de arte, executada em Uberlândia. A Tribuna*. Autor Desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 20, n° 1067, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

trechos de crônicas do jornal *Correio de Uberlândia*, aludem para presença de suntuosos túmulos no interior da nova necrópole, “*A Necrópole parece viver, engalados túmulos e sepulturas, na homenagem floral em que se compraz a mística sentimental da saudade*”<sup>212</sup>, “*Nem a mansão dos mortos escapa! Roubadas do Cemitério local, todas as correntes de bronze dos túmulos ali existentes*”<sup>213</sup>. Além destas referências, a foto inserida páginas anteriores mostra que o espaço cemiterial no final da década de 1930 e início de 1940 já contava com número relevante desse tipo de sepultura.

Assim como a cidade, em seus aspectos urbanos “*apesar das consequências oriundas da situação que atravessamos, notamos que as edificações em nossa cidade prosseguem no seu ritmo costumeiro. Algumas construções estão prestes a terminar. Outras foram iniciadas, muitas projetadas do seu grau de adiantado progresso*”<sup>214</sup>, o interior do novo cemitério municipal acompanhava essa ideia de projeção e progresso, estando assim “*de acordo com a configuração assumida pela cidade, pelas concepções de ambiente urbano e de padrões estéticos dessa urbanidade*”<sup>215</sup>. Como na cidade, a nova necrópole em Uberlândia, acompanhando a ideia adotada em centros como Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre..., também se dividia entre o público e o privado, entre centro e periferia.

Na esfera pública, como vimos acima, ainda que com alguma demora e negligência, o embelezamento era concretizado pelo murar e na construção de um pórtico, necrotério e capela da nova necrópole, ainda que de fato a capela somente tenha sido edificada tempos depois na década de 1960. Outro aspecto que também passou a acompanhar o modelo de espaços cemiteriais presentes em grandes centros urbanos do país é a divisão social, projetando nesse espaço a classificação social entre os vivos, com valores diferenciados não apenas por tempo, como vimos no capítulo 1 da pesquisa, mas também por localização dentro do novo cemitério, com suas ruas e caminhos baseados no conceito moderno de cidade<sup>216</sup>, onde as vias seguem um padrão retilíneo e todos os moradores são identificados pelo ordenamento de quadra e número.

<sup>212</sup> 03/11/1940. *Uberlândia, ponto alto na vida de Minas Gerais. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 02, nº 503, p.5. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>213</sup> 23/05/1944. *Nem a mansão dos mortos escapa! Roubadas do cemitério local, todas as correntes de bronze dos túmulos ali existentes. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 08, nº 1427, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>214</sup> 04/10/1942. *Aspectos urbanos. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Alvina S. Paes. Ano 24, nº 1621, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>215</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.148.

<sup>216</sup> FRANCAVIGLIA, Richard V. *The Cemetery as an Evolving Cultural Landscape. ANNALS of the Association of American Geographers*. Kansas: Volume 61, nº 3, September 1971, p. 505.

Assim os ideais de cidade jardim, seu ordenamento e embelezamento, passaram a ganhar força nas décadas de 1930 e 1940 no interior da nova necrópole de Uberlândia, fazendo com que o cemitério e a urbe andassem cada vez mais lado a lado<sup>217</sup>. Como já ocorria em outros espaços cemiteriais mais antigos e de capitais, seu interior estava cada vez mais alinhado com os ideais de uma cidade moderna<sup>218</sup>.

No embelezamento do novo cemitério de Uberlândia não se pode descartar a sacralidade nos seus símbolos. Entendendo que o espaço não está secularizado, onde várias religiões expressam a esperança do homem na imortalidade, o mesmo apresenta com seus monumentos, tanto um lugar de expressão econômica como de uma paisagem que tem características espirituais e místicas<sup>219</sup>, portanto macroecumênico<sup>220</sup>.

No que diz respeito ao particular, no caso na expressão dos enlutados, especialmente naqueles que podiam pagar por lugares nas quadras e avenida principal da nova necrópole, observa-se a vontade e reafirmação social na morada dos mortos, como nas ruas e avenidas da urbe. Não apenas pela localização, mas especialmente pelos jazigos, que conforme explica Dillmann, são fruto de “*desejos e vontades socais*”<sup>221</sup>, como também do desejo de valorizar o espaço cemiterial, pela “*limpeza, a organização, o adorno e a estética*”<sup>222</sup>.

## **2.2 Representações para o velho e o novo cemitério**

*A espécie superior, dotada do espírito altruístico da solidariedade humana, tendo o senso moral altamente desenvolvido, prende-se entre si na vida terrena mas não se solta dos lames que em todos os tempos aproximam os vivos dos mortos. E nesta qualidade que a enobrece é que reside a centelha divina, cujo poder é emanado de Deus Todo Poderoso. O culto aos mortos, a veneração da memória daqueles que Poder Superior tirou do nosso convívio aqui, as lágrimas que se derramam ainda pelo ente querido que desde há muito habita o campo santo, esse apego à lembrança dos nossos antepassados, ou por parentes ou por beneméritos – tudo isso denota a luz meridiana que há qualquer coisa de sobrenatural presidindo os destinos dos vivos em relação aos mortos e deixando nestes como que uma força de domínio sobre o espírito daqueles... Legenda*

<sup>217</sup> NASCIMENTO, 2006. Op. Cit., p.316.

<sup>218</sup> Idem, p.315.

<sup>219</sup> FRANCAVIGLIA, 1971. Op. Cit., p.502.

<sup>220</sup> O conceito macroecumênico aponta para um diálogo e ações entre religiões ou inter-religioso. Nesse sentido macroecumenismo é melhor apropriado para as práticas religiosas em um cemitério público do que ecumenismo. O conceito ecumênico, na grande maioria das vezes, é usado para apontar um diálogo entre denominações de uma única religião, como por exemplo, o diálogo entre católicos e protestantes no cristianismo. Ver mais em: BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz. Um curso de ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004, pp. 113-122.

<sup>221</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.170.

<sup>222</sup> Idem, p.198.

*abaixo do clichê: Aspectos dos nossos cemitérios. Em cima os piedosos visitantes rodeiam a catacumba desmoronada. Em baixo, pessoas que se retiram do tumulto do saudoso Padre Pedro Pio ao terminarem suas orações. Um aspecto do cemitério novo.*<sup>223</sup>

*Dia de finados fomos aos cemitérios. Havia um sol muito quente e o Campo Santo descampado com os nossos, obriga a gente a ser menos piedosa. Mas a visitação nos cemitérios foi bastante concorrida. O sentimento piedoso do nosso povo é tradicional e nesse dia de saudades e preitos aos mortos nos conforta deveras. No cemitério velho, ao entrarmos, vimos um punhado de visitantes rodeando uma catacumba cujo teto havia desmoronado, parcialmente. Pelo buraco maior podia se ver, perfeitamente, os restos mortais da criatura que ali fora enterrada. Lá estava a caveira, os sapatos carcomidos, a ossada enfim. Um pequeno disse, logo que se abeirou do tumulto que o tempo quis que ficasse exposto aos curiosos olhares do público: - O corpo é de mulher. - Como é que você sabe? Perguntou outra pessoa. - Pelos sapatos. Olhe lá, são de mulher. Efetivamente lá estava um resto de sapato, pequenino e delicado. De alguma virgem? Felizmente os ossos nada dizem aos olhares profanos e leigos. O fato é que o tumulto se havia desvirginado com o tempo e agora expunha, aos olhares violadores, aquele montão de ruínas tétricas como a lembrança da morte.*<sup>224</sup>

Acima dois relatos de cronistas diferentes e que no mesmo periódico retratam como fora o dia de finados do ano de 1933 na visita aos cemitérios municipais. A narrativa de Ernesto Schiller e de Adolpho Amaral acompanha um clichê com uma visão parcial do ocorrido. O texto de ambos os jornalistas revela-m o estado dos dois cemitérios após cinco anos de coexistência. Nos relatos, bem como na legenda das fotos, a denominação velho e novo aparece e diferencia os espaços de enterramento. Seguem fotos abaixo do jornal.

---

<sup>223</sup> 05/11/1933. *Finados*. **A Tribuna**. Ernesto Schiller. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 14, nº 737, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>224</sup> 05/11/1933. *Memento*. **A Tribuna**. Adolpho Amaral. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 14, nº 737, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

**IMAGEM 6 - Clichê. Momentos do dia de Finados nos cemitérios municipais. Ano de 1933.**



*Finados. A Tribuna. 05/11/1933.*

Na legenda das fotos, “*Aspectos dos nossos cemitérios. Em cima os piedosos visitantes rodeiam a catacumba desmoronada. Em baixo, pessoas que se retiram do túmulo do saudoso Padre Pio ao reminarem suas orações. Um aspecto do cemitério novo*”, essa ideia do novo é marcante, não somente nas crônicas que retratam a necrópole recém edificada. A presença do novo e a depreciação do velho tornam-se uma constante nos periódicos locais de Uberlândia nas décadas de 1930 e 1940. Neste período a cidade que tem novo nome, passa por transformações e inovações nas suas edificações e traçado urbano. Uberlândia conta na década de 1930, segundo Oscar Virgílio Pereira<sup>225</sup>, com mais 12 loteamentos oficiais e ainda 3 em processo de aprovação, em razão do crescimento populacional. Com relação aos transportes também houve a criação de novos serviços, como a inauguração do campo de aviação em 1935 com linhas da VASP<sup>226</sup>, e com uma estação rodoviária no início dos anos 1940. A ideia ia muito além do atender

<sup>225</sup> PEREIRA, 2010. Op. Cit., p.470.

<sup>226</sup> 21/07/1935. *Uma tarde linda para os altiplanos uberlandenses. A Tribuna.* Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 16, n° 913, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia; e 10/08/1935. *VASP. A Tribuna.* Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 16, n° 919, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

necessidades de uma cidade do interior do Brasil. A questão destas novidades, nem era tanto uma demanda de circularidade, mas muito mais dentro de uma necessidade de se auto afirmar no cenário político e econômico da região ao oeste das Minas Gerais.

Nesse intuito, a municipalidade adota algumas medidas para melhoramento dos serviços urbanos, como a criação do mercado municipal em 1943<sup>227</sup> e pavimentação de avenidas e praças, e outras para embelezamento como arborização de praças, a até mesmo a construção de uma nova igreja matriz, com andamento das obras ao longo da década de 1930, tendo sua inauguração em 1944. Ou seja, nem mesmo a igreja escapou do anseio de uma nova urbe. A capela que era tida como acanhada é demolida, para dar lugar a uma estação rodoviária e nova matriz que então é inaugurada com novo nome, não mais Nossa Senhora do Carmo e sim Santa Terezinha.

Dentro deste contexto, as elites uberlandenses, além de pautarem a identidade do município como “*cidade jardim*”, também denominam a localidade como “*cidade menina*”. Se como vimos anteriormente, o conceito cidade jardim aponta uma urbe limpa e salubre, cidade menina, como é intitulado o filme produzido e citado no tópico anterior, complementa essa auto identificação com a ideia de pura, imaculada, bela, trabalhadora e acima de tudo nova, como toda menina “*desponta o sol sobre as 81 ruas calçadas e 15 avenidas da mais pitoresca cidade do Triângulo Mineiro. Uberlândia vem agora. Ela tem proporções e aspecto de uma capital. Índice seguro de um dia de trabalho*”<sup>228</sup>.

Essa nova cidade, essa menina cresce e constrói sua vida sobre um belo jardim. Como a menina, assim como os jardins são novos, as construções, os monumentos, as edificações e a morada dos mortos também devem ser novas. Em contraposição, o velho dentro dessa dinâmica progressista deve ser deixado de lado e de preferência não associado ao modelo que se quer de urbe, e, portanto, esquecido.

Essa nova cidade, também deseja uma nova memória, um novo cemitério. Como fora abordado no tópico anterior a necrópole inaugurada no final da década de 1920 é alvo de melhoramentos por parte do poder público municipal, como também pelas famílias que lá tem

---

<sup>227</sup> 13/12/1942. *Inaugurado o Mercado Municipal. A Tribuna*. Autor desconhecido. Redator e diretor proprietário Alvina S. Paes. Ano 24, nº 1638, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>228</sup> *Cidade Menina*. 1941. Direção de Emilio Sirkin. Fotografia de Hélio Carrari. Legendas de Jairo Pinto de Araújo. Locutor: Nélio Machado Pinheiro. *Produzido sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Uberlândia, Associação Comercial e Industrial e Rotary Clube*. Patrocinado pelo Correio de Uberlândia. Tempo: 1’15 – 1’35. [www.museuvirtualdeuberlândia.com.br](http://www.museuvirtualdeuberlândia.com.br). Acesso em 16/07/2015.

seus entes sepultados. Dentro da perspectiva do novo e do velho está o que deve ser lembrado e conseqüentemente esquecido.

Importante nessa relação entre o cemitério municipal edificado em 1898 e a outra necrópole, construída em 1928, que as crônicas dos jornais passam a denominar de velho e novo, é a produção, além de um juízo de valor, de um esquecimento programado. Quando um espaço cemiterial que era alvo de críticas pela sua situação na década de 1920, e que após a construção de outro poucas vezes é mencionado nas crônicas do mesmo periódico, e quando aludido sempre é de forma depreciativa, a ideia de esquecer, não somente aquele cemitério, como também aquela região da cidade por não acompanhar o embelezamento, a cidade jardim, e também por não ser uma região menina, logo velha, ganha força. Sobre esse esquecimento promovido, Paolo Rossi aborda o assunto em um tópico denominado “*assassinos da memória*”, onde alerta para a proximidade que pode ocorrer entre o apagar e o esquecer:

*O apagar não tem a ver só com a possibilidade de rever, a transitoriedade, o crescimento, a inserção de verdades parciais em teorias mais articuladas e mais amplas. Apagar também tem a ver com esconder, ocultar, despistar, confundir vestígios, afastar da verdade, destruir a verdade. Com frequência se pretendeu impedir que as ideias circulem e se afirmem, desejou-se (e se deseja) limitar, fazer calar, direcionar para o silêncio e o olvido. Aqui, o convite ou a coerção ao esquecimento tem a ver com as ortodoxias, com a tentativa de coagir todo pensamento possível dentro de uma imagem enrijecida e paranóica do mundo<sup>229</sup>.*

Nesse sentido, o esquecer não está associado a uma decisão pessoal e que certamente não convida a neutralidade. Mas sim aos jogos de manifestação e ocultação, revelação e encobrimento devidamente orientados e programados. Esse agir tirano sobre a memória estaria ligado ao que Michel Pollak denomina de “*controle da memória*”<sup>230</sup>, quando se escolhe o que lembrar, como lembrar e o que deve ser esquecido dentro da ideia de um “*bom passado*”<sup>231</sup>, ou seja, uma nova memória, de uma cidade ainda menina. As necrópoles como parte da cidade, estão carregadas de signos e assim exercem sua função simbolizadora<sup>232</sup>. Dessa forma, a sepultura e sua escrita exercem uma função simbolizadora. O cemitério é um espaço pensado e construído não somente para os mortos, mas com seus rastros e testemunhos não documentais<sup>233</sup>, é também um espaço edificado muito mais para os vivos do que para os mortos.

<sup>229</sup> ROSSI, Paolo. *Lembrar e esquecer*. In: *O passado, a memória e o esquecimento*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010, p.32

<sup>230</sup> POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e silêncio*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p.10.

<sup>231</sup> POLLAK, 1989. Op. Cit., pp. 12-13.

<sup>232</sup> RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007, p.377.

<sup>233</sup> RICOEUR, 2007. Op. Cit., pp. 180-181.

Nos cemitérios, as representações dos mais diversos costumes estão evidenciadas. O cemitério, seus signos e códigos reconhecidos socialmente, representam, formam e transmitem valores comportamentais coletivamente apropriados. O espaço cemiterial com a escrita produz o que Jacques Le Goff chama de “*arquivos de pedra*”<sup>234</sup>. Como em outros espaços na cidade, as sepulturas repletas de signos produzem discursos, conforme explica Bronislaw Baczko: “*a função do símbolo não é apenas instruir uma classificação, mas também introduzir valores, modelando os comportamentos individuais e coletivos, indicando as possibilidades de êxito dos seus empreendimentos*”<sup>235</sup>. Dessa forma, o ato de sepultar permanece e os cemitérios como parte da cidade, nas suas representações, transmitem símbolos da identidade local<sup>236</sup>. A idealização, construção e preservação de espaços na cidade e conseqüentemente do cemitério, transforma-o em espaço da memória ou de esquecimento<sup>237</sup>.

Nessa relação de memória e esquecimento situam-se os jazigos, túmulos, lápides e demais monumentos dentro de um espaço cemiterial. Conforme registro do periódico *A Tribuna*, citado no início deste tópico, “*visitantes rodeiam a catacumba desmoronada. Em baixo, pessoas que se retiram do tumulo do saudoso Padre Pedro Pio ao terminarem suas orações. Um aspecto do cemitério novo*”<sup>238</sup>, o cronista apresenta o quanto o túmulo é um referencial do nome e da pessoa que ali jaz. No caso do Padre Pedro Pio, devotos tem como elo seu jazigo, bem como a da sepultura desmoronada, que não por acaso localiza-se no cemitério velho. Assim, o túmulo além de abrigar os restos mortais, abriga a memória “*tornando-se uma referência para coesão familiar e para o indestrutível sobrenome*”<sup>239</sup>.

A construção de jazigos, formas tumulares, lápides bem trabalhadas, conforme vimos no tópico anterior, tiveram uma crescente em Uberlândia na década de 1930, muito em razão do trabalho das marmorarias Mineira e Uberlândia. Coincidentemente ou não, neste período novas sepulturas somente são edificadas no novo cemitério municipal. A necrópole inaugurada em 1898 recebe poucos sepultamentos, e quando isso ocorre somente nas sepulturas de famílias que lá já

---

<sup>234</sup> LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003, p.428.

<sup>235</sup> BACZKO, 1985. Op. Cit., p.311.

<sup>236</sup> HARTOG, François. *Tempo e patrimônio*. In: *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, Jul/Dez 2006, p.266.

<sup>237</sup> HARTOG, 2006. Op. Cit., pp. 267-268.

<sup>238</sup> 05/11/1933. *Finados*. *A Tribuna*. Ernesto Schiller. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 14, nº 737, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>239</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.150.

possuíam um perpétuo<sup>240</sup>, uma vez que, não há espaço para novos enterramentos. E a construção dessas novas sepulturas, e no caso de Uberlândia em um novo espaço cemiterial, segundo explica Mauro Dillmann, em sua análise dos cemitérios em Porto Alegre, tem ligação com o que se quer lembrar, promovendo a valorização da memória daqueles que não mais estão vivos, e de culto aos mortos; “*A consolidação de catacumbas arquitetadas como habitação do morto, não apenas capaz de suceder o local sagrado da capela, mas também de representar a casa da família, agrupando gerações foi uma prática comum para satisfazer as necessidades simbólicas de analogias entre os dois mundos, dos mortos e dos vivos*”<sup>241</sup>.

Essa memória valorizada tem relação com a distinção social dos que são rememorados coletivamente. Em Uberlândia na década de 1930, como ocorrera em outras localidades do Brasil no mesmo período, a ideia do jazigo/memória/monumento ganhava mais espaço na necrópole edificada em 1928, denominada pelos periódicos e atas da câmara como novo cemitério. A distinção social no espaço cemiterial, que já existia na Uberabinha das décadas anteriores, ganha grande impulso com a edificação de um novo espaço para enterramentos. Assim como se expandia o urbano da Cidade Jardim, ou Cidade Menina, com novas e belas construções, o cemitério também ganhava com o desejo da distinção social das famílias túmulos “*alegóricos e monumentais*”.<sup>242</sup>

Nesse intuito de valorização da memória e dos grandes feitos, o que fazer com aqueles que se quer lembrar e que não estão sepultados no novo cemitério? Essa é uma questão que mesmo que não seja frequente nos periódicos, aparece em alguns momentos como no trecho das duas crônicas abaixo:

*JOAQUIM AZELLI. Entre as dividas de gratidão que Uberlândia tem para com os estrangeiros que aqui vem colaborar conosco e se dedicam a todas as tarefas que lhes cabem, com amor ao trabalho e respeito as leis, temos de salientar a de Joaquim Azelli, autor de vários trabalhos, como engenheiro da nossa prefeitura, que o sagraram em nossos corações. Contraindo incidiosa moléstia, Joaquim Azelli faleceu quase que isolado, em uma casa dos arredores desta cidade, sem uma visita, sem o carinho que lhe devíamos, diante de tanta dedicação para com esta cidade... Azelli encontrou o fim da sua existência, como amizade imperecível, alguns dedicados amigos, podendo-se citar entre estes Sylvio Rugani, que jamais o abandonou em toda a sua enfermidade e nas*

---

<sup>240</sup> “*Vitimada por insidiosa moléstia que a reteve ao leito por muito tempo, veio a falecer ante-ontem, a rua Felisberto Carrijo 171, nesta cidade, a exma. Sra. d. Oscarina da Cunha Chaves... O ataúde, que saíra, ante-ontem mesmo, às 16 horas, da residência acima, para o Cemitério Velho, teve numeroso acompanhamento o que vem a comprovar a estima de que é credora, em nossos meios, a enlutada família a cuja dor a ‘A Tribuna’ se solidariza sentidamente*”. 16/07/1938. Dona Oscarina da Cunha Chaves. *A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 20, n° 1225, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>241</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.151.

<sup>242</sup> Idem, p.168.

*horas dos seus maiores sofrimentos. O tumulto de Joaquim Azelli está no cemitério velho, a Avenida Paranahyba, desta cidade e raramente é visitado, mesmo nos dias piedosos de finados. Entretanto Azelli, como outros estrangeiros que prestaram bons serviços a esta cidade, deve ser rememorado por aqueles que não usam lentes biconvecas.*<sup>243</sup>

*Uma das figuras que mais evocam o passado desta nossa Uberlândia é a de Augusto Cesar Ferreira e Souza, na sua dedicação afetuosa, desde os primeiros anos em que se transferiu de Sacramento para este outrora recanto de Triangulo. Vemo-lo em tudo, pugnando por esta terra e enfrentando todos os obstáculos para que a mesma conseguisse os seus desideratos. Aqui pode-se dizer, foi onde sua vida mais se pronunciou. Aqui o vemos sempre em lutas políticas e no foro, refletindo, porem, toda elas a mesmas vontade que neste havia de beneficiar a terra em que agora jazem os seus restos mortais. Por esta terra ele fez tudo o que se podia fazer: elevai-a a cidade e comarca. E quem fala hoje de Augusto Cesar? Como dissemos os seus restos mortais jazem ignorados no velho cemitério. Sabemos onde estão eles? É possível que sim. E por que não os trasladamos para um jazigo da nova necrópole? O nosso descaso pelos nossos antepassados é bem o pronunciamento de uma terra em que a formação moral está menos adiantada do que a material. O culto pelos mortos é a expressão mais perfeita da nobreza interior de um povo. O que está vivo está em correspondência com a gente. Pode, a cada momento, por atos e fatos, agradecer. Quem morre nada mais pode...*<sup>244</sup>

Se a ideia é diminuir a distância entre vivos e mortos com as edificações e o consequente culto à memória, no caso dos que estão sepultados na necrópole da Avenida Paranahyba, os mesmos jazem no esquecimento. A memória se transmuta em problema social. A lembrança/recordação desses nomes se configuram em lições de história. E nessa dinâmica do cemitério como um lugar de memória, da recordação do legado daqueles que já não estão mais vivos, o fato dos restos mortais de Joaquim Azelli e Augusto César Ferreira e Souza estarem ainda no “cemitério velho” iam contra corrente modeladora que contagiava a cidade de Uberlândia no período, e porque não dizer, da memória que agora se tinha ideia de ser construída ou reconstruída. Até porque os demais que jaziam no Cemitério Municipal de 1898 não foram aludidos em nenhuma crônica, nem os que ainda eram sepultados, como no caso de Oscarina da Cunha Chaves, sepultada em 16/07/1938, o que apresenta um desejo do que lembrar dentro de espaços para memória e esquecimento, na década de 1930 denominados de Cemitério Novo e Cemitério Velho.

Outro ponto não menos importante na relação dos espaços cemiteriais de Uberlândia na década de 1930 com o projeto de cidade está na projeção do velho e o novo nas representações.

<sup>243</sup> 08/09/1940. *Um olhar no passado. A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 22, nº 1429, p.6. Arquivo Público Municipal de Uberlândia

<sup>244</sup> 10/08/1939. *Augusto Cesar. A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 21, nº 1326, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Quando na crônica da visita ao cemitério a descrição do velho espaço cemiterial é do pior aspecto possível, lugar de abandono, onde sepulturas estão deterioradas e restos mortais estão à vista, em contrapartida, o novo espaço, apesar de desarborizado, tem como destaque um jazigo. A representação de uma edificação correspondente ao que se quer como modelo de cemitério, dentro de um projeto de cidade ideal, onde progresso e necrópole andam lado a lado.

Detalhe também importante no embelezamento e arborização deste cemitério está na presença de ciprestes (conforme fotos abaixo). Essa árvore além de ter, conforme Fernando Catroga, “à sua forma o permanente verde das suas folhagens e à sua madeira quase incorruptível, foram escolhidas como símbolos de regeneração, de morte e imortalidade”,<sup>245</sup> a presença desta espécie era sinônimo da modernidade nos cemitérios portugueses no século XIX, o que influenciou o plantar de ciprestes em necrópoles no Brasil.

Os espaços estão dentro de um projeto de cidade. Em Uberlândia esse modelo não foge à regra. No relatório de governo do prefeito, Sr. Vasco Giffoni (1934-1942), impresso no periódico *Correio de Uberlândia*, o novo cemitério ganha destaque. Seguem abaixo da notícia as fotos, cedidas pelo Arquivo Público Municipal de Uberlândia, que estão publicadas no periódico.

*Uberlândia, ponto alto na vida de Minas Gerais. Desenvolvimento de Uberlândia em 1939, apesar da crise que assolou a nação. Como se afirmou esse desenvolvimento... NECROPOLE MUNICIPAL (p.4) A vertigem remodeladora construtiva do dr. Vasco Giffoni atingiu a Necrópole municipal e os melhoramentos ali introduzidos nem só demonstram o desejo de algo apresentável, como constituem uma prova evidente do sentimento piedoso de uma alma nobre, que sabe reverenciar os mortos queridos que ali descansam da eterna vicissitude da vida. As duas ilustrações do Cemitério Municipal dizem melhor do que as expressões que desejávamos imprimir a esta reportagem. Na foto (p.6) Belo aspecto da ala principal do cemitério público de Uberlândia*<sup>246</sup>

<sup>245</sup> CATROGA, 1999. Op. Cit., pp.120-121.

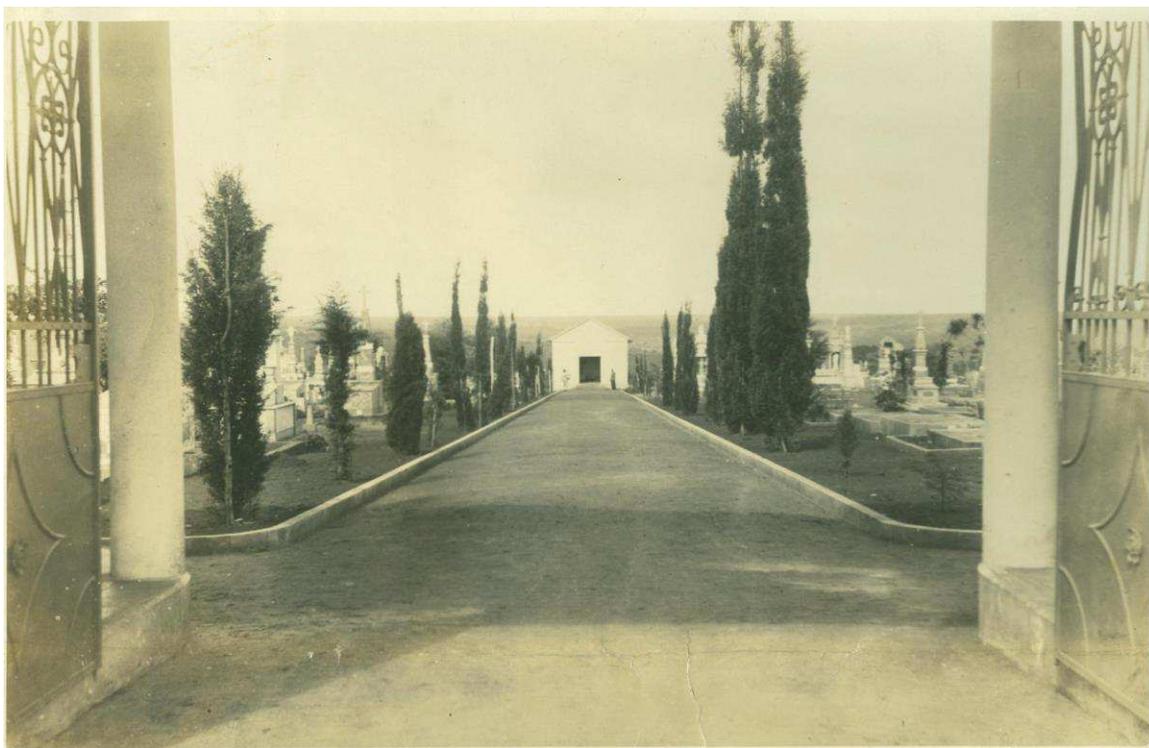
<sup>246</sup> 03/11/1940. *Uberlândia, ponto alto na vida de Minas Gerais. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 02, n° 503, p.5. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

**IMAGEM 7 - Foto. Interior do Cemitério São Pedro. Ano de 1940.**



Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Acervo imagens. AE DOADAS 0512. Foto de 1940

**IMAGEM 8 - Foto. Interior do Cemitério São Pedro. Ano de 1940.**



Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Acervo imagens. AE DOADAS 0513. Foto de 1940

Importante contextualizar essas notícias, bem como as fotografias e até o filme “*Cidade Menina*” com o período em que foram produzidos. Nota-se em ambos os materiais (fotografias e filme) uma ênfase do período, de uma nova dimensão organizacional, materializando na propaganda a necessidade de uma nova arquitetura institucional<sup>247</sup>. Esse destaque em fotografias, para divulgação do governo municipal se fazia presente no Brasil em função do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda). Esse órgão, denominado por Mônica Pimenta Velloso de “*entidade onipresente*”<sup>248</sup>, criado em dezembro de 1939<sup>249</sup> pelo governo Getúlio Vargas (período do Estado Novo 1937-1945), tinha como objetivo legitimar não apenas as ações do governo federal, mas também todas as ações locais que estivessem em consonância com o ideal centralizador e político do Estado Novo<sup>250</sup>.

Atendendo as tendências da propaganda institucional que ia do regional e local ao nacional o novo não apenas é divulgado, como o antigo nem ao menos é lembrado. Assim foi feita a matéria sobre as obras do governo Vasco Giffoni. Enquanto o belo aspecto toma conta do cemitério municipal edificado em 1928, o antigo não é mencionado no relatório de governo. Em um aviso publicado em *A Tribuna* datado de 09/10/1937 temos ideia que o zelo pela antiga necrópole, quando ocorre, apenas é para não deixar o espaço no dia de Finados, como no restante do ano, em estado de abandono, até porque o costume no “*culto aos mortos primava pelos túmulos limpos, adornados e organizados*”<sup>251</sup>.

*A Diretoria de Obras Públicas da Prefeitura Municipal avisa às pessoas interessadas, que, a contar do dia 15 do corrente, o portão do cemitério velho estará aberto durante o dia, para a entrada aquela necrópole das pessoas que desejarem fazer reparos nos túmulos dos seus entes queridos que ali jazem. A Prefeitura, como de costume, vai providenciar sobre a limpeza dos muros e da quadra, a fim de dar aquele local melhor aspecto por ocasião do dia de Finados. Manoel Pinto – Fiscal Geral.*<sup>252</sup>

<sup>247</sup> GOMES, Ângela de Castro. *Autoritarismo e corporativismo no Brasil: O legado de Vargas*. São Paulo: Revista da USP. N° 65. Março/maio 2005, p.112.

<sup>248</sup> VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Revista de Sociologia e Política n°9. Fundação Getúlio Vargas, 1997, p. 62.

<sup>249</sup> PASCHOAL, Francisco J. *Getúlio Vargas e o DIP: a consolidação do “marketing político” e da propaganda no Brasil*. Juiz de Fora: Anais do 1º Simpósio do Laboratório de História Política e Social: 70 anos do Estado Novo, UFJF, 2007, p.2.

<sup>250</sup> CAPELATO, Maria Helena R. *Estado Novo: Novas Histórias*. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007, p.194.

<sup>251</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.185.

<sup>252</sup> 09/10/1937. *Prefeitura Municipal. Aviso. A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 20, n° 1146, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Pesavento em sua análise das representações explica que estas escolhas não são fruto de um projeto ingênuo<sup>253</sup>. No caso de Uberlândia, onde pelo discurso das elites dominantes, como o filme mesmo afirma “*uma capital em reserva*”<sup>254</sup>, dentro do projeto de embelezamento as influências que atingem os melhoramentos em um dos cemitérios apresenta qual o modelo de cidade dos mortos se quer na nova cidade. Como afirma Costa; “*é importante não só analisar as formas e o meio urbano, mas os discursos e as representações que contribuíram para a geração destas formas*”<sup>255</sup>.

Com base nessas escolhas, do que lembrar e do que esquecer, como também no cuidado e abandono e nas expressões que denotam juízo de valor, novo e velho na identificação dos cemitérios municipais, demonstram como na Uberlândia da década 1930 e 1940 a cidade pensada pelos que a gerenciavam deveria ser utilizada. Os cemitérios, especialmente o inaugurado em 1928, remete ao modelo progressista de organização e uso da cidade, com centro, avenida principal e periferia.

### **2.3 Mortos e práticas fúnebres: Entre inovações e tradições na experiência urbana em Uberlândia.**

*... Cortejo Fúnebre - Pode-se dizer que Uberlândia ainda não havia presenciado um espetáculo mais comovedor do que o cortejo fúnebre do enterramento daquele que soube cumprir na terra sua missão. Foi compreendendo perfeitamente isso que a culta sociedade uberlandense, para a qual tanto trabalhou o major Tobias com todos aqueles que ele familiarmente chefiou, compareceu aos seus funerais, realizados as primeiras horas, do dia 14, no qual vimos representações de todos os credos e classes, rendendo as qualidades do exemplarismo chefe de família extinto a sua derradeira homenagem.... Todos os autos que acompanharam o cortejo iam cheios, não tendo os mesmos comportado o número de pessoas que desejavam acompanhar até a sua derradeira morada o saudoso uberlandense. O féretro foi retirado às 9 e 20 minutos da casa da residência da família Ignácio de Souza, sendo carregado até a Igreja pelos circunstantes, formando se até a Matriz uma verdadeira procissão. Os ofícios religiosos*

<sup>253</sup> “Nesse contexto, é possível que, em locais e momentos diferentes, sejam adotadas soluções idênticas ou análogas, mas a explicação de uma imitação pura e simples, fruto de um cosmopolitismo ingênuo, deve ser descartada. O fato de ser possível estabelecer uma articulação entre práticas e representações do urbano entre épocas e locais variados, nos mostra que problemas semelhantes ou mesmo idênticos se colocaram nesses tempos e espaços distintos”. PESAVENTO, 1999. Op. Cit., p.22.

<sup>254</sup> “A urbe é moderna, enorme. Uma capital em reserva. Ruas calçadas, indústrias prósperas e várias, comércio intenso e moderno. Uma boa emissora local. Em um ano foram construídos 424 prédios novos e reconstruídos outros 122. Atestado eloquente de seu crescente progresso”*Cidade Menina*. 1941. Direção de Emilio Sirkin. Fotografia de Hélio Carrari. Legendas de Jairo Pinto de Araújo. Locutor: Nélio Machado Pinheiro. **Produzido sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Uberlândia, Associação Comercial e Industrial e Rotary Clube**. Patrocinado pelo Correio de Uberlândia. Tempo: 5’22 – 6’01. [www.museuvirtualdeuberlandia.com.br](http://www.museuvirtualdeuberlandia.com.br). Acesso em 16/07/2015.

<sup>255</sup> COSTA, Maria Clélia L. *Influências do discurso médico e do higienismo no ordenamento urbano*. Revista da ANPEGE, v. 9, n. 11, p. 63-73, jan./jun. 2013, p.68.

*couberam ao rymo. Cônego Albino de Figueiredo e seu coadjutor, sendo até a Matriz o corpo acompanhado por s. ryma. No Largo da Matriz o número de automóveis cresceu três vezes mais, pois devido a rua Barão de Camargos ser muito estreita diversos particulares deixaram ali seus os seus carros. O desfile - No desfile foram contados 81 automóveis, todos repletos, o que equivale dizer que compareceram ao enterramento 500 pessoas, exceto as que foram a pé esperar o extinto na praça do cemitério ...*<sup>256</sup>

*A população da zona central da cidade, em toda a extensão das suas principais avenidas, movimentou-se na manhã de ontem em um desusado impulso de curiosidade, que, desde logo, se espalhou celeremente. Embora se tratasse de um caso triste, não faltou quem levasse o acontecimento pelo lado jocoso, atribuindo-o, desde logo, à falta dos carburantes. O FATO. Cerca das sete e meia horas de ontem, desciam pela Avenida Floriano Peixoto sessenta e três carroças em desfile, cada uma delas conduzindo numerosas pessoas. A frente do cortejo fúnebre, em demanda do Cemitério Municipal. E foi aí que a irreverência pública glosou o fato – embora triste – não faltando quem atribuísse a família do morto intenções de [trecho ilegível] o racionamento ou, na melhor de hipóteses, de não se ver, por ele prejudicada. Outros, mais irreverentes, afirmavam que se tratava de um piquenique, embora á frente estivesse o caixão mortuário. UM DESEJO MANIFESTADO EM VIDA. Para satisfazer á curiosidade geral, ante aquele féretro sui generis, a nossa reportagem se pôs, desde logo, em serviço e, daí a pouco, ficava ciente do ocorrido. Tratava-se do enterramento do carroceiro Justino Mateus de Melo, de 35 anos, solteiro, filho do casal Antônio Mateus e Leopoldina Rosa Mateus, residente á Av. Cesário Alvim 1672, na Vila Operária, nesta cidade, sendo natural da cidade paulista de Franca. Há poucos dias, o carroceiro Justino, em uma conversa em casa de sua família, manifestará o desejo de, ter o seu caixão conduzido ao cemitério por uma carroça. Anteontem tendo falecido vítima de uma síncope cardíaca, a sua genitora, d. Leopoldina, lembrou-se do seu desejo e, como não houvesse privilégio de empresas funerárias da cidade, resolveu-se a conduzir o caixão mortuário do filho em uma carroça, como este o desejará, para a sua última morada. O CORTEJO. E, si bem o pensou, ela o pôs imediatamente em prática e, depois de por em ordem os papéis mortuários e de encomendar o caixão, deu daquilo ciência ás pessoas amigas. Sabedores do caso, todos os colegas do carroceiro Justino resolveram-se à acompanhá-lo á sua última morada, levando em seus veículos de trabalho, as suas respectivas famílias. E foi por isso que, ontem pela manhã se verificou o estranho cortejo, rumo ao Cemitério Municipal.*<sup>257</sup>

Nos trechos de jornais transcritos acima ficam evidenciadas tradições, desejos e inovações com relação aos atos fúnebres. No sepultamento do Major Tobias Ignácio de Souza o destaque para os automóveis é notório. Já no sepultamento de Justino Mateus de Melo, o trânsito de carroças é alvo de destaque pelos jornalistas, não somente pela homenagem, como também por não acompanhar tendências modernas em funcionamento na cidade.

Em Uberlândia nas décadas de 1930 e 1940 a relação com o fato fúnebre sofreu modificações, mesmo com todas as tradições que envolvem a morte e o luto. Somente para citar dois exemplos de mudanças que afetaram tradições envoltas no luto, menciono a criação de um

<sup>256</sup> 15/04/1936. *O falecimento do Major Tobias Ignácio de Souza. A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 19, nº 992, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>257</sup> 10/09/1942. *Desejou um cortejo de carroças para levá-lo á última morada. Curioso desfile funerário através da cidade. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 05, nº 998, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

cemitério aproximadamente de 2,5 Km do centro da cidade e o modelo de necrópole espelhado na cidade bela, cidade jardim. Os dois casos afetaram o tradicional cortejo fúnebre, até o final de 1928 um curto trajeto (pouco mais de 700 metros), e o no caso do embelezamento, a preocupação cada vez maior de suntuosas sepulturas no novo espaço cemiterial.

Além disso, a sensibilidade com relação à veneração aos mortos, segundo crônicas de jornais, também parecia ter sido atingidas pelo passar do tempo. Esse tipo de crônica<sup>258</sup>, que se repetem no início da década de 1930, vai sendo reduzida com o passar dos anos. As alusões aos cemitérios, e também a visitação no dia dos finados se tornam bem menos frequentes segundo os cronistas na década mencionada se comparadas às dos anos 1920. Aliado a essa constatação de uma menor visitação, a crônica abaixo alude a outro temor: ao de o cemitério e seus mortos serem esquecidos.

*Não longe a cidade dos mortos de Uberlândia. De vez em quando a visitamos. Fulano? Coitado! Vou ao seu derradeiro passeio. O auto corre pela rua poeirenta do Cajubá e lá deixamos o amigo. Uns mais recentes outros mais antigos. São todos bons. Passam a inspirar piedade. Ante ontem foi dia de revê-los. Que?! Lá está o sr. Prefeito, o presidente, o reitor... Que sabemos. – Aquela viúva coitada! Sabe Deus o que ela sofre... Enfim! Aqui é o tumulo do cel. Carneiro, homem que sonhou com a grandeza da sua terra. Eu teria escrito este epitáfio de outra maneira. Mais sonhou! Efetivamente ele sonhou, porém realizou também. – Aquela menina que reza? Não conheço. Bonitas flores! De onde teriam vindo? Eis ai uma lembrança feliz: - flores naturais para os mortos. Os cemitérios devem ser uns verdadeiros jardins. Aqui nós tratamos de embelezar as suas praças e esquecemos das cidades dos mortos. – Mais baixo, homem, olhe ali o prefeito. Ele talvez pense nisto... No cemitério velho: Limpo e zelado. Muito bem. Os cemitérios quanto mais velhos mais queridos devem ser. Nos túmulos antigos é que a gente vê, através dos anos e séculos a humanidade espelhar-se. – Chauteabriand? Que Chauteabriand! Isto é de Loti ou Prevost, nem sei. Este cemitério nos lembra tantos amigos! Olhe lá esta o túmulo do Padre Pio, Rafael Rinaldi, Azzelli, Cypriano, Severiano, quantos! Como que a gente vae-se adaptando!... A morte é como um entorpecente. Vem sorradeira, leva a gente, muito choro, muita coisa depois!... Consolame uma coisa. E que amanhã aqui estarei ao lado deles e me virão ver, também como hoje. Virão?<sup>259</sup>*

<sup>258</sup> Um exemplo dessa queixa está na crônica que segue: “Os mortos de hoje não parecem mais aqueles mortos de outrora que recebiam as homenagens de nosso sentimento nesse dia que lhes destinamos. Estão, efetivamente mudados. Os mortos de outros tempos, nesse dia tão grande como a da pátria dos vivos, nos chamavam ao seu mundo, se comunicavam conosco no êxtase da saudade, dedicavam-nos os seus momentos mais íntimos e viviam para nós essas doze horas de recordação e respeito. Os cemitérios ficavam repletos de gente e flores. Formavam um ambiente de preces e lágrimas. E os que ai nos chamavam com aquela saudosa ânsia de nos ver mesmo em espírito, forçavam-nos a esquecer este mundo, ainda que por momentos, para viver com eles o seu nirvana. Hoje o mundo dos que se foram mudou. Já dali não nos evocam nem sentem a compaixão que sentiam de nós, mandando-nos, a sua constante recordação para que no seu dia ai não deixássemos de ir vê-los tristes e compungidos pela separação forçada que nos legou o destino. Como estão mudados os nossos mortos!. 01/11/1931. 2 de Novembro. **A Tribuna**. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 13, nº 573, p.42. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>259</sup> 04/11/1936. *Meia hora entre os mortos*. **A Tribuna**. Elpácio Nora. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 20, nº 1050, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Mesmo que mudanças na maneira de lidar com o dia dos mortos foram observadas pelos jornalistas do período, costumes tradicionais com relação ao morrer mantiveram-se, mesmo nesse processo, não de secularização, mas de modernização dos costumes. Destaco que o mesmo jornal que aponta para esse esfriamento com o 2 de novembro, e da falta de um sentimento mais religioso com os que dormem, é o mesmo que reafirma práticas litúrgicas voltadas diretamente para a Igreja Romana no processo da morte e da condução do luto na Uberlândia do período mencionado.

A presença da Igreja nos últimos instantes daqueles que moribundos esperam pelo momento derradeiro é registrada como um costume nas páginas do principal periódico da cidade. O receber dos sacramentos, bem como o cortejo da casa para a Igreja para depois ser levado ao cemitério são exemplos da presença do sagrado na modernidade, o que demonstra o quanto a religiosidade não fora afetada por um novo modelo de vida em sociedade não mais gerenciado pela Igreja. A importância da religião no morrer encontram-se nos dois trechos abaixo:

*JOSE COTTA PACHECO. Morreu no dia 23, nesta cidade, em casa de sua residência a rua 13 de maio n°2, na idade de 73 anos, esse descendente dos doadores do Patrimônio da Igreja, onde se acha edificada nossa cidade... O seu enterramento realizou-se no dia seguinte ao seu passamento com um cortejo concorridíssimo, apesar da falta de autos com que estamos lutando. José da Cotta Pacheco recebeu todos os sacramentos antes da sua morte e deixou este mundo cercado de todos os seus... Foi, seu corpo, de sua residência para a Igreja, onde o encomendou o revd. Padre Albino de Figueiredo, seguindo depois para a necrópole local onde foi dado á carneira especial. A Tribuna, apresenta a família do morto os seus pezames<sup>260</sup>*

*Teve uma recompensa altamente significativa de seu merecimento como mãe, esposa e educadora exemplaríssima a conhecida e velha professora Maria Ethelvina da Conceição, mais conhecida pelo apelido de família que encima estas linhas. O seu enterro estava marcado para as duas horas; e, a uma e pouco a residência de um dos seus filhos não comportava as pessoas que ali foram render-lhes a sua última homenagem, ficando em frente da residência a maior parte das mesmas onde se viam representações de varias classes e todos os amigos da família Cardoso desta cidade... Toda a representação uberlandense pode dizer ali se encontrava e foi um verdadeiro ato tocante quando surgiu o féretro carregado pelos seus filhos, com rumo a Igreja Matriz, precedido pelo revmo. Padre Agenor Pedroso, que oficiou o ato fúnebre. Da Igreja Matriz ao cemitério o acompanhamento foi feito de auto, falando no cemitério o talentoso acadêmico Sr. Cleanto Vieira, que produziu uma oração digna de todo elogio, pela sua correção, pelo sentimento com que foi pronunciada e pela magoa que sentia ao pronunciar as palavras sobre o ataúde de d.Pitú, esse futuro orador uberlandense<sup>261</sup>.*

<sup>260</sup> 26/10/1932. *Falecimento. A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 14, n° 636, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>261</sup> 07/07/1937. *O falecimento da professora Pitú. Aspecto do seu enterramento no domingo. A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 20, n° 1119, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

A ideia e a prática do cortejo permaneciam associadas ao religioso. Com mudanças no processo de condução que veremos com mais detalhes em seguida, o cortejo continuava a fazer parte do bem morrer<sup>262</sup>. O sentir o luto acompanhava tradições católicas romanas, como da presença de irmandades e de doações, esmolas nos cultos em memória do falecido, ou da falta de todos esses elementos no caso de um suicida. A descrição do sepultamento de Aloisio Anastácio é um exemplo dessa falta. Ele, jovem de 16 anos e filho de um dos anunciantes do jornal, Sr. Raphael Anastacio proprietário da Marmoraria Mineira, que tinha como slogan “*especialista em túmulos*” atentara contra a própria vida. A crônica, no entanto, ao tratar do cortejo limitou-se a informar que “*A morte trágica do desditoso moço foi bastante sentida, pois era ele muito relacionado e estimado em Uberlândia. O fêretro, que teve grande acompanhamento, saiu da residência de seus pais, a Avenida João Pinheiro, às 16 horas de hoje*”<sup>263</sup>. O fato de não ter recebido os sacramentos é óbvio, mas o cortejo não informar a presença da pessoa do padre, ou do cortejo não seguir em direção à Igreja, aponta para a teologia corrente no momento que entre os suicidas não há o que fazer, nem mesmo lugar no Purgatório.

Em contrapartida, outra postura da família e da Igreja relata o periódico *A Tribuna* no passar dos dias do enterramento do Major Tobias Ignácio de Souza. Passadas duas semanas de seu falecimento, as irmandades das quais ele fazia parte cumpriram com seu dever, realizando ofício litúrgico, orando pelo destino da alma do saudoso irmão; “*Domingo passado, às oito horas em ponto, foi rezada missa em sufrágio da alma do saudosíssimo major Tobias Ignácio de Souza. Ao ato estiveram presentes as Irmandades do Rosário e de São José, que fizeram officiar o referido ato em memória do seu saudoso irmão e fundador...*”<sup>264</sup>.

Os ofícios em favor das almas dos que partiram cumpriam também com finalidade social. No momento do velório, quando o valor que seria gasto com coroas de flores era destinado a instituições que cuidavam dos pobres da cidade, como no caso do velório de Alzira Costa. Segundo o relato, o “*óbito se verificou nesta cidade a 17 do corrente, dispensaram as coroas que*

---

<sup>262</sup> O cortejo como parte do bem morrer é analisado por João José Reis em práticas fúnebres do século XIX, em especial na Bahia. O autor afirma que “*a ordem perdida com a morte se reconstitui por meio do espetáculo fúnebre, que preenche a falta do morto ajudando os vivos a reconstruir a vida sem ele*” e complementa “*Esse ritual de solidariedade para com o morto se associava à noção de que a boa morte nunca seria uma morte solitária e desprovida de cerimônia*”. REIS, 1991. Op. Cit., p.138 e 144.

<sup>263</sup> 29/06/1938. *Suicidou-se em plena rua. Desiludido, talvez, da vida. Aloísio Anastácio põe termo a existência com um tiro na cabeça. Ignoram-se os motivos da tragédia. A Tribuna.* Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 20, nº 1220, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>264</sup> 02/05/1936. *Tobias Ignácio de Souza. A Tribuna.* Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 19, nº 997, p.7. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*peças de relações pretendiam depositar sobre o ataúde, em benefício dos pobres para os quais foram revertidas as quantias destinadas aquela demonstração de estima”, que então beneficiou com duzentos e dez mil reis, a Conferência Nossa Senhora do Rosário e a Sociedade São Vicente de Paulo. Esse ato, segundo o autor da crônica, além de ajudar os que necessitavam deveria servir de exemplo, uma espécie de vanguarda do luto, a outras cidades populosas “A iniciativa da reversão do dispêndio das coroas fúnebres, que só servem como ostentação de luxo, em favor dos pobres, merece todos os aplausos e deve construir uma praxe em todos os centros populosos”<sup>265</sup>.*

Outro momento interessante nesse processo de vivência do luto e tradições católico-romanas mantidas, mesmo na década de 1930, é a relação das boas obras em cultos da saudade, dentro de um aspecto soteriológico, de uma ajuda mútua no processo de salvação. A diferença, ou adaptação no ato da esmola, é que a mesma tinha cunho social, na ajuda aos pobres como na missa em memória de Pio Alves Barbosa; *“Em homenagem á saudosa memória de Pio Alves Barbosa, depositamos nesta lista, o culto de nossas saudades, subscrevendo, por sua intenção, uma esmola em favor dos pobres do Asilo de São Vicente de Paula, desta cidade”<sup>266</sup>.*

Colaborar com a Sociedade São Vicente de Paula além de fazer bem para a alma e para os necessitados, contribuía para o ideal de cidade jardim, conforme explica Ribeiro:

*Além disso, é preciso ressaltar o Dispensário dos pobres de Uberlândia, cuja história se estende de 1934 à 1970, gerido também pela Sociedade São Vicente de Paula, cujos objetivos, além de retirar mendigos da rua, eram de auxiliar materialmente a pobreza no exercer o controle sobre as doenças contagiosas. O seu alvo principal eram os doentes portadores de Hanseníase, e, no Estado Novo, teve papel atuante na aplicação da política de saúde que construiu leprosários e preventórios por todo o país, isolando os doentes. Nesse sentido, este Dispensário promoveu a disciplinarização do espaço urbano de Uberlândia, afastando a pobreza indigente para a periferia, mantendo dessa forma, a imagem de ‘cidade jardim’<sup>267</sup>*

Ainda dentro da manutenção das tradições, também não faltavam missas realizadas no interior do cemitério. Mesmo sem uma capela no interior da necrópole<sup>268</sup>, as missas, conforme da

<sup>265</sup> 21/09/1935. *Culto da Saudade. A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 19, nº 931, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>266</sup> “Valores: Elias Alves Barbosa e Filhos 20\$000, José Maria Villela 10\$000, Homenagem do Foro 200\$000, Antonio Fecher Macedo 10\$000, Maradei 10\$000, Dr. Manoel Thomas Teixeira de Souza 10\$000, Abelardo Pena e Família 10\$000, Manoel de Oliveira 20\$000, Vasco Giffoni – Prefeito Municipal 10\$000, Ronan Barbosa 10\$000. No cemitério falou pelo foro o dr. José Maria Villela. *Viam-se coroas de saudades de: De Tita e filhos; de Elias Barbosa e filhos; de Nenen Wadi e filhos; eterna saudade de sua esposa e filha; homenagem da prefeitura Municipal*”. 10/10/1934. *Culto da Saudade. A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 15, nº 834, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>267</sup> RIBEIRO, 2006. Op. Cit., p.35.

<sup>268</sup> Somente vai ser edificada na década de 1960 no lugar onde fora construído o necrotério no ano de 1933.

foto abaixo, eram oficiadas nos jazigos capelas das famílias beneficiárias do ato litúrgico. O cemitério gerido pela esfera pública, presencia em seu ambiente missas que aludem ao tempo em que a nave dos templos católicos tinha como principal atividade litúrgica celebrações em sufrágios das almas no purgatório. Importante ressaltar que as instituições republicanas são laicas, e em tese, os cemitérios também, mas os túmulos e o culto dos mesmos são privados e poderiam receber qualquer referência religiosa particular. Dessa forma, o espaço cemiterial é público e livre para expressão de crenças, que no caso da Uberlândia do período é predominantemente católica.

***IMAGEM 9 - Foto. Missa no interior do Cemitério São Pedro. Entre 1933 e 1942.***



Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Acervo imagens. Número 9241. Entre 1933 e 1942 (Em 1933 foi construído o necrotério que aparece no canto esquerdo superior da foto e a parte dos fundos do cemitério somente é murada no ano de 1942)

Nessa foto é possível observar, além do número significativo de presentes no ato em memória, que o cemitério municipal inaugurado em 1928, ainda não possuía, na sua avenida principal, pavimentação e muro nas suas delimitações. Por essas observações, e pelo pequeno número de jazigos, é possível que o registro seja da primeira metade da década de 1930.

Interessante também na foto é a presença de pessoas bem vestidas e na sua grande maioria brancas o que indica que a missa, ou ato litúrgico de sepultamento, possivelmente seria de uma pessoa da elite local. O espaço onde ocorre o ato religioso na foto, conforme conversa com a senhora Alice Borges dos Santos<sup>269</sup>, é da família Rodrigues da Cunha, que cedeu o espaço para realização de missas até a construção de uma capela pela Igreja na década de 1960.

Voltando aos cortejos, agora nem tanto pelo seu trajeto, mas pela forma de condução, a década de 1930 apresentou inovações na cidade de Uberlândia. Como já informado nos tópicos anteriores do trabalho, o recém inaugurado cemitério na geografia do período localizava-se no final da cidade na década de 1940, distante 2,5 Km da Igreja Matriz. Aliado a isto a denominada Avenida da Saudade não dispunha de pavimentação e arborização, ou seja, o trajeto além de possuir um aclive acentuado, no período de seca era bastante empoeirado e o sol castigava quem participasse do cortejo, e na época de chuvas o trecho além do córrego Cajubá, hoje Avenida Getúlio Vargas, tornava-se, segundo crônicas, quase intransitável.

A novidade neste período é o uso de autos para o cortejo. Refiro-me como algo novo, em razão, até onde as fontes permitem ir, que na década de 1920, ou seja, quando os enterramentos eram realizados somente no Cemitério Municipal inaugurado em 1898, que ficava cerca de 700 metros da Igreja Matriz, os periódicos não citam a presença de carros, apenas de um cortejo. Em compensação os carros são a tônica dos suntuosos cortejos e sepultamentos após a inauguração do novo espaço cemiterial em Uberlândia. O uso de carros, conforme explica Dillmann, é uma adaptação do que era o cortejo pomposo de outros períodos:

*No século XVIII e XIX, se disseminou o uso de carruagens nas conduções fúnebres promovidas pelas irmandades religiosas, devido à localização afastada dos cemitérios dos centros urbanos. Cavalos providos de adereços, carros cobertos de panos em evidência, cocheiros devidamente fardados conferiam destaque ao cortejo fúnebre e, também, ostentação para alguns segmentos sociais. Um bom carro fúnebre para a condução dos mortos fazia parte da pompa que consolava os vivos, sendo ainda um elemento de destaque da procissão fúnebre... no início do século XX as irmandades já contavam com carros motorizados... Os funerais mudavam, mas não perdiam a sua pompa<sup>270</sup>*

No funeral de José Rezende é possível visualizar pelo clichê abaixo de *A Tribuna*, como afirmou o jornalista “o coche pela Avenida da Saudade com grande acompanhamento”. A

<sup>269</sup> A senhora Alice Borges dos Santos tem 87 anos. Ela é nascida em Martinésia, distrito de Uberlândia, e desde 1944 reside na área urbana da cidade. As informações foram concedidas após a missa realizada no cemitério São Pedro no dia 19/10/2015. A Sra. Alice é ministra da Eucaristia e desde a década de 1950 participa regularmente das missas no cemitério que são realizadas todas as segundas-feiras às 7h.

<sup>270</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.202.

mesma avenida sem pavimentação, mas trafegada por grande pompa que a ocasião pedia, “a maior ostentação dependia da família do morto”<sup>271</sup>, e no caso de José Rezende, empresário local, não poderia ser diferente<sup>272</sup>.

**IMAGEM 10 - Clichê. Momentos do funeral de José Rezende. Ano de 1933.**



22/02/1933. Morreu José Rezende. *A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 16, nº 668, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>271</sup> Idem, p.204.

<sup>272</sup> 22/02/1933. Morreu José Rezende. *A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 16, nº 668, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Legenda abaixo dos clichês: “Os funerais de José Rezende – 1º os amigos de José Rezende ao retirar do coche o seu corpo. 2º o coche pela Avenida da Saudade com grande acompanhamento. 3º o último avistar do corpo, com seus amigos, à beira do túmulo”.

O cortejo além de cumprir com os ritos religiosos está de acordo com as condições sociais da família do morto. As imagens do funeral de José Rezende apresentadas na página anterior revelam a importância e impacto social de enterros que passam a ser medidos pelo número de automóveis que seguem em direção ao cemitério. Essa condição social ocorre seguidas vezes nas páginas de *A Tribuna* na década em que Uberlândia se projeta como cidade jardim, cidade progresso. Exemplo disso foram os funerais do Cel. Teófilo Carneiro e do Major Tobias Ignácio de Souza. O primeiro relato vem acompanhado de uma extensa e elogiosa biografia.

*... O velório foi revezado por amigos da família e parentes, tendo sido armada a camara ardente na sala de visita da casa em que residiu 26 anos esse saudoso uberlandense. 52 automoveis, apesar do mau tempo que ameaçava, acompanharam seu enterro, vendo-se ai, todas as pessoas de representação desta cidade, inclusive altas autoridades. O féretro foi retirado da camara ardente pelos seus filhos Clarimundo, Alberto, Geraldino e José, tendo antes se oferecido para pegarem na alça do caixão, o exmo. Sr. Dr. Arnaldo de Moura, digno juiz de direito desta comarca, cel. Adolpho Fonseca, Custodio da Costa Pereira e o diretor desta folha. Eram 18 horas e 10 minutos quando o cortejo deixou a praça da Independencia, em direção ao cemitério, dando a volta pela avenida Afonso Pena.<sup>273</sup>*

*Todos os autos que acompanharam o cortejo iam cheios, não tendo os mesmos comportado o número de pessoas que desejavam acompanhar até a sua derradeira morada o saudoso uberlandense. O féretro foi retirado às 9 e 20 minutos da casa da residência da família Ignácio de Souza, sendo carregado até a Igreja pelos circunstantes, formando se até a Matriz uma verdadeira procissão... No Largo da Matriz o número de automóveis cresceu três vezes mais, pois devido a rua Barão de Camargos ser muito estreita diversos particulares deixaram ali seus os seus carros. O desfile - No desfile foram contados 81 automóveis, todos repletos, o que equivale dizer que compareceram ao enterramento 500 pessoas, exceto as que foram a pé esperar o extinto ...<sup>274</sup>*

O destaque ao número de automóveis nas páginas dos jornais apresentava o quanto aquele evento fora significativo na sociedade uberlandense de então. A ideia, conforme Mauro Dillmann escreve, era “*Mais do que garantir a condução dos mortos ao cemitério, os cortejos fúnebres se revestiam de um ritual orientado para imortalização do indivíduo na memória coletiva... despertando atenções no trânsito urbano pela suntuosidade dos carros funerários a motor*”<sup>275</sup>. O cortejo com elevado número de autos representava o quanto a pessoa era bem quista pela modelo de cidade e sociedade que era almejado, como no caso dos cortejos de Rosa Jorge Rassi<sup>276</sup> e de

<sup>273</sup> 15/03/1931. Cel. Teófilo Carneiro. *A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 13, nº 540, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>274</sup> 15/04/1936. O falecimento do Major Tobias Ignácio de Souza. *A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 19, nº 992, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>275</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.214.

<sup>276</sup> “*Senhorita Rosa Jorge Rassi – Sucumbiu repentinamente nesta cidade ás 17, 15 horas do dia 14 corrente a prendada senhorita Rosa Jorge Rassi, filha do Sr. Jorge Rassi, e de sua esposa d. Corina Rassi, destacados*

Theresinha de Carvalho<sup>277</sup>, a primeira filha de imigrantes sírios e a segunda filha de um elemento estimado pela imprensa local, ambas as filhas de cidadãos que não carregavam patentes militares ou titulação no serviço público.

O cortejo com grande número de carros, ou pelo menos enumerados pelos cronistas, permitia um enterro diferente do habitual. O ato de sepultar assim era transformado em um evento simbólico, e especialmente o morto e o nome de sua família, o destaque social<sup>278</sup>. Esse modelo de funeral carregava consigo, conforme conceito abordado por Georg Simmel<sup>279</sup> uma ideia de distinção dos indivíduos também no morrer. Associada a essa distinção estava relacionada à ostentação no cortejo, que reforçava as hierarquias sociais já estabelecidas, conforme explica Mauro Dillmann:

*Os carros motorizados, apesar de demandarem maiores investimentos, destinados ao pagamento da prestação de serviços [reparos e condução], de ferramentas e gasolina, garantiam a inserção da irmandade e do cemitério na 'dinâmica da modernidade'... Os novos carros motorizados eram um novo elemento do cerimonial de cortejo fúnebre: possibilitavam rapidez, conforto e distinção. Como produtos de 'alto luxo, eles logo se tornaram instrumentos de ostentação, prestígio e poder'... na hora da morte, poder seguir o corpo morto num cortejo automobilístico tinha significados que reforçavam as hierarquias sociais. Os carros fúnebres motorizados significavam também novas etiquetas fúnebres, que visavam conferir ainda maior prestígio à família do morto<sup>280</sup>*

Importante ressaltar, nesse contexto motorizado de cortejo, o carro fúnebre. Tão importante quanto o número de veículos que iam até a morada derradeira era o veículo condutor do esquife. Em Uberlândia, conforme visualizado acima no cortejo de José Rezende, o carro funerário em questão pertencente ao senhor Pedro José Samora da funerária Empresa São

---

*elementos da colônia síria local. Vitimou-a uma congestão cerebral, tendo o seu prematuro desaparecimento causado grande consternação entre todas as pessoas de suas relações. O enterro realizou-se no dia seguinte, tendo o ataúde sido conduzido a pé até a Igreja Matriz, e dali ao cemitério, sempre acompanhado por um grande cortejo de automóveis conduzindo pessoas da amizade da família".17/08/1941. Falecimento. A Tribuna. Autor desconhecido. Diretor Pedro Salazar Pessoa Filho. Ano 22, nº 1519, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.*

<sup>277</sup> *"O estimado uberlandense Sr. Bolivar de Carvalho e sua digníssima esposa d. Maria Joana de Carvalho, acabam de passar pelo duro golpe de perder a sua interessante Theresinha de Carvalho, de um ano de idade no enlevo de seu lar. A pobre criança que se mostrou de uma resistência enorme acometida de uma enfermidade intestinal que zombou de todos os recursos da medicina e do carinhoso trato que esteve a cargo das pessoas de sua família, as quais, neste duro golpe tem o consolo de não haverem descuidado um instante da doentinha, até que hoje, pelas sete horas, mais ou menos, circulou a notícia de seu falecimento pela cidade, afluindo a casa de seus pais grande número de pessoas, dada a consideração de que gozam nesta cidade. O enterro de Theresinha realizou-se hoje às 16 horas, nele se vendo grande representação do comércio e da nossa sociedade, num cortejo de trinta e oito automóveis, em que esteve presente o seu próprio pai. Nele estivemos representados pelo Sr. Anecy Pereira". 01/02/1940. Falecimento. A Tribuna. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 22, nº 1373, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.*

<sup>278</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.213.

<sup>279</sup> SIMMEL, Georg. *La metropolis y la vida mental*. Chile: Bifurcaciones, nº 4. Primavera, 2005, p.10.

<sup>280</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.230.

Sebastião<sup>281</sup>, era conhecido na cidade por “bererê”<sup>282</sup>, conforme legenda de foto do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

**IMAGEM 11 - Foto. Cortejo fúnebre e carro “bererê”. Década de 1940.**



Rua 21 de abril, atual rua Goiás esquina com av. Afonso Pena. À direita lojas "A cearense". Neste local também foi a loja de móveis Alfa. Na foto cortejo de um velório, pois à frente está o carro funerário, na época chamado de BERERERE, e pertencia ao sr. Samora. Aproximadamente na década de 1940. Descrição da fonte: Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Mesmo sem uma explicação para denominação popular do carro, o fato é que o veículo trabalhado e ornado para ocasião, dentro da esfera das representações significava muito para o momento, conforme explica Mauro Dillmann, “*os adornos dos carros tornavam o funeral mais bonito, atrativo e importante simbolicamente aos olhos da população, constituindo-se em certo espetáculo fúnebre, do qual podiam usufruir certos grupos sociais, que se destacavam pelo seu poder econômico e sua importância social*”<sup>283</sup>, entendendo que “*um bom carro fúnebre fazia parte do rito funerário que auxiliava a superar o trauma da morte nos sobreviventes*”<sup>284</sup>.

<sup>281</sup> 20/09/1940. *Anúncios. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 03, nº 539, p.3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>282</sup> O termo carrega duas possibilidades de associação com o carro fúnebre. Se for bereré, que significa barulho ou motim, estaria relacionada com o som do veículo. No caso de bererê, cujo significado é mosquito do gênero anófeles, poderia ser pela aparência do carro em questão.

<sup>283</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.214.

<sup>284</sup> Idem, p.205.

Outra inovação no cortejo era o que dizia respeito à condução do caixão nos trajetos em que não era possível o uso de veículo, quer seja motorizado ou não. O uso de uma carreta fúnebre para pequenas distâncias é aludido em uma crônica de 1937, em função da dificuldade em carregar o caixão,

*Uberlândia já necessita de uma carreta fúnebre? Esta pergunta parecerá um pedantismo de nossa parte. Absolutamente. Temos, é fato, um ótimo serviço funerário, mas torna-se indispensável esse aparelhamento para não assistirmos o martírio porque passaram, há dias, os amigos de Elias Andraus, ao prestar-lhe a derradeira homenagem, carregando-o, a pulso, até a Igreja. É claro que todos quantos pegaram nas alças do seu caixão funerário o fizeram satisfeitos deste sacrifício, mas a questão é que se o trajeto fosse um pouquinho maior as alças não suportariam. Elias era excessivamente pesado e seis homens não o poderiam carregar por mais tempo, porque pesava ele mais de cem kilos. As alças funerárias hoje são quase simbólicas. Há mesmo caixões funerários que não trazem alças. O melhor, portanto, é adotarmos a carreta, que em nada diminui a homenagem e é até mais elegante porque sobre ela poderemos ver a urna entre flores naturais e rodeada de outros símbolos homenageantes. Estamos certos que a nossa Prefeitura não precisará decretar esta providência porque um dos proprietários da empresa funerária desta cidade já nos disse que bastará um aviso do Sr. Prefeito para sua empresa adotar a carreta. Por um simples decreto, pois, poderemos ter este meio próprio de homenagear os mortos.<sup>285</sup>*

Além de todas essas questões envolvendo o status e a ostentação no cortejo, o uso de carros ou carretas, também estava associado ao modelo que se desejava para a Uberlândia de pouco mais de 42.000 habitantes do final da década de 1930 e início da década de 1940. Uma dinâmica social baseada na limpeza, velocidade e progresso não abria espaço para as carroças, os animais e carroceiros no centro da urbe. Para isso, a câmara de Uberlândia através do decreto n° 62 de 22 de abril de 1939, assim legislava; “*Art. 1º. Fica proibido nas praças, avenidas e ruas calçadas desta cidade o trânsito de veículos puxados a bois. Parágrafo único. A proibição estende-se a todas as vias públicas, à proporção que forem sendo pavimentadas*”<sup>286</sup>.

Mesmo que a lei fizesse referência apenas aos carros de boi, as crônicas do período sequente à lei mencionam todo tipo de veículo de tração animal como empecilho para o progresso local, conforme apresenta o Correio de Uberlândia em duas reportagens do ano de 1940<sup>287</sup>. A

<sup>285</sup> 14/07/1937. *Uma carreta fúnebre. A Tribuna*. Autor desconhecido. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 20, n° 1121, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>286</sup> PEREIRA, 2010. Op. Cit., p.388.

<sup>287</sup> “*Muitas vezes encontramos carroças transitando pelas estradas reservadas para os automóveis. Não há quem ignore o estrago causado por esses veículos, cujas rodas finas, perfuram o terreno e dificultam a passagem dos autos. Em toda parte sempre constituiu proibição o trânsito de carroças por essas estradas. Aqui, entretanto, essa proibição nunca foi atendida, e a prova é que todas elas transitavam displicentemente, surdos as vezes, até as buzinas dos autos. Mas, o nosso governador municipal que acaba de desembolsar uns cobres melhorando nossas estradas, não está disposto a vê-las estragadas pelos carroceiros e vai daí, ordenou uma severa punição aos que forem apanhados transitando por essas estradas. Para iniciar, já multou uns, dois ou três, apanhados pessoalmente por S. Excia. Cuidado, srs, carroceiros, o serviço nem sempre compensa uma transgressão. E não há*

proibição de carroças ou carros de boi do perímetro urbano da cidade favorecia o uso de veículo motorizado para condução dos mortos ao cemitério local, ainda que a via de acesso ao Cemitério Municipal somente seria pavimentada e arborizada no final de 1943.

Ainda com todas as proibições e pressão por parte de setor da imprensa relativas aos veículos de tração animal na cidade, é importante ressaltar que esse modelo de transporte não deixou de existir. Considerando que o ofício de carroceiro permanece até hoje, ainda em grandes centros urbanos, na Uberlândia das décadas de 1930 e 1940, esse era um trabalho que tinha um grande número de profissionais. E conforme crônica citada acima, a transgressão às leis relativas aos limites de circulação desse tipo de transporte continuou e as carroças continuaram a trafegar pela área central da cidade. Esse conflito entre inovações e resistências também atingiu os ritos que envolvem o sepultamento, no caso o cortejo, conforme explica Dillmann:

*As conduções fúnebres, por sua vez, passaram a apresentar certo requinte, pois, somados à novidade do motor, receberam requintada decoração... os carros fúnebres motorizados ganharam destaque e importância com a intensificação da urbanização, mas as carroças e carruagens não deixaram de circular nos espaços públicos da cidade, em direção aos cemitérios, sejam como conduções fúnebres, sejam como meio de transporte para os visitantes<sup>288</sup>*

Em Uberlândia, as carroças continuaram a realizar cortejos e a manter essa tradição. Conforme crônica do início deste tópico, atendendo a um desejo do finado Justino Mateus de Melo, o cortejo de carroças atravessou a cidade, da Vila Operária até o Cemitério Municipal, no período dois extremos da cidade, passando pelo centro, chamando a atenção no cotidiano da população:

*A população da zona central da cidade, em toda a extensão das suas principais avenidas, movimentou-se na manhã de ontem em um desusado impulso de curiosidade, que, desde logo, se espalhou celeremente. Embora se tratasse de um caso triste, não faltou quem levasse o acontecimento pelo lado jocoso, atribuindo-o, desde logo, à falta dos carburantes. O FATO. Cerca das sete e meia horas de ontem, desciam pela Avenida Floriano Peixoto sessenta e três carroças em desfile, cada uma delas conduzindo numerosas pessoas. A frente do cortejo fúnebre, em demanda do Cemitério Municipal.<sup>289</sup>*

---

*apelo*".13/12/1940. *Carroças nas estradas. Serão severamente punidos os carroceiros que transitarem pelas estradas de automóveis. Uma medida de grande alcance. Correio de Uberlândia.* Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 03, nº 602, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia; e 06/12/1940. *Nada de cocheiras no centro da cidade. Correio de Uberlândia.* Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 03, nº 597, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>288</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.226.

<sup>289</sup> 10/09/1942. *Desejou um cortejo de carroças para levá-lo à última morada. Curioso desfile funerário através da cidade. Correio de Uberlândia.* Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 05, nº 998, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Outro relato que apresenta resistências ao modelo imposto pelas elites locais é o cortejo da esposa de João Rosalino Gonzaga. A falecida, cujo cronista nem o nome menciona, que só é importante como esposa de quem é, tratando-se de mulher pobre, envolveu em seu cortejo um número bem maior de carroceiros, cerca de duzentas carroças. Se na visão das autoridades e dos cronistas a carroça era um veículo tosco e dissonante com o progresso, o fato de existir na cidade de Uberlândia um sindicato de carroceiros indica a importância, bem como a presença em grande número, das carroças na década de 1940. Isso confirma o número de profissionais deste ramo a afrontar as autoridades locais, sobretudo por se tratar da permanência de um cortejo conduzido por tração animal:

*Na azafama de todo instante, quando a cidade apresentava no seu aspecto cotidiano os rumores de suas atividades de todo o dia, uma nota diferente e singular alterou aquela mesmice envolvendo sua população numa curiosidade comovedora. Era o rodar estrepitoso de cerca de duzentas carroças acompanhando o coche da esposa de um carroceiro, à sua derradeira morada. Simples, humana e tocante homenagens de homens simples e humildes, que nos seus toscos veículos prestavam àquela que foi companheira dileta e amantíssima de um dos seus companheiros. Entrementes, à vista do curioso desfile, os pedestres desocupados ou não, comovidos pela edificante homenagem dos carroceiros de Uberlândia, descobriram-se à passagem do esquife, transparecendo na fisionomia grave e respeitosa visíveis sinais de emoção e tristeza. A cidade inteira sentiu e louvou a grandeza simples daquele enterro e compreendeu melhor o coração bem formado e sincero daqueles homens anônimos, que possuem reservas admiráveis de sentimentos puros e de solidariedade humana pela dor alheia. A morte, que foi acompanhada de centenas de carroças pelos amigos de seu marido, era esposa do carroceiro João Rosalino Gonzaga, fiscal do sindicato dos carroceiros e pessoa largamente benquista em nosso meio, falecida no dia de ontem. O prefeito Vasconcelos Costa fez-se representar no enterro, na pessoa do sr. João Bernardes de Souza.<sup>290</sup>*

As notícias acima demonstram o quanto as tradições se mantêm mesmo em meio a mudanças tidas como ideais dentro do modelo de uma nova urbe, uma cidade menina. Considerando que as resistências sempre existem, o fato de os carroceiros atravessarem a cidade demonstra o quanto o poder público tinha sua força limitada diante de algo tão significativo e respeitoso quanto um cortejo fúnebre. Além disso, as carroças aqui distinguem outra coisa: primeiro o ofício e segundo do morto. Elas, as carroças, não estavam preparadas, na percepção de quem observou, para as homenagens fúnebres costumeiros, daí o “estranho cortejo”.

As mudanças como vimos acima foram promovidas para destacar um modelo de necrópole, um modelo de cortejo em um modelo de cidade. Mas, o velho cemitério, bem como

---

<sup>290</sup> 20/02/1944. *Uma nota comovedora e curiosa na vida da cidade! Cerca de 200 carroças alteraram a mesmice das ruas, conduzindo os restos mortais da esposa de um carroceiro. Correio de Uberlândia.* Autor desconhecido. Diário independente dirigido por Ari de Oliveira. Ano 08, nº 1362, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

velhas formas de transporte usadas para enterramentos continuaram a ser utilizadas em meados dos anos 1940. A cidade nova e o novo cemitério tinham de conviver com o velho cemitério e com aqueles que não se encaixavam no modelo proposto para a urbe dos vivos e dos mortos.

### 3. IMPACTOS DA EXPANSÃO URBANA NOS ESPAÇOS CEMITERIAIS EM UBERLÂNDIA NOS ANOS 1940 E 1950

*Na entrevista concedida aos jornalistas de Uberlândia para dar a conhecer ao povo do município, através da imprensa, o resultado da sua administração nos meses decorridos e os projetos que tem em vista realizar, o prefeito Vasconcelos Costa declarou que pretende pavimentar e arborizar a Avenida Araguaia, desde a Praça Carneiro. A Avenida Araguaia recebeu agora esta denominação na nomenclatura de diversas vias públicas que o governo municipal fixou em decreto recente. O seu nome antigo era Avenida da Saudade. Talvez o prefeito não tenha refletido bem na origem dessa designação, que tinha por fim prestar homenagem a todos os mortos coletivamente, visto ser a última em que transitam ao abandonar a cidade, em demanda do cemitério, já na compressão das tábuas do ataúde. O nome Araguaia obedece ao critério em boa hora estabelecido de se crismarem as cidades e as ruas com vocábulos de origem indígena.... O que nos interessa no caso é o melhoramento que se vai obter. A Avenida Araguaia, como ficou dito, conduz ao campo santo. Deve por essa razão, ser de acesso confortável. A sua pavimentação é medida de alcance urbanístico. O seu leito atravessa um córrego para a qual é conduzida grande quantidade de águas pluviais. Em uma e outra margem, em considerável extensão dessa via pública, a enxurrada ocasiona constantemente estragos que tornam difícil o trânsito de automóveis. Os reparos comuns que se fazem com aterramentos não tem duração, pois a terra aí colocada é conduzida logo pela força da enchente derivada das colinas adjacentes. Só mesmo uma pavimentação especial, com sargetas largas e boeiros adequados, poderá resistir ao ímpeto das chuvas, cujo divisor de um e outro lado fica situado a longa distância. É assim uma providência louvável essa iniciativa do prefeito Vasconcelos Costa. Mas o administrador não quer apenas construir o piso: vai também arborizar a avenida. É o embelezamento simultâneo com a comodidade. Nunca nos doam as mãos de bater palmas a todos os empreendimentos favoráveis ao culto da Árvore. As cidades despidas de vegetação, por mais bem edificadas que sejam, afiguram-se telas mortas. A cor verde, que é o símbolo da pujança do nosso selo, infunde alegria; por isso mesmo que a esperança é verde. Dirão os cétricos que no recinto do caixão mortuário ninguém carrega esperanças. Mas as retinas apagadas levarão para o túmulo a última contemplação das pequenas massas de esmeraldas que a folhagem forma e agita ao vento. E quando assim não seja, que os olhos lacrimosos dos vivos tenham, entre torturas da saudade dos que se ausentam, o espetáculo da natureza em festa revelando que, a despeito das sepulturas, como disse o poeta, tudo é renascimento. Perdoem-nos esta outra fuga pelo caminho da fantasia, se o assunto fúnebre pode também ser fantasioso. Repetimos que intuito ao traçar este comentário é de natureza absolutamente prática. É matéria administrativa em que encontramos ensejo de aplaudir mais uma vez a atuação do jovem homem público colocado a frente dos destinos municipais. A sua atenção foi voltada para a estrada do cemitério; o seu projeto melhora o percurso da derradeira viagem dos uberlandenses. Daí as tonalidades pulgentes que porventura receberam estas linhas, não obstante nossas intenções em contrário. Mas, favorecendo os vivos, o governo municipal presta aos mortos o tributo do afeto oficial, que exprime o sentimento da coletividade. Para atenuar o sol causticante da vida e os solavancos da jornada, que tenham os mortos a ilusão de um passeio sobre o chão aplainado e sob a futura sombra do arvoredo da Avenida Araguaia, ao despedir-se da cidade. O prefeito Vasconcelos Costa, em resolução providente e louvável, vai lhes permitir esse benefício póstumo.<sup>291</sup>*

<sup>291</sup> 31/12/1943. *Para os vivos e para os mortos... Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido Hostilio Alves de Oliveira. Ano 06, nº 1327, p.1. Arquivo público municipal de Uberlândia.

A crônica acima relata o espírito das administrações de Uberlândia no último período tratado no presente trabalho. Para os vivos e para os mortos, como bem apresenta o título da reportagem, de uma forma sucinta demonstra ao leitor o tratamento dado a determinado setor da cidade e de um dos seus cemitérios. O texto acima citado ajuda a compreender de que maneira as gestões de Uberlândia nas décadas de 1940 e 1950 trabalharam a questão que envolvia a cidade dos vivos e as moradas dos mortos.

Importante aqui mencionar que o ato de pavimentar a rua que dava acesso ao Cemitério Municipal inaugurado em 1928, pavimentação concluída no final da década de 1940<sup>292</sup>, deve ser visto como recorrente. Essas melhorias já eram realizadas em outras cidades, como, por exemplo, Porto Alegre<sup>293</sup>. Interessante notar dois aspectos nessa melhoria. O primeiro é que a rua escolhida não ligava a necrópole aos bairros populares Martins e Osvaldo e sim ao Centro de Uberlândia, ou seja, o conforto aludido na reportagem de fazer o último trajeto sobre uma via pavimentada e arborizada valia para os mortos e enlutados que partiam da região central de Uberlândia<sup>294</sup>. O segundo aspecto é que esses melhoramentos, até onde as fontes permitem ir, nunca foram alvo de discussão para a necrópole erigida em 1898 e que no momento jazia no mais absoluto abandono.

Essas escolhas na gerência dos recursos, que acabam por privilegiar alguns setores da cidade em detrimento de outros, e não por coincidência favorecendo os mais ricos, não começou a ocorrer em Uberlândia nas décadas acima mencionadas. Nem mesmo essas escolhas foram realizadas unicamente nesta cidade. Todas elas acompanharam as transformações no conceito de progresso ao longo das décadas do século XX.

Na década mencionada de 1940, a conseqüente modernização da economia brasileira contribuiu para que a cidade de Uberlândia recebesse novas empresas atacadistas<sup>295</sup>. Pavimentar, embelezar, transformar Uberabinha na cidade jardim, como visto no capítulo anterior, ganhou ritmo acelerado nesse momento. Isso ocorreu, muito em função da transição de uma cidade que tinha como principal referencia da modernidade a ferrovia e que nesse momento adotou o

---

<sup>292</sup> 29/08/1947. *Calçamento urbano*. **O Repórter**. Autor desconhecido. Diretor proprietário – João de Oliveira. Redator Lycidio Paes Ano 14, nº 1015, p. 2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. O artigo fala das obras de pavimentação realizadas pelos governos Vasco Giffoni e Vasconcelos Costa que dentre obras iniciou a pavimentação da Avenida da Saudade com pedra britada.

<sup>293</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p. 236.

<sup>294</sup> 30/07/1944. *Calçamento*. **Correio de Uberlândia**. Autor desconhecido. Diário independente dirigido Hostilio Alves de Oliveira. 30/07/1944. Ano 08, nº 1475, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Essa matéria cita pavimentação apenas nas ruas do centro.

<sup>295</sup> RIBEIRO, 2006. Op. Cit., pp. 61-62.

transporte rodoviário e suas estradas como sinônimo do progresso<sup>296</sup>. O plano e urbanização concretizados na década de 1950 “*consistiu em um planejamento que permitisse um crescimento mais ou menos ordenado, atacando pontos considerados de maior urgência para a prosperidade local*”<sup>297</sup>.

E como em todo processo de mudança, ainda mais quando se trata de progresso e desenvolvimento, o mesmo tem, conforme Dantas o seu preço: “*A exclusão social é grande, pois que a cidade não é produzida para todos, apenas uma parte usufrui dos produtos disponibilizados*”<sup>298</sup>. Como ainda explica Jane de Fátima Silva Rodrigues, essas transformações acabaram por gerar “*o alto custo de vida, gerando uma pobreza que dificultava o consumo*”<sup>299</sup>. Essas questões são importantes para entender as melhorias em parte de cidade e em apenas uma necrópole, em detrimento do completo abandono da mais antiga. Essas escolhas entre os vivos e também os mortos levaram a construção do Cemitério São Paulo para os menos favorecidos, para os excluídos socialmente, como veremos no capítulo quatro desta pesquisa.

Esse modelo de desenvolvimento ancorava-se no discurso do progresso, que nessa década, diferentemente dos anos anteriores, em conjunto com as rodovias, tinha também na expansão geográfica da cidade, na criação de novos bairros, forte apelo, fazendo com que a especulação imobiliária ganhasse força. O mesmo além de dar força a desigualdade social entre os vivos e onde os mortos iriam ser sepultados, em especial após 1954, passava, em nome do progresso, por cima de monumentos importantes para a vida dos uberlandenses. Um destes foi a demolição do templo, da capela que abrigou o primeiro local de enterramentos da cidade para a construção de uma rodoviária<sup>300</sup>. Após a inauguração em 1943 da nova matriz, com novo nome, de Nossa Senhora do Carmo para Santa Terezinha, no ano seguinte o derrubar do prédio que abrigava a representação máxima do catolicismo na cidade já estava concluído<sup>301</sup>.

<sup>296</sup> DANTAS, Sandra M. *Veredas do progresso em tons altissonantes. Uberlândia (1900-1950)*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia (Dissertação de mestrado), 2001, p.151.

<sup>297</sup> Idem, p. 158.

<sup>298</sup> Idem, p.152.

<sup>299</sup> RODRIGUES, Jane de Fátima S. *Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924 – 1964*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Dissertação de mestrado), 1989, p.73.

<sup>300</sup> 20/01/1944. *A Estação Rodoviária será construída onde está a velha Matriz. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido Hostilio Alves de Oliveira. Ano 07, nº 1341, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>301</sup> 04/01/1945. *Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido Hostilio Alves de Oliveira. Ano 08, nº 1570, p.1. Nessa edição do Correio de Uberlândia há um clichê com a imagem da praça em obras e com a Igreja demolida.

É neste período também que a cidade diversifica sua economia, ampliando charqueadas, frigoríficos, marcenarias e até mesmo recebendo fábrica de bebidas<sup>302</sup>. Também nesta década que as delimitações do espaço urbano ganham força, reforçando claramente quais as ruas e bairros que recebiam as fábricas, onde moravam os operários, como também onde ficavam as mansões em Uberlândia<sup>303</sup>.

Nesse projeto de cidade o discurso progressista precisava materializar-se. Dessa forma, conforme explica Sandra Mara Dantas, esse projeto expressava-se por meio de novas construções, produzindo assim uma nova paisagem, também através de espaços reapropriados:

*As representações foram diferentemente apropriadas e para que o discurso não se tornasse inócuo – visto que as palavras poderiam se perder não cumprindo o objetivo desejado – foi fundamental que o discurso se materializasse. A construção da imagem urbana deveria expressar um projeto civilizado: nova paisagem, nova arquitetura, espaço remodelado. Daí terem construído, em pontos estratégicos, marcos simbólicos que atestassem a veracidade da palavra, obras arquitetônicas de caráter, muitas vezes, sublimes. Os diferentes espaços foram reapropriados, atribuindo-lhes novas funções, transformando a paisagem para conferir à imagem urbana o sentido que se projetava*<sup>304</sup>

Os então denominados melhoramentos urbanos, como não poderiam ser diferentes, tinham como alvo o centro da cidade. Diferentemente da periferia da cidade, como trataremos nos decorrer deste capítulo, grandes somas de recursos foram gastos na área central, desde construções, remodelações de prédios públicos, como constante manutenção das ruas e avenidas, como Afonso Pena, João Pinheiro, Cesário Alvim. Essa medida de embelezar essa região da urbe também tinha como objetivo sanear a cidade de cassinos, boates e bares que atuavam em ruas como a Rio Branco<sup>305</sup>.

Com este foco de limpar e sanear a cidade, as praças, como cartão de visitas das cidades, ganharam importante atenção do poder público no período. Estas “*que somavam 13, no final da década de 40, tratados com excessivo esmero e cuidado*”<sup>306</sup>, não somente porque as mesmas receberem festas religiosas, eventos cívicos, mas pela razão de localizar-se na região de maior movimento e circulação de pessoas da urbe, especialmente entre as praças da Estação Mogiana

<sup>302</sup> DANTAS, 2001. Op. Cit., pp. 111-112.

<sup>303</sup> OLIVEIRA, Júlio César de. *Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960*. Uberlândia: EDUFU, 2012, pp. 36-37.

<sup>304</sup> DANTAS, 2001. Op. Cit., pp. 156-157.

<sup>305</sup> OLIVEIRA, 2012. Op. Cit., p.87.

<sup>306</sup> SOARES, Beatriz R. *Uberlândia: da Cidade Jardim ao portal do Cerrado – Imagens e representações no Triângulo Mineiro*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Tese de doutorado) 1995, p.96.

(atual Sérgio Pacheco) e Antônio Carlos (atual Clarimundo Carneiro)<sup>307</sup>. As praças bem cuidadas eram a representação do ideal projetado de cidade limpa e organizada.

Esse zelo pela urbe tinha como objetivo colocar em prática, conforme explica Júlio César Oliveira, o trinômio: beleza, ordem e limpeza, onde:

*as elites e a imprensa local conclamavam e, concomitantemente, impunham à sociedade em geral, por meio do poder público, medidas saneadoras, por exemplo, a obrigatoriedade de que as fachadas dos prédios privados fossem anualmente pintadas; a proibição de jogar lixo nas ruas e a determinação de que os edifícios considerados velhos e mal-conservados fossem demolidos*<sup>308</sup>.

Ainda assim, quem fomentava, desejava e idealizava uma cidade, com princípio de melhoramentos que visavam o novo, o limpo e o ordeiro, encontrava obstáculos para colocar esse modelo em prática<sup>309</sup>. Algumas questões contribuíram para essas dificuldades. Uma delas foi o crescimento da população na década de 1940. Segundo, Luis Carlos do Carmo, que analisou dados do IBGE entre os anos de 1900 e 1940, enquanto cidades como Araxá e Patrocínio decresceram em número de habitantes, Uberlândia, além de crescer sua população, superou nesse aspecto todas as cidades da região, inclusive Uberaba. De acordo com o autor os dados são os seguintes:

**TABELA 4 - Crescimento populacional da cidade de Uberlândia e das cidades vizinhas entre 1900 e 1940**<sup>310</sup>.

CIDADE	POPULAÇÃO 1900	POPULAÇÃO 1940	VARIAÇÃO CRESCIMENTO
ARAXÁ	34.017	14.679	- 56,84%
PATROCÍNIO	49.893	29.098	- 41,68%
PRATA	14.063	14.073	+ 0,07
MONTE CARMELO	16.602	21.973	+ 21,44%
PATOS DE MINAS	28.477	53.233	+ 86,93%
UBERABA	20.818	58.984	+ 183,33%
UBERLÂNDIA	11.856	42.179	+ 255,76%

Esse crescimento populacional acima da média da região ocorreu muito em razão do recebimento de migrantes em busca de trabalho. Esses trabalhadores vinham para ocupar funções, onde as condições oferecidas para exercício das mesmas, bem como os salários, serem

<sup>307</sup> Idem, p.101.

<sup>308</sup> OLIVEIRA, 2012. Op. Cit., p.38.

<sup>309</sup> Idem, p.98.

<sup>310</sup> Tabela elaborada por: CARMO, Luis Carlos do. *“Função de preto”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia/MG 1945/1960*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Dissertação de mestrado), 2000, p.44.

degradantes. E a grande maioria destes operários eram negros<sup>311</sup> ou brancos pobres que moravam na periferia da cidade, e até mesmo em alguns casos no próprio local de trabalho.

Outro fator que dificultava colocar em prática com maior efetividade as políticas saneadoras foi o crescimento considerável da população residente na zona urbana, que naquele momento considerava como zona urbana, de acordo com o projeto de lei nº 719 de 23/08/1955, apenas os bairros com mais de 30 casas edificadas, os demais eram sub-urbanos<sup>312</sup>. Todo esse aumento no número de habitantes em Uberlândia também provocou a transição no município do rural para o urbano. No ano de 1940, quando então a população atingira a marca de 42.179 habitantes, metade dela morava na zona urbana. Mas, no ano de 1950, o número de habitantes na área urbana ultrapassava os 35.000, conforme tabela abaixo;

**TABELA 5: Distribuição rural/urbano da população de Uberlândia entre 1940 e 1970<sup>313</sup>.**

ANO	POPULAÇÃO URBANA	POPULAÇÃO RURAL	TOTAL
1940	21.077	21.102	42.179
1950	36.467	20.284	56.751
1960	71.117	16.565	88.282
1970	111.640	13.255	124.895

Com base na tabela acima, percebe-se que, foi durante a década de 1940, que ocorreu esse crescimento da população urbana a ponto de superar a rural. E no decorrer da década seguinte, período em que vai ser inaugurado o Cemitério São Paulo, o número de habitantes na cidade tem, além de um aumento muito superior à década passada, ainda tem sua população rural em um constante decréscimo.

Diante desses dados, não levando em consideração a desigualdade social latente no período, como também os obstáculos para colocar em prática o plano de embelezamento da cidade, Uberlândia, pela imprensa e historiadores do período era apresentada “*como uma cidade progressista, onde o desenvolvimento e a modernidade se faziam aceleradamente, com uma população ordeira, pacífica e trabalhadora*”.<sup>314</sup>

Com base nessas escolhas das administrações municipais de Uberlândia nas décadas de 1940 e 1950, os cemitérios também foram atingidos. É importante retomar que existia, ainda que

<sup>311</sup> Idem, p.41.

<sup>312</sup> LOPES, 2010. Op. Cit., p. 92.

<sup>313</sup> Tabela elabora por: CARMO, 2000. Op. Cit., p.45.

<sup>314</sup> NUNES, Leandro José. *Cidade e imagens: progresso, trabalho e quebra-quebras – Uberlândia – 1950/1960*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Dissertação de mestrado), 1993, p.20.

abandonado, um cemitério na área central. Outros dois espaços de enterramento foram transformados em praça e rodoviária. O segundo local de sepultamentos de Uberabinha, o cemitério municipal inaugurado em 1881, desde 1917 abrigava a Praça Antônio Carlos e sobre a mesma o Paço Municipal. E a primeira necrópole, que estava localizada na Igreja Matriz desde 1846, conforme citamos anteriormente, dava lugar a uma estação rodoviária, inaugurada em 1946. Sobre essas mudanças, que também atingiam a morada dos mortos, destaco uma crônica do periódico *O Repórter* daquele ano, que traduz, pelo menos em parte, o sentimento da população de Uberlândia, diante das demolições e novas construções em nome do progresso:

*Palmas para o Além. Será mesmo que os espíritos vigiam, eternamente, as sepulturas de suas carcaças? Andava eu vagarosamente pelas ruas da cidade, rebuscando na minha cansada memória qualquer coisa relacionada ao passado de Uberlândia,... encontrei-me em caminho com o professor Jerônimo Arantes, o colecionador carinhoso dos alfarrábios da história de Uberlândia, e seu historiador. E ele foi me dizendo: - Veja qualquer coisa de sobrenatural junto a Estação Rodoviária. Observe os montículos de terra em seu derredor, tire disso as suas conclusões. Absorto como eu vinha, não bem atinei com aquela advertência e prossegui minha caminhada. De repente, atentando melhor sobre as palavras do atencioso amigo, lembrei-me que, nos tempos passados, o enterramento dos cadáveres era feito nas capelas dos arraiais, nas igrejas, nas catedrais... Lembrei-me então das igrejas de minha terra, em cujos soalhos de suas naves se viam, de espaço em espaço, assinaladas as sepulturas dos que ali foram enterrados, por tachas douradas, formando as iniciais do morto e a data do seu nascimento e passamento. Rememorando tudo isso, cheguei a Praça Minas Gerais. Volvi, primeiro, os olhos para o elegante prédio da Estação Rodoviária, admirando, mais uma vez suas simpáticas linhas arquitetônicas, e como a rever nele a velha Matriz, onde tantas vezes entrei, inclusive naquele dia que ninguém esquece, quando conduzindo pelo braço a eleita do coração moço e ardente. Quedei-me ali silencioso por alguns instantes e, e instintivamente meu olhar baixou e fixou nos montículos de terra que pareciam sepulturas frescas destes que vemos nos cemitérios... Perfeitamente iguais em altura, largura e comprimento, parece até que feitas propositadamente.... E eu pensei: seria isso que chamou atenção do meu amigo informante? Lembrei-me então que a 30 do corrente vai se comemorar em nossa cidade o primeiro centenário da construção de sua primitiva e primeira capela erigida naquele mesmo local, pelos fundadores da cidade. E fiquei a matutar; será que os espíritos dos que ali foram enterrados, querem também compartilhar das festas da inauguração próxima, e revolvendo a terra por aquela forma, advertem aos de hoje que eles não podem ficar esquecidos, porque há cem anos passados já era esse os seus anseios – a grandeza da futura Uberlândia? Expliquem os estudiosos da coisas do Além!<sup>315</sup>*

Se na crônica que abre esse capítulo, o discurso é de euforia pelos melhoramentos em direção à necrópole recém edificada em 1928, o mesmo não aparece no texto acima ao lembrar, não apenas da demolição da Igreja Matriz, como também dos restos mortais que um dia

<sup>315</sup> 19/06/1946. *Palmas para o Além. O Repórter*. Salazar Pessoa. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 13, nº 889, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

abrigaram o mesmo local. Essas diferenças no tratamento do mesmo assunto, melhoramentos urbanos e suas construções e desconstruções, também apareceram na desconstrução do Cemitério Municipal de 1898, conforme veremos na sequência do trabalho.

### ***3.1 Os cemitérios uberlandenses em meio à expansão e à especulação urbana***

*“Câmara Municipal de Uberlândia. Relatório apresentado à Câmara Municipal de Uberlândia, pelo Prefeito José Fonseca e Silva.... Capítulo VIII CEMITÉRIO. Foram sepultados no cemitério Municipal, em 1948, 658 cadáveres, sendo:... Foram feitos 25 arrendamentos de terrenos para sepulturas: 10 por 10 anos, 5 por 15 anos, 3 por 25 anos, 2 por 50 anos, 5 por perpétuos. Foram fornecidos 221 caixões para sepultamento de indigentes: 127 para adultos e 84 para crianças. Com esse fornecimento a Prefeitura dispendeu a importância de Cr\$ 7.230,00. Com o aumento de população da Cidade, o Cemitério vai se tornando insuficiente estando a Prefeitura em entendimento com o proprietário do terreno vizinho para sua ampliação”.*<sup>316</sup>

A notícia acima citada revela, cerca de vinte anos após a criação do Cemitério Municipal, a situação da necrópole para novos sepultamentos. Com o crescimento da cidade, e o aumento expressivo da população, ultrapassando os 200% em menos de 50 anos, não apenas o lugar para os vivos havia se tornado um problema para a administração municipal, como também o local de enterramentos em Uberlândia.

Antes desses números de sepultamentos apresentados de 1949, a prefeitura ciente do crescente número de enterros, já em meados da década de 1940, tentara resolver a situação, através de reaberturas de sepulturas. Em 1944, pela primeira vez essa questão é aludida e publicada no principal periódico da cidade<sup>317</sup>. A prefeitura avisa que serão reutilizadas quadras de crianças e adultos, levando os leitores, segundo as fontes disponíveis, às seguintes conclusões: que em primeiro lugar não haveria mais espaço no cemitério com apenas 16 anos de uso e que em segundo lugar a antiga necrópole, além de não receber novos sepultos, nem ao menos seria cogitada para reabrir sepulturas e receber novas inumações.

Essas suspeitas ganham força pelos repetidos avisos acerca da situação de superlotação do Cemitério Municipal inaugurado em 1928 e que não tem mais espaço para receber novos

<sup>316</sup> 23/02/1949. *Relatório apresentado à Câmara Municipal de Uberlândia, pelo Prefeito José Fonseca e Silva Correio de Uberlândia*. Diretor Responsável Oswaldo Vieira Gonçalves. Ano 11, nº 2598, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>317</sup> 07/09/1944. *Serviço de Patrimônio - Cemitério. Correio de Uberlândia*. Diário independente dirigido Hostilio Alves de Oliveira. Ano 08, nº 1502, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

enterramentos. Em 1946<sup>318</sup>, o aviso, além de citar as quadras que serão reabertas, cita os nomes do falecidos (86 no total), filiação, data de sepultamento, número e quadra da sepultura. Esses avisos tornam-se recorrentes até a criação do Cemitério São Paulo em 1954.

Outro ponto importante a ser abordado refere-se aos sepultamentos que ocorreram em Uberlândia, nas décadas de 1940 e 1950, foi com o número de indigentes sepultados. Com o crescimento populacional de Uberlândia também tiveram aumento as desigualdades sociais. A cidade crescera e além de ter de criar novos espaços para os vivos (loteamentos), tinha de dar suporte também para muitos que não tinham condições de arcar com as despesas de seu funeral. Em 1949, conforme relatório apresentado pela prefeitura, cerca de um terço dos sepultamentos eram de indigentes. Conforme fonte citada no início deste trecho do trabalho, 221 dos 658 caixões utilizados foram destinados para indigentes. Diante do aumento da procura por esse serviço, no final de 1950 a prefeitura lança edital para contratação de empresa para fornecer caixão para indigentes<sup>319</sup>.

A grande preocupação do governo municipal naquele período parecia ser o que fazer com os novos sepultamentos. Lembrando o que acontecera na década de 1920, ao mesmo tempo em que o assunto cemitério se fazia presente nos periódicos, o mesmo, por vezes, parecia não ser tão urgente. Na década de 1950 algo muito semelhante ocorria com o local de enterramentos. Um exemplo disto foi a lista de prioridades publicada no Correio de Uberlândia ao final do ano de 1951<sup>320</sup>. Na lista de metas para o ano seguinte, consta a ampliação do cemitério como a número de 32, enquanto, por exemplo, a construção do Estádio Municipal como nona meta. Mesmo com o aumento da população e o conseqüente crescente no número de enterramentos<sup>321</sup>, parece que a questão do cemitério, nesse momento não tinha o mesmo apelo do que outros empreendimentos da prefeitura de Uberlândia.

<sup>318</sup> 24/05/1946. *Prefeitura Municipal de Uberlândia - Cemitério. Correio de Uberlândia*. Diretor Lycídio Paes. Ano 09, nº 1920, p.3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>319</sup> 23/12/1950. *Prefeitura Municipal de Uberlândia. Edital. Concorrência pública para o fornecimento de caixões para indigentes. Correio de Uberlândia*. Américo Ferreira de Abreu – Chefe do Serviço de Patrimônio. Diretor Responsável João Edison de Melo. Ano 12, nº 3059, p.3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>320</sup> 30/12/1951. *O Prefeito Municipal de Uberlândia. Tubal Vilela da Silva. Correio de Uberlândia*. Prefeito Tubal Vilela da Silva. Redator Ruth de Assis. Ano 14, nº 3314, p.3. No relatório são citadas 38 metas. A número 32 da lista é a ampliação do Cemitério Municipal, a nona da lista é o início da construção do estádio Municipal.

<sup>321</sup> 09/07/1951. *Obituário. O Repórter*. Autor desconhecido. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 18, nº 1323, p. 3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Nesse relatório são apresentados o número enterramentos durante o primeiro semestre de 1951. Segue o texto: “O número de pessoas falecidas nesta cidade durante o primeiro semestre deste ano foi de 352, assim discriminadas pelos meses: jan. 78; fev. 58; mar. 52; abr. 58; mai. 48; jun. 58; total 352”.

Diante dessa suposição, esse tópico tem como objetivo tentar compreender (até onde as fontes permitem ir), as razões pelas quais, diante do impasse da lotação do cemitério em uso, e o porquê de o assunto ampliação deste, vai gradativamente sendo deixado de lado e toma corpo o projeto de construção de uma nova necrópole. Outro ponto importante nessa análise é que se pergunta sobre a razão de não cogitar o aproveitamento da antiga necrópole, localizada no centro da cidade, em um contexto de crescimento urbano, para escolher inaugurar um novo cemitério praticamente em um dos extremos de Uberlândia.

As escolhas, como trabalhado anteriormente, desde a edificação de uma praça, pavimentação de determinada rua e edificação de um cemitério, não são ingênuas e sem sentido. No caso de Uberlândia, do final da década de 1940, a decisão de construir um novo cemitério em uma área afastada do centro da cidade em 1954, acompanha a lógica do projeto de limpeza urbana. Nesse aspecto, essas escolhas são feitas diante do crescimento urbano, da população, impulsionando e ampliando as separações sociais representadas então pela demarcação dos espaços e usos da cidade.

Diante do crescimento demográfico são inevitáveis a formação das “vilas”, conforme crônica publicada em 1945:

*A Formação das Vilas. As vilas que circundam esta cidade em semicírculo, com exceção apenas da parte mais antiga, são aglomerados de população que começaram a se formar por volta de 1924. Nesse ano era uma ou outra casa erguida na Vila Martins, na Vila Osvaldo, na Vila Operária. Com o decorrer do tempo essas edificações foram se multiplicando de forma que em 1940 já as vilas eram numerosas, principalmente depois que a Empresa Imobiliária foi fundada e passou a adquirir terrenos para loteamentos e passou a vendê-los a prestações. Hoje cada vila representa um grande contingente demográfico...*<sup>322</sup>

Nesse texto vale destacar a participação da Empresa Imobiliária Uberlandense, fundada em 1938, cujo fundador e proprietário era o Sr. Tubal Vilela da Silva<sup>323</sup>, que viria a ser prefeito de 1951 até 1954. Essa empresa, assim como outras de menor porte que existiam e que foram criadas posteriormente, colaboraram para além da oferta de lotes, valorizar as terras do meio ao criarem loteamentos afastados do núcleo urbano. Isso decorria de uma facilidade que esses

---

<sup>322</sup> 04/02/1945. *A formação das vilas. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diário independente dirigido Hostilio Alves de Oliveira. Ano 08, nº 1588, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. O texto continua falando a respeito dos desafios da prefeitura em levar infra-estrutura a esses bairros.

<sup>323</sup> PEREIRA, 2010. Op. Cit., pp.462-464.

empreendimentos tinham no período diante da inexistência de leis, o que favorecia “o arrojo incontido de seus especuladores”<sup>324</sup>.

No final da década de 1940, os loteamentos que surgiam para atender a demanda populacional, além de caros, eram desprovidos de condições básicas para atender seus moradores, conforme relata Beatriz Ribeiro Soares:

*Começa, a partir daí, uma nova fase de crescimento da cidade, impulsionada pelas transformações que ocorriam no país. Seu núcleo central expande-se, englobando áreas circunvizinhas, e outros embriões de núcleos comerciais, com lojas de atendimento emergencial, são iniciados nos bairros mais populosos da cidade, gerando melhoramentos na infra-estrutura dessas áreas e em sua estética. Entretanto, essas transformações não atingiram a população residente nos bairros mais afastados da área central, denominados, até aquele momento de vilas ou subúrbios, tais como: Martins, Operário, Roosevelt, Osvaldo, Tubalina e Saraiva... nesses bairros, persistia o problema da falta de água para abastecer a população; as ruas transformavam-se em verdadeiros lamaçais no tempo das chuvas; a iluminação pública era muito precária; os terrenos vazios viravam depósitos de lixo e entulhos; o traçado urbano não obedecia a critérios técnicos, assim como a arquitetura de suas habitações*<sup>325</sup>

Essas diferenças de tratamento entre o centro e as demais áreas da cidade vão crescendo na mesma proporção do aumento populacional do período. Salvo uma ou outra melhoria em algumas ruas de bairros, como, por exemplo, no Bairro Martins<sup>326</sup>, pouco ou nada é feito nas áreas periféricas de Uberlândia. Por outro lado, a área central, onde estava localizado o então denominado “velho cemitério” é alvo de constantes obras. Nessas realizações estava contido o desejo de colocar em prática um novo traçado urbano, como novas casas, mesmo que fosse necessário para isso muitas demolições<sup>327</sup>.

Além da constante reclamação nos periódicos da cidade que causavam os terrenos vagos do centro, pela conseqüente sujeira, além de atrapalhar o embelezamento, bem como a

---

<sup>324</sup> SOARES, 1995. Op.Cit., p.108.

<sup>325</sup> Idem, p.106.

<sup>326</sup> “Um grande melhoramento para as Vilas Martins e Osvaldo. A Avenida do Andradas centro de atenção do Prefeito Cleanto Vieira Gonçalves. Grande é o trabalho que se executa nas Vilas Martins e Osvaldo, procurando-se de forma definitiva, integra-las na vida urbana de Uberlândia, acabando-se de vez com a separação que existia entre aqueles bairros e o centro da cidade... Além do meio fio e do sargetamento que alias vai sendo feito em quase todas as vilas, vai aquela avenida receber outros benefícios tais como a arborização, iluminação por fios subterrâneos e postes mais ou menos idênticos aos que já existem na Avenida João Pinheiro, abaulamento em toda a sua extensão além de canteiros ao longo do centro ficando a mesma dividida em duas vias..” 02/08/1947. Um grande melhoramento para as Vilas Marins e Osvaldo. **Correio de Uberlândia**. Autor desconhecido. Responsável Jacy de Assis. Ano 10, nº 2204, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>327</sup> SOARES, 1995. Op.Cit., p.88.

valorização das construções já existentes<sup>328</sup>, os jornais exaltavam novas construções em detrimento das existentes, referindo-se as mesmas como nomes pejorativos:

*Estética Urbana. A construção do vasto edifício de três pavimentos que se ergue já quase concluído na esquina da Avenida Floriano com a Santos Dumont vem acentuar o contraste constituído pelo pardieiro da esquina fronteira, onde há uma barbearia e cômodos de residência. No plano de urbanismo que a Prefeitura tem a executar deve estar incluída a demolição de certos prédios inestéticos e imprestáveis que ainda ostentam até nas vias principais, como a citada avenida Floriano Peixoto, a Avenida Afonso Pena e a avenida João Pinheiro. Faz-se mister que o governo municipal, por combinação amigável com os respectivos proprietários ou por intimação administrativa, consiga extinguir essas casas velhas que só servem para depor contra o nosso bom gosto arquitetônico e mesmo contra a própria higiene...*<sup>329</sup>

A área central de Uberlândia, como das cidades do período, constituíam-se no local onde as pessoas convergiam para as mais diversas experiências de sociabilidades urbanas, com o trabalho, o encontro com os amigos e a diversão, como também para o lazer e religiosidade. Em suma, abrigava “*sinteticamente, os mais importantes pontos de referência da cidade*”<sup>330</sup>. Em Uberlândia, desde aquele período, a preocupação com a preservação histórica das construções existentes não estava em pauta pelas administrações municipais. Diante de uma nova representação e re-significação da cidade, onde nem mesmo a Igreja Matriz foi poupada, as construções simples não tinham lugar naquele espaço, conforme afirma Sandra Mara Dantas, “*Essa área tornou-se o coração da cidade. Dantes, pessoas e construções simples compunham o cenário. Aos poucos, essas pessoas foram forçadas a se mudarem, geralmente para áreas mais periféricas, e as rústicas construções foram substituídas pelos palacetes e arrojados prédios comerciais, palcos dos maiores e melhores eventos sociais*”<sup>331</sup>.

Esse ato de embelezar o centro diz muito quando se pergunta o por que do não aproveitamento da “*velha necrópole*”. Uma simples resposta, referindo-se à lotação que a mesma já tinha no ano de 1928, quando da inauguração do cemitério localizado no Bairro Martins, não seria o suficiente para explicar tal abandono. Acompanhando a lógica de expansão, crescimento e melhoramento da área central da cidade, onde “*a simples presença na zona urbana de palhoças e*

<sup>328</sup> 19/04/1950. *Ora, os terrenos vagos no centro...* **Correio de Uberlândia**. Maria Tereza. Diretor Responsável João Edison de Melo. Ano 12, nº 2885, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Na matéria é feita uma reclamação dos lotes no centro pela sujeira e conseqüente desvalorização dos imóveis existentes bem como o atrapalhar do embelezamento de urbe.

<sup>329</sup> 04/01/1946. *Estética Urbana*. **Correio de Uberlândia**. Autor desconhecido. Propriedade de Empresa Gráfica Correio de Uberlândia. Ano 09, nº 1809, p.3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>330</sup> SOARES, 1995. Op.Cit., p.100.

<sup>331</sup> DANTAS, 2001. Op. Cit., p. 135.

*casas de taipa agride a classe dominante*”<sup>332</sup>, um cemitério, como veremos nas páginas seguintes, com túmulos marcados pelo tempo, pelo abandono e pela simplicidade de suas edificações, não convinha mais em uma área onde “*antigas construções são demolidas para construção de luxuosos palacetes ou modernos edifícios comerciais e públicos*”<sup>333</sup>.

Um ponto importante ainda sobre o velho cemitério é que o mesmo começa a receber melhorias bem próximas ao seu entorno no início da década de 1950. Esse fato é demasiadamente relevante, tendo em vista, que o mesmo não recebia atenção da municipalidade desde 1928, quando da inauguração do Cemitério Municipal edificado no Bairro Martins<sup>334</sup>.

Nesse momento, início da década de 1950, dois fatos são importantes para analisarmos, mesmo com o abandono da velha necrópole, as melhorias na região onde estava localizado. O primeiro deles foi o lançamento do Bairro Tabajaras em 1947 e o segundo foi a ampliação do perímetro urbano em 1950. Ambas ações estão dentro de um contexto e grande especulação imobiliária que atingiu o entorno e o próprio cemitério edificado em 1898.

A última reforma no perímetro urbano havia ocorrido em 1938<sup>335</sup>. Nela, o antigo cemitério entra nesse perímetro. E a área que depois vai ser denominada de Bairro Tabajaras, não tem uma denominação específica, sendo compreendido como uma extensão do centro, ou do atual Bairro Fundinho. Até essa reforma de 1938, a área considerada urbana abrangia o Paço Municipal (atual Praça Cel. Clarimundo Carneiro) até a Estação Mogiana (atual Praça Sérgio Pacheco), considerada então, desde 1908, como cidade nova<sup>336</sup>.

Também é importante mencionar que essa reforma no traçado da cidade que acabou por inserir a velha necrópole no perímetro urbano foi acompanhada por um crescente número de loteamentos que foram abertos em Uberlândia, desde o final da década de 1930, conforme análise de Beatriz Ribeiro Soares. De acordo com a autora, a tabela abaixo representa:

---

<sup>332</sup> LOURENÇO, Luis Augusto B. *Bairro do Patrimônio: salgadeiros e moçambiqueiros*. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 1986, p.19.

<sup>333</sup> DANTAS, 2001. Op. Cit., p. 147.

<sup>334</sup> 13/01/1951. *Avenida do Cajubá. O Repórter*. Autor desconhecido. Diretor proprietário – João de Oliveira. Redator Adelardo Teixeira. Ano 17, nº 1235, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. O artigo fala das benfeitorias na avenida e cita sua localização e importância dentro do contexto urbano da cidade.

<sup>335</sup> *Decreto Lei nº 11. Determina a área urbana e suburbana da cidade e das sedes os distritos. Livro e leis de 1936 a 1939*. 30/031938. pp.112-115. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>336</sup> DANTAS, 2001. Op. Cit., p. 116.

**TABELA 6: Número de lotes existentes na cidade de Uberlândia para cada grupo de 1.000 habitantes de 1936 à 1958<sup>337</sup>.**

ANO	LOTES/1000 HABITANTES	ANO	LOTES/1000 HABITANTES
1936	261	1947	424
1937	255	1951	340
1938	353	1952	326
1939	345	1953	502
1940	337	1954	516
1943	276	1955	504
1944	294	1956	483
1945	424	1958	437
1946	443		

Diante desse quadro, ainda afirma a autora, que “*se considerarmos famílias compostas por quatro indivíduos em média, iremos concluir que cada grupo de 1000 pessoas constituirá 250 famílias, havendo, naquele ano, 516 terrenos, ou seja, mais de dois lotes por família, evidenciando claramente a intensidade do processo especulativo*”<sup>338</sup>. Com base nesses dados, a criação do Bairro Tabajaras em 30/12/1947<sup>339</sup> por Olímpio de Freitas e Virgílio Rodrigues, segue uma tendência de valorização pela via da especulação das áreas centrais da cidade.

Com isso, o cemitério e a área ao seu entorno que jaziam em abandono há pelo menos duas décadas, começam a receber atenção da administração para melhorias. E essas benfeitorias muito se devem a ampliação da área urbana de 1950. Essa reforma, que acompanha o caráter especulativo da expansão imobiliária uberlandense, até porque a grande maioria desses lotes, por uma questão de espaço, abrangia a área suburbana até a reforma em 1950, faz com que o recente criado Bairro Tabajaras, não seja mais o final da cidade, mas, como uma extensão do centro, passagem para novos bairros, agora considerados suburbanos.

<sup>337</sup> Tabela elaborada por: SOARES, 1995. Op.Cit., p.111.

<sup>338</sup> Idem, p. 111.

<sup>339</sup> *Bairro Tabajaras. Pasta: bairros integrados com seus respectivos loteamentos e Leis de aprovação*, p. 3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.



depois fora denominado de São Pedro. A necrópole agora esta no limite da área urbana, ainda que com uma certa distância (aproximadamente 2 Km) do Paço Municipal (que abrigou um cemitério antes de construída uma praça). Mas, em comparativo de onde iria ser edificada a nova necrópole da cidade, o Cemitério São Paulo, o Cemitério São Pedro não configurava distante do centro.

Essa distância do Cemitério São Paulo, sua localização na área sub-urbana da cidade, as melhorias realizadas no Cemitério São Pedro, bem como o projeto e curso do Bairro Tabajaras e a desconstrução do antigo cemitério serão trabalhados nos tópicos seguintes.

### ***3.2 A velha necrópole municipal e o novo cemitério: Construções, melhorias e abandono.***

*Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva. Realizações de maior vulto. CEMITÉRIO MUNICIPAL. Atendendo ao crescente progresso da cidade e conseqüentemente o aumento da população foi iniciado na Vila Brasil, frente as Avenidas Mato Grosso e Distrito Federal, a construção de uma nova necrópole, que irá atender aquela zona da cidade. As obras deverão ser concluídas no próximo ano.<sup>342</sup>*

A notícia da criação de mais um cemitério em uma cidade cujo crescimento populacional superou os 200% em menos de 40 anos em uma primeira leitura não seria algo tão significativo. Como vimos no tópico anterior, não somente o número de habitantes teve crescimento elevado, como o de mortos também. Na prática a cidade tinha apenas um local de enterramentos, já que o cemitério mais antigo não recebia novos sepultos e a necrópole criada em 1928 estava, no final da década de 1940, segundo as fontes, próxima de seu esgotamento.

Ainda sobre a notícia acima que apontava que a construção do novo cemitério atenderia a população das imediações do Cemitério São Paulo, este assunto é tratado no capítulo seguinte, no tópico: “*Separação étnica/social em Uberlândia: Espaços destinados para os vivos e para os mortos*”.

Antes de trabalharmos a edificação do Cemitério São Paulo são importantes algumas considerações. A primeira delas é a questão que envolve os indivíduos que são sepultados, com relação à sua condição econômica. Até a inauguração do Cemitério São Paulo em 1954, Uberlândia não possuiu dois locais, duas opções para enterramentos simultaneamente. Mesmo

---

<sup>342</sup> 23/12/1953. *Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva. Realizações de maior vulto. Cemitério Municipal. Correio de Uberlândia*. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Redatora Ruth de Assis. Ano 16, nº 3819, p. 19. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

que cemitérios não fossem desativados de imediato, ao criar-se uma nova necrópole, somente esta passava a receber enterros. Foi assim, quando criado o Cemitério Municipal de 1898, que em função da lotação do erigido em 1881, abriu novas sepulturas até 1928. Após a criação do Cemitério Municipal em 1928, que depois passou a ser denominado São Pedro, o mesmo, não recebeu novos enterros e ficou abandonado até seu fechamento em 1953. Com essas observações, pode se sugerir que a criação de uma nova necrópole, concomitante à atividade da antiga, faz desse evento uma novidade na história dos espaços dos mortos de Uberlândia.

Tendo em vista que toda edificação parte de escolhas, o mesmo aconteceu não apenas com a criação do Cemitério São Paulo, mas também com a permanência do então denominado, desde 1953, São Pedro. Sobre essa questão que envolve as construções no espaço urbano, são importantes para a análise, as observações de Sandra Jatahy Pesavento:

*A cidade que se estrutura e constrói não o faz somente pela materialidade de suas construções e pela execução dos serviços públicos, intervindo no espaço. Há um processo concomitante de construção de personagens, com estereotipia fixada por imagens e palavras que lhes dá sentido preciso. Os chamados indesejáveis, perigosos, turbulentos, marginais podem ser rechaçados e combatidos como o inimigo interno, ou, pelo contrário, podem se tornar invisíveis socialmente, uma vez que sobre ele se silencia e nega a presença. Esses excluídos, não-cidadãos, formam os selvagens, ou bárbaros de dentro. Eles se opõem à cidade que se quer e que deve se aproximar, em maior ou menor grau, da matriz civilizatória desejada. Os selvagens da cidade podem ser também, numa certa dimensão, silêncio e ausência, pois nomear é ascender à humanidade, elevando-a à categoria de ator social. São ausentes da história, ausentes da memória, os invisíveis do espaço urbano<sup>343</sup>*

Num momento de mudanças na paisagem e no espaço urbano em Uberlândia, como por exemplo, a edificação de um novo templo para a Igreja mãe, derrubando o antigo para à construção de uma estação rodoviária, da criação de novos loteamentos, a edificação de um novo cemitério está dentro desse processo da criação de uma matriz civilizatória desejada. Com apenas uma necrópole em uso, era natural, como em muitos cemitérios do país<sup>344</sup>, a mistura entre ricos e pobres em um mesmo espaço cemiterial. Essa dinâmica de enterramentos ocorreu no Cemitério São Pedro, conforme foto abaixo, do final da década de 1940, quando das proximidades de um túmulo suntuoso, há sepulturas simples, inclusive ao fundo, como as covas rasas.

<sup>343</sup> PESAVENTO, 2001. Op. Cit., pp. 12-13.

<sup>344</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p.243.

**IMAGEM 12 - Foto. Jazigo da família Arlindo Teixeira. Cemitério São Pedro. Década de 1940.**



Cemitério Municipal (São Pedro). Sem data (Possivelmente final da década de 1940). Imagem cedida pelo CDHIS (Centro de documentação em História – Universidade Federal de Uberlândia). Coleção João Quituba. Foto número 1562.

Essa diferenciação nas sepulturas e das condições sócio econômicas, como também da diferença étnica de quem era sepultado no Cemitério São Paulo e no São Pedro a partir da 1954 serão abordadas no último tópico desse capítulo. Mas, aqui vale a menção da criação do Cemitério São Paulo para tentar compreender questões que levaram a sua edificação, mas principalmente com as melhorias realizadas no Cemitério São Pedro (Municipal de 1928) e da extinção do Cemitério Municipal de 1898 no ano de 1953.

Como apresentado no tópico anterior, o Cemitério Municipal de 1928 (São Pedro) foi alvo de melhorias no seu entorno. Ainda assim, o mesmo espaço cemiterial sofria com a iminente lotação vinte anos após sua inauguração e de um certo abandono pelo poder público. As crônicas dos jornais do período indicam que a então nova necrópole também tinha seus problemas, desde o roubo de cruzes<sup>345</sup>, até a queda de uma parte do muro.

Essa questão que envolve o muro do cemitério foi alvo de comentários no periódico local *Correio de Uberlândia*. A notícia, conforme relato de uma carta à redação do jornal, é que os problemas do muro já completava um ano e nada havia sido feito<sup>346</sup>. Após essa publicação, o mesmo jornal, traz em suas páginas na semana seguinte, com detalhes a situação não apenas do muro, mas em que estado se encontrava o então novo cemitério.

*No Cemitério Novo: 2 rombos enormes. Vimos o cemitério outra vez. Uma volta de automóvel em torno do muro. E podemos garantir, pelos nossos olhos que nele irão morar mais tarde e que hoje não são míopes, que os muros estão terrivelmente sujos com aspecto de velhos. Trazem saudade do cemitério branquinho de nossa terra. Não o cemitério do dia de visitas, no dia de finados: tudo limpinho, túmulos cheios de flores e orações pelo ar. Mas o cemitério dos dias comuns. Põe a coberto parte do muro. E o muro coitado! Quase todo sem reboco, alguns tijolos caídos pelo chão. E pela abertura a gente vê os túmulos, os ciprestes, o chão, a tristeza. Rombos de longa data, com matos sobre os tijolos do chão. Não aquele “pequeníssimo pedaço” tão grifado que, no dizer do Chefe de Serviço de Patrimônio, caiu “esse ano”, durante as águas tendo sido vedada a “passagem no mesmo dia”. Este, não! Tem cimento novo, fica no alto e no cantinho em ângulo, à frente do cemitério. Nunca poderia ser passagem de gente ou de água. Só mesmo de espírito e de ar. Mas, sim, aqueles dois largos rombos nos fundos. “De 5 metros cada um”, disse o Vice-Presidente da Câmara Municipal “para não exagerar”. Porque, com os seus, com os nossos olhos eram quatro. E à luz do sol de ontem cerca de meio dia, de mais metros, para sermos exatos, que o Sr. Vicente Mundim já voltou especialmente para medi-los. Apesar da informação prestada pelo Chefe de Serviço de Patrimônio ao Sr. Prefeito Municipal, até ontem, sem nenhum reparo. E da rua continuam os transeuntes avistando os rombos, os túmulos, os ciprestes – por cima e pelos vãos do matagal.*<sup>347</sup>

Depois dessa descrição do cemitério e de uma certa indisposição com o poder público, em menos de dois meses, conforme citação abaixo, os problemas são resolvidos.

*O cemitério de roupa nova. O Sr. Prefeito Municipal Tubal Vilela da Silva tem as vezes grande agilidade em trabalho. Em a gente mostrado qualquer falha nos setores públicos, em relação aos serviços cá de fora, o Sr. Prefeito se torna o homem de negócios acostumado a decidir de pronto e fazer. Assim é que o cemitério local já está*

<sup>345</sup> 12/02/1946. *Ladrão de cemitério. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Propriedade de Empresa Gráfica Correio de Uberlândia. Ano 09, nº 1842, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>346</sup> 15/05/1952. *Em ruínas o cemitério local. Há mais de um ano grande parte do muro está pelo chão. Correio de Uberlândia*. Vicente Mundim. Redator Ruth de Assis e Lycídio Paes. Ano 15, nº 3408, p. 4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>347</sup> 24/05/1952. *No cemitério novo: 2 rombos enormes. Correio de Uberlândia*. Maria Teresa. Redator Ruth de Assis e Lycídio Paes. Ano 15, nº 3414, p. 4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*de roupa nova: os muros foram reparados e a parte principal de entrada para o povo está sendo pintada, como início para o muro todo que vai ser caiado. Dentro foram lavados os túmulos, varridas com cuidado as ruas, ajeitadas as árvores e as flores. Tudo limpo e agradável. No ar, o perfume saudável do eucalipto.*<sup>348</sup>

Esses reparos no Cemitério São Pedro, quase que imediatos após publicação no Correio de Uberlândia, nos levam a pensar em algo mais amplo o que uma simples reforma naquele local. É justamente nesse período, início da década de 1950, sob a administração do Sr. Tubal Vilela da Silva, que definições acerca dos cemitérios da cidade vão ser tomadas. Nesse momento, entre 1951 e 1954, vai ser definido o que se fará com a velha necrópole, com o municipal de 1928 e, ainda, se vai decidir pela criação de mais um local de enterramentos em Uberlândia.

Esse reparo no muro e no interior da necrópole citada, faz lembrar das constantes reclamações feitas em periódicos na década de 1920 sobre a situação de lotação e abandono que se encontrava o Cemitério Municipal (1898). E como vimos na primeira parte desse trabalho pouco ou nada foi feito. O que de fato foi realizado foi o constante abandono, especialmente após 1928, com a inauguração de um novo cemitério.

Em compensação, quando das reclamações semelhantes, cerca de 25 anos depois, os critérios e as decisões são outras. O Cemitério Municipal São Pedro passará por reformas, como por exemplo, a pavimentação das ruas no seu interior.

*Processo n° 820. Projeto n° 637. Exposição Justificativa. A pavimentação das ruas principais do Cemitério desta cidade, constitui medida de real necessidade, não só para embelezamento da necrópole como também para facilitar o escoamento das águas pluviais, evitando estragos e inconvenientes graves. Já executamos grande parte deste serviço e para completar a pavimentação propomos a abertura do crédito especial estipulado no incluso projeto de lei. Prefeitura Municipal de Uberlândia, em 11 de agosto de 1954. Tubal Vilela da Silva – Prefeito Municipal.*<sup>349</sup>

Essa decisão por pavimentar o interior de um dos espaços cemiteriais revela uma tendência posta em prática na cidade, que não era exclusiva de Uberlândia, mas também em outras localidades do país. O ato de pavimentar, além de trazer benefícios para o tráfego, apresenta posições acerca ao progresso, conforme analisa Beatriz Soares:

*O asfaltamento começou a ser implantado em meados da década de 50, e este serviço constitui-se em uma necessidade visto que melhorava muito a qualidade das vias públicas. Para os administradores e proprietários de terra, os benefícios eram maiores,*

<sup>348</sup> 02/07/1952. *O cemitério de roupa nova. Correio de Uberlândia.* Maria Teresa. Redator Ruth de Assis e Lycidio Paes. Ano 15, n° 3442, p. 4.

<sup>349</sup> *Abre crédito para pavimento calçamento ruas Cemitério São Pedro. Ano de 1954 – Processo n° 820 – Projeto n° 637. Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.. Ano de 1954 – Processo n° 820 – Projeto n° 637.* Iniciado em 12/08/1954. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*pois valorizavam-se os terrenos e as propriedades, embelezava-se a cidade, e, sobretudo, reforçava-se sua imagem de cidade progressista*<sup>350</sup>

Enquanto isso, década de 1950, a velha necrópole, além de nunca ter recebido pavimentação, está por ser desativada, como veremos a seguir. Enquanto isso, há também problemas no muro do velho cemitério, não com relação ao seu desmoronamento, mas sim por cartazes afixados no mesmo. Essa prática não foi motivo de notícia, mas vem a ser comentada em uma reunião da Câmara Municipal em 1952, “o vereador Veloso Viana requer que seja solicitado ao senhor Prefeito Municipal a retirada dos cartazes colocados no muro do Cemitério Velho, considerando não poder aquele próprio ser utilizado para outra finalidade senão a de uso público”<sup>351</sup>. O fato do cemitério ser alvo de uma espécie de vandalismo, e ainda assim não ser mencionado em nenhum dos periódicos locais, dá uma noção do tamanho do abandono daquele espaço cemiterial.

Esse descaso para com o Cemitério Municipal de 1898, especialmente após a década de 1930, culmina em uma decisão do poder público municipal na década de 1950: sua desconstrução. Ao contrário do Cemitério São Pedro, que diante dos problemas e reclamações, recebe melhorias, o antigo cemitério da cidade, que ao longo de sua existência poucas bem feitorias, tem a demolição prevista no mesmo momento em que o São Pedro passa por constantes reformas e melhorias.

### ***3.3 As leis municipais e as necrópoles uberlandenses***

As escolhas estão dentro de interesses e de uma função simbólica, que vão além de uma mera preferência, mas que estão relacionadas com a projeção de um ideal de cidade, nas questões que envolvem o objeto construído e desconstruído<sup>352</sup>. Decisões que atingem a cidade dos vivos, também atingem a cidade dos mortos e vice-versa.

Dentre as decisões estava a de aproveitar a área do Cemitério Municipal. A justificativa para tal ação seria em transformar aquele espaço em uma praça, ou para outra finalidade pública,

<sup>350</sup> SOARES, 1995. Op. Cit., p. 147.

<sup>351</sup> *Ata da décima sétima sessão da primeira reunião ordinária de 1952. Atas da Câmara Municipal. Livro nº 041. 03/03/1952. Presidente: José Rezende Ribeiro. Secretário: Sebastião Pacheco, p. 5 f. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.*

<sup>352</sup> SOARES, 1995. Op. Cit., p. 128.

conforme projeto de lei nº 215 de 1951<sup>353</sup> “*Dispõe sobre o aproveitamento de área do Cemitério Velho*”.

Esse projeto polêmico, como veremos a seguir, tinha amparo legal, não somente pela ação do legislativo e executivo, mas pelo código de posturas em vigor. Nesse documento quando trata dos cemitérios públicos no capítulo II, das disposições gerais, artigo 215 que trata da extinção dos cemitérios, o código indica o tempo de cinco anos após a interdição ou fechamento dos mesmos, para que um novo uso da área possa ser feito, conforme os artigos 211, 212, 213 e 214 que encontram-se anexados ao final do trabalho na página 205. Esse tempo foi diminuído se comparado ao Código de Posturas aprovado em 1913 (também em anexo na página 205) e que vigorou até 1950. Nele, conforme o art.533, o tempo mínimo para desconstrução de um cemitério era de dez anos após sua interdição.

*Exposição Justificativa. Processo nº 357. Projeto nº 215. Assunto: Aproveitamento do terreno do Cemitério Velho.*

*O antigo Cemitério desta cidade acha-se abandonado há longos anos e a sua extinção não só é recomendada como também encontra apoio em leis, dispondo sobre o assunto o Código de Posturas em vigor, que assim prescreve:*

*Art. 215 – Os cemitérios poderão ser abandonados quando tenham chegado a tal grau de saturação que se torne difícil a decomposição dos corpos ou quando hajam se tornado muito centrais.*

*§ 1º - Antes de serem abandonados, os cemitérios permanecerão fechados por cinco anos, **findo os quais sua área será destinada a praças ou parques [grifos meus]**, não se permitindo proceder-se aí ao levantamento de construções para qualquer fim.*

*§ 2º - Quando, do cemitério antigo para o novo, se tiver de proceder a transladação dos restos mortais, os interessados mediante pagamento das taxas devidas, terão direito de obter nele espaço igual em superfície ao do antigo cemitério.*

*Art. 216 – É permitida a todas as confissões religiosas praticar nos cemitérios seus ritos, respeitadas as disposições deste Título.*

*Acresce ainda que não há vigilância e nem pessoa encarregada da conservação do cemitério e seu estado é de completa ruína, sendo de conveniência para os próprios interessados a transladação dos restos mortais dos seus entes queridos para o atual cemitério, onde as sepulturas poderão ser cuidadas com o merecido cuidado.*

*Prefeitura Municipal de Uberlândia, em 5 de Fevereiro de 1951. O Prefeito Municipal – Tubal Vilela da Silva.<sup>354</sup>*

Sabedor destas mudanças no Código de Posturas, em um dos pareceres sobre o projeto de lei, um dos vereadores e também relator, Pedro Schwindt, elogia a proposta de fazer da morada dos mortos uma praça:

<sup>353</sup> 29/08/1951. Câmara municipal de Uberlândia. Segunda legislatura de reconstitucionalização de 18 de Setembro de 1946. Mandato de 1 de fevereiro de 1951 a 31 de janeiro de 1955. Projetos aprovados. 215 – *Dispõe sobre o aproveitamento de área do Cemitério Velho – Prefeito Municipal. O Repórter*. Prefeitura Municipal. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 18, nº 1357, p. 4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>354</sup> Ano de 1951 – Processo nº 357 – Projeto nº 215. *Dispõe sobre o aproveitamento da área do Cemitério Velho. Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara*. Iniciado em 08/02/1951. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Transformar-se o atual Cemitério Velho em um parque ou praça, seria para Uberlândia um melhoramento de real valor e que na certa viria a contribuir para a denominação de “Cidade Jardim” que nossa terra possui. Além disto, se considerarmos que ao lado do referido está sendo construída a Escola Vocacional, esta medida, encontra em parte, uma justificação, posto que serviria não apenas de local de passeio como também de estudo e recreio para os jovens estudantes. Sob o ponto de vista religioso, no que concerne o respeito aos mortos, julgo não haver impedimento algum, pelo que estipula o artigo segundo, “a transladação dos restos mortais será feita para o novo cemitério, mediante requerimento dos interessados”. Ainda sob este aspecto é preciso que se considere que naquele local onde tantos foram e tiveram seu corpo transformado na matéria de onde surgiram, **não poderá haver maior homenagem, qual seja, cultivar flores sobre aquela terra [grifos meus]**. No tocante ao artigo 1º, julgo de bom alvitre que seja no mesmo suprimido a expressão – “ou utilizado para qualquer outra finalidade de uso público” – isto devido ao Código de Posturas em vigor que diz no parágrafo 1º do Art. 215: “antes de serem abandonados os cemitérios permanecerão fechados durante 5 anos, findo os quais sua área será destinada a praças ou parques, não se permitindo proceder-se aí levantamento de construções para qualquer fim”. Assim sendo a redação do referido artigo ficaria do seguinte modo: Art 1º: O terreno do Cemitério Velho desta cidade localizado a Avenida Tocantins, será transformado em praça ou parque. Com esta supressão nos dizeres deste artigo, fica eliminada qualquer hipótese de serem feitas, no futuro, construções ou ainda de ser o mesmo transformado em depósito, etc. Pedro Schwindt – Relator<sup>355</sup>*

Ter mais uma praça em Uberlândia, que já tinha 13 até o momento em seu espaço urbano, era motivo de alegria e orgulho, não somente para a cidade em questão, mas para as localidades do interior do Brasil<sup>356</sup>. Interessante lembrar que o Cemitério Municipal de 1881, deu lugar na década de 1910 a uma praça, que recebeu como edificação o Paço Municipal. A praça, bem como o jardim e as flores remetem ao que Fernando Catroga afirma de conotação otmista da flora<sup>357</sup>, seja no interior do espaço cemiterial, ou como no caso estudado, na substituição do antigo Cemitério Municipal.

Mas, no caso da desconstrução do Cemitério Municipal de 1898, o projeto que estava sendo colocado em prática tinha como fim a edificação de uma praça de esportes, o esperado Estádio Municipal. Essa proposta encontra oposição. Um mês após o elogio do vereador Pedro Schwindt, o advogado da prefeitura Abelardo Pereira, com base no mesmo Código de Posturas de 1950, questiona a legalidade de tal projeto:

*Informações e Despachos: Sr. Prefeito, Examinando a consulta dirigida a este serviço por V.S. a pedido do Presidente da Câmara Municipal, por solicitação do Vereador Veloso Viana, respondo o seguinte: **A pergunta é a seguinte: A Lei considera um Estádio ou uma Praça de Esportes um bem de uso público? [grifos meus]** São bens*

<sup>355</sup> Ano de 1951 – Processo nº 357 – Projeto nº 215. Comissão de Legislação e Justiça. Aproveitamento do terreno do Cemitério Velho. Dispõe sobre o aproveitamento da área do Cemitério Velho. **Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.** Iniciado em 08/02/1951. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>356</sup> SOARES, 1995. Op. Cit., p. 96.

<sup>357</sup> CATROGA, 1999. Op. Cit., pp. 131-132

*públicos os pertencentes ao Estado, União ou Município. De uso público são todos aqueles bens, quer pertencentes as entidades citadas, que a particulares que lhe deram esse destino. Os primeiros, bens públicos, terão os destinos que lhe forem dados por lei e, sua utilização, deverá estar condicionada as determinações dela. Um Estádio ou uma Praça de Esportes não são bens de uso público como uma rua, uma praça, um parque que estão sempre abertos ao público; podem ser até bens particulares, construídos com fim de renda [grifos meus]. As Praças de Esportes e Estádios tem sempre sua regulamentação que determina o uso e gozo das suas utilizações, para atingir sua finalidade. Não são, assim, de uso público. O gozo deste não está sujeito a restrição a não as de ordem geral. É este o meu parecer que submeto a consideração superior. Em 1º de Março de 1952. Abelardo Pereira – Advogado da Prefeitura<sup>358</sup>*

Interessante notar que a polêmica está no que vão edificar sobre a área que até então abriga um cemitério e não no que envolve a extinção o cemitério. E há também a discussão entre o que é o bem público e do que deve ser aberto ao público. Obviamente que isso não foi geral, houve quem questionasse a desconstrução do cemitério, como veremos a seguir. Mas, por parte da prefeitura a questão era o que fazer com a área, já que a mesma cumpria os requisitos do artigo 215 do código de posturas, especialmente no que dizia respeito ao fato da necrópole localizar-se na área central da cidade<sup>359</sup> após as mudanças ocorridas em 1950 quando foi feita uma nova delimitação da áreas urbanas e sub-urbanas da cidade.

Já sobre a edificação de um estádio em Uberlândia na área que comportava o Cemitério Municipal de 1898, essa ideia já vinha desde a segunda metade da década de 1940. A primeira vez que é posta em pauta foi no final o ano de 1948, entendendo os autores da proposta que eram representantes de clubes de futebol que não possuíam estádio<sup>360</sup>, que tal empreendimento em conjunto com a remoção dos restos mortais para o outro cemitério seria “*de real interesse*

<sup>358</sup> Ano de 1951 – Processo nº 357 – Projeto nº 215. Comissão de Legislação e Justiça. Aproveitamento do terreno do Cemitério Velho. Dispõe sobre o aproveitamento da área do Cemitério Velho. **Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.** Iniciado em 08/02/1951. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>359</sup> Exposição Justificativa. Processo nº 357 – Projeto nº 215. Comissão de Legislação e Justiça. Aproveitamento do terreno do Cemitério Velho. Dispõe sobre o aproveitamento da área do Cemitério Velho. **Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.** Iniciado em 08/02/1951. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>360</sup> Carta: “Uberlândia, 24 de Dezembro de 1948. Exmo. Sr. José Fonseca e Silva. D. D. Prefeito Municipal. Senhor Prefeito: O “FLAMENGO FUTEBOL CLUBE”, o “FLUMINENSE FUTEBOL CLUBE”, o “SPORT CLUBE JUVENTUS”, o “SPORT CLUBE FLORESTA” e o “BOTAFOGO FUTEBOL CLUBE”, representados por seus respectivos Presidentes, adiante assinados, vem sugerir a V. Excia. A iniciativa de serem aproveitados os terrenos no velho Cemitério Municipal, para a construção do Estádio Municipal de Uberlândia, para isso trasladando-se, previamente, os restos mortais que jazem na velha necrópole para o atual cemitério público... Protestos de estima e consideração. (a) Antonio Augusto. Aurélio Rolla. Italo Formoso. Pelo Clube Atlético Juventus – Chrisostenio Rodrigues. Carlos Tomazelli”. Ano 1949 - Processo nº 195. Aproveitamento do Cemitério Velho. Aproveitamento do “Cemitério Velho” para Campo de Esportes. **Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.** Iniciado em 08/02/1949. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*público*”<sup>361</sup>. O fato foi que sob a administração de José Fonseca e Silva (1947-1950), o projeto tanto da desativação do cemitério, como o da edificação de um Estádio não teve curso.

Há um parecer que trata a matéria como “*melindrosa*”, diante da necessidade do consentimento “*das famílias proprietárias dos túmulos*”<sup>362</sup>. Mas, o que definiu a questão naquele primeiro pedido, foi a desistência dos interessados, conforme justificativa da comissão de finanças:

*A Comissão de Finanças é de parecer que seja arquivado o presente processo. Sala de Comissões, em 26 de Fevereiro de 1951. Assina: Sebastião Pacheco. Justificação: A Comissão de Finanças opina para que seja arquivado o presente processo, em virtude das conclusões a que chegou após estudo e inquéritos entre os interessados. Dos clubes petionários dois não mais existem: O Botafogo Futebol Clube e o Esporte Clube Juventus. Procuramos nos entender com o senhor Francisco Rodrigues da Cunha, do Flamengo Futebol Clube, que nos informou de que é intenção dos Clubes filiados a L.U.F. construir um estádio nos terrenos da Praça de Esportes Minas Gerais, e que a planta do mesmo deverá, nestes dias, ser enviada a Belo Horizonte para a devida aprovação. Disso concluímos que há presentemente desinteresse pelo assunto, por parte dos clubes que ainda existem. Esta foi a razão do nosso parecer, embora, estejamos dispostos a dar nosso apoio a tudo que vise engrandecer os esportes em Uberlândia.*<sup>363</sup>

A questão que envolve a construção do Estádio Municipal é anterior à solicitação feita em 1948. No ano de 1947, em uma crônica no jornal Correio de Uberlândia o assunto é tratado. Na ocasião em que se aborda a importância de se ter uma praça de esportes, o aproveitamento da área do cemitério não é citado e sim uma área junto ao Estado de Minas Gerais entre os Bairros Osvaldo e Martins para tal fim<sup>364</sup>. Sobre essa localização, que não cita a área do cemitério velho, uma crônica do ano de 1951, trata com ironia a mania de grandeza da então administração Tubal Vilela da Silva, no desejo de construir um Estádio Municipal.

*Falou se bastante no princípio do ano, na construção de um Estádio Municipal para o esporte uberlandense, tendo-se mesmo sido organizada uma comissão diretora, para estudar os planos sobre o assunto, de tão vital importância para a mocidade esportiva. – Locais foram primariamente escolhidos no calor da primeira reunião, cogitando-se logo a construção de um estádio para o futuro de Uberlândia, com lotação de 40.000 pessoas, com todas as acomodações possíveis, uma espécie de “maracanãzinho” interiorano, talvez para ser inaugurado no ano de 2000, com a abertura do campeonato Fantasma, sob a orientação da “eficiente” Federação Mineira de Futebol... por intermédio do Engenheiro Dr. Vinícius Vasconcelos, resultando na base de um campo*

<sup>361</sup> Idem.

<sup>362</sup> Ano 1949. Processo n° 195. Assunto: Aproveitamento do Cemitério Velho. Informações e Despachos. Nome: Antônio Augusto e outros. Assunto: Construção do Estádio Municipal. **Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.** Iniciado em 08/02/1949. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>363</sup> Ano 1949. Processo n° 195. Assunto: Aproveitamento do Cemitério Velho. Parecer. **Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.** Iniciado em 08/02/1949. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>364</sup> 16/06/1947. Estádio Municipal. **Correio de Uberlândia.** Autor desconhecido. Responsável Jacy de Assis. Ano 10, n° 2174, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*de futebol com a área de 102 x 65 metros, portanto dentro das medidas oficiais, com lotação prevista para 10.000 pessoas, localizando-se as futuras arquibancadas do lado da Rua Alexandre Marquez e as gerais do lado as Rua Cel. Alves Pereira.... Lutem por um campo de futebol, um campo raso, um campo por ora sem arquibancadas próprias, mas um campo para o ano de 1951, - o estádio para o ano de 2000 pode esperar ainda 49 anos, mas o futebol não pode.*<sup>365</sup>

Ainda em uma entrevista concedida ao jornal O Repórter em maio de 1951, o prefeito Sr. Tubal Vilela da Silva faz menção à construção de um estádio como um “*melhoramento indiscutível para o incentivo dos esportes e conseqüentemente do desenvolvimento físico da juventude*”<sup>366</sup>. Em seguida, no mês de agosto entra em vigor a lei nº 192 que dispõe sobre a utilização da área do Cemitério Municipal, em que autorizava, em prazo de um ano, a remoção de todos os restos mortais<sup>367</sup>. Importante observar que no final do ano e 1951, em uma entrevista sobre as realizações do corrente ano e de projetos para o ano seguinte, o prefeito cita a obra o Estádio Municipal e até mesmo a ampliação do Cemitério Municipal de 1928, denominado posteriormente de São Pedro, mas silencia sobre a reutilização da área do Cemitério Municipal de 1898<sup>368</sup>.

Depois dessas crônicas, a questão que envolve a construção ou não dessa praça de esportes sempre está associada a extinção de Cemitério Municipal de 1898. No início do ano de 1952 é então anunciado que o Estádio Municipal seria construído no espaço que era o cemitério, curiosamente denominado na crônica como São Pedro:

*Dado o primeiro passo para a concretização dessa gigantesca obra. Consignada em orçamento a importância de Cr\$ 200.000,00. Doada pelo Governo Estadual a soma de Cr\$ 500.000,00. Terá início em Agosto do corrente ano a sua construção... Os primeiros passos da construção já foram dados. Será ele construído onde se encontra o Cemitério São Pedro, mais conhecido por cemitério velho. Através de uma portaria recentemente publicada, fiz ciente aos interessados que a prefeitura faria a transladação dos ossos por sua conta a todos aqueles que tem arrendamento perpétuo ou por vencer, deste para o atual Cemitério da Saudade. Esse serviço vem sendo feito a medida que os interessados*

<sup>365</sup> 08/08/1951. *Estádio ou Campo de Futebol? Correio de Uberlândia*. Correio Esportivo. Redação de Fonseca. Diretor Responsável João Edison de Melo. Ano 14, nº 3215, p.3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>366</sup> 02/05/1951. *Momentosa entrevista. O Repórter*. Autor desconhecido. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 18, nº 1277, pp. 1 e 4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>367</sup> *A Lei nº 192, de 23 de Agosto de 1951, dispondo sobre a utilização do terreno do Cemitério Velho, autoriza a remoção, para o atual cemitério, de todos os restos mortais... Ano de 1952 – Processo nº 583 – Projeto nº 443. Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara*. Iniciado em 03/10/1952. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>368</sup> Nesse relatório são citadas a construção do Estádio Municipal e ampliação Cemitério Municipal.25/12/1951. *Prefeitura Municipal de Uberlândia. Realizações do Exercício de 1951 – período de 1º - 2º - 31 - 12 - 1951. Realizações de maior vulto que a Prefeitura pretende levar a efeito no próximo exercício de 1952. O Repórter*. Prefeitura Municipal. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 19, nº 1439, p. 15. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*requerem. Porém, o prazo se esgotará em Agosto próximo quando então serão encetados os primeiros trabalhos ligados diretamente ao Estádio...*<sup>369</sup>

Mesmo que anunciada em fevereiro a discussão sobre o aproveitamento da área do antigo cemitério continua no decorrer do ano. E, como em toda discussão, há também as explicações sobre as escolhas. Em uma exposição da justificativa de julho de 1952, pelo processo nº533 do projeto nº400 que tratava da localização do Estádio Municipal, é apresentada a razão da escolha daquela área para a edificação da praça de esportes.

*Esta administração vem procurando estabelecer o plano do Estádio Municipal, para que cuja construção já existe dotação inicial no orçamento do corrente exercício. A Federação de Esportes do Estado de Minas Gerais, entidade que orienta, auxilia e oferece sugestões para as construções de estádios, à vista da planta de levantamento dos terrenos do velho cemitério desta cidade, elaborou um projeto de construção, que já se encontra em poder desta prefeitura. A aquisição de um terreno central, para a construção pretendida, apresenta dificuldades e vem onerar demasiadamente o município, que no momento não dispõe de recursos para tanto. Para a construção do Estádio o terreno do antigo cemitério, não só pela sua magnífica situação, como também ao pertencer ao patrimônio municipal, é o que melhores conveniências oferece. Assim é que venho submeter à apreciação dessa Egrégia Câmara o incluso projeto de lei, dispondo sobre o assunto. Prefeitura Municipal de Uberlândia, em 30 de julho de 1952. Tubal Vilela da Silva – Prefeito Municipal.*<sup>370</sup>

Essa justificativa apresentada acima, mostra não apenas a dificuldade da prefeitura em obter uma área para o Estádio, mas como também a área em questão, do antigo cemitério, é boa e central para a prática de esportes e não mais para sepultamentos. E ainda sobre a área, da localização da praça de esportes, a lei nº 322 que dispõe sobre a local, agora em definitivo do Estádio Municipal, cita o acordo com o Sr. Virgílio Rodrigues da Cunha<sup>371</sup>, dono de parte da área próxima ao cemitério que estava sendo desativado e ainda um dos proprietários do loteamento Tabajaras de 1947, o que permite intuir o interesse do referido senhor na extinção por completo do cemitério ante seu projeto imobiliário.

A construção desse empreendimento acompanhava a tendência de um discurso reforçado pela imprensa do período que “*reforçava a necessidade de construção de grandes obras, que materializassem o desenvolvimento de Uberlândia, uma vez que suas condições sócio/espaciais e*

<sup>369</sup> 10/02/1952. *Estádio Municipal. Mais um grande empreendimento do governo Tubal Vilela. Correio de Uberlândia*. João Batista de Queiroz por Correio Esportivo. Redator Ruth de Assis. Ano 15, nº 3343, pp. 5 e 6. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>370</sup> *Processo nº 533. Projeto nº 400. Exposição Justificativa. Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara*. Iniciado em 30/07/1952. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>371</sup> *Proposição de Lei nº 75/52. Dispõe sobre a localização do Estádio Municipal. Sancionada pelo Prefeito Municipal Tubal Vilela da Silva. Lei nº 322 de 19/11/1952. Processo nº 533. Projeto nº 400. Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara*. Iniciado em 30/07/1952. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*econômicas colocavam-na entre as principais cidades do Triângulo Mineiro*”<sup>372</sup>. Além disso, como visto no tópico anterior, a valorização do centro pela especulação imobiliária do período fazia agora do recém criado Bairro Tabajaras, um local não mais associado a um cemitério abandonado, mas como o lugar que receberia um prédio de arquitetura moderna<sup>373</sup>. Entendendo que essas mudanças estão dentro de uma *“reapropriação do espaço e a nova construção representa as novas percepções que foram se solidificando”*<sup>374</sup>. Antes da saída em definitiva do Cemitério Municipal, uma foto, possivelmente do final dos anos 1940, mostra o loteamento em construção, com a abertura de ruas, aos fundos da velha necrópole (à direita na imagem) que jaz em abandono. Na foto, além do cemitério, é possível ver o crescimento da cidade na direção norte com uma grande quantidade de terrenos vagos.

**IMAGEM 13 - Foto. Vista aérea do Bairro Tabajaras e Cemitério Municipal de 1898. Década de 1940.**



Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Acervo imagens. AE DOADAS 5558.

As obras para construção da praça de esportes de fato começaram em 1953 e com grandes dificuldades. Em outubro do mesmo ano, o prefeito convoca uma reunião para tratar da cooperação para a execução das obras que passam por grandes dificuldades, ao ponto de noticiar o *“seu empenho em arranjar, gratuitamente, pedaços de trilhos com as estradas de ferro para a*

<sup>372</sup> SOARES, 1995. Op. Cit., p. 125.

<sup>373</sup> Idem, p. 125.

<sup>374</sup> DANTAS, 2001. Op. Cit., p. 148.

*utilização nos serviços*”<sup>375</sup>. O prefeito ainda contava com a venda de cadeiras para arrecadar a quantia de 3 milhões de cruzeiros para ter condições do término da obra<sup>376</sup>. Mesmo com todo esse projeto, o fato foi que no início de 1954, o governo municipal contraiu um empréstimo na soma de 8 milhões para várias obras na cidade, entre elas “*redes e ferros para construção de alambrados e arquibancadas no Estádio Municipal*”<sup>377</sup>.

Pelas notícias que obtivemos nos periódicos a campanha de arrecadação de fundo via venda de cadeiras cativas no Estádio Municipal não deu o resultado esperado. Na metade do ano de 1954, novamente é solicitada a colaboração para a venda das mesmas em caráter de urgência para segmento das obras<sup>378</sup>. E no mês de setembro, do mesmo ano, é aprovado o projeto de lei nº 656 que autoriza o prefeito a gastar a quantia de até Cr\$ 1.000.000,00, previstas para o orçamento de 1955 nas obras do Estádio<sup>379</sup>. Esses valores, como veremos a seguir, estão bem acima dos que foram gastos na edificação do Cemitério São Paulo, e porque não afirmar, ao longo da existência do Cemitério Municipal que foi substituído para um campo de futebol.

Se a construção do Estádio Municipal não foi imediata o mesmo não pode se dizer da remoção dos ossos e preparo do terreno do antigo cemitério de Uberlândia. Este ocorreu conforme o previsto. Mas, nem por isso sem críticas nos periódicos.

As vésperas de terminar o prazo para remoção dos restos mortais do Cemitério Municipal de 1898, uma extensa crônica com o título “*Revertere ad locum tuum*” critica em vários aspectos essa decisão da municipalidade. A primeira delas pela via da memória da cidade, entendendo o cemitério como ponto de referência no passado das cidades, conforme segue:

*Revertere ad locum tuum. No frontispício do portão principal do principal do Cemitério São João Batista, na capital da República, está gravada em alto relevo a sentença que encima estas linhas “Revertere ad locum tuum”. Frase que posso traduzir com o perdão dos mais letrados, assim: “voltas-te ao teu lugar”... Nenhum logradouro público do Rio de Janeiro é mais freqüentado, principalmente aos domingos e dias feriados, do que o*

<sup>375</sup> “Realizou-se quinta feira última, à 15 horas, no salão nobre da Câmara Municipal a 2ª reunião convocada pelo Sr. Prefeito para últimas deliberações respeito a construção do Estádio Municipal de Uberlândia”. 10/10/1953. *Estádio Municipal. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Redatora Ruth de Assis. Ano 16, nº 3767, p. 4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>376</sup> Idem.

<sup>377</sup> 31/01/1954. *Importantes melhoramentos para Uberlândia conseguidos pelo prefeito Tubal Vilela da Silva. Aprovado o empréstimo de 8 milhões para Uberlândia. Correio de Uberlândia*. Serviço de Divulgação da Prefeitura Municipal. Redatora Ruth de Assis. Ano 16, nº 3846, p. 3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>378</sup> 22/06/1954. *Campanha para venda de cadeiras cativas do Estádio Municipal de Uberlândia. O Repórter*. Prefeitura Municipal. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 21, nº 2052, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>379</sup> Ano de 1954 – Processo nº 842 Projeto de lei nº 656. Autoriza obras no Estádio Municipal. **Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara**. Iniciado em 26/09/1954. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Cemitério São João Batista... Estas considerações vem a propósito de um edital que está sendo publicado no “Correio de Uberlândia”, por parte da Prefeitura Municipal, chamando os parentes a removerem os restos mortais do seus ancestrais sepultados no velho cemitério, há anos interditado, e localizado à margem do caminho do Praia Clube... Contrasta, entretanto a belíssima providência do Sr. Prefeito com aquela que manda remover os despojos do velho cemitério. Providência essa, aliás, segundo estou informado, por força de uma lei do legislativo municipal. Há cerca de quarenta anos passados, na gestão do então agente executivo dr. J. S. Rodrigues da Cunha, medida mais ou menos semelhante foi tomada: a remoção dos despojos dos que foram sepultados no primitivo cemitério da cidade (a velha Uberabinha) localizado então na atual praça Antônio Carlos... muitos ossos e caveiras foram arrancadas do sub-solo, de pessoas anônimas, primitivos fundadores da trepidante Uberlândia de nossos dias. Houve mesmo um movimento sedicioso, tendente a impedir a mediada determinada pelo então governador da cidade. Mas, essa medida era necessária, Uberabinha crescia em rumo à estação de ferro Mogiana, plantada em meio ao cerrado, nos altos da cidade. Sepulturas foram removidas... E o velho cemitério desapareceu, restando sob o asfalto do jardim da praça onde está o prédio da prefeitura – ossos, caveiras, por todos nós pisadas sem que disso apercebamos. O PROGRESSO assim o exigira, fazendo desaparecer uma das tradições da cidade...<sup>380</sup>*

Relevante notar na crônica de Salazar Pessoa, que o mesmo não é contra o progresso, e cita até mesmo o antigo Cemitério Municipal de 1881 que deu lugar ao prédio da Prefeitura Municipal. Ao mesmo tempo em que o cronista segue a lógica da modernidade, da ideia do limpo, do novo e de belas obras arquitetônicas<sup>381</sup>, o autor, na comparação com o Cemitério São João Batista no Rio de Janeiro, volta o olhar para a necrópole como aquele lugar de perpetuar a lembrança individual, familiar e coletiva da sociedade<sup>382</sup>.

Sua crítica também valia para a condução o processo da retirada das ossadas no cemitério. O texto acusava a prefeitura de desleixo com os arquivos, sobre direitos das pessoas que pagaram pelo tempo de 50 anos ou perpétuo naquele local de enterramentos, além de questionar a construção de uma praça de esportes sobre o terreno:

*Tempos depois, já nos nossos dias, fazia-se desaparecer o velho templo religioso da cidade, de memoráveis recordações para, em seu lugar, se construir a Estação Rodoviária. Da velha Uberabinha só resta o cemitério interditado a que aludimos que estão sepultadas as figuras veneráveis do Padre Pio Dantas Barbosa, do dr. Rafael Rinaldi, de Cipriano Del Fávero, para não citar outros de igual quilate... Desejaria eu saber o seguinte: Quem tem uma pessoa querida ali sepultada, que pagou então a taxa devida a municipalidade (Cr\$ 50,00 correspondente a 50 anos) e já decorridos apenas 33 anos, que direitos assistem essa pessoa, nos resguardo dos restos do seu ente querido? O muito e atencioso e gentil funcionário da Prefeitura que dirige esse setor administrativo me informou que não existe no seu arquivo nenhum comprovante ou livro de registro dos sepultamentos da época, só existindo um livro do ano de 1926 para cá. Quer isso significar que todas as administrações passadas não tinham organização.*

<sup>380</sup> 08/07/1952. *Revertere ad locum tuum. Correio de Uberlândia*. Salazar Pessoa. Redator Ruth de Assis e Lycidio Paes. Ano 15, nº 3446, p. 2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>381</sup> SOARES, 1995. Op. Cit., p. 115.

<sup>382</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p. 75.

*Mas eu pessoalmente, não posso me conformar com essa suposição, pois sei quanto foram eficientes e zelosas as administrações daquela época, de Alexandre Marquez e dr. J. S. Rodrigues da Cunha, do meu tempo. Naturalmente, extraviaram-se, misteriosamente os livros da época. Foi ainda o mui gentil e atencioso funcionário que me informou que as sepulturas em caráter perpétuo, serão removidas para o novo cemitério às expensas da Prefeitura Municipal. Mas como se comprovar essa perpetuidade ou dos direitos daqueles que pagaram por 50 anos, se não existem no arquivo da Prefeitura comprovantes desses direitos? Não encontrei ainda a lei do Legislativo Municipal que autorizou a remoção daqueles despojos. Fui entretanto informado, que se pretende construir naquele local uma Praça de Esportes. Há uma lei federal que proíbe a extinção dos cemitérios, a não ser para fim de absoluta necessidade pública. Estará uma praça de esportes nestas condições?*<sup>383</sup>

Sobre essa questão dos arquivos, é importante ressaltar que na atual pesquisa, há grande dificuldade na análise dos dados do extinto cemitério. Se o autor da crônica se refere aos livros após 1926, hoje eles não se encontram mais. Na secretária o Cemitério São Pedro, na Prefeitura Municipal e no Arquivo Público Municipal de Uberlândia os únicos registros de enterramentos do Cemitério Municipal de 1898, são cópias do livro 1 de 1898 até 1906 e do livro 2 de 1907 até 1915. Depois destes períodos, ao que tudo indica, foram extraviados.

As considerações e críticas de Salazar Pessoa não eram unânimes. Uma semana após sua exposição, no mesmo periódico, Correio de Uberlândia, na crônica assinada por Maria Teresa, é feito um elogio à decisão do prefeito Sr. Tubal Vilela da Silva da retirada dos ossos, ainda que concordasse com o autor da crônica acima que um Estádio não era a construção mais adequada naquele lugar que recebera os mortos de Uberabinha/Uberlândia.

*Ao pó o que é do pó. Prezado missivita dos ossos de defunto que não sabemos de quem seja por ser anônima a carta. Porque? Medo do Prefeito Tubal Vilela da Silva? Ou medo das almas de seus parentes, que lá ficaram no cemitério velho? Um triste cemitério velho, abandonado e sujo. Até as pobres almas que vagam por lá devem sentir ruínas espirituais..., o Sr. Prefeito tem razão. Há o cemitério novo para os que morreram um pouco para trás e que morreram bastante para frente. Há o cemitério velho em cujo terreno vai ser construído o estádio municipal. E seria muita falta de consideração para com os espíritos, donos dos ossos no cemitério velho, que se permita jogar futebol em cima destes... O outro cemitério, aquele do tempo da antiga Uberabinha virou jardim, tem coreto, tem flores, tem casas de trabalho. Alguns pares de namorados amando-se aos luar. Alguns colegas em deliciosas brincadeiras. Coisas da vida feliz e bela, que só podem dar prazer aos vivos, como aos mortos. Se restos de defunto lá ficaram, as suas almas devem gostar. E nós também. Agora, o outro não. O segundo cemitério velho vai ser estádio. Estádio é vizinhança que ninguém quer. Quanto mais moradia por cima de quem já morreu. Não acreditamos que “já exista gente revoltada com essa pretensão do nosso prefeito”. Não existe mal em que sejam exumados os ossos de nossos antepassados, que já morreram há tanto tempo. E que sejam queimados agora.... O Sr. Prefeito Municipal não merece censura pela exumação e cremação dos ossos. E, depois, quem faz tanta questão assim dos ossos de seu*

<sup>383</sup> 08/07/1952. *Revertere ad locum tuum. Correio de Uberlândia*. Salazar Pessoa. Redator Ruth de Assis e Lycidio Paes. Ano 15, nº 3446, p. 2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*parentes pode retirá-los do cemitério velho e enterrá-los de novo, comprando um jazigo ou um túmulo. Ou guardá-los numa caixa artística para lembrança. Até em casa...*<sup>384</sup>

Se as ponderações a respeito da extinção não eram consenso, a ideia de transformar o local em praça de esportes, salvo os relatos da prefeitura e dos clubes beneficiados, não era bem aceita. Ainda no mesmo mês de julho de 1952, quando das discussões a respeito da retirada dos ossos da antiga necrópole, uma crônica não assinada questiona a elevada quantia de gastos e dos empréstimos que a administração municipal vinha fazendo e aplicando em serviços não relevantes, como a construção do Estádio Municipal<sup>385</sup>. Com aval ou não da população o processo de desconstrução continua em andamento. O aviso de que o prazo para requerer a retirada das ossadas, que estava por vencer, é publicado nos jornais da cidade<sup>386</sup>.

Conforme a lei nº 192, os restos mortais foram transferidos para o Cemitério Municipal de 1928. No mesmo foi construído, para aqueles que lá não adquiriram uma sepultura para seus entes, uma sepultura comum. Abaixo, segue clichê em relatório do prefeito Tubal Vilela da Silva.

---

<sup>384</sup> 17/07/1952. *Ao pó o que é do pó. Correio de Uberlândia*. Maria Teresa. Redator Ruth de Assis e Lycidio Paes. Ano 15, nº 3453, p. 4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>385</sup> 24/07/1952. *Os projetos suntuosos. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Redator Ruth de Assis e Lycidio Paes. Ano 15, nº 3458, p. 2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>386</sup> 20/08/1952. *Prefeitura Municipal de Uberlândia. Serviço do Patrimônio. Aviso. Cemitério Municipal. Este serviço faz público que vencerá impreterivelmente a 23 de Agosto próximo o prazo para remoção de restos mortais do cemitério velho para o novo. O Repórter*. Eudoxio Casasanta Pereira - Serviço do Patrimônio da Prefeitura Municipal. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 19, nº 1600, p. 3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

**IMAGEM 14 - Clichê. Túmulo no Cemitério São Pedro com os restos mortais do antigo Cemitério Municipal. Ano de 1953.**



*Transladação de restos mortais. Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva. Período de 1º de Fevereiro de 1951 a 31 de Janeiro de 1955. Realizações de seu operoso Governo no Município de Uberlândia.* Impresso na Tipografia Manhães. Uberlândia – MG. p. 111. Inventário Napoleão Carneiro. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Esse túmulo também foi motivo de críticas e ironias por parte da imprensa local, devido à publicidade da prefeitura, especialmente da pessoa do senhor prefeito, em toda e qualquer obra da municipalidade<sup>387</sup>, que não foi diferente com a construção deste túmulo, conforme à crônica abaixo:

*Os epitáfios em túmulos são bastante sugestivos... Nunca soubemos, porém, de epitáfio que envolvesse numa publicidade graciosa o administrador da cidade – por fazer coleta de ossos diversos pertencentes a defuntos anônimos. O túmulo do soldado desconhecido que se levanta em nações, após guerras, é homenagem ao heroísmo do soldado e uma saudade a glória do homem. Tem significações gerais e carinhos coletivos. Mas o túmulo que se plantou no cemitério novo, com os refugos ossos da remexidas sepulturas do cemitério velho, é uma publicidade ao prefeito. Nem mesmo defuntos escapam a essa riqueza de propaganda a custa dos cofres públicos! Mas, que não é muito bonito lá usar o cemitério como boletim de rua, lá isso não! ...Fez-se um túmulo novinho em folha e nele se escreveu um epitáfio de glorificação ao dono provisório da cidade, para posteridade efetiva, nessa gloriosa etapa governamental prestes a findar-se. Em resumo, diz o epitáfio que os ossos refugados pelos parentes vivos ou sem relação de parentesco vivo cá na terra encontraram carinhoso conforto no gesto do prefeito que lhes deu casa e abrigo... Gaveta coletiva, publica: muito gratas ficaram as almas dos mortos. Tudo feito sem o estardalhaço costumeiro. Mas de mansinho. Quem tiver a curiosidade de ir*

<sup>387</sup> 14/05/1953. *Os papeizinhos do prefeito. Correio de Uberlândia.* Maria Teresa. Redator Ruth de Assis e Lycidio Paes. Ano 16, nº 3663, pp. 1 e 4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. Nessa crônica, Maria Tereza chama atenção para o estado da cidade chamando-a de “cidade poeira”. Ainda, a autora critica os elogios que o próprio senhor prefeito faz de seu governo através dos “papeizinhos”.

*lá ao recanto mal assombrado do cemitério novo espiar o tumulo pode ler o epitáfio. E quem melhor do que o próprio defunto á procura se seu próprio osso perdido na gaveta, pra ler toda noite? Nem restava outro jeito ao prefeito senão juntar os ossos e criar o recanto das almas perdidas – o tumulo coletivo da extinta sociedade do cemitério velho... Parecendo honrar as almas, o prefeito alarga os deus domínios de realizações. O diabo é que almas devem andar numa sarabanda danada dentro do túmulo, gritando cada qual mais alto a procura do seu osso...*<sup>388</sup>

Para completar ainda essa questão que envolvia o aproveitamento da área do Cemitério Municipal de 1898, a terra da necrópole foi usada para tapar buracos de ruas. Isso gerou reclamações por espalhar no ano de 1954 “*pó de cemitério*”<sup>389</sup> pela cidade. Como último ato, o cemitério agora desconstruído com seus moradores no outro cemitério da cidade, tem em sua área a construção de um Estádio e sua terra, que um dia foi chamada de santa (Campo Santo), espalhada pela cidade, na tentativa de resolver o trânsito dos vivos na urbe.

Todo esse processo que envolveu a desconstrução do Cemitério Municipal de 1898, o aproveitamento de sua área e a construção do Estádio Municipal, ocorreu paralelamente ao da construção de um novo cemitério. Se desde o final da década de 1940 se discutia o que fazer com a necrópole abandonada, também é do mesmo período a discussão com o que fazer diante do aumento de número de sepultamentos, como vimos anteriormente, tendo apenas um espaço de enterramentos na cidade.

A retirada de ossadas, diante da falta de pagamento ou renovação de arrendamentos, parecia ser insuficiente para dar conta da crescente demanda. Por essa razão, a administração municipal, ainda no ano de 1948, chegou até a sancionar a Lei nº 34, que está na íntegra nos anexos de decisões do poder legislativo e executivo na página 206, que previa ampliação do Cemitério Municipal edificado em 1928, mas a execução da mesma não ocorreu.

A ampliação desta necrópole, que hoje conhecemos como São Pedro, não ocorreu. Pelo mapa do cemitério<sup>390</sup> em cruzamento com os livros de registros, a ampliação nunca existiu. Além disto, temos a entrevista do prefeito Sr. Tubal Vilela da Silva, que ao final de seu governo, em livro que relata as obras de sua administração, o mesmo justifica o porquê da não ampliação do cemitério. Essas palavras também estão em anexo na página 206.

<sup>388</sup> 10/05/1953. *Defuntos titulados. Correio de Uberlândia*. Maria Teresa. Redator Ruth de Assis e Lycidio Paes. Ano 16, nº 3660, p. 4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>389</sup> 21/07/1954. *Pó de Cemitério. Correio de Uberlândia*. Maria Teresa. José Zacarias Junqueira e Jacy de Assis. Ano 17, nº 3975, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>390</sup> Em anexo, na página 198 há um mapa do Cemitério São Pedro. Essa planta que é contemporânea está de acordo com livros de registro de enterramentos da necrópole, ou seja, de fato não aconteceu a ampliação.

Todo o desenrolar do processo de não ampliação do Cemitério Municipal em funcionamento teve como principal motivo a intenção de edificar um novo cemitério. É importante ressaltar que a Lei nº 34 foi promulgada na administração de José Fonseca e Silva (1947-1950), passado seu período à frente da prefeitura, seu sucessor, além e não tocar mais no assunto da ampliação conduz o processo de edificação do Cemitério São Paulo.

Um ponto importante a ser ressaltado nas opções de ampliar um cemitério e criar outro espaço de enterramentos foi não cogitar a verticalização da necrópole existente. Tendo em vista que a necrópole acompanhou em muitas cidades do Brasil o desenvolvimento da cidade, nesse caso de edificações verticais no cemitério, o mesmo não ocorreu na necrópole uberlandense. A cidade, especialmente no centro, teve como marco de sua verticalização, o final da década de 1940 e início dos anos 1950<sup>391</sup>, em compensação o cemitério não teve projeto de verticalização, e até os dias atuais não possui blocos com gavetas.

O que ocorreu com a não ampliação do cemitério foi a discussão do processo 581 que tem início no segundo semestre de 1952. Não é possível precisar a data de início, pois o mesmo não foi arquivado, mas há uma publicação no jornal O Repórter de 22/11/1952 que apresenta o processo da edificação de uma nova necrópole para Uberlândia<sup>392</sup>. No mesmo mês, conforme veremos no capítulo seguinte, é promulgada a Lei nº 342 que dispõe sobre a construção de um novo cemitério na cidade.

Este cemitério, o São Paulo, abrigará os mortos dentro de uma perspectiva social, onde via de regra famílias com menor poder aquisitivo terão sua última morada neste espaço de enterramentos. Em contrapartida, o Cemitério Municipal de 1928, terá sua manutenção garantida e seus problemas de lotação resolvidos.

E sobre o antigo cemitério, 55 anos após sua edificação, em definitivo desaparece para dar lugar ao Estádio Municipal. De um lugar que recebia corpos sem vida e imóveis, para corpos com vigor físico e em constante movimento. Mas não por muito tempo. Se o cemitério durou apenas 55 anos, o Estádio alcançou apenas 5 de existência. As razões não ficam claras. O fato é que em 1958 na administração Afrânio Rodrigues da Cunha (1955-1958), através da Lei nº 739 é

---

<sup>391</sup> SOARES, 1995. Op. Cit., pp. 133-135.

<sup>392</sup> 22/11/1952. *Câmara Municipal de Uberlândia. Ata da décima sétima sessão da quarta reunião ordinária de 1952. ... Processo número 581 – contendo a redação final ao projeto que autoriza a criação de um novo cemitério. Não tendo sido discutida, é a redação final votada e aprovada, determinando o senhor Presidente que se faça a expedição de autógrafos... O Repórter*. Prefeitura Municipal. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 19, nº 1664, p. 2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

autorizada a demolição do Estádio Municipal para doar aquela área ao Exército Nacional<sup>393</sup>. E o que isto tem a ver com esse processo de construções e desconstruções de cemitérios em Uberabinha/Uberlândia? Por ironia ou não do destino, em 1961, pela Lei n°960, o então prefeito Geraldo Mota Batista (1959-1962), autoriza o aproveitamento de materiais na demolição do Estádio Municipal na ampliação do Cemitério São Paulo<sup>394</sup>.

Com a definitiva desativação do Cemitério Municipal de 1898 e com a edificação do Cemitério São Paulo inicia-se uma nova fase nos sepultamentos em Uberlândia. No final de 1954, conforme veremos no capítulo seguinte, os enterros, com base no destino dos mortos, Cemitério São Pedro ou Cemitério São Paulo, acompanham uma perspectiva social, embasada nas divisões étnicas e sociais na Uberlândia da década de 1950.

---

<sup>393</sup> Lei n° 739 de 06/12/1958. Autoriza a demolição do Estádio Municipal e dá outras providências. Autoriza a doação ao Exército Nacional. **Livro n° 05 – Livro de leis ordinárias**. pp. 173 v e 174 f. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>394</sup> “Art. 1° - Fica o senhor Prefeito Municipal autorizado a empregar na ampliação do Cemitério São Paulo, tijolos e pedras resultantes da demolição do Estádio Municipal. Lei n° 960 de 08/09/1961”. Autoriza aproveitamento de material do Estádio Municipal.. **Livro n° 06 – Livro de leis ordinárias**. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

#### 4. CEMITÉRIOS SÃO PEDRO E SÃO PAULO: SEPARAÇÃO DOS VIVOS E DOS MORTOS EM UBERLÂNDIA

*Lei nº 342 – Dispõe sobre a construção de mais um cemitério nesta cidade.*

*A Câmara Municipal de Uberlândia decreta e eu sanciono a seguinte lei:*

*Art. 1º - A área de terreno constituída de dois quarteirões localizados entre as avenidas Mato Grosso e Distrito Federal e as ruas Goiânia e Pernambuco, nesta cidade, fica reservada para a construção de um cemitério.*

*Art. 2º - O novo cemitério deverá ser construído dentro do prazo de dois anos e se constituirá apenas sepulturas temporárias.*

*Art. 3º - O senhor Prefeito Municipal mandará elaborar, pelo serviço competente da Prefeitura, a planta e planos da construção, cujo orçamento não poderá exceder de Cr\$ 300.000,00.*

*Art. 4º - Pra o início da construção será consignada no orçamento do próximo exercício a verba de Cr\$ 50.000,00.*

*Art. 5º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.*

*Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução desta lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém.*

*Prefeitura Municipal de Uberlândia, em 26 de Novembro de 1952. Tubal Vilela da Silva<sup>395</sup>*

Conforme fonte acima, com a aparente urgência de locais para enterramento, como visto no capítulo anterior, em novembro de 1952 o governo municipal autoriza para o ano seguinte a destinação da verba de Cr\$ 50.000,00 elevando até no máximo Cr\$ 100.000,00 para as obras do cemitério<sup>396</sup>. Importante aqui observar que no mesmo ano de 1953, a prefeitura preocupada no aproveitamento da área do Cemitério Municipal de 1898 e na edificação do Estádio Municipal já destinando verbas para essas obras. E no ano seguinte, mesmo na inauguração do Cemitério São Paulo, a prefeitura que chegou a gastar a quantia de até Cr\$ 1.000.000,00 na construção do Estádio Municipal.

Este cemitério, com poucos recursos para sua construção, se comparado aos gastos com o Estádio Municipal, pela justificativa apresentada para sua criação de uma necrópole mais simples, teria apenas sepulturas temporárias, ou seja, não permitindo assim a edificação de túmulo, conforme explicação para assim facilitar o reaproveitamento da área.

<sup>395</sup> *Lei nº 342 – Dispõe sobre a construção de mais um cemitério neste cidade. Prefeitura Municipal de Uberlândia. 26/11/1952. Tubal Vilela da Silva. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.*

<sup>396</sup> *“A Lei nº 342, de 26 de novembro de 1952, dispõe sobre a construção de um novo cemitério nesta cidade. Abre crédito suplementar para construção de Cemitério”. Ano de 1953 – Processo nº 640 – Projeto nº 488. Exposição Justificativa. Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara. Iniciado em 07/05/1953. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.*

*O cemitério da cidade há tempos se tornava insuficiente para atender os sepultamentos, não sendo mais possível, dada a inconsistência do solo, provocada pelas contínuas remoções de cadáveres, o preparo de novas áreas. A ampliação do cemitério apresentava, por outro lado, serias dificuldades, já que os preços dos terrenos anexos, todos loteados, atingiam importâncias elevadíssimas. Assim é que foi resolvida a construção, concluída e inaugurada no exercício passado, de outra necrópole, à avenida Mato Grosso, em terreno pertencente ao Município. O novo cemitério, que recebeu o nome de Cemitério “São Paulo”, contém apenas sepulturas temporárias, facilitando, assim, as reaberturas das sepulturas para novas inumações, uma vez decorrido o prazo regulamentar.<sup>397</sup>*

Este cemitério, o São Paulo, abrigou os mortos dentro de uma perspectiva social, onde via de regra famílias com menor poder aquisitivo terão sua última morada neste espaço de enterramentos. Em contrapartida, o Cemitério Municipal de 1928, como veremos em seguida, teve sua manutenção garantida e seus problemas de lotação resolvidos, não mais contando com sepulturas rasas e sepultos de indigentes.

Antes de inauguração da nova necrópole uberlandense no ano de 1954, a mesma já tem um nome. A discussão não foi apenas para dar nome ao novo cemitério, como também para dar nova denominação ao cemitério inaugurado em 1928. Nessa breve discussão, que durou cerca de um mês, alguns nomes foram sugeridos<sup>398</sup>, e em 04/09/1953 ficou então decidido que o antigo cemitério passaria a denominar-se São Pedro e o novo São Paulo<sup>399</sup>.

---

<sup>397</sup> *Cemitério São Paulo. Prestação de Contas 1954. Processo n° 883. Fundo: Prefeitura Municipal. Série: Legislação. Sub-série: Leis Orçamentárias e Regimento Tributário.* Página 18. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>398</sup> As discussões à respeito dos nomes para os cemitérios iniciaram em 07/08/1953. Dentre os nomes para o Cemitério Municipal de 1928 foram sugeridos Bom Fim e Saudade (como ele era conhecido em função do antigo nome da rua Araguaia que atualmente tem o nome de Paes Leme). O novo cemitério teve como proposta os seguintes nomes: Santa Terezinha e Saudade. Toda essa discussão se encontra em: *Ano de 1953 – Processo n° 674 – Projeto n° 520. Dá nome aos cemitérios..Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.* Iniciado em 10/08/1953. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>399</sup> *“Proposição de Lei n° 46/53: Dá nome aos cemitérios desta cidade. A Câmara Municipal de Uberlândia, decreta e eu sanciono a seguinte lei: Art. 1° - Fica denominado “São Pedro” o atual cemitério situado à Avenida Araguaia, e “São Paulo”, o que está sendo construído na Vila Brasil, confrontando as Avenidas Distrito Federal e Mato Grosso, e Ruas Goiânia e Pernambuco. Art. 2° - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário. Câmara Municipal de Uberlândia, em 26 de Agosto de 1953. José Resende Ribeiro – Prefeito Municipal. Lei n° 401, de 4/9/1953. Tubal Vilela da Silva – Prefeito Municipal. Angelino Pavan – Secretário”.Ano de 1953 – Processo n° 674 – Projeto n° 520. Dá nome aos cemitérios..Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.* Iniciado em 10/08/1953. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Já com um nome o Cemitério São Paulo teve sua inauguração, com uma cerimônia religiosa, em julho de 1954, anunciada em periódico da cidade<sup>400</sup>. A mesma foi narrada com o seguinte texto que inclui os objetivos da edificação do aludido cemitério:

*Conforme fora anunciado realizou-se sábado último, às 16 horas, a cerimônia religiosa da bênção do Cemitério São Paulo, sendo oficiante o revd. Padre Américo Ceppi auxiliado pelo padre Zanor Pedro Rosa, com a presença dos srs.... DISCURSO DO SR. PREFEITO: "...Senhores, senhoras. O alargamento das fronteiras de nossa cidade, de um tempo para cá tornou-se uma realidade inescandível, desta forma o poder público se viu na contingência de ativar a construção de inúmeras obras públicas, e por outro lado iniciar a construção de outras que o crescimento a que nos inferimos passou a exigir.... Não poderia Uberlândia depender apenas do Cemitério São Pedro, para o sepultamento dos seus mortos, e assim sendo resolvemos mandar construir este que receberá o nome de São Paulo. Era do desejo do executivo, proceder a ampliação do Cemitério São Pedro, para o qual procurou dar cumprimento. Em entendimento porém com o proprietário do terreno anexo, verificou-se então o alto preço da área necessária, cuja importância a ser dispendida com a aquisição atingiria quase um milhão de cruzeiros, despesa essa que sobrecarregaria as finanças da Prefeitura. Para uma solução, encontramos a vantagem na construção de uma outra necrópole, uma vez que a mesma seria erguida em terrenos de propriedade do Município e as despesas de materiais e mão de obra, não atingiriam a importância de duzentos e cinqüenta mil cruzeiros, e com essa medida ganhariam os cofres da Prefeitura uma economia considerável. E hoje, sob as bênçãos ministradas pelo Vigário da Paróquia Nossa Senhora Aparecida, irmanados os poderes Legislativo e Executivo entregam a cidade de Uberlândia mais um Campo Santo. Esta construção, apesar de sua singeleza arquitetônica, uma homenagem póstuma ao que, chamados por Deus, deixam este mundo, nos legando uma imorredoura saudade. Na humildade desta necrópole, humilde também são minhas palavras de agradecimento as autoridades e ao povo em geral pela maneira delicada com que aquieceram a convite para a bênção deste Campo Santo...<sup>401</sup>*

A inauguração do Cemitério São Paulo foi uma das grandiosas realizações da administração Tubal Vilela da Silva. Essa afirmação se embasa nas próprias palavras do senhor administrador, não somente na reportagem acima citada, mas como consta também no seu relatório impresso ao final de seu mandato<sup>402</sup>.

<sup>400</sup> 24/07/1954. *Cemitério São Paulo. Convite para inauguração de mais um empreendimento da administração Tubal Vilela da Silva. O Repórter*. Prefeitura Municipal. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 21, nº 2073, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>401</sup> 27/07/1954. *A cerimônia religiosa do cemitério São Paulo. O Repórter*. Autor desconhecido / Tubal Vilela da Silva. Diretor proprietário João de Oliveira. Redator: Marçal Costa. Ano 21, nº 2075, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>402c</sup> *Atendendo ao crescente progresso de nossa cidade e conseqüentemente o aumento da população foi iniciado na Vila Brasil, entre as Avenidas Mato Grosso e Distrito Federal, a construção de uma nova necrópole, que irá atender aquela zona da cidade, cujas obras deverão ser concluídas neste ano. Na necrópole de São Pedro, diversos melhoramentos foram efetuados durante o exercício, tais como, a construção de uma fossa, ligação de água ao lavatório do necrotério, construção de meio-fios e boeiros. Durante o ano o movimento daquela necrópole foi o seguinte: Sepultamento de adultos: 415; sepultamento de crianças: 297; construções de: túmulos – 28; carneiras – 6; grades – 3; Lages – 6; jazigos – 1; capelas – 1; lápides – 8; cercados – 3; colocações de: cruzeiros – 3; inscrições – 7". 23/02/1954. Relatório do prefeito enviado ao Legislativo Municipal – Cemitérios Municipais. O Repórter. Tubal*

A obra, conforme palavras do prefeito, ainda que singela, contou na cerimônia de inauguração com autoridades, entre as quais dos reverendos Américo Ceppi e Zanon Pedro Rosa para a bênção da necrópole. Diante dessa cerimônia católica, importante mencionar que o Estado/Município não poderia, ou não deveria, promover nos eventos de inauguração dos cemitérios (ou outros espaços públicos) determinadas manifestações religiosas de qualquer confissão. Mesmo sendo um cemitério público, a tradição católica romana marcante na cidade manteve o rito de abençoar o Campo Santo, como mesmo afirma em reportagem o então prefeito Sr. Tubal Vilela da Silva. Essa prática tinha como intuito rogar por proteção ao local dos mortos<sup>403</sup> e dentro desse contexto religioso, dada a importância na publicação anterior do mesmo periódico, conforme citado acima, foi feito o convite para tal ato litúrgico.

A necrópole abençoada em julho somente foi receber seus primeiros enterramentos em outubro de adultos e em dezembro de crianças<sup>404</sup>. A obra singela, atendendo á demanda econômica do município receberia apenas covas rasas<sup>405</sup>, ou seja, não sendo permitida a edificação de túmulos, tendo permissão, no máximo, segundo o Código de Posturas de 1950, “pequenos símbolos”<sup>406</sup>, o que na prática resultou em uma cruz sobre a cova. Isso também serviu, como citado no capítulo anterior, para facilitar o reaproveitamento da área na reabertura de sepulturas. Esta obra tem um registro fotográfico impresso em um relatório sobre o governo Tubal Vilela da Silva (1951-1954):

---

Vilela da Silva. Diretor proprietário João de Oliveira. Ano 21, nº 1973, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>403</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p. 142.

<sup>404</sup> A data do primeiro sepultamento de criança no Cemitério São Paulo foi em 24/12/1954 de um nati-morto declarado como indigente e de adulto no dia 11/10/1954 de Maria Abadia. *Livro de Registros de Sepultamentos nº 1 Cemitério São Paulo – Crianças e Livro de Registros de Sepultamentos nº 1 Cemitério São Paulo – Adultos*. Prefeitura Municipal de Uberlândia.

<sup>405</sup> *Cemitério São Paulo. Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva. Período de 1º de Fevereiro de 1951 a 31 de Janeiro de 1955. Realizações de seu operoso Governo no Município de Uberlândia*. Impresso na Tipografia Manhães. Uberlândia – MG. p.87. Inventário Napoleão Carneiro. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>406</sup> “Art. 228 – O embelezamento das sepulturas temporárias de 5 anos será feito por gramados ou canteiros ao nível do arruamento rigorosamente limitados ao perímetro da sepultura, pequenos símbolos serão permitidos”. *Código de Posturas de 1950 – TÍTULO VI – CAPÍTULO IV – Disposições gerais*. P. 175 f e v. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

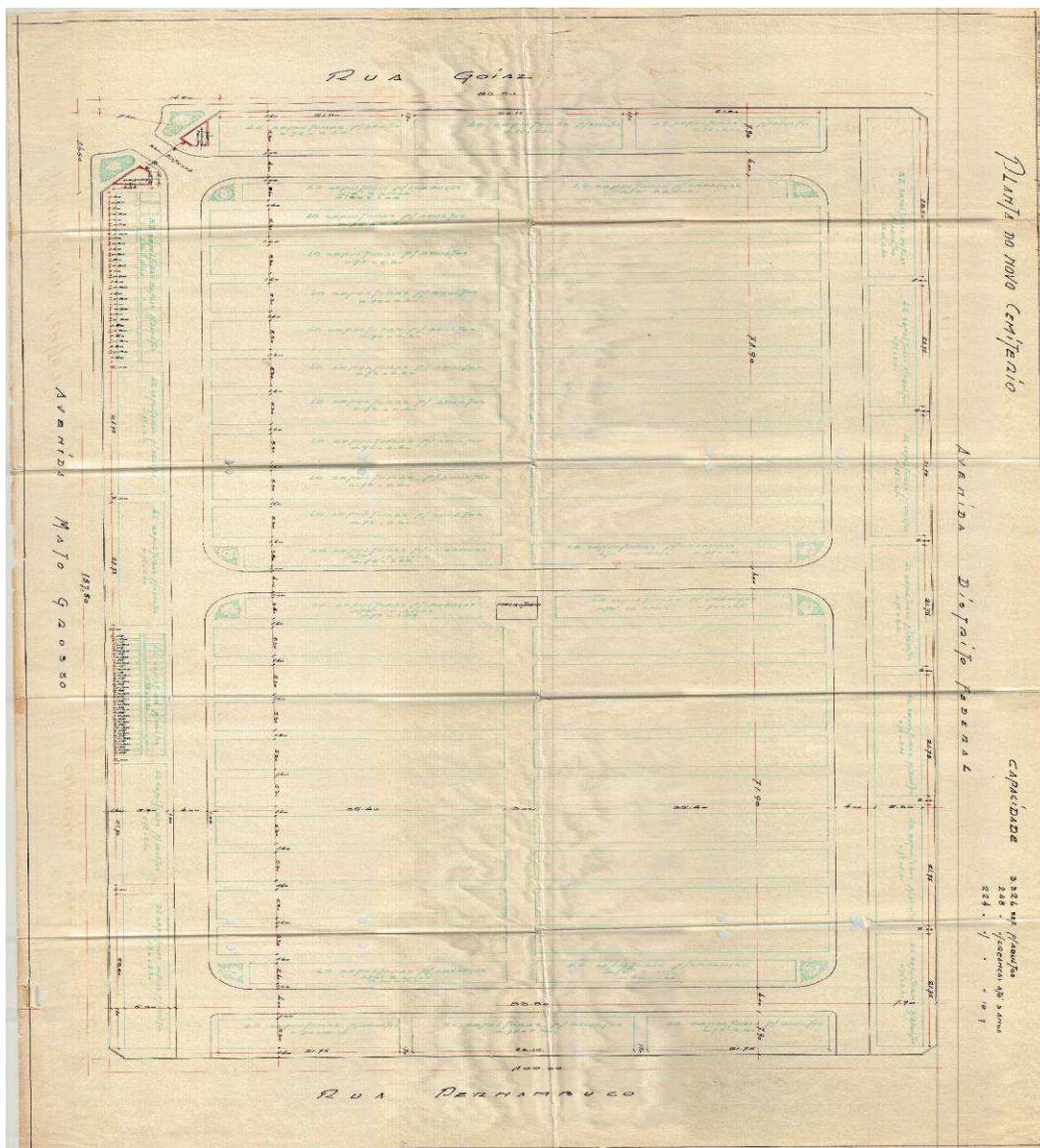
**IMAGEM 15 - Clichê. Construção do Cemitério São Paulo. Ano de 1953.**



*Cemitério São Paulo. Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva. Período de 1º de Fevereiro de 1951 a 31 de Janeiro de 1955. Realizações de seu operoso Governo no Município de Uberlândia. Impresso na Tipografia Manhães. Uberlândia – MG. p. 86. Inventário Napoleão Carneiro. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.*

Esse novo cemitério tinha previsto o reaproveitamento de sepulturas ao não permitir a compra de perpétuos, no máximo o tempo de 5 anos que poderia ser renovado ou não. Conforme planta do cemitério abaixo, a área tinha como capacidade mais de 3.000 sepulturas para adultos e cerca de 500 para crianças. Interessante que a recém inaugurada necrópole prevê reaberturas de sepulturas, ao mesmo tempo que o Cemitério Municipal de 1928, tem o número cada vez mais reduzido de sepultos em razão, como veremos a seguir, do valor diferenciado.

**PLANTA 4 - Planta do Cemitério São Paulo. Ano de 1953.**



Planta do Novo Cemitério (depois denominado São Paulo). Anexo do Processo da Câmara nº 674. Projeto nº 520 de 10/08/1953. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Com a inauguração do Cemitério São Paulo, o mesmo passa a receber a maioria dos sepultamentos. Conforme os livros de registros de ambos os cemitérios do ano de 1955, enquanto o São Paulo recebeu 282 inumações de adultos, no São Pedro foram sepultados 147. Com relação aos sepultamentos de crianças a diferença foi ainda maior. O Cemitério São Pedro recebeu apenas 42 enterros contra 351 de infantes no São Paulo.

A procura maior pelo São Paulo, pelo que as fontes nos conduzem, não se dá pela sua localização, pela infra-estrutura ou pela beleza interior. A questão era de ordem econômica. A

diferença exata nos valores não foi possível localizar nos documentos existentes. A suspeita está no tipo de serviços que ambos cemitérios ofereciam no período.

Antes mesmo da edificação do Cemitério São Paulo, o Cemitério São Pedro passa por reformas<sup>407</sup>. Além da reabertura de sepulturas diante da sua lotação, a Prefeitura Municipal no final do ano de 1951 lança edital para construções de carneiras<sup>408</sup>, dando a entender, como vemos hoje na paisagem do São Pedro, que inicia no ano de 1952 o processo de não realizar sepultamentos em sepulturas rasas, mas somente em carneiras. Estas no Cemitério São Pedro são ao solo revestidas de cimento, e não em gavetas como em outros cemitérios.

Além da divisão existente, desde sua inauguração em 1928, com quadras e avenidas principais, ressaltando assim na divisão espacial da necrópole<sup>409</sup>, fazendo assim do cemitério um “*evidente espaço póstumo da desigualdade*”<sup>410</sup>, o Cemitério São Pedro, sem mais as sepulturas rasas, contendo apenas carneiras, jazigos ou mausoléus, reafirmava assim o desejo das famílias naquele espaço cemiterial sepultadas, mediante as edificações “*causar impacto e admiração*”<sup>411</sup>.

Outro indício para a não abertura das sepulturas rasas está no fato que com a inauguração do Cemitério São Paulo, o São Pedro não receberia mais sepultamentos de indigentes<sup>412</sup>. Estes que já ao longo da vida sofriam da separação social implantada na cidade jardim, muitos com problemas psiquiátricos e na falta de tratamento perambulavam pela cidade<sup>413</sup>. Neste momento, em que a cidade passa por transformações urbanas, especialmente em uma nova reconfiguração do espaço, onde a ideia nas ações do prefeito Tubal Vilela da Silva, nas palavras de Júlio César de Oliveira, era limpar a cidade do “*cancro que corroia a área central*”<sup>414</sup>. Essa separação, embasada na segregação social, fez com que tais indivíduos ao morrerem não pudessem ocupar

---

<sup>407</sup> *Relatório do prefeito enviado ao Legislativo Municipal – Cemitérios Municipais. O Repórter*. Tubal Vilela da Silva. Diretor proprietário João de Oliveira. Ano 21, nº 1973, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>408</sup> 06/12/1951. *Prefeitura Municipal de Uberlândia. Serviço de Patrimônio. Construção de Carneira. Eudoxio Casasanta Pereira. Chefe do Serviço de Patrimônio. Correio de Uberlândia*. Redator Ruth de Assis. Ano 14, nº 3299, p.2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>409</sup> QUEIROZ, Cintia M; LOPES, Michelly de L; MELO, Marília Christina A; SILVA, Kássia N; GARBIN JR, Edson; SANTOS, Roosevelt J. *Cemitérios uberlandenses, simbolismo, religiosidade e cultura no espaço de Uberlândia-MG*. Uberlândia: Caminhos da Geografia, v.8, n. 23, pp. 34-40.

<sup>410</sup> DILLMANN, 2013. Op. Cit., p. 77.

<sup>411</sup> Idem, p. 84.

<sup>412</sup> Desde a data do primeiro sepultamento de adulto, como também de criança, no Cemitério São Paulo, conforme registros, não há mais enterros de indigentes no Cemitério São Pedro.

<sup>413</sup> RIBEIRO, 2006. Op. Cit., pp. 42 e 46. Conforme o autor, muitos indigentes, em nome da “limpeza e embelezamento urbano” eram encaminhados para o sanatório que localiza-se no Bairro Osvaldo.

<sup>414</sup> OLIVEIRA, 2012. Op. Cit., p.91.

nem mesmo um lugar no Cemitério São Pedro, que passava a ter o espaço organizado seguindo os moldes da urbe, para determinados grupos<sup>415</sup>, pelo viés econômico de quem puder pagar.

Mesmo que os valores informados pela administração municipal nas fontes encontradas e pesquisadas do período não façam distinção entre os cemitérios, a mesma pelo Código Tributário de 1951 informa diferenças quanto à forma de sepultamento e o tempo requerido, conforme tabela abaixo:

*Art. 277 – A taxa de cemitérios, observadas as disposições estabelecidas no Código de Posturas Municipais, a respeito, será cobrada de acordo com a seguinte tabela:*

*Inumações em sepulturas rasas, por cinco anos:*

a) De adultos	Cr\$ 30,00
b) De infantis	Cr\$ 20,00

*Inumações em sepulturas rasas, por vinte anos:*

a) De adultos	Cr\$ 300,00
b) De infantis	Cr\$ 200,00

*Inumações em carneiras (requeridas), cinco anos:*

a) De adultos	Cr\$ 150,00
b) De infantis	Cr\$ 100,00

*Inumações em carneiras (requeridas), vinte anos:*

a) De adultos	Cr\$ 500,00
b) De infantis	Cr\$ 350,00

*Prorrogação do prazo por cinco anos:*

a) Sepultura rasa, de adultos	Cr\$ 150,00
b) Sepultura rasa, de infantis	Cr\$ 100,00
c) Carneira de adultos	Cr\$ 400,00
d) Carneira de infantis	Cr\$ 250,00

*Prorrogação do prazo por vinte anos:*

a) Sepultura rasa, de adultos	Cr\$ 500,00
b) Sepultura rasa, de infantis	Cr\$ 350,00
c) Carneira de adultos	Cr\$ 600,00
d) Carneira de infantis	Cr\$ 400,00

*Perpetuidade:*

a) Sepultura rasa, de adultos	Cr\$ 2.000,00
b) Sepultura rasa, de infantis	Cr\$ 1.200,00
c) Carneira	Cr\$ 3.000,00

*Jazigos ou mausoléus* Cr\$ 5.000,00<sup>416</sup>

A maior procura pelo Cemitério São Paulo após sua inauguração, conforme veremos em seguida, pode ser entendida levando em conta os seguintes fatores. O primeiro deles era o econômico. Essa tabela está no contexto em que o salário mínimo era de Cr\$ 800,00<sup>417</sup> em Minas Gerais. Tendo conhecimento que carteira assinada e salário mínimo ainda não eram concedidos à maioria dos trabalhadores, a renda de muitos não ultrapassava essa marca. O Cemitério São

<sup>415</sup> RODRIGUES, 1989. Op. Cit., p.79.

<sup>416</sup> Lei n° 217 de 18 de Setembro de 1951. **Código Tributário do Município de Uberlândia. Capítulo II – Da Receita dos Cemitérios.** Art. 277, p.56. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>417</sup> 23/01/1952. **Deverá vigorar o novo salário mínimo. O Repórter.** Autor desconhecido. Responsável: João de Oliveira. Ano 19, n° 1459, p.3. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Paulo, que somente recebia sepulturas rasas e por no máximo 5 anos, podendo ser renovadas por mais 5 anos, é o que oferecia sepultamento com menor custo. Em comparação ao São Pedro, que na modalidade mais simples, de carneiras por 5 anos, o enterro em uma sepultura rasa no Cemitério São Paulo representava uma economia que chegava a 500% para adultos e crianças. A outra suspeita é que área destinada para sepulturas rasas no Cemitério São Pedro, na segunda metade da década de 1950, já estava ocupada, fazendo com essa modalidade de enterramento não fosse mais oferecida naquela necrópole.

Concordando com as palavras de José Carlos Rodrigues que *“este espelho, que é o cemitério, reproduz a sociedade também em outras dimensões”*<sup>418</sup>, neste período sob administração do Sr. Tubal Vilela da Silva, é o que se observa na cidade, na criação de mais um cemitério, bem como uma nova reconfiguração dos espaços do Cemitério São Pedro. Voltar o olhar para Uberlândia quando da edificação do Cemitério São Paulo é fundamental importância para fazer a leitura daquele espaço recém edificado. Essa ordenação do território, tem conforme afirma Jane de Fátima Silva Rodrigues a intenção de, *“colocar cada um no seu lugar”*<sup>419</sup>, onde na sepultura dos ricos e dos pobres o cemitério apresenta um retrato da sociedade<sup>420</sup> sendo configurado pela cidade onde está inserido<sup>421</sup>.

#### ***4.1 Separação étnica/social em Uberlândia: Espaços destinados para os vivos e para os mortos***

Antes de apresentar o perfil dos moradores pela etnia, profissão e onde residiam os sujeitos sepultados no ano de 1955 (pós inauguração do São Paulo) em Uberlândia, é relevante a observação de como eram os espaços que abrigavam os vivos na cidade pela etnia, profissão e quais observações possíveis dos bairros, especialmente periféricos.

Nessa separação, é de grande valia a contribuição de Sandra Mara Dantas ao afirmar que Uberlândia na década de 1950 estava dividida em duas zonas distintas:

*A cidade, entenda-se a parte civilizada, que compreendida da região em que, inicialmente, a cidade se desenvolveu (Fundinho) até a Estação de Ferro Mogiana, que, por sua vez, funcionava como um divisor, daí para diante, sentido norte, estava situada a periferia, desprovida de infra-estrutura. Cabe ressaltar que nos sentidos oeste e leste, também havia áreas periféricas*<sup>422</sup>

<sup>418</sup> RODRIGUES, 2006. Op. Cit., p. 156.

<sup>419</sup> RODRIGUES, 1989. Op. Cit., p. 77.

<sup>420</sup> RODRIGUES, 2006. Op. Cit., p. 161.

<sup>421</sup> Idem, p. 123.

<sup>422</sup> DANTAS, 2001. Op. Cit., p.136

Uma das definições dos sujeitos que serão trabalhados posteriormente na relação com o local onde foi sepultado se dá na demarcação da moradia, do bairro onde o finado viveu<sup>423</sup>. Como em muitas cidades do período estudado, os problemas com o crescimento urbano se faziam presentes também em Uberlândia. Mas as dificuldades, especialmente com a falta de saneamento, se concentravam nos bairros periféricos, que além dessas mazelas ainda sofriam com o preconceito das elites uberlandenses, fazendo com os mesmos ficassem “*escondidos à vista dos visitantes, pois ali só existia a baderna, o barulho e a sujeira*”<sup>424</sup>.

A concentração da população de Uberlândia, desde a década de 1940 se fazia na área urbana e sub-urbana. Nesta área, segundo Beatriz Ribeiro Soares existiam 19 loteamentos, sendo que boa parte da população residia no centro e nos bairros mais antigos como Fundinho, Martins, Aparecida e Patrimônio<sup>425</sup>. Mesmo que antigos, o que não era considerado cidade nova carecia de recursos básicos. Centro e Fundinho contavam na maioria com energia elétrica, bem como serviços de água e esgoto. Como em qualquer cidade do porte ou maior do que 50.000 habitantes, a população central de Uberlândia do período, também continha suas zonas menos valorizadas, onde os moradores, especialmente negros e brancos pobres que ainda não haviam sido expulsos pela especulação, fixavam residência<sup>426</sup>.

Nos bairros mais antigos também havia as escolhas do poder público de realizar ou não melhorias e bem-feitorias. Um bom exemplo que também vai ser marcante nos sepultamentos realizados no Cemitério São Paulo é o caso do Bairro Patrimônio. Mesmo sendo o bairro mais antigo da cidade<sup>427</sup>, formado inicialmente por negros libertos, não constou nos mapas da cidade<sup>428</sup>. Somente no mapa editado em 1953<sup>429</sup>, a região aparece como denominada Nossa Senhora da Abadia. Esse é parte do nome do bairro, que na verdade tem como nome completo Patrimônio de Nossa Senhora da Abadia, sendo conhecido popularmente apenas como Patrimônio<sup>430</sup>. Ainda assim, na década de 1950 o bairro continuava na parte mais ao sul da cidade

---

<sup>423</sup> NUNES, 1993. Op. Cit., p.16.

<sup>424</sup> SOARES, 1995. Op. Cit., p. 116.

<sup>425</sup> Idem, p. 124.

<sup>426</sup> LOURENÇO, 1986. Op. Cit., p.19.

<sup>427</sup> CARMO, 2000. Op. Cit., p.10.

<sup>428</sup> Idem, p.123. Isso pode ser observado na planta geral de 1938 que está na página 81 do trabalho.

<sup>429</sup> Em função da dificuldade da visualização deste mapa, datado de 1953, o mesmo não está no corpo do texto. Esse mapa, tanto na versão colorida, como na preto e branco, foram disponibilizados pelo Arquivo Público Municipal de Uberlândia e scaneados. O mapa nas duas versões está nos anexos nas páginas 203 e 204.

<sup>430</sup> LOURENÇO, 1986. Op. Cit., p.18.

e fora do perímetro urbano, não possuindo a infra-estrutura básica<sup>431</sup>, fazendo com seus terrenos tivessem preços mais acessíveis<sup>432</sup>. Os projetos e urbanização vão se aproximar desse bairro somente na década aludida com o loteamento Copacabana. Apenas aproxima, pois o Patrimônio ainda ficaria sem esses serviços até meados da década de 1960<sup>433</sup>.

Essa relação do bairro Patrimônio, de memória e esquecimento, também fica estampada nos jornais. Em um relatório sobre os bairros e suas localidades, publicado no Correio de Uberlândia, loteamentos recentes são destacados, enquanto o Patrimônio nem ao menos é citado.

*Uma cidade e seus bairros. UBERLÂNDIA A cidade jardim – A primeira do Triângulo. Cidade orgulho de Minas e prazer do Brasil. (fotos da cidade e aspectos sociais, religiosos e políticos do município com breves relatórios de alguns bairros). BRASIL – Situado no ponto mais elevado da cidade 900 metros de altitude. E o mais antigo se chamava Santa Terezinha... tem ônibus e aeroporto particular. MARTINS – ótimo serviço de ônibus. OSVALDO – A Copacabana de Uberlândia, em matéria de bairros. Prolongamento da zona urbana. Ruas largas. Serviço eficiente de ônibus. Tem o Mercado Municipal, a Santa Casa, Grupo Escolar, a Exposição Feira de Amostras, o Cassino Monte Carlo, a Maternidade, O Cine Para Todos e a Praça de Esportes Minas Gerais. PRESIDENTE ROOSEVELT - TABOCAS – Terras para hoticultura, abundância de água. É a principal entrada se Município de Uberlândia.*<sup>434</sup>

Interessante destacar da propaganda feita no jornal Correio de Uberlândia sobre dois bairros: O Tabocas e o Brasil. O bairro Tabocas elogiado pela sua posição geográfica, possuidor de vastos recursos hídricos, ficava a beira do córrego de mesmo nome, abrigando uma população muito humilde, conforme Luis Carlos do Carmo:

*O bairro das Tabocas, nessa época, era uma região da cidade caracterizada pela presença de uma população muito pobre, destituída de atenção e recursos por parte dos poderes públicos. Segundo os depoimentos, essa região abrigava boa parte dos trabalhadores negros que atuavam junto às máquinas de beneficiar arroz das proximidades, dos chapas avulsos, dos trabalhadores nas olarias, das mulheres negras, que trabalhavam como domésticas, ou lavadeiras, entre outras atividades.*<sup>435</sup>

O bairro das Tabocas era uma das localidades atingidas pelo plano de desenvolvimento e industrialização que acabava por afastar os pobres da região central<sup>436</sup>. Não somente o Tabocas, mas o Brasil que na reportagem é enaltecido por possuir ponto de ônibus e aeroporto, até meados da década de 1970 não era pavimentado, e a localização das ruas era dificultosa<sup>437</sup>. O mesmo

<sup>431</sup> Idem, p.23.

<sup>432</sup> Idem, p.18.

<sup>433</sup> Idem, pp.22-23.

<sup>434</sup> 19/11/1949. *Uma cidade e seus bairros. Correio de Uberlândia*. Autor desconhecido. Diretor Responsável João Edison de Melo. Ano 11, nº 2783, pp.1 e 2. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>435</sup> CARMO, 2000. Op. Cit., p. 120

<sup>436</sup> NUNES, 1993. Op. Cit., p. 21.

<sup>437</sup> LOPES, 2010. Op. Cit., p. 106.

bairro também abrigava parte da população de menor poder aquisitivo, e também era alvo das medidas saneadoras promovidas pelo prefeito Sr. Tubal Vilela da Silva. O bairro na década de 1950 possuía uma casa de prostituição<sup>438</sup>, algo que já não era, pelo menos nas posturas municipais, ou seja, para os pobres, mais permitido no centro. Dentro dessa mesma política estava a localização do Cemitério São Paulo.

A nova necrópole não apenas estava no Bairro Brasil, como no final do mesmo, estando 5,5 Km do centro da cidade (conforme mapa na página 130). O ato de construir um cemitério, para época, no extremo de um bairro já periférico da cidade, acompanha a dinâmica do progresso posta em prática na cidade. Afastar os não desejáveis fazia parte do mecanismo social vigente<sup>439</sup>, em que determinados tipos sociais deveriam ficar distantes ou escondidos do tipo de urbe ideal<sup>440</sup>. Esse processo de afastamento e exclusão também atingiu os mortos.

Abaixo veremos a tabela que apresenta, bem como o gráfico, a procedência pelo domicílio dos mortos para cada cemitério. Mas antes é importante ressaltar que a análise é apenas do ano de 1955, primeiro ano de funcionamento em paralelo dos cemitérios São Pedro e São Paulo. Outro ponto, não menos importante, está no número de sepultamentos e sua divisão por livros de registros entre enterramentos de adultos e crianças. Em 1955, foram inumados 429 adultos e 416 crianças, sendo que destas 134 foram enterradas como natimortos, ou seja, quanto à análise dos dados, somente de 282 crianças são informados nome, idade, sexo e o que mais importa na presente pesquisa, endereço, profissão dos pais e etnia<sup>441</sup>. Com base nessas informações é que seguem os dados apresentados ao longo desta parte final do trabalho.

---

<sup>438</sup> OLIVEIRA, 2012. Op. Cit., pp. 95-96.

<sup>439</sup> VASCONCELLOS, Maria Helena F. *Dias de violência – O quebra de Janeiro de 59 em Uberlândia*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de mestrado), 1993, p. 59.

<sup>440</sup> NUNES, 1993. Op. Cit., p. 28.

<sup>441</sup> Informações obtidas nos Cadernos n° 30, 31 e 32 de *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia*.

**TABELA 7 - Amostra de endereços – Adultos sepultados – Cemitério São Paulo – Ano 1955**

APARECIDA	38	14%
BRASIL	18	6%
CENTRO	15	5%
EMPREGO	05 (1)	1%
MARTINS	26	9%
OSVALDO	32	12%
OUTRAS LOCALIDADES	07 (2)	2%
OUTROS	06 (3)	2%
PATRIMÔNIO	03	1%
PENSÃO	02 (4)	1%
ROOSEVELT	07	3%
RURAL	43 (5)	16%
SARAIVA	16	5%
SEM ENDEREÇO	39	14%
TABOCAS	14	5%
TIBERY	08	3%
VILA DOS POBRES	03 (6)	1%
TOTAL	282	100%

- 1- Curtume Tamoio, Xarqueada Triângulo, Frigorífico Caiapó, Usina Ribeiro e Estação Mogiana.
- 2- Dois de Tupaciguara, um de Centralina, Nova Ponte, Caiapônia-GO, Itumbiara-GO e Alto Garças-MT.
- 3- Dois do Lídice e Cazeca, um do Copacabana e Tubalina.
- 4- Pensão Rezende e Pensão Goiãna.
- 5- Fazendas (morava na fazenda ou a fazenda dava nome a localidade).
- 6- Local onde foram construídas casas populares, na época já denominado Marta Helena.

**TABELA 8 - Amostra de endereços – Adultos sepultados – Cemitério São Pedro – Ano 1955**

APARECIDA	31	21%
BRASIL	05	4%
CENTRO	34	23%
MARTINS	27	19%
OSVALDO	14	10%
OUTRAS LOCALIDADES	03 (1)	1%
ROOSEVELT	01	1%
RURAL	07 (5)	5%
SARAIVA	08	6%
SEM ENDEREÇO	15	9%
TABOCAS	02	1%
TOTAL	147	100%

- 1- Capinópolis, Martinésia e Tapuirama.
- 2- Fazendas (morava na fazenda ou a fazenda dava nome a localidade).

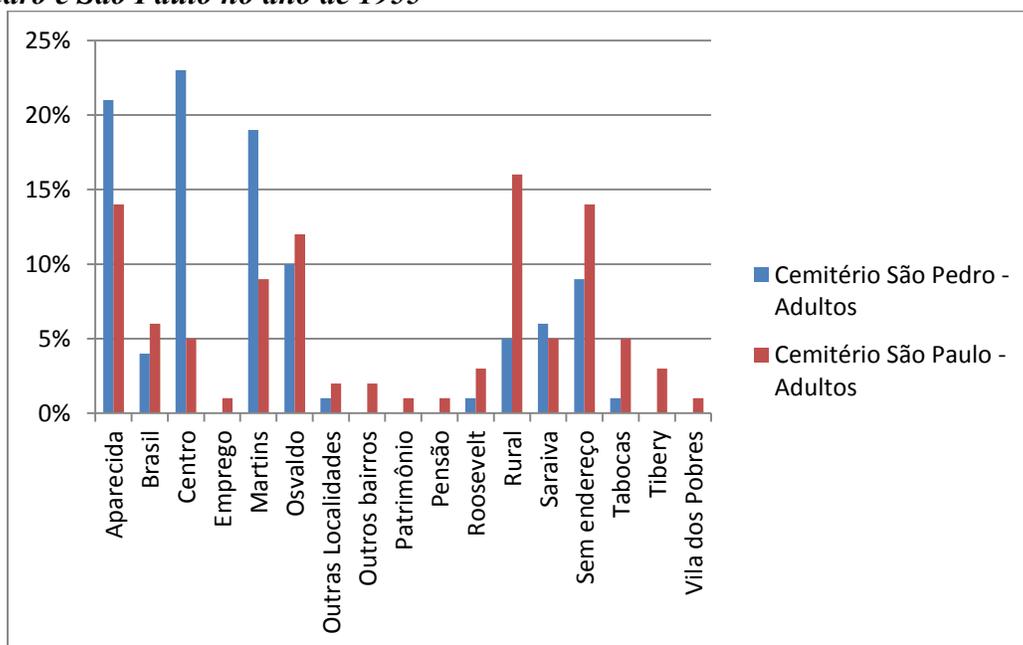
Diante das tabelas comparativas acima é possível ter um panorama dessa separação e diferenças por endereços entre as necrópoles. Tomando exemplo o centro da cidade, visualiza-se que a maioria dos enterros do ano de 1955 realizados no São Pedro, 23% eram oriundos dessa

região, enquanto que no São Paulo, apenas 5% dos enterros procediam de moradores da área central. Mais do que isso. Se totalizarmos os mortos dessa região, ou seja 49, a separação é mais evidente apontando que 70% dos moradores do centro eram sepultados no São Pedro.

Observando a tabela de preços de enterros e os 30% oriundo do centro que foram sepultados no São Paulo, é importante ressaltar que os pobres também circulavam a área central. Mas estes indivíduos que frequentavam ou quem sabe até moravam no centro, na sua maioria residia na parte não desejada do centro, uma espécie de periferia ainda não reformada no coração da cidade jardim<sup>442</sup>.

Ainda com relação aos endereços de pessoas sepultadas vale destacar que alguns bairros, como Patrimônio e Vila dos Pobres não figuravam no São Pedro, bem como os moradores do Tabocas e Roosevelt, também periféricos aparecem em menor número, o que mais uma vez indica a questão econômica que envolvia os enterramentos pós edificação do São Paulo. Nos bairros considerados de trabalhadores, como o Aparecida, que teve como primeira denominação Operário, a proporcionalidade é semelhante o que indica que neste bairro, com infra-estrutura básica (água e energia elétrica), residiam pessoas de poder econômico distintos.

**GRÁFICO 1 - Amostra de endereços dos adultos sepultados no interior dos espaços cemiteriais São Pedro e São Paulo no ano de 1955**



<sup>442</sup> “Considerada escura, sombria e mal iluminada pela sociedade local, era a vida boêmia de brancos pobres e negros que se desenvolvia, nos anos 1940, lá pelos lados da Avenida Rio Branco (antiga Rua da Chapada), do Curral das Éguas e do Cassino Maringá” – OLIVEIRA, 2012. Op. Cit., p. 69.

Os números que apresentam de onde procediam as crianças apontam semelhanças com os dos adultos. O destaque nestes dados está no número de enterros em cada cemitério. Começando pelos natimortos, dos 134, apenas 09 foram enterrados no São Pedro enquanto que o São Paulo recebeu 125. Representado assim um percentual de 7% de sepultos no São Pedro contra 93% no São Paulo. E nos outros, dos quais temos informações como endereço, dos 282, apenas 34 tiveram como última morada a antiga necrópole, ou seja, o São Paulo recebeu não apenas 248 crianças, como a interessante marca de 88%, que também ressaltava as diferenças espaciais em vida, uma vez que, com a maioria dos enterros de crianças, o São Paulo recebeu apenas 15 oriundas do centro, contra 12 no São Pedro, apresentando um número muito inferior de enterramentos.

**TABELA 9 - Amostra de endereços – Pais das crianças sepultadas – Cemitério São Paulo - Ano 1955**

APARECIDA	44	18%
BRASIL	15	6%
CENTRO	15	6%
EMPREGO	06 (1)	2%
MARTINS	28	11%
OSVALDO	37	15%
OUTRAS LOCALIDADES	03 (2)	1%
OUTROS	11 (3)	5%
PENSÃO	01 (4)	0%
RURAL	24 (5)	10%
SARAIVA	17	7%
SEM ENDEREÇO	39	16%
TABOCAS	08	3%
TOTAL	248	100%

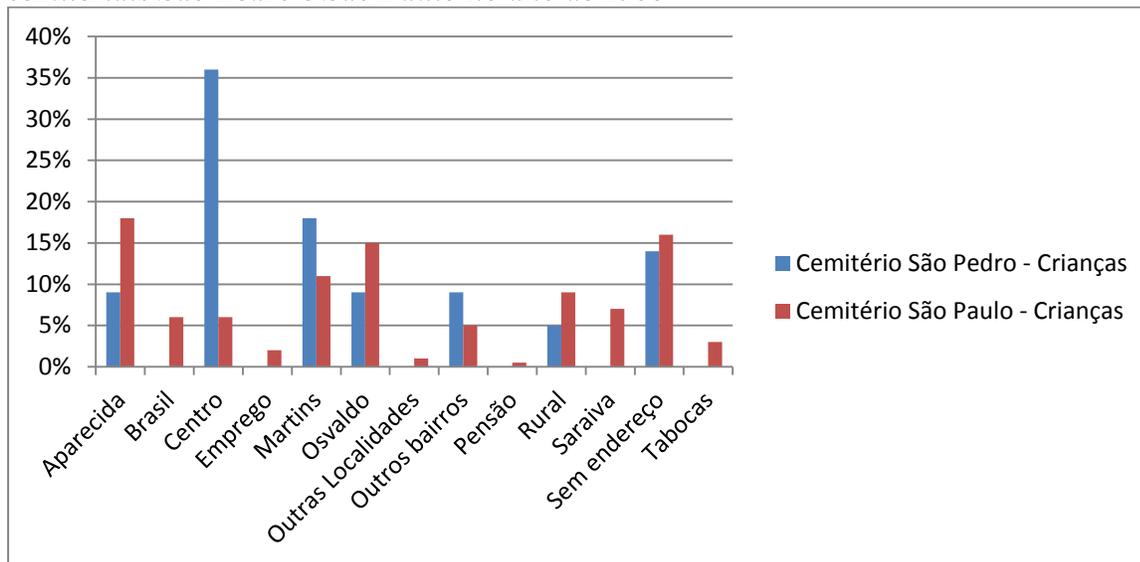
- 1- Dois na Cerâmica Imperial e Frigorífico Caiapó, e um na Usina Ribeiro e Xarqueada Triângulo.
- 2- Goiás, Vau e Martinésia.
- 3- Quatro do Patrimônio, três do Tibery, dois do Roosevelt e um do Lagoinha e Vila Popular.
- 4- Pensão Afonso Pena. 5 - Fazendas (morava na fazenda ou a fazenda dava nome a localidade).

**TABELA 10 - Amostra de endereços – Pais das crianças sepultadas – Cemitério São Pedro - Ano 1955**

APARECIDA	03	9%
CENTRO	12	36%
MARTINS	06	18%
OSVALDO	03	9%
OUTROS	03 (1)	9%
RURAL	02 (2)	5%
SEM ENDEREÇO	05	14%
TOTAL	34	100%

- 1- Dois no Lídice e um no Tabocas. 2 - Fazendas (morava na fazenda ou a fazenda dava nome a localidade).

**GRÁFICO 2 - Amostra de endereços dos pais das crianças sepultadas no interior dos espaços cemiteriais São Pedro e São Paulo no ano de 1955**

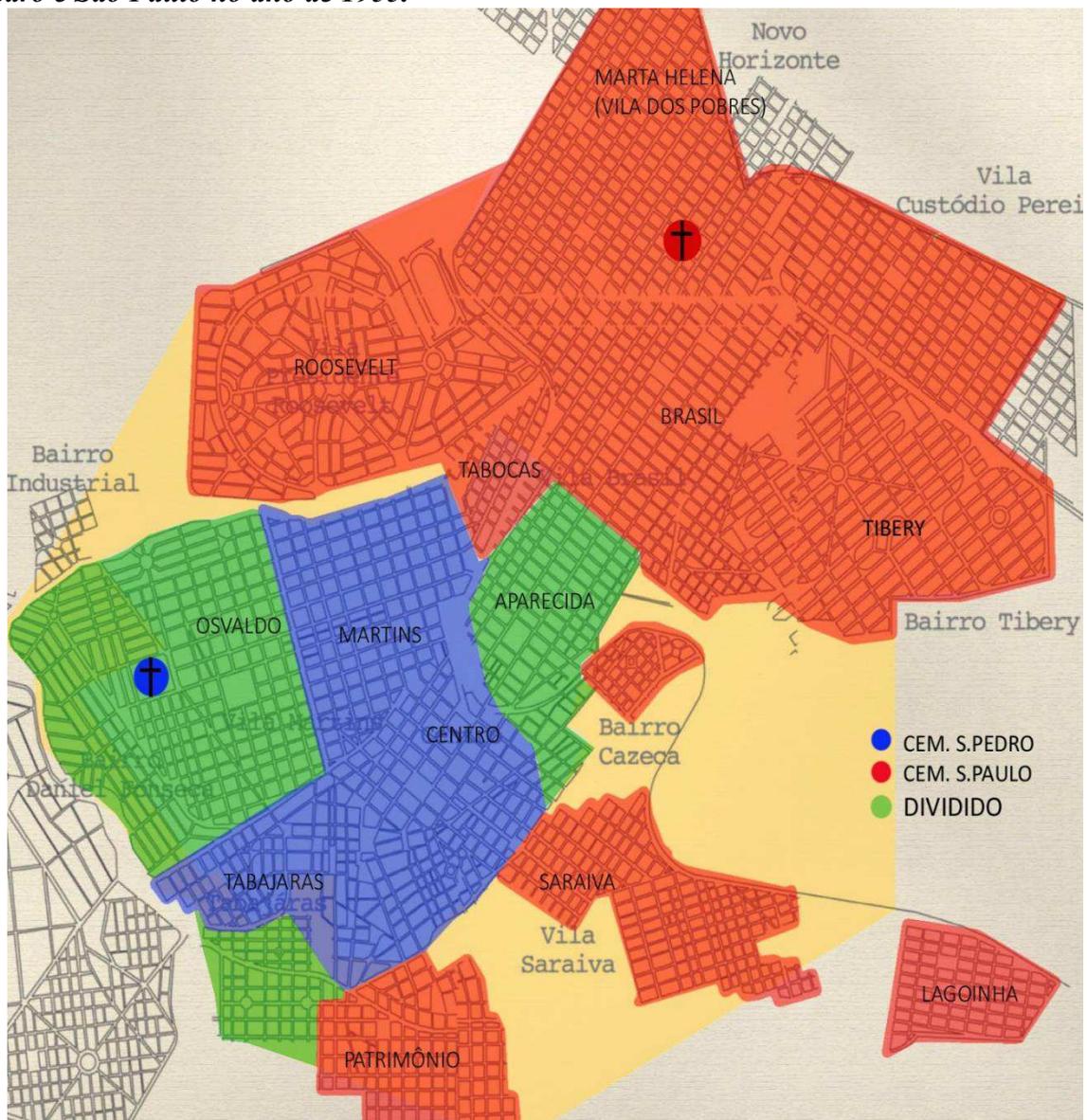


Além da questão geográfica, uma pergunta pertinente sobre o enterro dos infantes: As crianças de pais pobres tinham menor possibilidade de atingir a fase adulta? Sem resposta para essa indagação, as fontes acima nos permitem, ainda que por aproximação, fazer um mapeamento, juntando os sepultamentos de crianças e adultos, da procedência (residência) daqueles que acabaram por ter sua última morada no São Pedro ou no São Paulo. O mapa está dividido entre os bairros que a maioria (não todos) foi sepultada no São Pedro, da mesma forma no São Paulo e também aquelas regiões onde ocorreu uma divisão.

Observa-se pelo mapa abaixo<sup>443</sup>, que quanto mais periférico o bairro, maior número de sepultamentos no São Paulo. Ao longo deste capítulo, essa questão da moradia, associada com as condições de trabalho (e renda), bem como da separação racial praticada na Uberlândia do período, ajudam a explicar tamanha diferença nos indivíduos que eram enterrados não mais, como ocorrera até a inauguração do São Paulo, no mesmo espaço cemiterial.

<sup>443</sup> Este mapa foi disponibilizado pelo Arquivo Público Municipal de Uberlândia e trabalhado pelo autor e orientadora. O original tem autoria de LOPES, Valéria M. Uberlândia: *Histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos. Memórias, construção e apropriações dos espaços*. Uberlândia: EDUFU, 2010, p. 94.

**MAPA 5 - Mapa com amostra com endereços/regiões da cidade dos sepultados nos cemitérios São Pedro e São Paulo no ano de 1955.**



As áreas em azul no mapa destacam às regiões onde fixavam residência em vida a maioria (não todos) dos sepultados no Cemitério São Pedro. Já nas áreas em vermelho, foram de moradores que após a morte tiveram como destino o Cemitério São Paulo. Não por coincidência estes que acabam sepultados no cemitério mais distante do centro, em vida habitavam as regiões mais periféricas ou com menor infra-estrutura de Uberlândia. Nas áreas em verde foi onde ocorreu uma certa divisão na amostragem por endereços nos sepultamentos de ambos os cemitérios em funcionamento.

Ainda sobre a questão espacial na cidade dos vivos, a possibilidade de brancos pobres e negros habitarem o centro era menor em função da forte especulação imobiliária promovida em Uberlândia nas décadas de 1940 e 1950, que elevou em muito os impostos sobre as propriedades<sup>444</sup>, fazendo com que muitos vendessem suas casas para adquirirem imóveis em regiões mais afastadas como os bairros Brasil, Tabocas, Martins e Osvaldo; “*A desterritorialização promovida pelo assédio das imobiliárias, a pressão dos filhos para que a venda do antigo imóvel, na região central da cidade, para que se comprem outros três ou quatro pequenos imóveis, nos bairros afastados*”<sup>445</sup>. A década de 1950 que foi marcada pela fragmentação social e conseqüentemente racial<sup>446</sup>, promoveu também essas distinções nos espaços de enterramento disponíveis na cidade.

Para tentar compreender a grande procura que o Cemitério São Paulo teve a inauguração, algumas fontes de jornais nos ajudam, através de dois exemplos. O primeiro exemplo são os próprios indigentes. O relatório da prefeitura de 1954 aponta a importância de Cr\$ 10.240 com caixões para atender essa demanda<sup>447</sup>. O outro se dá no fato de queixas com relação a cobrança na obtenção do registro de óbito, alegando assim que não precisa ser considerado indigentes para ter direito à gratuidade. Esse tipo de queixa faz com que a municipalidade conceda a uma família de operário aposentado da prefeitura o auxílio funeral que também incluía a quantia para obtenção do atestado<sup>448</sup>. Esta família recebeu tal auxílio, mas muitas não, conforme crônica de O Repórter que levanta a questão da gratuidade de importante documento:

*O registro de óbito, porém, é aquele cuja gratuidade mais se justifica, pela sua maior obrigatoriedade e pela rapidez com que se impõe, à vezes de maneira imprevista.... Com o óbito, a lei tem de ser mais exigente. Não pode haver o enterramento sem o registro, de onde a obrigatoriedade deste, dentro de algumas horas. Por aí se vê que ele deve ser gratuito para evitar muitos vexames e muitas atribulações a que assistimos diariamente. Por certo essas atribulações e esses vexames não tem por origem apenas a dificuldade de satisfazer o pagamento do registro de óbito... É preciso conjecturar que o falecimento ocorre usualmente depois de um período de moléstia, ora rápido, ora dilatado. Em qualquer dos casos – e necessariamente mais no último do que no primeiro – a família do morto se pobre, está financeiramente exausta, porque empregou no esforço para salvar o ente querido todos os recursos de que dispunha com os médicos,*

<sup>444</sup> CARMO, 2000. Op. Cit., p. 157.

<sup>445</sup> Idem, p. 158.

<sup>446</sup> OLIVEIRA, 2012. Op. Cit., pp. 79-80.

<sup>447</sup> 22/02/1954. *Relatório do prefeito enviado ao Legislativo Municipal – Cemitérios Municipais. O Repórter*. Autor desconhecido. Responsável: João de Oliveira. Ano 21, nº 1972, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia. O texto relata gastos na importância de Cr\$ 10.240 com caixões para indigentes.

<sup>448</sup> *Lei nº 483, de 15/12/1954 – Concede auxílio para funeral*. A Câmara Municipal de Uberlândia decreta e eu sanciono a seguinte lei: Art. 1º - Fica concedida a família do operário Municipal aposentado, senhor Francisco Cunha. Prefeitura Municipal de Uberlândia. Tubal Vilela da Silva – Prefeito Municipal. Angelino Pavan – Secretário.

*farmácia, tratamento, etc.... Por conseqüência tudo quanto se puder converter em auxílio dos poderes é razoável que se faculte em geral, para não haver exceções que humilhem. Registro gratuito, sepultura gratuita, condução gratuita para todas as hipóteses é o que nos parece aconselhável. Objetar-nos-ão que os indigentes auferem todas essas vantagens. Mas é precisamente essa distinção que queremos eliminar. Existe muita gente a quem não se pode atribuir o estado de indigência e que, além disso, sofreria moralmente se fosse tratada como tal. Entretanto, uma doença em certos membros da família pode lavá-la às condições mais dolorosas.*<sup>449</sup>

Questões que envolviam a pobreza e a separação de espaços e benefícios são uma constante na Uberlândia do período. A separação social, não se dava apenas pelo trabalho e por onde moravam as pessoas na cidade, mas tinha outro fator, a etnia. A cidade, como afirma Luís Augusto Bustamante Lourenço, era dividida por brancos e negros<sup>450</sup>, com clubes e até calçadas distintas.

Antes de apresentar as tabelas e gráficos por etnia é importante ressaltar que essa separação social não pode ser afirmada apenas pela questão da cor. Havia também na cidade muitos brancos pobres. O fato era a dificuldade, até onde as fontes nos permitem chegar, de encontrar um negro em posição econômica privilegiada. Os negros passaram a residir, por exemplo, após a abolição, o limite da área urbana de Uberabinha<sup>451</sup>, sendo gradativamente deslocados, como vimos acima, via especulação para os lugares mais periféricos da cidade, ou periféricos de determinado bairro ou até mesmo o centro. Nas décadas de 1940 e 1950, bairros tipicamente negros, segundo Luis Carlos do Carmo, são “*o alto do Martins, uma parcela do bairro Cazeca, o bairro Bom Jesus, o Fundinho, a Tabocas, além das cercanias do centro de Uberlândia*”<sup>452</sup>.

A população negra que se concentrava em determinadas áreas da cidade, correspondia, segundo tabela abaixo em torno de 16% dos habitantes<sup>453</sup>:

<sup>449</sup> 14/06/1947. *Registro de óbito. O Repórter*. Autor desconhecido. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 14, nº 989, p. 1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>450</sup> LOURENÇO, 1986. Op. Cit., p.32.

<sup>451</sup> LOURENÇO, 1986. Op. Cit., p.16.

<sup>452</sup> CARMO, 2000. Op. Cit., p. 117.

<sup>453</sup> Tabela elaborada, com base em dados do IBGE, por CARMO, 2000. Op. Cit., p. 35.

**QUADRO 1 - População de Uberlândia em 1940 e 1950 – Cor e sexo**

ANO	1940	1950
HOMENS NEGROS	3.119	3.182
MULHERES NEGRAS	3.431	3.419
HOMENS PARDOS	291	3.221
MULHERES PARDAS	241	3.380
HOMENS BRANCOS	17.592	21.421
MULHERES BRANCAS	17.363	21.812
COR NÃO DECLARADA	07	316
TOTAL GERAL	42.037	56.751

Duas observações são pertinentes nesse quadro. A primeira é que a opção moreno não aparece nos dados acima e nos registros de óbitos a mesma é referida juntamente com pardos, negros e brancos. Outro ponto que chama atenção nesses números se dá em relação ao aumento de homens e mulheres pardas de uma década para outra, justamente conforme trabalhos que tratam da Uberlândia do período, quando o racismo foi acentuado na cidade. Não há como afirmar o porquê de tamanho aumento no número de registros de pardos em relação ao registro de negros que mantiveram a mesma média. Suspeito que, diante das denúncias de racismo existentes na cidade, negros optaram por declarar-se pardo ou moreno no intuito de sofrer uma menor discriminação, ou eram declarados dentro de uma ideia da pardização da população brasileira que pode ser compreendida dentro de um apagamento da presença negra. Esse seria um modo cordial que as elaborações estatísticas encontraram para esvaziar o problema da raça e do racismo no Brasil.

Essas suspeitas são reforçadas pelos periódicos locais da época que ora denunciavam essa discriminação, ora acentuavam a mesma, conforme as duas crônicas abaixo:

*Preto não é gente? O Brasil é ou não é uma democracia? A Santa Casa de Misericórdia de Uberlândia está fugindo de suas finalidades, maltratando os pretos que a ela recorrem. Uma preta quase morreu, talvez por falta de assistência em tempo... No dia 4 deste, João Geraldo, mais conhecido pela alcunha de gato, recolheu-se a Santa Casa local. Seriam 4 horas da tarde quando deu entrada naquele departamento de Assistência Social, criado justamente para favorecer os pobres, recebendo para isso forte auxílio da prefeitura. Até o dia seguinte, apesar de seu estado ser grave... outro caso, é mais doloroso ainda. Uma mulher grávida foi atirada pelo seu esposo Herminio Sebastião Dias. Levada a Santa Casa, internou-se, não se permitindo ali que parente algum fosse visitá-la. Baleada, ficou absolutamente sem tratamento durante um dia e uma noite. Abadia Petronilha, - assim se chamava a infeliz - não encontrou na Santa Casa quem lhe desse uma gota de remédio ou tratamento adequado... Anteontem à tarde, também Abadia Petronilha foi levada a casa de Saúde dr. Caio Bardy, Vindo a falecer ontem, apesar dos esforços desenvolvidos por aquele ilustre cirurgião. Faleceu,*

*e hoje estamos a pensar se, tratada a tempo, não teria ela sido salva, pois a nós afigura ainda mais um grave fato, por estar a vítima grávida de cinco meses, perdendo-se portanto duas vidas em vez de uma. Somos pretos mas também somos gente. Gente honesta e do trabalho e cujo defeito é apenas não ter dinheiro bastante para ser bem tratados onde aparecemos. Porque se tivéssemos dinheiro, certamente, na Santa Casa de Misericórdia, encontraríamos carinho e conforto. Publicamos esta nota por desafogo. Não que achemos possa a nossa sorte melhorar. Mas, desabafando, já nos sentimos um tanto redimidos das seculares culpas que ainda muitos fazem pesar sobre a raça. E, talvez com isso, possamos nos sentir menos infelizes. Uberlândia, 12 de março de 1948. A) Orizimbo José Ferreira; Euripedes Malaquias; José Pires Viana.<sup>454</sup>*

*Os pretos também são gente. Constituiu verdadeiro motivo de alegria em todo o país a lei que igualou pretos com brancos. Os pretos tem os mesmo direitos que os brancos. Tem tanto direito quanto tem o direito de existir, senão, não existiam. Porque uma pessoa nasceu com a pele escura deve ser afastada da sociedade como se fosse uma paria? E que culpa tem uma pessoa de nascer preta? Quem rege o nascimento é Deus. E quem somos nós para criticar uma obra de Deus? Pobres miseráveis e mesquinhos, que queremos nos arvorar em muitas coisas, e pecamos pela falta de sensatez, por ignorância. Um colégio não recebe um aluno, por que é preto... Uma firme não recebe um funcionário, um empregado, por que é preto... E às vezes esse “preto” seria muito melhor do que qualquer branco. O Brasil nesse ponto já estava muito mais adiantado do que os Estados Unidos, por que lá não se misturam as raças e aqui já se misturam. Todavia ainda existe esse preconceito. Não se falava externamente mas fazia-se tudo para desprezar um preto. E essa lei elevou o Brasil, mostrou que não somos ignorantes, mostrou aos olhos de quem não queria ver que os pretos também são gentes.<sup>455</sup>*

Importante ressaltar nas crônicas acima que a primeira trata de uma denúncia feita por negros, rogando através das linhas, uma mudança na própria sorte. A segunda trata de uma posição discriminatória corrente na Uberlândia do período, em que se apresenta o negro com inferioridade intelectual em relação ao branco. Isso não apenas por esta segunda crônica ter sido publicada em outro periódico. No Correio de Uberlândia, dois meses após a queixa feita por Orizimbo José, Euripedes Malaquias e José Peres Viana, um texto de autoria anônima, coloca novamente o negro em posição de inferioridade, apontando ser o mesmo grupo étnico razão de mazelas da sociedade e que, por isso, precisava ser “ajudado” com uma educação diferenciada.

*Um erro histórico. Foi há sessenta anos. 13 de maio de 1888. A Princesa Isabel assinou a lei que se convencionou chamar “áurea”. A escravatura não era mais uma instituição nacional. A escravidão, que por séculos fora estado natural dos homens de cor, foi abolida como sistema... Tudo aquilo foi muito bonito... Entretanto, como erraram nossos legisladores do tempo: como não souberam alcançar a situação, procurando, em reajustamento natural, evitar crises futuras e que não era possível deixassem sobreviver. Não compreendendo a psicologia do negro, não percebendo o abandono em que se deixava a lavoura... E a tudo isso, devemos juntar, o descaso havido na integração do negro em nossa vida política e social, relegado que ficou a condição*

<sup>454</sup> 13/03/1948. *Preto não é gente? Correio de Uberlândia*. Orizimbo José Ferreira; Euripedes Malaquias; José Pires Viana. Diretor Responsável Oswaldo Vieira Gonçalves. Ano 11, nº 2360, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

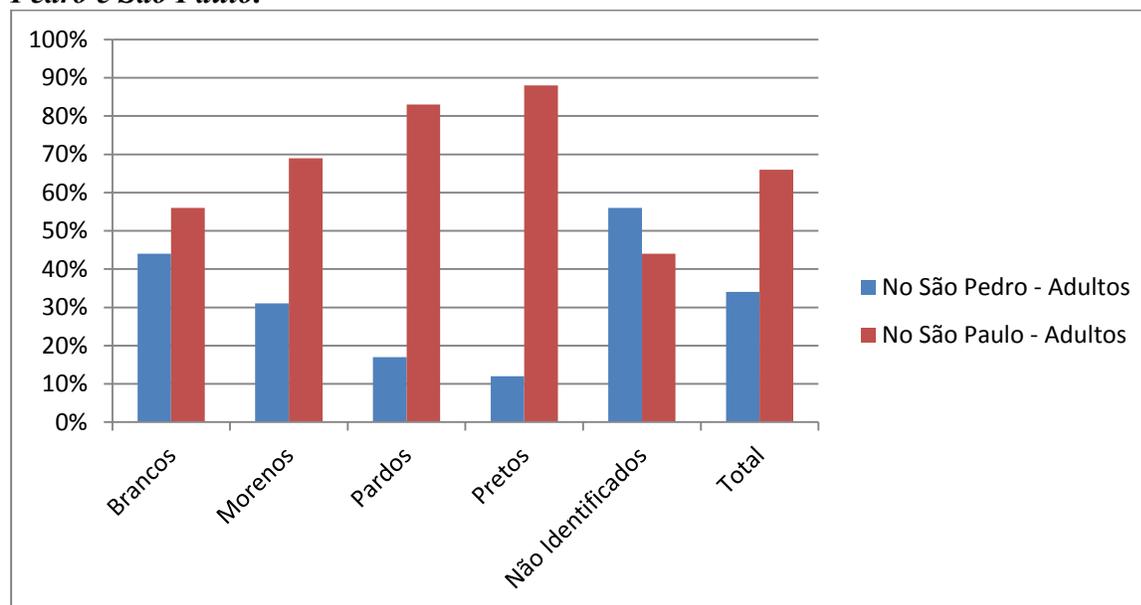
<sup>455</sup> 29/09/1951. *Os pretos também são gente. O Repórter*. Autor desconhecido. Diretor proprietário – João de Oliveira. Ano 18, nº 1379, p. 4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*talvez pior ainda que a anterior, pelo desamparo natural em que se viu, abolida também toda assistência que se acostumara a receber dos senhores. Esse desajuste, é bem a verdade, tem perdurado até hoje. Mesmo depois de reconhecido o mal, nada se fez em seu benefício. Para substituir nas fazendas agrícolas, o tempo se encarregou de encontrar um substitutivo na imigração que se desenvolveu. Mas, a recuperação do negro como valor humano, esta ainda não se fez. Párias continuam eles, relegados sempre a situação inferior, vivendo apenas o hoje, que o futuro não lhes ensinamos a antever, sem aspirações outras que a satisfação dos instintos primários, e isso porque vivem a margem dentro de uma pátria que também é sua e à qual ajudaram construir com seu sangue e suor. Já seria tempo de corrigir o mal. Sessenta anos é o bastante para se verificar o erro. É preciso nos convençamos ser diferente a educação que deve receber o negro. Porque em cada um deles, temos de educar também milhares de gerações que o precederam, carregando sempre a maldição que fez de Cam o povoador da África.*<sup>456</sup>

Essas publicações ajudam a ilustrar o lugar a que eram relegados negros e pobres, na sociedade uberlandense quando do período de inauguração do Cemitério São Paulo. A separação era evidente na maneira do tratamento às pessoas pela sua condição econômica e étnica. Divisões de espaços impostas que tentavam em todas as áreas através até mesmo dos esportes<sup>457</sup>, naturalizar qual deveria ser o lugar do branco e do negro.

Essa separação também fica evidenciada nos enterramentos realizados na cidade no ano de 1955, conforme tabela e gráfico abaixo:

**GRÁFICO 3 - Divisão étnica nos sepultamentos de adultos no ano de 1955. Cemitérios São Pedro e São Paulo.**



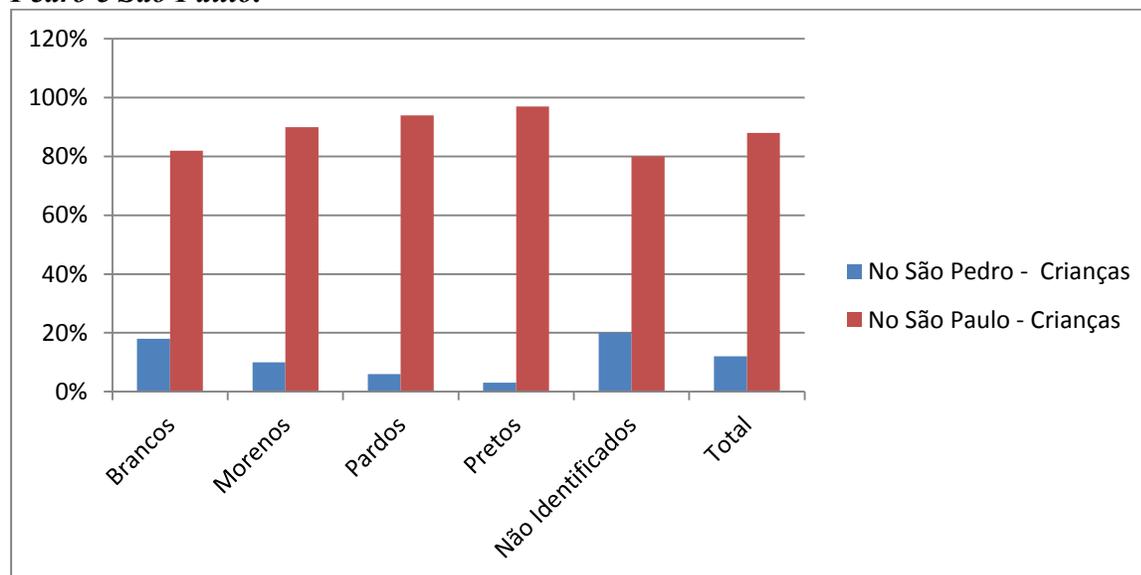
<sup>456</sup> 13/05/1948. *Um erro histórico. Correio de Uberlândia.* Autor desconhecido. Diretor Responsável Oswaldo Vieira Gonçalves. Ano 11, nº 2400, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

<sup>457</sup> 18/02/1951. *Sal Tropeiro x Seleção Preta. Correio de Uberlândia.* Autor desconhecido. Diretor Responsável João Edison de Melo. 18/02/1951. Ano 14, nº 3096, p.4. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

**TABELA 11 - Sepultamentos de adultos no de 1955. Divisão étnica – Cemitérios São Pedro e São Paulo**

ETNIA	NO SÃO PEDRO	PERCENTUAL	NO SÃO PAULO	PERCENTUAL	TOTAL
BRANCOS	93	44%	120	56%	213
MORENOS	27	31%	58	69%	85
PARDOS	05	17%	24	83%	29
PRETOS	09	12%	70	88%	79
NÃO IDENTIFICADOS	13	56%	10	44%	23
TOTAL	147	34%	282	66%	429

**GRÁFICO 4 - Divisão étnica nos sepultamentos de crianças no ano de 1955. Cemitérios São Pedro e São Paulo.**



**TABELA 12 - Sepultamentos de crianças no de 1955. Divisão étnica – Cemitérios São Pedro e São Paulo**

ETNIA	NO SÃO PEDRO	PERCENTUAL	NO SÃO PAULO	PERCENTUAL	TOTAL
BRANCOS	23	18%	108	82%	131
MORENOS	08	10%	79	90%	87
PARDOS	01	6%	17	94%	18
PRETOS	01	3%	40	97%	41
NÃO IDENTIFICADOS	01	20%	04	80%	05
TOTAL	34	12%	248	88%	282

Obs.: Número de natimortos sepultados no ano de 1955 foi de 134, somando o número de crianças sepultadas ao de 416 em 1955. Dos 134 natimortos, forem enterrados no São Pedro 09 e no São Paulo 125. Representado assim um percentual de 7% de sepultos no São Pedro contra 93% no São Paulo.

A divisão por etnia é escancarada nos sepultamentos após inauguração do Cemitério São Paulo. Obviamente pelos dados acima não se pode afirmar que negros não eram mais sepultados no Cemitério São Pedro, o impedimento sim pode ser afirmado no caso dos indigentes. Mas a diferença percentual é de bastante destaque conforme tabela acima. As suspeitas acerca dos dados obtidos pelos livros do Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia, em cruzamento com os livros do cemitério, reforçada pelas crônicas e trabalhos sobre a década de 1950 em Uberlândia, vem a corroborar com a hipótese de que a morada derradeira pode ser uma continuidade das relações sociais da vida. Ricos e pobres continuaram a estar separados<sup>458</sup>. No caso de Uberlândia, a grande maioria dos negros adultos e crianças continuava separada por fazerem parte dos menos favorecidos economicamente.

Essa situação dos pobres, especialmente dos negros, é reforçada não apenas porque moravam em regiões específicas da cidade, mas também devido ao fato de trabalharem juntos<sup>459</sup>. As funções no trabalho eram diferenciadas de acordo, não somente pela posição econômica, mas pela etnia. Conforme explica Luis Carlos do Carmo, determinadas profissões eram predominantemente exercidas por negros, fazendo com que essas funções importantes no período fossem relegadas a um patamar de inferioridade profissional<sup>460</sup>. Estas poderiam, conforme o autor, ser resumidas em determinados grupos básicos:

*Um grupo abriga os curtumes, as charqueadas, as fábricas de banha, as máquinas de beneficiar arroz e os saqueiros, atividades diretamente relacionadas com a feição produtiva do momento, ou em uma relação direta com os mais importantes ciclos produtivos dessa economia. O outro grupo é formado por atividades relacionadas ao processo e crescimento urbano, infra-estrutura e embelezamento da cidade; são elas o calçamento das ruas, o trabalho nas pedreiras e nas olarias... somadas também aos indícios acerca da presença de trabalhadores negros juntos aos serviços urbanos, como a coleta de lixo, os serviços de capina na áreas urbanas, mostram-se como possibilidade de figurarem ao referido conjunto das funções de preto<sup>461</sup>*

Essas profissões eram marcadas por condições difíceis e de trabalho penoso<sup>462</sup>, como que uma continuidade quando do regime escravista. A escolha dos negros se dava pela “*inexistência de mecanismos como guindastes e outros aparatos para a atividade de carga e descarga, além da forma e transporte dos produtos*”<sup>463</sup>. A desqualificação profissional em função da falta de

<sup>458</sup> RODRIGUES, 2006. Op. Cit., p. 125.

<sup>459</sup> CARMO, 2000. Op. Cit., p.113.

<sup>460</sup> Idem, p.65.

<sup>461</sup> Idem, pp. 32-33.

<sup>462</sup> CARMO, p.74.

<sup>463</sup> CARMO, p.59.

oportunidades fez com que muitos negros trabalhassem como roceiros<sup>464</sup>, também denominados lavradores.

Essa questão que envolve a profissão do falecido é demasiadamente importante na análise da separação nos enterramentos entre os cemitérios no período aludido. Reforçando a tese de Luis do Carmo, veremos com base nos óbitos que as funções de negros e brancos pobres acabavam por definir sua renda e conseqüentemente onde moravam em vida e para onde eram endereçados após a morte. Como não se trata de ciência exata, a história mostra através destes registros que também existiram exceções, mas na regra, como uma equação, profissão mais endereço e etnia eram determinantes na maioria dos enterramentos analisados do ano de 1955, resultando o sepulto no São Pedro ou no São Paulo.

No dia 28/09/1955 faleceu Oswaldo Rodrigues. Um mês antes, no dia 29/08, faleceu Claudemiro José Dias. O que há de comum entre os dois finados? Ambos foram sepultados no São Pedro e suas famílias requereram perpetuidade, conforme Livro de Registros da necrópole<sup>465</sup>. Mas, com base nos registros do cartório tomamos conhecimento que ambos foram fazendeiros e brancos, como também residiam no centro<sup>466</sup>. A mesma constatação, com base na atividade profissional, se dá no falecimento de Fenelon de Paula. Fenelon que atingiu somente 20 anos de vida, que residia no centro, na Rua Bernardo Guimarães, era solteiro. Foi sepultado no São Pedro. Além disso, o finado era branco e bancário<sup>467</sup>.

Essas diferenças quanto ao enterramento também atingiam os sepultos de crianças. E a profissão em conjunto do local onde residiam os pais, bem como sua etnia, reforçavam o direcionamento para o São Paulo ou São Pedro. Exemplos disso foram três inumações em Uberlândia no dia 10/07/1955, as dos irmãos gêmeos José Carlos Araújo e Luís Carlos Araújo<sup>468</sup> e de Romerio de Assis<sup>469</sup>. Romerio morreu aos dois meses de vida em casa. Residia na Vila Popular (atual Marta Helena), era negro e filho de lavradores e foi sepultado no São Paulo. Em contrapartida, os irmãos morreram no hospital de pré-maturidade aos três dias de vida. Brancos, eram filhos de um Tabelião e foram sepultados no São Pedro. Enquanto os gêmeos nasceram no

---

<sup>464</sup> LOURENÇO, 1986. Op. Cit., p.18.

<sup>465</sup> *Livro de Registros de Sepultamentos nº 3 Cemitério São Pedro*, p. 105. Prefeitura Municipal de Uberlândia.

<sup>466</sup> Caderno 31, nº 14693 e 14750. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>467</sup> Caderno 32, nº 14932. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>468</sup> Caderno 31, nº 14612 e 14613. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>469</sup> Caderno 31, nº 14615. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

hospital, Romerio nem ao menos foi atendido, hospital que fora local dos pobres agora é espaço de ricos<sup>470</sup>. Romerio não tendo em seu registro de óbito uma linha sequer da causa morte, provavelmente, como grande parte das crianças pobres e negras do período, nasceu em casa e lá morreu. Negro e filho de lavradores, nem mesmo a morte o fez habitar um mesmo espaço de brancos de melhor condição econômica. Sua sepultura, uma cova rasa no São Paulo.

Reforçando essa hipótese pelo viés das profissões, temos no dia 28/08/1955 dois enterros, o de Pedro João Jamin<sup>471</sup> e o de João Lourenço Divino<sup>472</sup>. Fora a data de enterro que é a mesma, o restante sobre as informações da vida e o local de sepultamento são distintas. Pedro fora comerciante, natural do Líbano estabeleceu-se no centro da cidade, mais exatamente na principal avenida da cidade no período, a Avenida João Pinheiro. Branco, atingiu 70 anos e foi sepultado no São Pedro. João também era branco, porém completou apenas 14 anos de vida. Solteiro, morreu na Santa Casa, vítima de tumor cerebral. Natural de Santa Juliana, residia em outro município, Nova Ponte. Como lavrador, ou roceiro, na sua breve vida itinerante que o mundo do trabalho lhe impôs, veio a ser enterrado na simples necrópole São Paulo.

As mortes de Pedro João Jamin e João Lourenço Divino apontam para outra característica de parcela dos mortos em Uberlândia da década de 1950: a dos estrangeiros, ou não naturais de Uberlândia que para esta cidade buscaram ganhar o seu pão. A cidade recebera muitos trabalhadores nesse período em função da mudança da capital federal, conforme explica Soares:

*Uberlândia passou por enormes transformações em seu conteúdo e forma urbana, após os anos 50, em decorrência direta da implantação de estradas de rodagem que interligavam o Centro Oeste ao Centro Sul brasileiro e à construção de Brasília, para a qual Uberlândia serviu de entreposto, fornecendo de mão-de-obra para a construção civil. Além disso, beneficiou-se muito das políticas de interiorização do país<sup>473</sup>*

Não somente para a construção civil, mas das mais diversas áreas para contribuir para o projeto modernizador em curso do interior do Brasil. Estes homens e mulheres vinham das mais diferentes regiões do Brasil e exterior, para trabalhar e encontrar a última morada nos cemitérios da cidade.

Nestes personagens, não brasileiros, também a separação entre o enterramento no São Pedro ou São Paulo, fica evidenciada pela profissão e pela região onde residiam na cidade dos

<sup>470</sup> RODRIGUES, 2006. Op. Cit., p. 194.

<sup>471</sup> Caderno 31, n° 14691. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>472</sup> Caderno 31, n° 14692. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>473</sup> SOARES, 1995. Op. Cit., p. 118.

vivos. João Abrão Cury<sup>474</sup>, sírio, residia no Martins. Quanto à sua profissão, o mesmo era comerciante e em 23/10/1955 foi sepultado no São Pedro, tendo sua família adquirido um perpétuo para sua memória. Situação semelhante ocorreu com o espanhol Simão Miguel<sup>475</sup>, industrial (não operário ou industriário), que após residir no Martins a partir do dia 02/08/1955 teve seu corpo inumado em um perpétuo no São Pedro.

Estes exemplos acima são praticamente a regra dos sepultamentos de estrangeiros no ano de 1955. Como para toda regra há exceção, em Uberlândia também não brasileiros foram enterrados no Cemitério São Paulo. Francisco Wilvait<sup>476</sup> foi um deles. Ele, alemão, foi sepultado como indigente no dia 16/10/1955. Sem residência fixa em Uberlândia o construtor, ao que tudo indica, foi um dos tantos trabalhadores itinerantes que passaram pela cidade naquele período. Com domicílio em Caiapônia-GO, o pobre trabalhador, após um infarto, ainda levado para a Santa Casa, não voltou mais para Goiás, nem continuou com sua vida de trabalhador itinerante, mas findou para a recém criada necrópole que agora recebia, não somente estrangeiros, mas todos os indigentes.

Entre as mulheres estrangeiras a situação transcorreu de maneira semelhante. Não era igual, porque não somente no caso das mulheres estrangeiras, a profissão de todas nos registros de 1955, era doméstica<sup>477</sup>. A questão determinante em praticamente todos os casos femininos foi a residência em vida. Como ilustração, temos o caso da armênia Elmas Kechichian<sup>478</sup> e da libanesa Hada Maluf<sup>479</sup>. Ambas domésticas, brancas e não brasileiras, porém, enquanto Elmas que morou no centro em 11/02/1955 foi sepultada, tendo sua família adquirido um perpétuo no São Pedro, Hada que residia no Bairro Brasil, teve como local de enterro, não distante da sua morada em vida, em 19/09/1955, uma cova rasa e temporária no São Paulo.

Voltando aos brasileiros e o que envolvia a separação entre os sepultamentos no São Pedro e no São Paulo, as exceções também ocorriam, como nos casos de José Bento de Oliveira<sup>480</sup> e José Bueno Azeredo<sup>481</sup>. José Bueno, mesmo residindo no centro, de cor branca e

---

<sup>474</sup> Caderno 31, n° 14799. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>475</sup> Caderno 31, n° 14647. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>476</sup> Caderno 31, n° 14793. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>477</sup> O único registro encontrado nos cadernos pesquisados dos anos 1954 e 1955 que foge a regra é o de John Carneiro. Oriunda de família influente na cidade, falecida em 16/09/1954, era professora. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>478</sup> Caderno 31, n° 14358. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

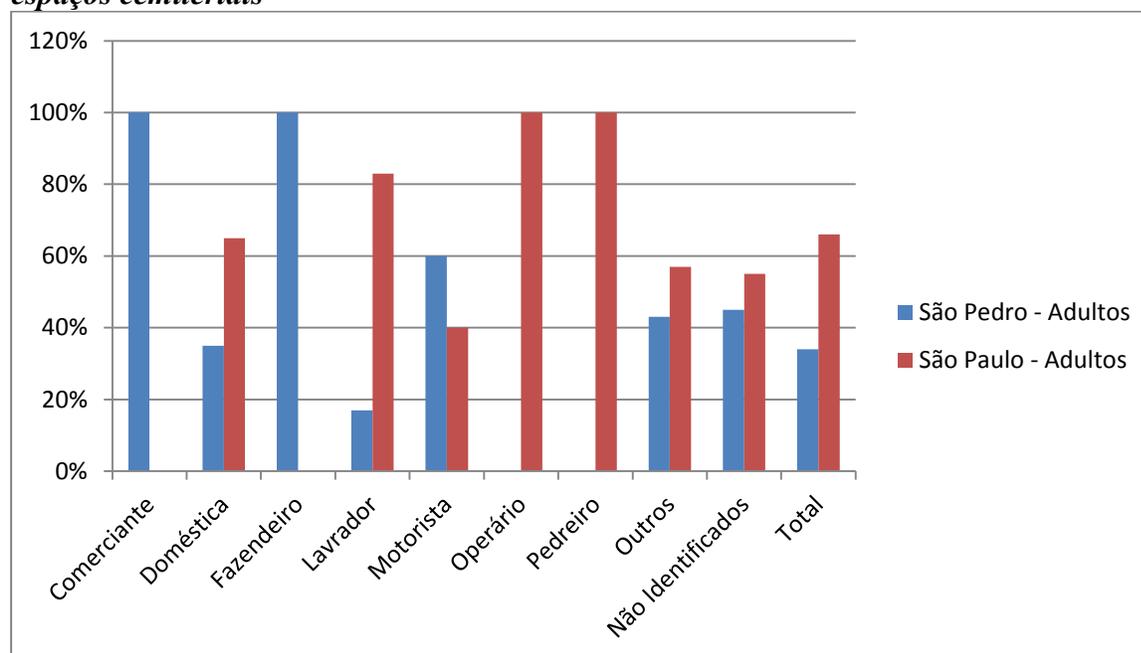
<sup>479</sup> Caderno 31, n° 14734. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>480</sup> Caderno 31, n° 14780. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>481</sup> Caderno 31, n° 14575. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

dentista foi sepultado em 17/06/1955 no São Paulo, enquanto José Bento, negro, e de profissão de comerciante, que residia inclusive no Bairro Brasil, acaba por ser sepultado no dia 08/10/1955 no São Pedro. Ainda sobre essa quebra de sequência de sepultamentos de maioria branca e de profissões com maior remuneração no São Pedro, temos dois casos que envolviam negros com herança registrada nos cadernos de óbitos, a saber, o de José Jerônimo Oliveira<sup>482</sup> e de Jovita Maria de Sousa<sup>483</sup>. Ele lavrador, falecido em 16/10/1955, deixou a quantia de Cr\$ 10.000, tendo sua inumação no São Pedro por 5 anos e renovada por mais 20, segundo registros do cemitério<sup>484</sup>. Jovita, enterrada no Cemitério São Pedro em 19/05/1955, também tem declarada em seu atestado de óbito que “deixou bens em de aproximadamente dez mil cruzeiros”. Esses dois casos julgo pertinentes, não apenas por se tratarem de negros sepultados no São Pedro, mas também pelo fato de que nenhum negro sepultado no São Paulo ter deixado em registro quantia declarada, bem como de nenhum branco, moreno ou pardo sepultado no ano de 1955, em ambos cemitérios, terem esse tipo de comentário em seu atestado de óbito. O que reforça a hipótese de que negros, via de regra, além de exercerem profissões de menor remuneração, não tinham condições de adquirir carneiras no São Pedro, pós inauguração do São Paulo.

**GRÁFICO 5 - Amostra comparativa de profissões dos adultos sepultados no interior dos espaços cemiteriais**



<sup>482</sup> Caderno 31, n° 14794. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>483</sup> Caderno 31, n° 14536. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>484</sup> *Livro de Registros de Sepultamentos n° 3 Cemitério São Pedro*, p. 106. Prefeitura Municipal de Uberlândia.

**TABELA 13 - Amostra de profissões dos adultos sepultados. Cemitérios São Pedro e São Paulo no ano de 1955**

PROFISSÃO	TOTAL SEPULTOS	DE SÃO PEDRO	SÃO PAULO
COMERCIANTE	15	100%	0%
DOMÉSTICAS	191	35%	65%
FAZENDEIRO	07	100%	0%
LAVRADOR	118	17%	83%
MOTORISTA	12	60%	40%
OPERÁRIO	05	0%	100%
PEDREIRO	08	0%	100%
OUTROS	47	43%	57%
NÃO IDENTIFICADO	26	45%	55%
TOTAL	429	34%	66%

Outras profissões no São Paulo: Ferroviário, charreteiro, cozinheiro, ferreiro, comerciante, torneiro, confeitiro, sapateiro, construtor, carpinteiro, carroceiro, oleiro, trabalho braçal, dentista, carneador e três inválidos. No São Pedro as outras profissões citadas são as seguintes: garimpeiro, estudante, industriário, bancário, sapateiro, proprietário, comerciante, metalúrgico, alfaiate, tratorista e três aposentados.

Conforme gráfico e tabela acima, chama atenção para o número de lavradores e domésticas. As domésticas, conforme escrito acima, representavam a totalidade das mulheres que assim eram declaradas em função de sua atividade de trabalho sem remuneração no lar. O que marca a separação entre as domésticas na maioria dos casos é o local de residência delas na cidade e a etnia. Em 21/04/1955 Augusta Maria de Jesus<sup>485</sup> fora sepultada no São Pedro; e em 11/06/1955 outra Augusta Maria de Jesus<sup>486</sup> teve como seu destino a necrópole São Paulo. O que diferenciava as duas homônimas não foi apenas o cemitério e a filiação e idades distintas. Enquanto a Augusta Maria inumada no São Pedro, era branca e residia no centro, a segunda Augusta Maria era negra e teve como morada em vida a precária Vila Tiberi. Como afirmado acima, o caso das duas Augusta Maria era a maioria. Francisca Casemira Alves (09/10/1955)<sup>487</sup> e Geraldina Maria de Jesus (11/12/1955)<sup>488</sup> que eram negras residiam no centro. Francisca foi enterrada no São Pedro e Geraldina no São Paulo, representando assim que houve casos menores de negras morarem no centro serem sepultadas no São Pedro, assim como de negras que residiam na área central serem sepultadas no São Paulo.

<sup>485</sup> Caderno 31, n° 14567. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>486</sup> Caderno 31, n° 14484. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>487</sup> Caderno 31, n° 14782. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>488</sup> Caderno 32, n° 14931. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

Com relação aos lavradores, estes tinham suas funções ligadas com a lida do campo, onde muitas vezes pelo trabalho realizado eram denominados de roceiros. Os mesmos mantinham suas atividades dentro do mercado de trabalho informal, ou seja, recebiam pelo dia ou empreitada.

Mas, uma das funções que chama bastante atenção, das citadas acima, é a dos charqueadores. A partir da década de 1920, conforme relata Luis Augusto Bustamante Lourenço, “nas terras do já então falecido Coronel Severiano, próximo ao Patrimônio da Abadia e na beira do rio Uberabinha, em sua margem direita, Nicomedes Alves dos Santos instalou a “Xarqueada Ômega”, com a colaboração de João Naves de Ávila”<sup>489</sup>, fazendo com que os moradores daquela região, maioria negros<sup>490</sup>, trabalhassem nessa atividade.

Quem trabalhava nas charqueadas, quando não morava próximo (mesmo bairro), tinha como residência a colônia para empregados. Na Xarqueada Triângulo, por exemplo, os empregados recebiam além da moradia, escola para seus filhos<sup>491</sup>. O que pode parecer uma atitude benevolente do empregador para com seus funcionários, destaca o controle exercido sobre os mesmos, além de reforçar ainda mais, se tratando da maioria dos moradores e funcionários negros, a separação espacial entre brancos e negros em Uberlândia, posto que esta charqueada localiza-se nas terras de Luizote de Freitas, região distante cerca de 6 Km do centro, onde hoje localizam-se os bairros Luizote de Freitas, Dona Zulmira, Taiman, Tocantins, Guarani, Jardim Patrícia e Mansour.

Ainda que poucos, mas significativos, estes exemplos são do domicílio no trabalho. É dessa forma que aparecem nos registros e óbito de 1955. Um deles inclusive na Xarqueada Triângulo. Neste local o senhor Raimundo Nunes<sup>492</sup>, 40 anos, negro e lavrador deixava em 08/03/1955 o local de trabalho e moradia para ser enterrado no Cemitério São Paulo. O mesmo ocorrera com o jovem negro de 17 anos Olimpio S. Ribeiro<sup>493</sup>. Falecido em 28/02/1955, tinha como profissão carneador, residia no Frigorífico Caiapó e, assim como Raimundo, foi sepultado em uma cova rasa no São Paulo. Essa situação também ocorreu com a pequena Eva Aparecida do Nascimento<sup>494</sup>, de apenas sete meses. Ela que não tem informação de filiação, tem como dados

---

<sup>489</sup> LOURENÇO, 1986. Op. Cit., p.20.

<sup>490</sup> CARMO, 2000. Op. Cit., p. 115.

<sup>491</sup> Idem, p.92 e 113.

<sup>492</sup> Caderno 31, n° 14415. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>493</sup> Caderno 31, n° 14394. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>494</sup> Caderno 31, n° 14541. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

no Atestado Óbito, que era negra e que residia no Frigorífico Caiapó. Seu enterro em 21/01/1955 também foi na necrópole recém edificada.

Importante ressaltar que os negros não trabalhavam em todas as funções em separado dos brancos. Também trabalhavam em conjunto dos brancos pobres, em funções de pouca remuneração<sup>495</sup> e relegadas também, por estarem dentro do setor de prestação de serviços na estrutura social do trabalho, como de menor importância<sup>496</sup>.

Situação semelhante a dos negros ocorrera com a morte do pardo Mario Diogo<sup>497</sup> em 11/08/1955. Ele que fora trabalhador braçal, residia na estação Mogiana. Mario Diogo que também foi sepultado no São Paulo não era negro e ocupava uma função pouco remunerada e possivelmente residia com outros brancos pobres e negros no local de trabalho. Assim também como no caso da pequena Maria Abadia<sup>498</sup>, branca, que faleceu no dia 16/06/1955 aos oito meses. Filha de doméstica que tinha como domicílio a Cerâmica Imperial foi sepultada na ala infantil do São Paulo.

Outro caso muito peculiar foi o de duas crianças brancas filhas de ferroviários. Donizete de Paulo<sup>499</sup>, falecido no dia 06/09/1955 era filho de José Luis de Souza que residia na Rua Benjamin Constant 234. Até esse ponto nenhuma diferença entre tantas outras crianças sepultadas no São Paulo, exceto pelo fato de que dias depois, em 19/09/1955, outra criança branca, Clélia Terezinha<sup>500</sup> de dois anos, filha de Benedito Nascimento, também ferroviário viria a falecer e constatar em seu Atestado de Óbito, além da mesma necrópole o mesmo endereço: Rua Benjamin Constant 234. Essa coincidência (ou não), permite intuir que se tratava de uma casa para empregados da Companhia Mogiana e que, possivelmente, em conjunto dessas famílias e das finadas crianças brancas, habitavam outros trabalhadores e suas famílias pardas, morenas e negras. O que essas famílias tiveram em vida de comum além da residência, foi a pobreza e depois da morte, o Cemitério São Paulo.

A separação em função das profissões também ocorrerá pelos registros dos pais das crianças falecidas nesse período, conforme tabela e gráfico abaixo:

---

<sup>495</sup> Carmo, 2000. Op. Cit., p.84.

<sup>496</sup> O autor identifica negros em conjunto e brancos nas seguintes funções: construção civil, sapatarias, lavradores, limpadores de quintais, apanhadores e vendedores de lenha, operários das máquinas de beneficiar algodão, fábricas e artefatos de couro, fábricas de móveis, fundições, oficinas mecânicas, alfaiatarias, panificadoras, serralherias, carpintarias e fábricas de carroças e carrocerias, serrarias, fábricas de artefatos de ferro e aço. Idem, p.51.

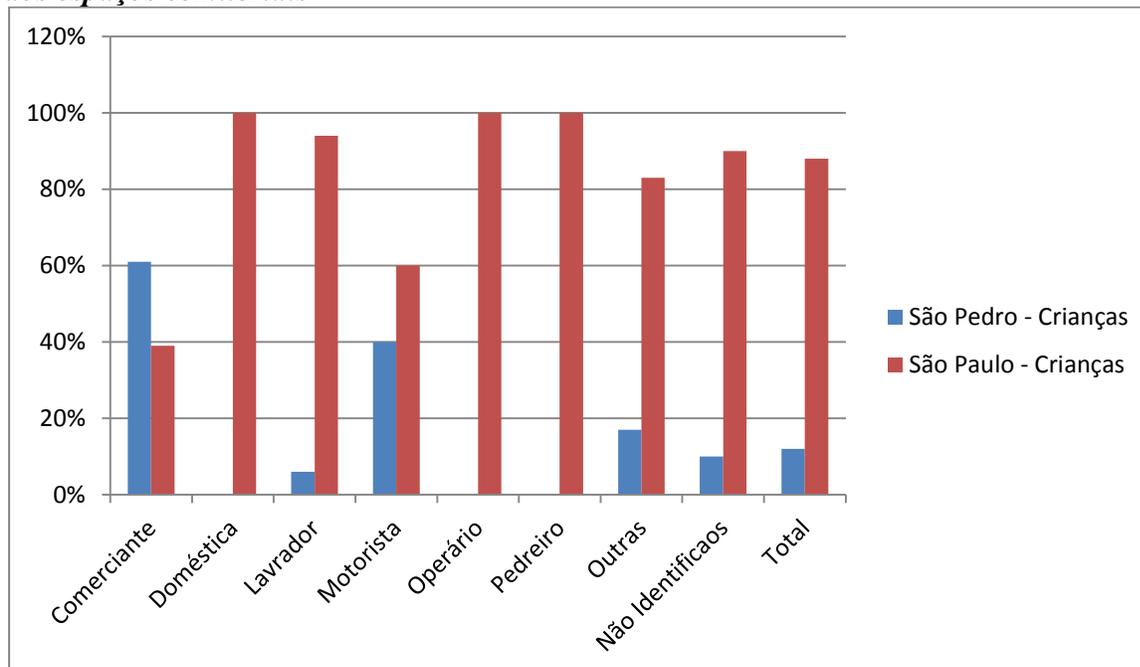
<sup>497</sup> Caderno 31, n° 14665. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>498</sup> Caderno 31, n° 14576. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>499</sup> Caderno 31, n° 14708. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

<sup>500</sup> Caderno 31, n° 14735. *Atestados de Óbito. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.*

**GRÁFICO 6 - Amostra comparativa de profissões dos pais das crianças sepultadas no interior dos espaços cemiteriais**



**TABELA 14 - Amostra de profissões dos pais das crianças sepultadas. Cemitérios São Pedro e São Paulo no ano de 1955**

PROFISSÕES	TOTAL SEPULTOS	DE	SÃO PEDRO	SÃO PAULO
COMERCIANTE	13		61%	39%
DOMÉSTICA	26		0%	100%
LAVRADOR	95		6%	94%
MOTORISTA	15		40%	60%
OPERÁRIO	08		0%	100%
PEDREIRO	16		0%	100%
OUTRAS	41		17%	83%
NÃO IDENTIFICADAS	68		10%	90%
TOTAL	282		12%	88%

Outras profissões citadas no São Pedro: carpinteiro, industrial, médico, pintor, padeiro, fazendeiro e mecânico. No São Paulo: Outras profissões: Mestre de obras, industrial, sapateiro, polidor, ferroviário, mecânico, tapeceiro, carpinteiro, eletricitista, marceneiro, relojoeiro, comerciante, ferreiro, carteiro, encanador, barbeiro, calceteiro e torneiro.

Essas fontes citadas acima nos ajudam na compreensão que separado ou em conjunto com os brancos, o trabalho para os negros era marcado por péssimas condições e salários, conforme explica Carmo:

*Assim, entende-se que o mercado de trabalho da cidade dispunha de outras colocações para os trabalhadores negros. E que as atividades desempenhadas por esse contingente de pessoas sempre foram penosas, com alto grau de desgaste físico e, não raro, mal remuneradas. Além de que, é possível notar que das demais atividades desse mercado de trabalho para as “funções de preto”, o distanciamento existente, não é tão grande, pois são quase todas as atividades com salários de pequena monta, marcada por condições de trabalho difíceis, e poucas possibilidades de assegurarem as condições mínimas de sobrevivência de uma família<sup>501</sup>*

Somada toda a situação ligada às dificuldades econômicas devido a uma remuneração precária, os negros também tinham de conviver com as distinções nos espaços promovidas pelas elites locais. A separação nos cinemas, por exemplo, existia pela via econômica, quando espaços eram destinados para a classe média<sup>502</sup>, bem como pelo fator étnico quando até nos guichês e o interior da sala de exibições era feita a separação entre brancos e negros<sup>503</sup>. Essa discriminação acompanhava um sistema já aplicado nos espaços públicos da cidade de Uberlândia do período. Nas ruas, calçadas e praças da cidade, quando então negros se deslocavam a locais de lazer, ou até mesmo direcionavam-se a regiões centrais, no setor de serviços, a eles era delimitada a área de circulação<sup>504</sup>, quando não eram perseguidos pela polícia<sup>505</sup>, em nome da ordem na “Cidade Jardim”<sup>506</sup>.

Essa separação na Uberlândia da década de 1950 se intensificou, ao ponto de fazer com que a mesma se perpetuasse na memória dos vivos, através de locais de enterramentos bem distintos, tanto na localização da cidade, como na estrutura oferecida. Todos os indigentes e na grande maioria de brancos pobres e negros tiveram um local específico após a morte: o Cemitério São Paulo.

---

<sup>501</sup> CARMO, 2000. Op. Cit., p. 84.

<sup>502</sup> NUNES, 1993. Op. Cit., pp.41-42.

<sup>503</sup> CARMO, 2000. Op. Cit., pp.133-134.

<sup>504</sup> O autor cita áreas de circulação destinadas na Praça Tubal Vilela, na época Benedito Valadares, como na Avenida Afonso Pena. Idem, p. 135.

<sup>505</sup> OLIVEIRA, 2012. Op. Cit., p.107.

<sup>506</sup> RODRIGUES, 1989. Op. Cit., pp.55, 76 e 77.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essas considerações finais bem podem ser chamadas de considerações iniciais. Isso porque, percebemos ao longo da pesquisa que, pela riqueza das fontes coletadas, muitos outros trabalhos sobre a morte e o morrer em Uberabinha/Uberlândia poderão ser escritos e reescritos.

No que compete a esse trabalho, ao percorrer mais de 50 anos do passado de Uberabinha/Uberlândia, tendo como objeto os espaços cemiteriais dessa cidade, fica evidente o quanto os projetos para a experiência urbana dos vivos terminaram por afetar a morada dos mortos. Tanto nas melhorias promovidas, bem como as decisões que produziram e até ampliaram a separação e desigualdades sociais entre os vivos, acabaram fazendo-se presente nas necrópoles uberlandenses.

Importante ressaltar essa história dos cemitérios de Uberabinha/Uberlândia não é somente dessa localidade. Assim como pensamos não existir somente a história regional, consideramos igualmente que não exista uma história sem ser regional. Como afirma Durval Muniz de Albuquerque Jr: *“O historiador regional tem que deixar de ser o historiador regional... o historiador do regional deve, acima de tudo, evitar aderir a qualquer discurso regionalista”*<sup>507</sup>. A limitação geográfica e cultural não só é inventada como é muito tênue, e por isso toda essa história dos cemitérios uberlandenses, ao mesmo em que tem suas especificidades, não está desassociada de um contexto bem mais amplo.

Na história dos espaços cemiteriais e das práticas fúnebres em Uberabinha/Uberlândia não foi diferente. O desejo por ter uma nova cidade, bem como do progresso e embelezamento não foram eventos isolados desta localidade, mas foram reapropriados e remodelados com base nas práticas e tradições locais. O discurso do progresso, que por vezes foi denominado por parte da literatura produzida sobre Uberlândia como identidade local, é questionável. O desejo progressista também ocorrera, com menor ou igual êxito, em tantas outras localidades do interior do Brasil.

Nessa pesquisa, percorrendo não as ruas ou os trilhos, mas os túmulos, deixa claro o quanto a ideia do novo, do progresso e do embelezamento nessa temporalidade (1898-1955),

---

<sup>507</sup> ALBUQUERQUE JR; Durval Muniz de. *O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região*. In: *Fronteiras*. Vol. 10. N. 17, pp. 55-67. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, jan.jun. 2008, p.65.

também atingiu os cemitérios urbanos. Quando então os governantes locais discutem em 1919 o que fazer com o cemitério edificado em 1898, a ideia vai muito além de resolver um problema de superlotação do espaço cemiterial, mas passa pelo ideal do novo e do belo.

Do novo porque justamente nesse período, décadas de 1910 e 1920, o plano, conforme mapa de 1915 apresentado na página 57 do trabalho, está sendo colocado em prática. Mesmo que não fique manifesto, um cemitério próximo do centro da urbe não fazia parte do projeto de cidade. Basta lembrar que o cemitério construído em 1881 deixou de existir para dar lugar a uma praça em 1915, tendo como edificação principal o Paço Municipal. A nova cidade ia abrindo novos caminhos e gradativamente empurrando seus mortos cada vez mais para fora da urbe.

Assim também ocorrera com o embelezamento. Uma cidade saneada, higienizada e arborizada nos planos dos governantes não condizia com um cemitério que não apresentasse as mesmas condições. Nesse sentido, a inauguração do Cemitério Municipal de 1928, o São Pedro, foi emblemática. A opção foi criar um novo cemitério, dentro do conceito de cidade nova, e também que atendesse aos modelos das necrópoles criadas nos principais centros urbanos, com quadras, ruas e avenidas principais de fácil circulação, arborizada e higienizada, ou seja, bela.

A manutenção do Cemitério São Pedro, que neste ano de 2016 completará 88 anos, em detrimento do abandono do Cemitério Municipal de 1898, até sua desativação em 1953, atendeu a esse modelo de novo e belo, reapropriado de outros centros urbanos. E mais do que isso: embasou-se nos moldes dos progressos vigentes na primeira metade do século XX, em Uberabinha/Uberlândia.

Digo esses progressos, tendo em vista que assim como os espaços não existem sem as relações sociais, e as mesmas são mutáveis, o uso dos conceitos também sofrem mutações. O espaço é alterado porque tem história, logo o progresso de 1910 não é mais o mesmo de 1950. Assim o embelezamento, o novo e o moderno, com o passar dos anos, vão recebendo diferentes conotações culturais e simbólicas.

Pela leitura feita através das fontes do período, o progresso teve três grandes ênfases de 1898 à 1955. Enquanto que nas décadas de 1900, 1910 e 1920, em Uberabinha progresso era sinônimo de uma nova cidade, limpa e saneada, na década de 1930 e meados da de 1940 a modernidade e o progresso estavam nas intenções de embelezar por meio da arborização de ruas e praças, bem como na pavimentação das vias da cidade. Já da segunda metade da década de 1940, adentrando os anos 1950, o mundo do trabalho e a especulação imobiliária, com a

valorização das terras do meio, pela justificativa de criação de novos bairros para migrantes/trabalhadores, foi a tônica de uma cidade progressista que avançava em seus limites urbanos.

É importante deixar claro que os conceitos novo, embelezamento, trabalho e especulação se fizeram presentes em todas as décadas, mas que em determinados períodos foram mais acentuados em nome do(s) progresso(s). E essa diferente ênfase no mesmo conceito foi determinante na manutenção do Cemitério São Pedro, como também na desativação do Cemitério Municipal de 1898 e, especialmente, na inauguração do Cemitério São Paulo em 1954.

Se a desativação do Cemitério Municipal em 1953 foi decorrente de seu abandono desde 1928, a criação do Cemitério São Paulo se deve à manutenção da necrópole São Pedro. A criação de mais um cemitério na cidade em 1954, muito antes do que atender uma demanda para novos sepultamentos, parece estar ligada ao desejo de preservação do espaço cemiterial, que desde sua criação recebeu melhorias. O Cemitério São Pedro não somente foi reformado e embelezado, mas no seu espaço foi posto em prática o processo de separação social, o mesmo que ocorria na cidade dos vivos, na Uberlândia dos anos 1950.

Se a construção do Cemitério São Pedro em 1928, para cronistas locais foi um marco na modernização da cidade, o Cemitério São Paulo veio em 1954 para confirmar os anseios da modernização daquele período, baseado na especulação imobiliária, no crescimento a qualquer preço e na dinâmica do mundo do trabalho, onde a exploração e a ganância produziram a miséria e a separação social em nome do lucro. Essa separação social, que por vezes também foi étnica, como vimos no capítulo quatro, reforçando legados históricos do sistema escravista, fez com que muitos não tivessem condições de enterrar os seus no Cemitério São Pedro, mas somente nas covas rasas do Cemitério São Paulo.

A edificação do Cemitério São Paulo em 1954 cumpriu com seu papel “limpar” o Cemitério São Pedro dos indigentes e das famílias sem as mínimas condições financeiras de pagar pelos sepultamentos dos seus entes queridos. Com isso, o Cemitério São Pedro, no seu interior, foi gradativamente eliminando as sepulturas rasas e ganhando túmulos em sua paisagem. Essa mesma paisagem de novas e belas construções era feita na cidade dos vivos, onde terrenos vagos, assim como velhos casebres, tinham que deixar o centro da cidade.

E, se para os mortos de Uberlândia foi possível criar espaços distintos, na cidade dos vivos, de certa forma, ocorreu o mesmo. Ao se criarem bairros distantes do centro da urbe, ou até

mesmo fazendo como que muitos trabalhadores, na maioria negros e brancos pobres, morassem em fazendas e outros locais de trabalho, como curtumes e frigoríficos, a separação entre os vivos também teve seu êxito. Dinâmica que nos faz ter a certeza de que todo espaço cemiterial, além de receber corpos sem vida, é pensado para os vivos e como local de circulação destes. Com a criação do Cemitério São Paulo, não somente os mortos estavam separados, mas também as famílias do que estavam no Cemitério São Pedro, em datas importantes de grande visitação nos espaços cemiteriais, como por exemplo, finados e dia das mães, não mais se encontravam no mesmo espaço cemiterial.

Assim, a cidade projetada, idealizada e edificada para os vivos e para os mortos vai contando sua história e sendo construída e desconstruída como processo. As ruas, os edifícios, as praças na urbe, como os túmulos e suas disposições espaciais no interior do espaço cemiterial vem nos falar pelas representações que cidade é esta, que cidade habitamos, e nas intenções dos gestores, qual o lugar projetado na vida e após a morte.

Como afirmado acima, essas são considerações finais desta pesquisa, mas iniciais sobre a morte e os mortos em Uberabinha/Uberlândia. Trago, apenas como exemplo, a própria história do Cemitério São Paulo. Quais as intenções do poder público, após edificar um espaço cemiterial afastado do centro da urbe e que, após 31 anos, em 1985, é deixado de lado até a sua total desativação como necrópole? Se, conforme Fernando Catroga, o cemitério é um lugar de memória, como entender, como interpretar e analisar essas escolhas que vão desativando ao longo dos séculos XIX e XX as necrópoles em Uberabinha/Uberlândia, exceto o Cemitério São Pedro? Não temos uma resposta única ou definitiva para esta inquietação. A pesquisa nos conduziu, entretanto, a um leque de possibilidades, levantadas no capítulo quatro, que mais se abrem para suposições, do que se fecham para as certezas.

Dentre essas suposições, estão as que nos levaram a acreditar que estavam em jogo os critérios baseados na separação dos indivíduos de acordo com a sua cor, a origem étnica, a sua ocupação profissional, a sua situação econômica na sociedade e a posição de prestígio, ou não, que ocupavam aos olhos da comunidade. Mas o que teria levado o poder executivo a deixar de lado esses mesmos critérios, nos projetos cemiteriais após os anos de 1954-1955, não temos condições de afirmar. Outras pesquisas poderão fazê-lo.

Essa breve história do Cemitério São Paulo, dentro do processo histórico de Uberlândia nas décadas seguintes, em conjunto da permanência do Cemitério São Pedro, como também da

inauguração, em 1986, do Campo do Bom Pastor (um cemitério jardim administrado pela prefeitura), tem muito ainda a esclarecer sobre o lugar dos vivos e dos mortos na Uberlândia, do final do século XX e início do XXI.

Esse trânsito pela história dos espaços cemiteriais existentes e reapropriados da tão bela e desigual cidade permite novas leituras sobre essa localidade em constante movimento. Nesta, praças, escolas, bibliotecas e Vila Militar que se ergueram sobre os restos mortais daqueles que tiveram suas trajetórias de vida interrompidas, transformaram não apenas a paisagem urbana, mas também a história da cidade.

## FONTES DE PESQUISA

### *DOCUMENTOS DE ARQUIVO*

*Acervo de imagens.* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Acervo de imagens.* CDHIS-UFU.

*Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva. Período de 1º de Fevereiro de 1951 a 31 de Janeiro de 1955. Realizações de seu operoso Governo no Município de Uberlândia.* Impresso na Tipografia Manhães. Uberlândia – MG. Inventário Napoleão Carneiro. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Atestados de óbito (1954-1955).* Cadernos 30 – 31 -32. Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais de Uberlândia.

*Câmara Municipal – Poder Legislativo.* Uberlândia: Atas da Câmara Municipal realizadas de 1910-1955. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.* 1948-1961. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Código de posturas de 1913.* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Código de Posturas de 1950.* Arquivo Público Municipal de Ubelândia.

*Código Tributário do Município de Uberlândia. 1951.* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Decreto 1.318 de 30 de janeiro de 1854 manda executar a lei nº 601 de 18 de setembro de 1850.*  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/Historicos/DIM/DIM1318.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/Historicos/DIM/DIM1318.htm)

*Livro de leis de 1936 a 1939.* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Livro nº 05 – Livro de leis ordinárias..* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Livro nº 06 – Livro de leis ordinárias.* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros do Cemitério Municipal (1898-1907).* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros do Cemitério Municipal (1907-1915).* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros de Sepultamentos nº1 Cemitério São Pedro - Adultos.* Prefeitura Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros de Sepultamentos n°1 Cemitério São Pedro - Crianças.* Prefeitura Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros de Sepultamentos n°2 Cemitério São Pedro - Adultos.* Prefeitura Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros de Sepultamentos n°2 Cemitério São Pedro - Crianças.* Prefeitura Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros de Sepultamentos n°3 Cemitério São Pedro - Adultos.* Prefeitura Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros de Sepultamentos n°3 Cemitério São Pedro - Crianças.* Prefeitura Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros de Sepultamentos n°1 Cemitério São Paulo - Adultos.* Prefeitura Municipal de Uberlândia.

*Livro de Registros de Sepultamentos n°1 Cemitério São Paulo - Crianças.* Prefeitura Municipal de Uberlândia.

*Mapoteca.* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

*Pasta: Bairros Integrados com seus respectivos Loteamentos e Leis de Aprovação.* Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

## **FILME**

*Cidade Menina.* 1941. Direção de Emilio Sirkin. Fotografia de Hélio Carrari. Legendas de Jairo Pinto de Araújo. Locutor: Nélio Machado Pinheiro. *Produzido sob os auspícios da Prefeitura Municipal de Uberlândia, Associação Comercial e Industrial e Rotary Clube.* Patrocinado pelo Correio de Uberlândia. [www.museuvirtualdeuberlândia.com.br](http://www.museuvirtualdeuberlândia.com.br).

## **JORNAIS**

*A Notícia (1918-1919)*

*A Reação (1924-1925)*

*A Tribuna (1919-1942)*

*Correio de Uberlândia (1938-1955)*

*Nova Era (1907)*

*O Progresso (1907-1908)*

*O Repórter (1933-1955)*

## BIBLIOGRAFIA

ALBUQUERQUE JR; Durval Muniz de. *O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região*. In: **Fronteiras**. Vol. 10. N. 17, pp. 55-67. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, jan.jun. 2008

ARANTES, Erika Bastos. *Negros do porto. Trabalho, cultura e repressão policial no Rio de Janeiro, 1900-1910*. In: AZEVEDO, Elciene; CANO, Jefferson; CHALHOUB, Sidney; CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente. Da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1977

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte. Vol. 1*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora S.A, 1981.

ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte. Vol. 2*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1982.

AYMONINO, Carlo. *El significado de las ciudades*. Madrid: Hermann Blume Ediciones, 1981.

BACZKO, Bronislaw. *Imaginação social. Volume V*. In: LEACH, Edmund et Alii. **Enciclopedia Einaudi. Antropos-Homem**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 1985.

BATALHA, Cláudio H. M. *A geografia associativa. Associações operárias, protesto e espaço urbano no Rio de Janeiro da primeira república*. In: AZEVEDO, Elciene; CANO, Jefferson; CHALHOUB, Sidney; CUNHA, Maria Clementina Pereira. **Trabalhadores na cidade. Cotidiano e cultura no Rio de Janeiro e São Paulo, séculos XIX e XX**. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

BETTANINI, Tonino. *Espaços e ciências humanas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

BRAKEMEIER, Gottfried. *Preservando a unidade do Espírito no vínculo da paz. Um curso de ecumenismo*. São Paulo: ASTE, 2004.

BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRESCIANI, Maria S. *Melhoramentos entre intervenções e projetos estéticos: São Paulo (1850-1950)*. In: BRESCIANI, Maria S. (Org). **Palavras da Cidade**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

BRESCIANI, Maria S. *Permanência e ruptura no estudo das cidades*. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. **Cidade e História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: UFBA, 1992.

CAPELATO, Maria Helena R. *Estado Novo: Novas Histórias*. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2007.

CAPRI, Roberto. *Município de Uberabinha: (physico, e econômico, administrativo e suas riquezas naturais e agrícolas)*. S. P., Capri Andrade Editores, 1916.

CARMO, Luis Carlos do. *“Função de preto”: trabalho e cultura de trabalhadores negros em Uberlândia-MG 1945/1960*. São Paulo: PUC-SP, 2000 (dissertação não publicada)

CATROGA, Fernando. *O céu da memória. Cemitério romântico e culto cívico dos mortos em Portugal 1756-1911*. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.

CERASOLI, Josianne F. . *Arquiteturas urbanas: higiene, estética e construções civis em São Paulo no início do século XX. Itinerário profissional de Alexandre Albuquerque e o debate sobre a cidade*. In: *X Seminário de história da cidade e do urbanismo*. Recife. Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2008.

CERTEAU, Michel de. *A cultura no plural*. 3º edição. Campinas: Papirus, 2003.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 3º edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

CHARTIER, Roger. *A verdade entre a ficção e a história*. In: SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011.

CORREIA, Iara Toscano. *Caso João Relojoeiro: um santo no imaginário popular*. Uberlândia: EDUFU, 2004.

COSTA, Maria Clélia L. *Influências do discurso médico e do higienismo no ordenamento urbano*. Revista da ANPEGE, v. 9, n. 11, p. 63-73, jan./jun. 2013.

DÂNGELO, Newton. *Aquele povo feliz, que ainda não sonhava com a invenção do rádio. Cultura Popular, lazeres e sociabilidade urbana – Uberlândia 1900/1940*. Uberlândia: EDUFU, 2005.

DÂNGELO, Newton. *Vozes da cidade: rádio e cultura urbana em Uberlândia MG – 1939/1970*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

DANTAS, Sandra M. *A fabricação do urbano. Civilidade, modernidade e progresso em Uberabinha – MG*. Franca: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, 2009, (Tese de doutorado).

DANTAS, Sandra M. *Veredas do progresso em tons altissonantes. Uberlândia (1900-1950)*. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia (Dissertação de mestrado), 2001.

DILLMANN, Mauro. *Morte e práticas fúnebres na secularizada República: a irmandade e o Cemitério São Miguel e Almas de Porto Alegre na primeira metade do século XX*. São Leopoldo: Unisinos (Tese de doutorado), 2013.

DREHER, Martin N. *Coleção história da Igreja. Vol. 1. A Igreja no Império Romano*. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2000.

EDUARDO, Anna Rachel B. ; FERREIRA, Angela L. A. ; DANTAS, George A. F. . *Saudáveis trópicos: cidade, higiene e ordem para a Nação em formação (Brasil, 1850-1930)*. In: Eulalia Ribera Carbó; Héctor Mendonza Vargas; Pere Sunyer Martín. (Org.). *La integración del territorio en una idea de Estado, México y Brasil, 1821-1946*. 1ed.México: Instituto de Geografía UNAM/ Instituto Mora, 2007.

ELIAS, Norbert. *A solidão dos moribundos seguido de “envelhecer e morrer”*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

FRANCAVIGLIA, Richard V. *The Cemetery as na Evolving Cultural Landscape*. *ANNALS of the Association of American Geographers*. Kansas: Volume 61, nº 3, September 1971.

GOMES, Ângela de Castro. *Autoritarismo e corporativismo no Brasil: o legado de Vargas*. São Paulo: Revista da USP. Nº 65. Março/maio 2005.

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: a semana que não terminou*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

GUNN, Philip e CORREIA, Telma B. *O urbanismo: a medicina e a biologia nas palavras e imagens da cidade*. In: BRESCIANI, Maria S. (Org). *Palavras da cidade*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2001.

HÄGGLUND, Bengt. *História da teologia*. Porto Alegre: Concórdia Editora, 2003.

HARTOG, François. *Tempo e patrimônio*. In: *Varia História*. Belo Horizonte, vol. 22, nº 36, Jul/Dez 2006.

JODELET, Denise. *As representações sociais*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LE GOFF, Jacques. *O nascimento do purgatório*. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

LOPES, Valéria M. *Uberlândia: histórias por entre trilhas, trilhos e outros caminhos. Memórias, construção e apropriações dos espaços*. Uberlândia: EDUFU, 2010.

LOURENÇO, Luis A. B. *Bairro do Patrimônio: salgadeiros e moçambiqueiros*. Uberlândia: Secretaria Municipal de Cultura, 1986.

LOURENÇO, Luís A. *O Triângulo Mineiro, do Império à República: o extremo oeste de Minas Gerais na transição para a ordem capitalista (segunda metade do século XIX)*. Uberlândia: EDUFU, 2010.

LUCA, Tânia R de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (n)ação*. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

MACHADO, Maria Clara T. *A disciplinarização da pobreza no espaço urbano burguês: assistência social institucionalizada (Uberlândia 1965-1980)*. São Paulo: USP (Dissertação de mestrado), 1990.

MARANHÃO, José Luis de Souza. *O que é morte*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1996.

MATOS DA COSTA, Fernanda Maria. *A morte e o morrer em Juiz de Fora: transformações nos costumes fúnebres, 1851-1890*. Juiz de Fora: UFJF (Dissertação de mestrado), 2007.

MORIN, Edgar. *O Homem e a morte*. Lisboa: Publicações Europa-América LDA, 1976.

MUMFORD, Lewis. *A cidade na história. Suas Origens, suas Transformações, suas perspectivas – 1º Volume*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1965.

NASCIMENTO, Mara Regina. *Irmandades leigas em Porto Alegre. Práticas funerárias e experiência urbana: séculos XVIII – XIX*. Porto Alegre: UFRGS (Tese de doutorado), 2006.

NUNES, Leandro José. *Cidade e imagens: Progresso, trabalho e quebra-quebras – Uberlândia – 1950/1960*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Dissertação de mestrado), 1993.

OLIVEIRA, Júlio César de. *Ontem ao luar: o cotidiano boêmio da cidade de Uberlândia (MG) nas décadas de 1940 a 1960*. Uberlândia: EDUFU, 2012.

OLSON, Roger. *História da teologia cristã*. São Paulo: Editora Vida, 1999.

PAGOTO, Amanda A. *Do âmbito sagrado da Igreja ao cemitério público. Transformações fúnebres em São Paulo (1850-1860)*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

PASCHOAL, Francisco J. *Getúlio Vargas e o DIP: a consolidação do “marketing político” e da propaganda no Brasil*. Juiz de Fora: Anais do 1º Simpósio do Laboratório de História Política e Social: 70 anos do Estado Novo, UFJF, 2007.

PECHMANN, Robert Moses. *Um olhar sobre a cidade: estudo da imagem e do imaginário do Rio na formação da modernidade*. In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. *Cidade e história. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992.

PEREIRA, Oscar Virgílio. *Das sesmarias ao pólo urbano: formação e transformação de uma cidade*. Uberlândia: Gráfica Composer Editora Ltda, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade. Visões literárias do urbano. Paris – Rio de Janeiro – Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora Universidade – UFRGS, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Uma outra cidade. O mundo dos excluídos no final do século XIX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PEZZUTTI, Pedro. *Município de Uberabinha. História, administração, finanças e economia*. Uberabinha: Typ. Livraria Kosmos, 1922.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento e silêncio. Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

PONTE, Sebastião R. *Fortaleza belle époque. Reformas urbanas e controle social (1860-1930)*. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha / Multigral Editora Ltda, 1993.

QUEIROZ, Cíntia M; LOPES, Michelly de L; MELO, Marília Christina A; SILVA, Kássia N; GARBIN JR, Edson; SANTOS, Roosevelt J. *Cemitérios uberlandenses, simbolismo, religiosidade e cultura no espaço de Uberlândia-MG*. Uberlândia: Caminhos da Geografia, v.8, n. 23, pp. 34-40.

REDUCINO, Marileusa de Oliveira. *A Praça Tubal Vilela e seu entorno: efêmeras criações urbanas*. In: BRITO, Diogo de S; WARPECHOWSKI, Eduardo M. (org). *Uberlândia revisitada. Memória, cultura e sociedade*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

REIS, João J. *A Morte é uma festa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO JR. Florisvaldo P. *O mundo do trabalho na ordem republicana: a invenção do trabalhador nacional. Minas Gerais 1888-1928*. Brasília: UnB (Tese de doutorado), 2008.

RIBEIRO, Raphael A. *Almas enclausuradas: prática de intervenção médica, representações culturais e cotidiano no Sanatório Espírita de Uberlândia (1932-1970)*. Uberlândia. UFU (Dissertação de mestrado), 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro. Séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

RODRIGUES, Jane de Fátima S. *Trabalho, ordem e progresso: uma discussão sobre a classe trabalhadora uberlandense – o setor de serviços – 1924 – 1964*. São Paulo: Universidade de São Paulo (Dissertação de mestrado), 1989.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

ROLNIK, Raquel. *História urbana: História na cidade?* In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio A. de Filgueiras. *Cidade e História. Modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Salvador: UFBA, 1992.

ROSSI, Paolo. *Lembrar e esquecer*. In: *O passado, a memória e o esquecimento*. São Paulo: Editora da UNESP, 2010.

SÁ, Maria Elisa Noronha de. *Civilização e barbárie. A construção de ideia de nação: Brasil e Argentina*. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

SENNETT, Richard. *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização Ocidental*. Rio de Janeiro – São Paulo: Editora Record, 1994.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeuextático na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SIMMEL, Georg. *La metropolis y la vida mental*. Chile: Bifurcaciones, n° 4. Primavera, 2005.

SOARES, Beatriz R. *Estruturação interna e a construção dos signos de modernidade da Cidade Jardim*. In: BRITO, Diogo de S; WARPECHOWSKI, Eduardo M. (org). *Uberlândia revisitada. Memória, cultura e sociedade*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

SOARES, Beatriz Ribeiro. *Uberlândia: da Cidade Jardim ao portal do Cerrado. Imagens e representações do Triângulo Mineiro*. São Paulo: USP, 1995 (Tese de doutorado).

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e pioneiros do Brasil Central. Volume I*. Uberlândia: Editora Gráfica Uberlândia, 1970.

VASCONCELLOS, Maria Helena F. *Dias de violência – O quebra de Janeiro de 59 em Uberlândia*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas (Dissertação de mestrado), 1993.

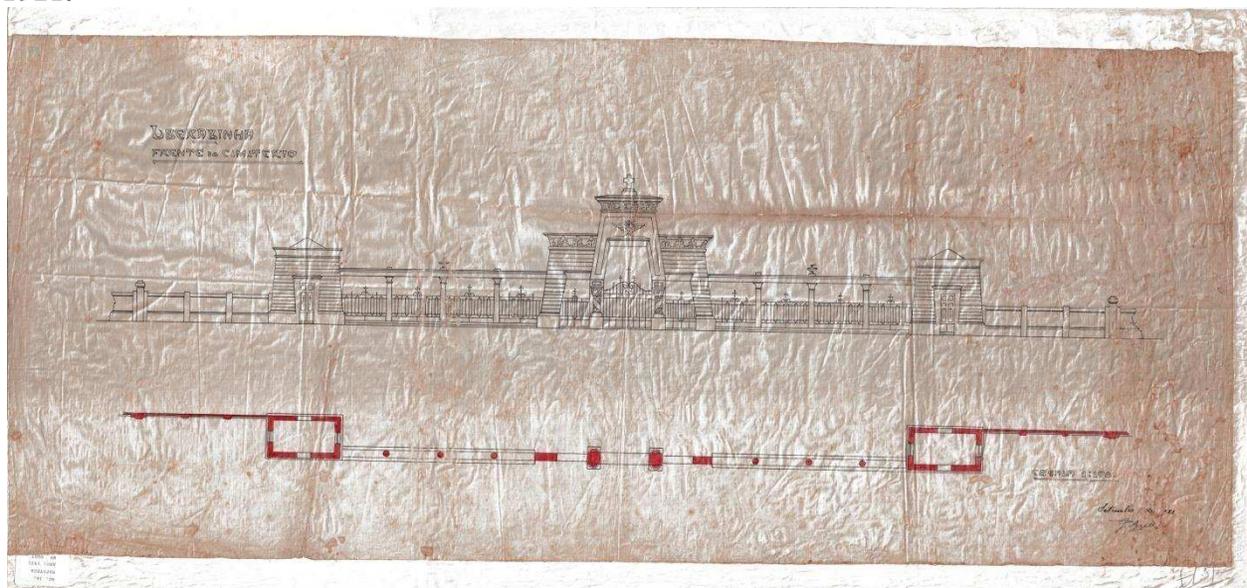
VELLOSO, Mônica Pimenta. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Revista de Sociologia e Política n°9. Fundação Getúlio Vargas, 1997.

VENTURA, Roberto. *Estilo tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil. 1870-1914*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

VOVELLE, Michel. *Imagens e imaginário da história. Fantasmas e certezas nas mentalidades desde a Idade Média até o século XX*. São Paulo: Editora Ática, 1997.

**ANEXOS DE IMAGENS**

***PLANTA 5 - Planta completa de fachada do Cemitério Municipal. Projeto não executado de 1921.***



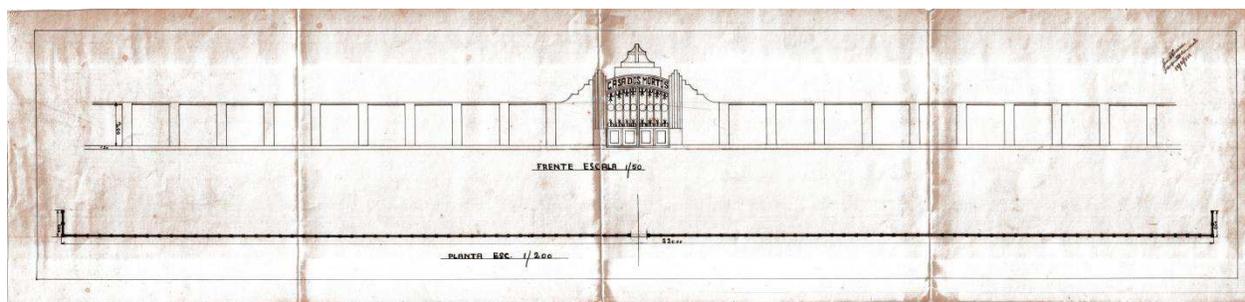
Planta de fachada de Cemitério Municipal de Uberabinha. 1921. Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Mapoteca.

**MAPA 6 - Mapa com ruas e quadras do Cemitério São Pedro. Década de 2010.**



Mapa do Cemitério São Pedro

**PLANTA 6 - Planta completa de fachada do Cemitério Municipal. Projeto não executado de 1938.**



Planta de fachada de Cemitério Municipal de Uberlândia. 1938. Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Mapoteca.

IMAGEM 16 - Clichê. Página do jornal A Tribuna com os momentos do dia de Finados nos cemitérios municipais. Ano de 1933.



**A TRIBUNA**  
JORNAL ILUSTRADO Publica-se ás quartas-feiras e aos domingos COLLABORADORES DIVERSOS  
Anno XIV ASSIGNATURAS Annuo 20000 Uberlândia, 5 de Novemb. de 1933 Redacção e Officina Avenida AFFONSO PINHEIRO, 200 DR. PROP. - AGENOR PAES Num. 737

**Um moderno estabelecimento de curas em Uberaba**

**O que vai ser o «Sanatório Smith» nessa vizinha cidade**

**Não é verdade que o humanitário e competente cirurgião vai emprehever uma viagem ao Velho Mundo, agora, deixando a sua enorme clínica cirúrgica**

**COMO UBERABA RECEBE A AGRADÁVEL NOTICIA DA PERMANENCIA, ALLI, DO GRANDE CIRURGIÃO**

Correu, há dias, por esta nossa cidade, o nome do Dr. Carlos Smith, a visita ao Brasil, para estabelecer uma clínica cirúrgica em Uberaba, na rua...  
Ainda, tendo terminado o seu contrato de trabalho no Brasil, não está satisfeito o sr. Dr. Carlos Smith...  
Apesar, tendo terminado o seu contrato de trabalho no Brasil, não está satisfeito o sr. Dr. Carlos Smith...  
Apesar, tendo terminado o seu contrato de trabalho no Brasil, não está satisfeito o sr. Dr. Carlos Smith...



Dr. Carlos Smith

de ver a planta e pedras aferrar que a nova casa de saúde vai ser um prédio calado e requintado a modo de vasto estabelecimento científico.

As obras projectadas vão ser iniciadas com todo vigor e, quando concluídas, transformarão o sanatório «Dr. Smith» no estabelecimento hospitalar de maior projecção de toda esta zona.

A nova casa de saúde terá como 150 quartos e 2000 metros de área de operação perfeitíssima, com uma lancha, sem que uma única mancha de sujeira tenha sido observada.

O prédio que vai ser instalado no local do antigo sanatório «Dr. Smith» terá a sua nova casa, ainda, um provisorio, instalado provisoriamente.

Transmittida esta noticia a todos os habitantes de Uberaba, por meio de noticiosos e impressões de massas, o sr. Dr. Carlos Smith manifestou a sua gratidão e a sua confiança no futuro da cidade.

Transmittida esta noticia a todos os habitantes de Uberaba, por meio de noticiosos e impressões de massas, o sr. Dr. Carlos Smith manifestou a sua gratidão e a sua confiança no futuro da cidade.

**Finados**

A especie superior, dotada do espirito altruistico de solidariedade de humana, tendo o seu moral altamente desenvolvido, prende-se entre si na vida terrena uma vida se solta dos laços que em todos os tempos aproximam os vivos dos mortos.

E nesta qualidade que a emboimbrado é que reside a semelhança de vida, cujo poder é emanado de Deus Todo Poderoso.

O culto aos mortos, a veneração da memoria d'aquelles que o Poder Superior frou do nosso convívio aqui, as lagrimas que se derramam ainda pelo ente querido que desde há muito habita o Campo Santo, esse apego à lembrança dos nossos antepassados, ou por parentes ou por beneficiarios — tudo isto denota a luz meridiana que ha qualquer coisa de sobrenatural predilecto do destino dos vivos em relação aos mortos e de dentro de si.

E por isso mesmo que as almas generosas, por mais que se vejam nos atalhos do destino e da existência, sentem juntos de si, em lembrança esclarecida e permeada, todos aquelles que lhes foram caros e que na solidão das Nocturnas e em eterno descanso permanecem a luz dos céus, ao ciliar das brisas, ao dalguroso balbucio das preces.

Ah! nessa Morada Santa, no abynar-se de illusões e esperanças que se desvanecem ao encerrar de cada respiração, Bay Barboza, que o dissera, tambem repetiu que os mortos guilam os vivos e, ali mesmo, com a sua e a voz do túmulo que vem fluencia, com a sua faculdade, aos ouvidos da nossa alma, é o apollo foliar aos defuntos, quando já havia escripto lhe parecer sempre que o silencio era a linguagem de nos entendermos com o mysterio dos mortos.



Aspectos dos nossos cemitérios. Em cima os pedreiros visitando o túmulo do saudoso Padre Pio se terminarem suas orações. Em baixo, a igreja dos mortos.

**Memento...**

Dia de Finados fomos aos cemitérios. Havia um sol muito quente e o «Campo Santo», desamparado como os mortos, chirgia a quente sob meus pés. Mas a visitação dos cemitérios foi bastante concorrida. O sentimento piedoso do nosso povo é tradicional e nesse dia de saudades e prantos os mortos nos confortam.

No cemitério velho, ao entrarmos, vimos um punhado de visitantes rodeando uma catacumba cujo tecto havia desmoronado, parcialmente. Pelo buraco maior podia-se ver, perfeitamente, os restos mortaes da creatura que ali fora enterrada. Lá estava a caveira, os ossos circumdidos, a ossada enteira.

Um necromante alheio logo que se abeirou do túmulo que o tempo significava ao pé do altar e que Morada Eterna, abeira-se do túmulo e só então se sente bem depois desse colloquio espiritual que alivia e conforta.

Uma corda, uma brгада de fôrças, uma chama symbolica, uma oração fervorosa, um pensamento alongado sobre uma existência precaria — e por alguns minutos mais lá se deixam ficar, na doce paz dos mortos, os nossos queridos entes.

Do altar do Grande Templo o Sol se proclama, a cruz do Firmamento se illumina e do Céo à Terra vem a doce unção do Divinilunio.

Luctra-se o Dia de Finados, Ernesto Schiller

quize que ficasse exposto aos curiosos olhares do publico: — O corpo é de mulher.

— Como é que você sabe? perguntou uma outra pessoa.

— Pelos sapatos. Olhe lá, são de mulher.

Efectivamente lá estava um resto de sapato, pequenino e delicado.

De alguma virgem?

Evidentemente os meus não dizem aos olhares profanos e leigos. O facto é que o túmulo se havia desavindado com o tempo e agora expunha, aos olhares viciados, aquelle montão de ruínas terrificas como a lembrança da morte.

ADOLPHO AMARAL

**Escola Normal**

Por dia de Finados se abrem as portas do estabelecimento Normal, em Uberaba, a alguma Coisa Melhor, que em palavras de maldade maldade, oferecem aquelle repasto aos justos que encerra ali o seu destino.

As palavras da distincta alma convertem-se de tal modo aquelles pobres que se libertam de lagrimas. Amosinhos os alumnos, nesse gesto, o corpo, doente da Beata Normal.

Clichês 150 rs. o centilunio e o metro quadrado. Trabalhos guardados. Accionem-se encomendas nesta officina, unido a companhia do vule postal. TRIBUNA

05/11/1933. A Tribuna. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 14, nº 737, p.1. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

IMAGEM 17 - Clichê. Página do jornal A Tribuna com os momentos do funeral de José Rezende. Ano de 1933.



JORNAL ILUSTRADO Publica-se ás quartas-feiras e aos domingos COLLABORADORES DIVERSOS
Anno XIV ASSIGNATURAS Uberlândia, 22 de Fevereiro de 1933 Edição e Officina Avenida AFFONSO PENNA Num. 668
PAGAMENTO: AVANÇADO

Marchando para a Constituinte

Contornando o assunto tão lebe, não realmente dignos autorizados...
No interior de Ovaras podemos citar...
Se a Constituinte for votada no dia...
Se a Constituinte for votada no dia...
Se a Constituinte for votada no dia...

Morreu José Rezende

As primeiras horas do dia 19 foram assadas de que José Rezende...
A primeira hora do dia 19 foram assadas de que José Rezende...



Um perfil de José Rezende...
Um perfil de José Rezende...
Um perfil de José Rezende...

A aposentadoria do Desembargador Oliveira Andrade

Uma homenagem prestada pelo foro de Uberlândia...
Uma homenagem prestada pelo foro de Uberlândia...



OS VISITANTES DO JOSE REZENDE...
OS VISITANTES DO JOSE REZENDE...
OS VISITANTES DO JOSE REZENDE...

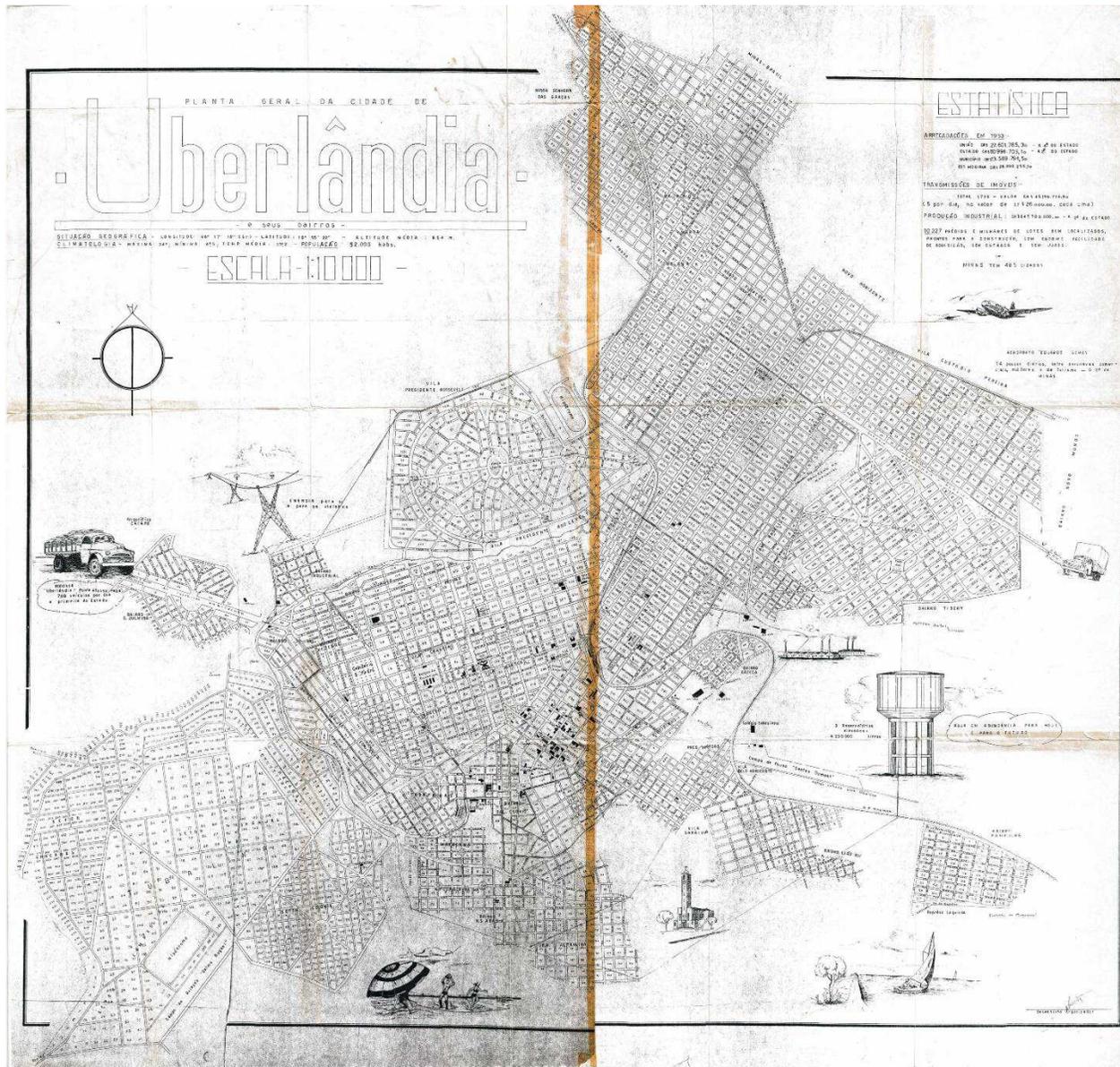
CONCERTO NAIR SANTOS

Veio do Gymnasio Mineiro onde...
Veio do Gymnasio Mineiro onde...
Veio do Gymnasio Mineiro onde...

OPERA...
OPERA...
OPERA...

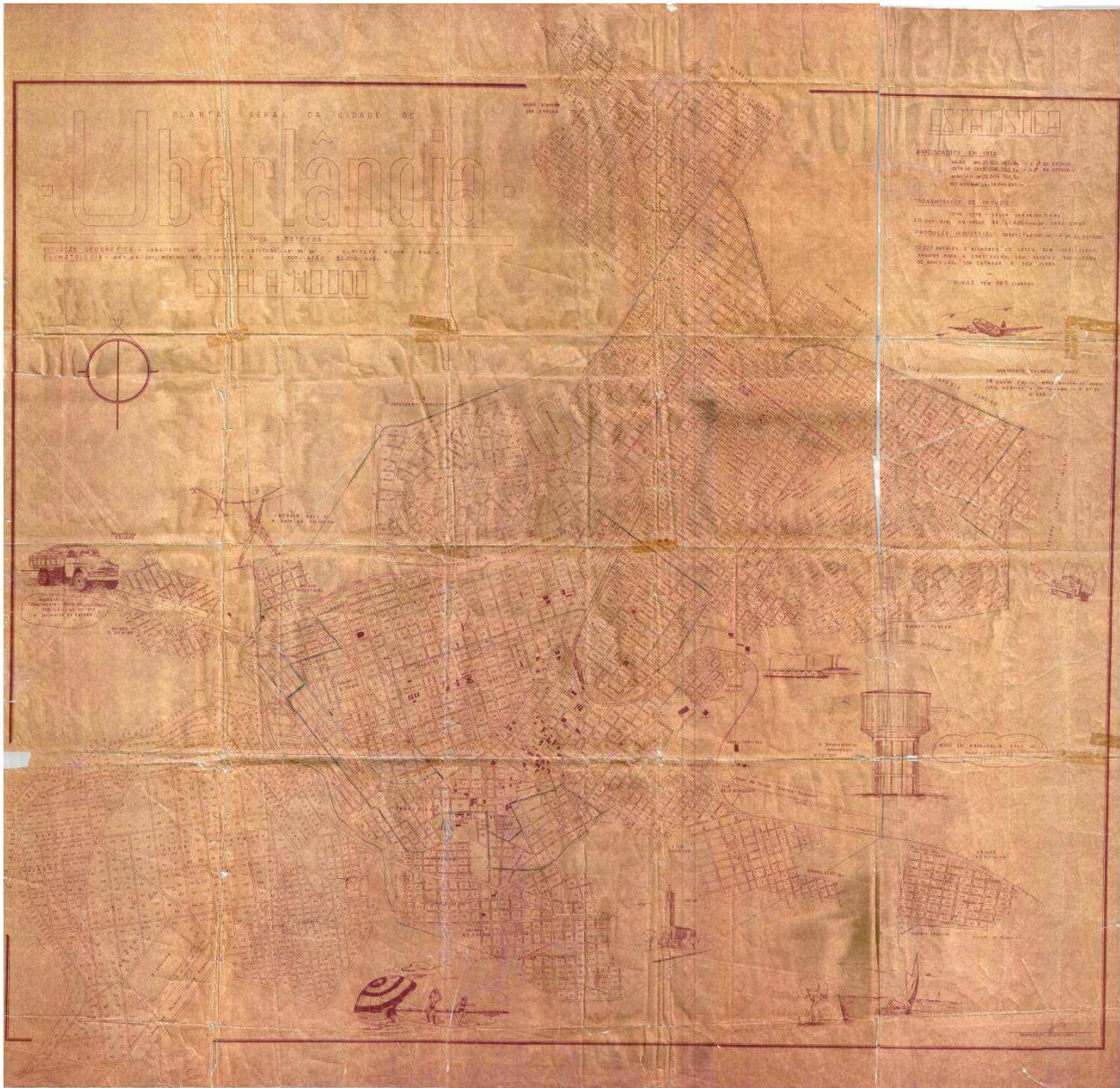
22/02/1933. A Tribuna. Diretor Proprietário Agenor Paes. Ano 16, nº 668, p.l. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

**PLANTA 7 - Planta geral de Uberlândia no ano de 1953 (preto e branco).**



Planta de Cidade de Uberlândia. 1953 (Preto e branco). Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Mapoteca.

**PLANTA 8 - Planta geral de Uberlândia no ano de 1953 (colorida).**



Planta de Cidade de Uberlândia. 1953 (colorido). Arquivo Público Municipal de Uberlândia – Mapoteca.

## ANEXOS DE DECISÕES DO PODER LEGISLATIVO E EXECUTIVO

*“Art. 211 – Os cemitérios do município terão caráter secular e, de acordo com o art. 141 – parágrafo 10, da Constituição Federal, serão administrados e fiscalizados diretamente pela prefeitura. Parágrafo único – É facultativo as associações religiosas manterem cemitérios particulares mediante prévia autorização da prefeitura observadas as prescrições constantes deste título. Art. 212 – Os cemitérios serão cercados por muro com altura de dois metros, ao longo do qual, e nas duas faces, haverá uma cerca viva que manterá bem tratada. Art. 213 – Será reservada em torno do cemitério uma área externa de proteção de 50 m de largura mínima, medida a partir do muro de fechamento. Parágrafo único - A área de proteção será exigida apenas para os novos cemitérios e para os que existentes em que pela sua localização em área imedificada, seja a medida exequível. Art. 214 - No recinto dos cemitérios, além da área destinada a ruas e avenidas, serão reservados espaços para construção de capelas e depósitos mortuários. Art. 215 – Os cemitérios poderão ser abandonados quando tenham chegado a tal grau de saturação que se torne difícil a decomposição dos corpos ou quando hajam se tornado muito centrais. Parágrafo primeiro: Antes de serem abandonados os cemitérios, permanecerão fechados durante cinco anos, findo os quais será sua área destinado a praças ou parques, não sendo permitido proceder-se (ilegível) levantamento de construção para qualquer fim. Parágrafo segundo: Quando, do cemitério antigo passar para o novo, se tiver que proceder a trasladação dos restos mortais, os interessados mediante pagamento das taxas devidas, terão direito de obter nele espaço igual em superfície do antigo cemitério”.*

**Código de Posturas de 1950 – TÍTULO VI – CAPÍTULO II – Disposições gerais.** Pp. 172 v e 173 f e v. Arquivo Público Municipal de Ubelândia.

*“Art.531 – A extinção de qualquer cemitério só poderá ter lugar quando o exigir a saúde pública, prejudicada pela sua aproximação do centro da cidade e precedendo deliberação da Câmara. Art. 532 – No caso da extinção de qualquer cemitério, a Câmara exumará os ossos encontrados em terrenos de concessão perpetua e os colocará no novo cemitério em lugar distinto. § único. Fica salvo aos interessados o direito de colocar em lugar especial, no novo cemitério, as ossadas dos que lhe forem caros, desde que se sujeitem ao pagamento das taxas marcadas pela presente lei para as concessões. Art. 533 – Só poderá ser tornada efetiva a exumação de ossos no caso da extinção de qualquer cemitério, quando se passar o prazo de 10 anos depois de declarada a sua interdição. Art. 534 – As despesas com a destruição das carneiras ou mausoléus, no caso da extinção de qualquer cemitério, findo o prazo do que trata o artigo antecedente, correrão por conta das pessoas que os construíram ou dos seus herdeiros”.*

**Código de posturas de 1913. TÍTULO V – CAPÍTULO VI – Da extinção dos cemitérios.** P. 93. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

“Desapropria terreno. A Câmara Municipal de Uberlândia decretou e Eu sanciono a seguinte lei: Art. 1º - É declarado de utilidade pública, para desapropriação, o terreno situado ao lado esquerdo do Cemitério Municipal, nesta cidade, numa frente de 100 metros, por tantos metros de fundo quantos foram do muro do lado esquerdo. Art. 2º - Destina-se o terreno ao aumento do cemitério, ficando o Prefeito Municipal autorizado a efetuar a desapropriação, pelos meios legais, caso não possa realizar um entendimento com os proprietários dele. Art. 3º - Fica o Prefeito Municipal autorizado a fechar, com muros de tijolos, a área desapropriada, aumentando assim o Cemitério, bem como calçar as avenidas internas julgadas convenientes. Art. 4º - O Prefeito Municipal solicitará da Câmara a verba necessária a estes serviços, para que seja aberto crédito especial, desde já autorizado. Art. 5º - Esta lei entrará imediatamente em vigor, revogadas as disposições em contrário. Sala das Sessões da Câmara Municipal, em Uberlândia, aos 26 de agosto de 1948. José Fonseca e Silva – Prefeito. Alexandre Faria Marquez - Secretário. Arquivo Público Municipal de Uberlândia”. Ano de 1948.

Processo nº 144 – Projeto nº 44. Autoriza desapropriação de Terreno para ampliação do Cemitério Municipal. Lei nº 34 de 27 de Agosto de 1948. Desapropria terreno. **Fundo: Câmara Municipal de Uberlândia – Poder Legislativo. Série: Processos da Câmara.** Iniciado em 18/08/1948. Arquivado em 04/09/1948. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

“Uberlândia estava com um outro problema a resolver. Seria a ampliação do Cemitério São Pedro ou a construção de uma nova necrópole, pois que o atual já estava, praticamente, impossibilitado em poder dar novos sepultamentos, devido a sua pouca área. Verificando ser um problema de difícil solução e que clamava urgência, o Prefeito Tubal Vilela procurou os proprietários de terrenos adjacentes, afim de entrar em entendimentos para aquisição de novas áreas para o referido aumento. Verificou, então S. Excia., os altos preços solicitados pelos proprietários, isso devido ser aquela zona de valorização, calculando que não se obteria por menos de Cr\$ 500.000,00 a 1.000.000,00. Diante disso, então, entrou m entendimento com o departamento geográfico do Estado, que estava na ocasião, confeccionando a Planta Cadastral da Cidade e este foi de opinião que se construísse uma segunda necrópole, somente para sepulturas rasas, pois poderia a Prefeitura obter um terreno mais barato e em zona menos valorizada. Verificando o patrimônio do Município, foi aproveitada duas quadras de terrenos que a Prefeitura havia ganho por doação, na Vila Brasil, para a construção do novo campo santo. Solicitou então do Legislativo autorização para sua construção, que recebeu o nome de São Paulo. Dessa maneira o Prefeito Tubal Vilela deu, em boa hora, solução a tão importante assunto, construindo com grande economia para o erário público, mais uma Necrópole, em lugar apropriado. Construção esmerada com dependências para Almojarifado e Administrador e no centro o seu Necrotério. Bonita fachada tem o atual Cemitério São Paulo, que foi mais uma realização do dinâmico e operoso Prefeito Uberlandense”. Cemitério São Paulo.

**Administração do Prefeito Tubal Vilela da Silva. Período de 1º de Fevereiro de 1951 a 31 de Janeiro de 1955. Realizações de seu operoso Governo no Município de Uberlândia.** Impresso na Tipografia Manhães. Uberlândia – MG. p.87. Inventário Napoleão Carneiro. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.